

Revista de Estudos Anglo-Portugueses

TÍTULO

Revista de Estudos Anglo-Portugueses
Número 22 2013
ISSN: 0871-682X

DIRECTORA

Maria Leonor Machado de Sousa

SECRETÁRIA

Mariana Gonçalves

COMISSÃO REDACTORIAL

António Lopes, Universidade do Algarve, CETAPS (Prof. Adjunto)
George Monteiro, Brown University (Professor Emeritus)
João Paulo Pereira da Silva, Universidade Nova de Lisboa, CETAPS (Prof. Auxiliar)
Mariana Gonçalves, Universidade Nova de Lisboa, CETAPS (Investigadora)
Maria Leonor Machado de Sousa, Universidade Nova de Lisboa, CETAPS (Prof. Emérita)
Maria Zulfira Castanheira, Universidade Nova de Lisboa, CETAPS (Prof. Auxiliar)
Patricia Odber de Baubeta, University of Birmingham (Full Professor)
Rogério Miguel Puga, Universidade Nova de Lisboa, CETAPS (Investigador Auxiliar)

DIRECÇÃO E REDACÇÃO

Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies
da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa
Av. de Berna, 26 – C – 1069-061 Lisboa
<http://www.cetaps.com>

EDIÇÃO

Tiragem: 300 exemplares
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CAPA

Arranjo gráfico de Mário Vaz, a partir do selo existente na Ratificação do Tratado de Ricardo II, Rei de Inglaterra com D. João I – 1386 – Arq. Nacional Torre do Tombo

EXECUÇÃO GRÁFICA

Caleidoscópico – Edição e Artes Gráficas, S.A.
Rua de Estrasburgo, 26, R/c Drt.º – 2605-756 Casal de Cambra
Telef.: 21 981 79 60 – Fax: 21 981 79 55
e-mail: caleidoscopio@caleidoscopio.pt

DISTRIBUIÇÃO

Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies

Depósito Legal n.º 93441/95

Revista de Estudos Anglo-Portugueses

Número 22

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies

Lisboa
2013

S U M Á R I O

PROJECTOS

Monteiro, George, “The ‘Men of <i>Presença</i> ’ in the New Bedford <i>Diario de Noticias</i> (José Régio, João Gaspar Simões, and Adolfo Casais Monteiro)”	7
——, “A Tale of Two Classics: Nineteenth-Century American Translations of Eça de Queirós and Júlio Dinis”	23

ESTUDOS

1. Alarcão, Miguel, “‘Essa palavra saudade’: para uma poética anglo-portuguesa”	57
2. Puga, Rogério Miguel, “Subverter o Outro Católico: Estratégias de Representação e o ‘Efeito do Real’ no Panfleto Anti-Católico <i>The Anatomy of the English Nunnery at Lisbon in Portugal</i> (1622), de Thomas Robinson”	77
3. Castel-Branco, Maria da Conceição Emiliano, “As Comemorações, a Poesia e as Artes do Espectáculo por Ocasião do 350º Aniversário da Entrada em Londres da Rainha D. Catarina de Bragança pelo Rio Tamisa”	105
4. Major, Daniela, “A Intervenção do Marechal Beresford em Portugal – 1815-1820”	137
5. Pereira, Teresa, “A Guerra Peninsular Revisitada na Imprensa Portuguesa: Imagens da Grã-Bretanha do <i>Ultimatum</i> à República”	153

6. Lopes, António, “Comércio em tempos de guerra: a correspondência de Samuel Farrer – Parte 3 (Julho de 1813-Maio de 1814)”	167
7. Ramos, Paulo Oliveira, “A <i>Society of Antiquaries of London</i> , Portugal e a Protecção do Património”	203
8. Bello, Maria do Rosário Lupi e Miguel Alarcão, “Roy Campbell (1901-1957): The Life, Times and Opinions of a South African ‘Cowboer’”	209
9. Gago, Dora Nunes, “Olhares ‘cinematográficos’ sobre Nova Iorque: a ‘Big Apple’ de Rodrigues Miguéis”	223
10. Dias, Maria Manuela Rocher Vieira, “Para a imagem de Lodge em Portugal: o contributo das traduções”	235

RECENSÕES CRÍTICAS

Gonçalves, Mariana, “Isabel Stilwell, <i>D. Maria II. Tudo por um Reino</i> . Lisboa: A Esfera dos Livros, 3. ^a ed. 2012”	261
Sousa, Maria Leonor Machado de, “António Alves Caetano, <i>Os Socorros Pecuniários Britânicos Destinados ao Exército Português 1809-1814</i> . Lisboa: Lusitânia, 2013”	267
Abstracts	273

PROJECTOS

THE “MEN OF *PRESENÇA*” IN THE NEW BEDFORD *DIARIO DE NOTICIAS*

(JOSÉ RÉGIO, JOÃO GASPAR SIMÕES, AND ADOLFO CASAIS MONTEIRO)

George Monteiro
Brown University (USA)

As the last surviving editor of the famed modernist journal *Presença*, João Gaspar Simões was wont to reflect nostalgically on that group of three principals he referred to as “the men of *Presença*,” that is, primarily, his two principal co-editors who, along with Gaspar Simões himself, had remained with the publication to the end. Starting out boldly as a student publication in Coimbra, the journal is customarily viewed as having initiated what literary historians call the “second” stage of Portuguese Modernism. With a bold first issue, dated March 1927, the journal began a run of fifty-four issues over a dozen years, ending in 1938. A second series, in 1939-1940, suffered the fate of most revivals of the sort; it lasted two issues.

At the outset *Presença*'s editorial board was made up of Branquinho da Fonseca, José Régio [José Maria dos Reis Pereira], and João Gaspar Simões. The first one named dropped away soon after in 1930, and was succeeded the next year by Adolfo Casais Monteiro. Of course, Régio, Casais Monteiro, and Gaspar Simões went on to have outstanding free-standing literary careers of their own over the decades, apart from their role as editors of *Presença*. Their individual literary fame accounts for the fact that their names made their way in the Portuguese-American newspapers from time to time as recorded in the following lists compiled from the New Bedford, Massachusetts daily, the *Diário de Notícias*. That there are considerably fewer appearances of the name of Adolfo Casais Monteiro in its pages

is attributable, at least in part, to the fact that in the late 1940s Casais Monteiro went into self-exile in Brazil, where he lived until his death, except for temporary teaching jobs in the United States.

JOSÉ REGIO (1901-1969)

1. "Homenagem ao poeta português Antonio Nobre," Nov. 15, 1939, p. 3.

Along with other notables, JR will attend the inauguration of a monument honoring Antonio Nobre.¹

2. José Régio, "Pecado Original," Mar. 5, 1943, p. 2.

Poem.

3. José Régio, "Depois das Eleições," Jan. 17, 1946, pp. 1-2.

An essay on democracy and censorship. ("Especial para o *Diário de Notícias*.")

4. "Os intelectuais Portugueses Protestam! Cópia da representação na Presidência da República, em 22 de Novembro de 1946, por uma comissão de Escritores, Jornalistas e Artistas," Jan. 22, 1947, p. 6.

JR is among more than 200 signers.

5. José Régio, "Compreender," Jan. 31, 1948, p. 3.

Essay on poetry as the essence of art.

6. José Régio, "Escrever Poeticamente," Mar. 8, 1949, p. 4.

Essay defining what he means when he advocates writing "poetically."

7. "Notícias da Agência ANI, May 26, 1949, p. 6.

In an interview in Brazil, Hernani Cidade is quoted as saying that among Portuguese poets the Brazilians hold Fernando Pessoa, Miguel Torga, and JR in high esteem.

8. ANI, "Últimas Notícias de Portugal," July 16, 1949, p. 4.

¹ See also "No Penedo da Saudade vai ser inaugurado um monumento à memória de António Nobre," *A União Portuguesa* (Oakland, California), Dec. 18, 1939, p. 6.

In an Italian journal Duarte de Montalegre says that JR and Campos de Figueiredo do not understand the new Portuguese poets, the Christian poets of the generation of Miguel Trigueiros, Amândio Cesar, Azinhal Abelho and Deniz da Luz.

9. Jorge Ramos, "Cecilia Meireles, a Cigarra do Brasil," Nov. 9, 1949, p. 2.
JR is undoubtedly one of the greatest poets of our generation.
10. ANI, "Ultimas Notícias de Portugal," Jan. 31, 1950, p. 4.
In Rio de Janeiro, the Portuguese actor João Villaret will appear in JR's play *Jacob e o Anjo*.
11. ANI, "Santos Costa é o homem do dia em Portugal," Apr. 8, 1950, p. 4.
In Rome, Duarte de Montalegre discusses the modern Portuguese novel, including JR's work.
12. Jorge Ramos, "Um poeta contemplativo," Oct. 20, 1950, p. 3.
Like Miguel Torga and Carlos Queiroz, JR was inspired by the iconoclastic poets of 20 years earlier.
13. ANI, "Pequenas Notícias de Portugal," Dec. 13, 1950, p. 3.
The poetry journal *Távola Redonda* dedicates its latest issue to JR and *Poemas de Deus e do Diabo*, the book that launched JR's career twenty-five years earlier.
14. "Lição dum Picoense," Mar. 17, 1952, p. 2.
JR says that all art lives from the poet's interior freedom and his aesthetic discipline.²
15. Dinis da Luz, "Cheguei, Vi... e Fui Vencido, diz Agrippino Grieco a Respeito da Sua Visita a Portugal," July 22, 1952, pp. 1, 4.
JR is one of the contemporary Portuguese poets Agrippino Grieco admires. ("Especial para o *Diário de Notícias*.")
16. ANI, "Uma representação assinada por altas figuras democráticas," Apr. 27, 1953, p. 1.
JR is among the signers of a statement presented to the head of state in regard to constitutional laws regarding elections.

² Reprinted in *O Heraldo Portugalês* (Taunton, Massachusetts), Apr. 1, 1952, p. 4.

17. "Um Pedido de Altas Figuras Nacionais ao Sr. Presidente da Republica Portuguesa," May 11, 1953, pp. 1, 4.

The petition is signed by JR, among others.

18. "Está a Publicar-se a 'Colecção Novela,'" July 24, 1956, p. 1.

This series includes work by JR.

19. ANI, "Diário de Portugal," Aug. 1, 1956, p. 3.

The 4th edition of JR's book of sonnets, *Biografia*, has just appeared.

20. ANI, "Teatro, Rádio, Cinema e Televisão," Nov. 9, 1956, p. 3.

JR's *Jacob e o Anjo* will be staged at the Teatro Munomental.

21. ANI, "Diário de Portugal," Dec. 28, 1956, p. 5.

The 3rd edition of JR's *As Encruzilhadas de Deus* has appeared.

22. ANI, "Diário de Portugal," Feb. 21, 1957, p. 2.

Among the books published by Companhia Nacional da Educação is JR's *Poesia de ontem e hoje*.

23. ANI, "Diário de Portugal," Apr. 1, 1957, p. 3.

Rosa Brava, JR's historical novel, will be published by "Colecção Mosaico."

24. ANI, "Diário de Portugal," May 21, 1957, p. 3.

JR contributes to a page dedicated to the life and work of Fialho de Almeida in a recent issue of the Lisbon newspaper *Diário de Notícias*.

25. ANI, "Diário de Portugal: Teatro, Cinema, Música, Rádio e TV," Aug. 6, 1957, p. 4.

One of the contestants in a competition at the Teatro Nacional de D. Maria II chose JR's figure of Benilde for her presentation.

26. ANI, "Diário de Portugal, Sept. 6, 1957, p. 4.

Among that of others, JR's poetry was recited at Lisbon's city celebration.

27. ANI, "Diário de Portugal: Teatro, Cinema, Música, Rádio e TV," Nov. 18, 1957, p. 2.

The Brazilian group “Os Jograis” included JR’s poems in their Lisbon recital.

28. ANI, “Diário de Portugal,” Jan. 8, 1958, p. 3.

The poetry anthology *Alma Minha Gentil*, with JR’s contribution to the preface, has just been published.

29. “Conferência Sobre Poesia Portuguesa Na Univ. De Columbia,” Jan. 20, 1958, pp. 1, 4.

Albano Nogueira, the Consul-General of New York, included JR in his discussion.

30. ANI, “Diário de Portugal,” Jan. 21, 1958, p. 4.

The Italian publisher Carucci has published a book of JR’s poems in translation.

31. ANI, “Diário de Portugal: Teatro, Cinema, Música e TV,” Apr. 2, 1958, p. 3.

The Brazilian Margarida Lopes de Almeida included JR’s poems in her Lisbon recital.

32. José Régio, “A Diversidade da Criação Artística,” May 16, 1958, p. 2.

Essay in defense of the writings of Joaquim Pacheco Neves.

33. “É a censura um bem ou um mal?—Ferreira de Castro responde,” June 13, 1958, pp. 1-2.

Criticizes official censorship, which censors the work of even the Catholic JR.

34. “É a censura um bem ou um mal?—Depoimento do escritor Urbano Rodrigues” (from *República*), June 30, 1958, p. 4.

JR is included in a list of those writers whose work has been censored.

35. ANI, “Artes e Letras em Portugal,” Dec. 4, 1958, p. 5.

JR’s work is included in volume 3 (dedicated to the Alentejo) of the *Antologia da Terra portuguesa* published by the Livraria Bertrand.

36. Dutra Faria, “Uma Família Portuguesa do Connecticut,” Feb. 24, 1959, p. 4.

Among the books seen in José Moreira's house are titles by JR.

37. ANI, "Noticiário de Letras e Artes," May 20, 1960, p. 4.

Portugalia will bring out new editions of JR's major works of fiction.

38. "Foi um Êxito o Recital de Manuel Mestre," Nov. 21, 1960, p. 1.

Itacy de Almeida included poems by JR in her portion of the recital.

39. "Em Portalegre foi Inaugurado o Museu Local, July 14, 1961, p. 1.

JR was present at the ceremony.

40. "Ronda das Terras de Portugal: 'Portalegre,'" Mar. 18, 1963, p. 4.

One of Portalegre's attractions is the "Museu da Arte Sacra e a Casa de José Régio."

41. ANI, "Noticiário de Espectáculos Portugueses," July 9, 1963, p. 3.

The Teatro Experimental da Beira will stage JR's "O meu caso."

42. "Os Açores e a sua propaganda através da literatura e do jornalismo," Jan. 17, 1964, p. 4.

JR is among those Portuguese writers who might be encouraged to write about the Azores.

43. "Cinema, variedades e recital no Sport Clube Português de Newark," Feb. 19, 1964, p. 5.

The actor César Augusto recited poetry, including JR's.

44. A. da Cunha Raposo, "Arte e folclore na capital de Mozambique," Mar. 10, 1964, p. 2.

As part of a week-long celebration, the "Grupo Fernando Pessoa" recited portions of JR's play "Mário ou Eu-Próprio, o Outro."

45. ANI, "Notícias Resumidas," June 24, 1964, p. 4.

JR was a judge for the Sociedade Portuguesa de Escritores when Luís Francisco Rebelo was awarded the "Grande Prémio de Teatro."

46. ANI, "Notícias Resumidas," June 30, 1964, p. 4.
JR's "casa-museu" is now part of Portalegre's patrimony.
47. "José Régio Defende a Pureza da Língua," July 13, 1965, pp. 1, 6.
In the *Comércio do Porto*, JR complains that the Portuguese too readily adopt foreign terms at the expense of their own resourceful language, thereby failing to maintain the purity of the language.
48. José Régio, "Remar Contra a Maré," Aug. 12, 1966, pp. 1, 6.
An essay taken from the newspaper *Cardeal Saraiva* (Paulo do Lima), in which JR urges resistance against modes of fashion.
49. "David Nasser: 'Unifiquemos a gramática e derrubemos a aduana intelectual,'" June 26, 1967, p. 2.
In an interview granted in Lisbon, this Brazilian journalist advocates the removal of linguistic and grammatical barriers between the two countries so that the great writers (including JR) will be more easily read in the two countries.
50. "Notícias Diversas," Sept. 14, 1967, p. 7.
Due to Augusto Figueiredo's illness, JR's *Jacob e o Anjo*, the last play of the season, will not be staged.
51. António Maria Zorro, "'In Memoriam' de João de Deus," Mar. 11, 1968, p. 2.
JR's expression of esteem for João de Deus's poetry is quoted.
52. "O Que se passa Em New Bedord: livros Portugueses para o SMTI," Apr. 19, 1968, p. 2.
JR's work is included in the Instituto de Alta Cultura's gift of books to the Southeastern Massachusetts Institute of Technology.
53. "*Jacob e o Anjo*," May 28, 1968, p. 6.
JR's play, written 30 years earlier and staged in France 15 later, has been staged in Lisbon, for the first time in Portugal.
54. Dinis da Luz, "Quando o Futebol Entra nas letras...," July 8, 1968, pp. 1, 4.
Victor Santos, the author of *Futebol—Bancada da Imprensa*, is a devoted reader of the respected writers of his day, including JR.

55. "Lemos na Imprensa Regional," Apr. 9, 1969, p. 2.
The "Casa-Museu José Régio" expects to receive works left to the state by the family of Ernesto de Vilhena.
56. "Em Cada Parágrafo uma Notícia, Oct. 17, 1969, p. 4.
After suffering a heart attack recently, it is said that JR is in grave condition.
57. "José Régio e Alves Redol em Estado Grave," Oct. 20, 1969, p. 1.
Despite showing slight improvement, both JR and Alves Redol remain gravely ill.
58. "Faleceu Poeta e Escritor José Régio," Dec. 29, 1969, p. 1.
JR, aged 68, died on Dec. 28th.
59. "Notícias Diversas de Portugal," Nov. 19, 1970, p. 6.
Giuseppe Carlo Rossi has written about JR's "Procura Interior de uma Verdade" in the pages of *Osservatore Romano*.
60. "O Presidente do Conselho no Alentejo," May 27, 1971, p. 3.
Marcello Caetano visited the "Casa-Museu" in Portalegre housing JR's "espólio."
61. "Em Cada Parágrafo uma Notícia," May 28, 1971, p. 6.
Marcello Caetano visits the "Casa Museu de José Régio."
62. "Os prémios da Secretaria de Estado," Aug. 4, 1971, p. 5.
JR was awarded posthumously the National Prize for Poetry.
63. Rafael Ávila de Azevedo, "Trinta anos de relações literárias," Mar. 22, 1972, p. 4.
In *Pedras à beira da Estrada*, Paço d'Arcos comments on various writers, including JR.
64. António Quadros, "A saudade, sempre," June 10, 1972, p. 4.
JR is represented in Urbano Tavares Rodrigues' anthology, *A Saudade na poesia portuguesa*.
65. "Em Portalegre, Portugal," June 14, 1972, p. 3.
Discussion over the proposed bust of JR.

66. “Prémios Literários e Artísticos,” Feb. 27, 1973, pp. 1, 4.

In a discussion of prizes awarded in 1971 and 1972, it is noted that JR was among those awarded a prize.

67. João Fernandes, “Províncias de Portugal: Douro Litoral,” Apr. 25, 1973, p. 4.

JR’s name appears on a list of the illustrious figures from this province.

68. José Régio, “História para crianças grandes,” Apr. 23, 1971, p. 5.

Poem.³

69. José Régio, “A Um Camarada,” Sept. 8, 1972, p. 5.

Poem.

JOÃO GASPAS SIMÕES (1903-1987)

1. “Notícias de Coimbra,” Mar. 9, 1931, p. 3.

JGS will lecture on “Raul Brandão, poeta.”

2. “Notícias de Coimbra,” Mar. 7, 1932, p. 4.

JGS will lecture on “A arte do romance.”

3. “Notícias de Coimbra,” May 23, 1932, p. 4.

On the 25h of April JGS delivered the last lecture at the “III Salão Académico” on the theme of “O valor da realidade na Arte.”

4. “Notícias de Coimbra,” July 14, 1932, p. 3.

JGS introduced Almada Negreiros, who lectured on “Direcção Unica.”

5. “Notícias de Coimbra,” Feb. 21, 1934, p. 4.

JGS lectured at the Academia de Música.

6. “Notícias de Portugal Na Europa: Coimbra,” May 1, 1935, p. 3.

JGS will lecture on “Deformação, génese de toda a arte.”

³ Reprinted in *O Heraldo Português*, Dec. 25, 1974, p. 4, and Dec. 25, 1975, p. 7.

7. "Aprenda a Redigir" Oct. 8, 1935, p. 8.

In this advertisement by the Lisbon Instituto de Cultura e Técnica for a writing course by mail, JGS is listed among contributing writers.

8. "Contribuições Para o Intercâmbio Intelectual Luso-Brasileiro," June 13, 1941, p. 6.

JGS is one of the many Portuguese intellectuals who could promote the cause of Luso-Brazilian relations.

9. "Os intelectuais Portugueses Protestam! Cópia da representação na Presidência da República, em 22 de Novembro de 1946, por uma comissão de Escritores, Jornalistas e Artistas," Jan. 22, 1947, p. 6.

JGS is among the more than 200 signers.

10. João Gaspar Simões, "Quem foi o introdutor do realismo em Portugal: Eça de Queirós ou Júlio Diniz?" Mar. 26, 1947, p. 4.

Despite the realism present in early chapters of *Uma Família Inglesa*, Júlio Diniz must not be credited with introducing literary realism to Portuguese fiction.

11. Onix, "O Que Se Passa em Portugal," Apr. 7 1947, p. 1

In *Who's Who em Portugal* many outspoken intellectuals and writers, JGS among them, have been omitted for political reasons.

12. Dutra Faria, "Nunca se Encontrou o manuscrito de 'A Balada do Caia'—Romance que Eça de Queirós Teria Escrito ou Sonhado Escrever," Apr. 17, 1950, p. 1.

JGS is among the Portuguese writers who have recently written about Eça and his work.

13. "Em que se fala de Xadrez da 'partida livre,' de Platão e da Humanidade futura...," Apr. 24, 1951, p. 3.

In JGS's "sensational" biography of Fernando Pessoa, there is the following passage: "nos últimos dias da singular existência do neoplatónico Fernando Pessoa, o poeta costumava entrar num estabelecimento e dizer para quem o atendia ao balcão: '2, 8, 6'—ou seja em humano uma caixa com fósforos, um maço de cigarros e um cálice de 'Macieira.'"

14. "Pelo Teatro Português," May 23, 1951, p. 2.

JGS has delivered “Um jantar em família,” a three-act play, to the Teatro Ginásio for production.

15. Bourbon E Meneses, “Cartas para Ela,” Aug. 2, 1951, p. 6.

JGS has a ready answer for anything one can ask him.

16. “O escritor Erico Veríssimo proferiu ontem uma palestra nesta cidade,” Dec. 1, 1955, pp. 1, 6.

JGS is one of the modern Portuguese writers being read in Brazil.

17. “Aspectos do Intercâmbio Entre Portugal e Brasil,” Sept. 2, 1952, pp. 1, 4.

The Brazilian Odorico Tavares notes that JGS is among the contemporary Portuguese writers now being read in Brazil.

18. “Está a Publicar-se a ‘Colecção Novela,’” July 24, 1956, p. 1.

This series includes work by JGS.

19. ANI, “Diário de Portugal,” Feb. 14, 1957, p. 4.

JGS has contributed to the first issue of the journal *Europa*.

20. ANI, “Artes e Letras em Portugal, Apr. 17, 1957.

The first issue of *Europa*, just out, includes a contribution by JGS.

21. ANI, “Diário de Portugal,” Oct. 18, 1957, p. 3.

The seventh fascicle of JGS’s *História da poesia portuguesa no Século XX* is out.

22. “Diário de Portugal,” Jan. 21, 1958, p. 4.

JGS has collected the stories included in *As mais belas Histórias da Medicina*.

23. “É a censura um bem ou um mal?—Depoimento do escritor Urbano Rodrigues” (from *República*), June 30, 1958, p. 4.

JGS is included in a list of those writers who have been censored.

24. “Ainda o Prémio Concedido a Rodrigues Miguéis” (from the *Diário*

de Lisboa), July 27, 1959, pp. 1, 4.

JGS was a member of the committee that awarded Miguéis the “Camilo Castelo Branco” prize.

25. “Caminho Errado,” Oct. 23, 1959, p. 1.

Politically motivated, the journal *Tempo Presente* advises certain intellectuals, artists and writers (including JGS) to leave the country.

26. Manuel Calado, “Crónica da Minha Rua: Depois da Chuva,” Apr. 12, 1962, p. 1.

Quotes JGS’s observation that the day’s youth, without concerns or problems, applaud everything with a smile on their lips while they play the lottery.

27. ANI, “Notícias de Espectáculos Portugueses,” Feb. 14, 1963, p. 2.

JGS will lecture on “Precursores da Moderna Poesia Portuguesa.”

28. “Os Açores e a sua propaganda através da literatura e do jornalismo,” Jan. 17, 1964, p. 4.

JGS is among those Portuguese writers who could be encouraged to write about the Azores.

29. Mário Matos e Lemos, “Poesia em Prosa,” June 22, 1964, p. 3.

A favorable review of JGS’s *Itinerário Histórico da Poesia Portuguesa*, just published in *Arcádia*’s “Biblioteca de Bolso.”

30. “A Nova Literatura Portuguesa Não é Conhecida no Brasil!” Sept. 15, 1964, pp. 1, 4.

JGS was included in a mission to Brazil.

31. ANI, “Noticiário de Letras Portuguesas,” Apr. 25, 1965, p. 4.

JGS has translated Emile Zola’s novel *Teresa Raquin*.

32. ANI, “Escritor terrorista premiado em Lisboa,” May 24, 1965, pp. 1, 8.

JGS was a member of the jury that awarded the Sociedade Portuguesa de Escritores’ Grand Prize for the Novel to Luandino Vieira’s *Luanda*.

33. João Gaspar Simões, “Crónica Literária” (from the *Diário de Notícias*), Oct. 22, 1965, p. 6.

- Assessment of José Rodrigues Miguéis's work.
34. "Faleceu o Poeta e Escritor José Régio," Dec. 29, 1969, p. 1.
JGS was a founder of the journal *presença*.

35. "Erotismo é ou não Pornografia?" Apr. 1, 1970, p. 4.

Testifying for the defense in the Natália Correia trial over her *Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica, dos Cancioneiros Medievais à Actualidade*, JGS conceded that erotic poetry can be pornographic.

36. "Noticiário Regional Português," Oct. 6, 1970, p. 2.

JGS has been elected to the Brazilian Academy of Letters as a corresponding member.

37. João Gaspar Simões, "A Coroa," Sept. 22, 1972, p. 4.

Essay on Sigrid Undset's novel.

ADOLFO CASAIS MONTEIRO (1908-1972)

1. "Contribuições Para o Intercâmbio Intelectual Luso-Brasileiro," June 13, 1941, p. 6.

ACM is one of the many Portuguese intellectuals who could help to promote the cause of Luso-Brazilian relations.

2. José Gomes Ferreira, "O Espectáculo das Ruas: A Menina do Rés-do-chão," Oct. 25, 1945, p. 1.

ACM "é poeta e tem altura suficiente para te dar a lua se lha pedires."

3. Adolfo Casais Monteiro, "Como Pensam os Escritores Portugueses: Os Democratistas da Última Hora," Dec. 14, 1945, pp. 1, 6,

Essay.

4. Adolfo Casais Monteiro, "Um novo livro de novellas—'Onde a noite se acaba'—do Dr. J. R. Miguéis," Sept. 17, 1946, pp. 1, 4.

Review.

5. "Os intelectuais Portugueses Protestam! Cópia da representação na Presidência da República, em 22 de Novembro de 1946, por uma comissão de Escritores, Jornalistas e Artistas," Jan. 22, 1947, p. 6.

ACM is among the more than 200 signers.

6. "Continuam as prisões em Portugal dos elementos contrários à ditadura," Sept. 15, 1949, pp. 1, 4.

"No Barreiro, a polícia fechou dois cafés e prendeu os seus proprietários, por terem consentido na distribuição da propaganda do sr. General Norton de Matos, como também foi preso o escritor e jornalista, sr. Adolfo Casais Monteiro, por solidariedade com Rodrigues Lapa, num artigo inserto na 'República,' jornal considerado órgão oficial da Candidatura, contra o qual se tem exercido prepotências tanto por parte da Censura, como da polícia, na sua distribuição pelos garotos."

7. ANI, "Restituído à Liberdade O Dr. Rodrigues Lapa," Jan. 17, 1949, p. 1.

"Lisboa, Jan. 15—Foram restituídos à liberdade, sob fiança, os srs. drs. Manuel Rodrigues Lapa e Adolfo Casais Monteiro, e enviados os respectivos processos ao Tribunal. O motivo da prisão do sr. dr. Adolfo Casais Monteiro foi um artigo seu, publicado na 'República' e considerado insultuoso para o povo português e para a independência do poder judicial."

8. Manuel Rodrigues Lapa, "Ainda o caso da Prisão do Prof. Rodrigues Lapa," Mar. 5, 1949, pp. 1, 4.

"O pobre do Casais Monteiro já sofreu as consequências da simpática solidariedade de que teve para comigo: ferraram com ele no Aljube."

9. "Noticiário das Letras e Artes," Feb. 24, 1951, p. 3.

ACM has contributed to the volume *Leonardo Coimbra*.

10. "Aspectos do Intercâmbio Entre Portugal e Brasil," Sept. 2, 1952, pp. 1, 4.

The Brazilian Odorico Tavares notes that ACM is among the contemporary Portuguese writers now being read in Brazil.

11. "O escritor Erico Veríssimo proferiu ontem uma palestra nesta cidade," Dec. 1, 1955, pp. 1, 6.

ACM is one of the modern Portuguese writers being read in Brazil.

12. Adolfo Casais Monteiro, "Exame de Consciência dum Crítico," Feb. 28, 1957, p. 4.

Essay reprinted from *Diário de Lisboa*.

13. "Diário de Portugal: Letras e Artes," Apr. 9, 1958, p. 2.
 In its first issue *Cadernos do Meio-Dia* includes unpublished work by ACM.
14. "Notas Resumidas," Dec. 8, 1958, p. 5.
 In Brazil Agir has published ACM's *Estudos Sobre a Poesia de Fernando Pessoa*.
15. Dutra Faria, "O Caso, Agora, é Sério," May 31, 1960, p. 3.
 There is a "war" on against Salazar, but this time is not Casais Monteiro or his friends at the *Portugal Democrático* of São Paulo who are to blame. The culprit is the actress Maria della Costa, who has declared her war on Salazar in a public pronouncement. The first person to congratulate her on her actions was Henrique Galvão. The second was ACM.
16. Dutra Faria, "Palavras Que Alegram e Palavras Que Entristecem," Oct. 5, 1960, pp. 1, 6.
 Offers an answer to ACM's attack, in *Portugal Democrático*, on liberals who proclaim their anti-communism. Question the anti-communists about Portugal's African colonies, he suggests, and see what they say.
17. "Fernando Pessoa Traduzido Na Alemanha," Dec. 1, 1965, p. 2.
 In this book Georg Lind includes letters from Pessoa to ACM.
18. "Reforma do ensino em Portugal," Apr. 22, 1971, pp. 1, 6.
 ACM was among those who, writing from abroad, participated in the discussion over work and salaries at the university in Coimbra.
19. "Notícias Diversas de Portugal," Aug. 1, 1972, p. 3.
 "Faleceu ontem na cidade de São Paulo, no Brasil, onde residia há dezoito anos, o poeta e entusiasta português Adolfo Casais Monteiro. Contava sessenta e quatro anos, era actualmente professor de literatura portuguesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Araraquara; e, recentemente, havia sido publicada, sob o título *Poesias Completas*, toda a sua obra poética desde 1929 a 1969."

A TALE OF TWO CLASSICS: NINETEENTH-CENTURY
AMERICAN TRANSLATIONS OF EÇA DE QUEIRÓS
AND JÚLIO DINIS

George Monteiro
Brown University (USA)

“It is said that there are many good realistic novels in modern Portuguese which some English writers who happened to know the language have been adopting without credit,” noted the *Hartford Courant*, a Connecticut newspaper, on October 16, 1900 (page 8). “It seems strange that there should be a literature so near the great centers, London and Paris, comparatively unknown in both.” It is a pity the writer does not go on to name those “plagiarizing” English writers or the Portuguese novels that they have been silently adopting.

But the *Courant* writer might have made his point differently had he realized that a decade or so earlier two Portuguese novels had been translated into English and published in the United States. The two novels are Eça de Queiros’s *O Primo Basílio* and Júlio Dinis’s *Os Fidalgos da Casa Mourisca*.”

O Primo Basílio

On August 3, 1889, in an editorial headed “Talk on the Novel” (pages 2-3), the *Boston Journal* complained that “the surprising amount of foreign fiction which through translation has almost swamped the interest in American productions,” particularly those “translations from the Russian, the Spanish, the

Portuguese, the French.” Oddly, the inclusion of the Portuguese in this list was hardly warranted since its only basis was the publication in translation of a single Portuguese novel to that point. *Dragon’s Teeth*, Mary J. Serrano’s translation of *O Primo Basílio*, was published by Ticknor and Fields of Boston, Massachusetts, on March 23, 1889.

Oddly, Eça de Queirós’s name does not appear on the title-page, though the novelist is amply credited in an unsigned introductory note, quoted here in its entirety:

The name of Eça de Queiros stands at the head of the list of Portuguese novelists. Born in Oporto early in the latter half of the present century, he was intended for the profession of the law by his father, who belonged to a family distinguished in the annals of Portuguese jurisprudence; but he soon abandoned his legal studies for literature, toward which his inclinations impelled him, and which he cultivated with immediate and marked success, the articles from his pen that appeared from time to time in the various periodicals of the day attracting wide-spread and favorable notice.

His characteristics as a writer are,—to quote from the Preface of the Spanish version of the present work,—A vigorous, flexible, and picturesque style, daring and unexpected flights of the imagination, extraordinary judgment, and a marvelous perception of the realities of things, as well as of their comic and sentimental aspects.

His most marked characteristic, however, is the wonderful power with which he treats the humorous and the pathetic alike, moving his readers to tears or laughter at his will, with a magic art possessed only by the great masters in literature. In conclusion, it may be said that the publication of the present work, under the title of *O Primo Basílio*, produced a profound sensation in Portuguese literary circles, as did the publication, by which it was soon followed, of a Spanish version in those of Madrid, and of a French version, by Madame Ratazzi, in those of Paris (pages 7-8).

Mrs. Serrano contributed a rather straight-forward translator’s preface in which she explained some of the choices she felt compelled to make in translating *O Primo Basílio* for an American readership, one whose “taste,” she insisted, was “largely formed on Puritanic models”:

In presenting this graphic picture of Lisbon life to the American public, the translator has assumed the responsibility of softening here and there, and even of at times effacing, a line too sharply drawn, a light or a shadow too strongly marked to please a

taste that has been largely formed on Puritanic models, convinced (without entering into the question of how far a want of literary reticence may be carried without violating the canons of true art) that while the interest of the story itself remains undiminished, the ethical purpose of the work will thereby be given wider scope.

Eça himself was well aware of much or all of this, for he complained (but with more than a trace of pleasure) to his good friend Oliveira Marques on January 26, 1890, as reported in Guilherme de Castilho's *Eça de Queirós: Correspondência* (Vila da Maia: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983):

A propósito de romances: *O Primo Basílio*, esse *fait-lisbonne*, foi traduzido em inglês, alemão, sueco e holandês, nestes últimos seis meses! Que atroz injustiça para o *Padre Amaro*! O tradutor inglês do *O Primo Basílio* cortou-lhe todas as cenas em que os amantes se encontram, e, em geral, suprimiu o adultério! Deu-lhe além disso o nome de *Dragon's Teeth*!! E o livro teve, em Inglaterra e na América, *une bonne presse*" (volume 2, page 37).

Just how closely Eça followed the American fortunes of *O Primo Basílio*, and how many of the book's reviews were familiar to him, is not known. There is little doubt, however, that in the main he would have been gratified. This is an account of the good press enjoyed by Mary J. Serrano's *Dragon's Teeth* in America.

On March 9, 1889, Alexander Young, in his "Boston Letter" to *The Critic* (New York), relying most probably on information supplied by the publisher, wrote:

Dragon's Teeth, a novel which Ticknor & Co. will publish in about three weeks, is a remarkable story of life in Lisbon, translated from the Portuguese [*sic*] of Eça de Queiros by Mrs. Mary J. Sarrano [*sic*]. The story made a deep impression in Portugal, and its translation into French and Spanish resulted in an equally favorable reception in the literary circles of Paris and Madrid. Eça de Queiros stands at the head of Portuguese novelists, and this story, while depicting the temptation and unfaithfulness of a weak and loving woman, is free from coarseness, and impresses an effective moral. The slow retribution that follows the sin is said to be depicted with a force that recalls Daudet, and the insight into human nature and command over the springs of humor and pathos afford striking evidence of the author's literary mastery (volume 11, page 122).

On March 11, 1889, under "Literary Notes," the *New York Times* noted that "Ticknor & Co. will issue this month *Dragon's Teeth*, a novel translated from the Portuguese of Eça de Queiros by Mrs. Mary J. Serrano" (page 3). On March 16, 1889, *The Literary World* offered the same information, adding only that the volume's size was "12mo," and that it would sell for \$1.50 a copy ("News and Notes," volume 20, page 98); while the same Boston journal, on 13 April, listed the book under "Publications Received" (page 134). On March 23, in Templeton's "Boston Correspondence" in the *Hartford Daily Courant* it was noted that "the Ticknor house has a story translated from the Portuguese for very early issue, under the title *Dragon's Teeth*, treating of fallen women" (page 3). On the same day the *New York Times* listed *Dragon's Teeth* under "New Publications: Published this Day," quoting praise for Eça's novel from two reviews in unidentified journals. The poet Nora Perry wrote that *Dragon's Teeth* "suggests the close detail and nicety of touch that distinguish Daudet. The plot is what we have learned to look upon as peculiarly French, and it is treated with French simplicity and frankness without coarseness. It is a terrible presentation of the sure results of immorality. The slow retribution that follows the sin is remarkably depicted." While Jeanette L. Gilder, well-known as one of the editors of *The Critic*, wrote: "A story of sin and its consequences, powerfully set forth, and withal there is a great deal of humor in the story, a keen insight into the weaknesses of human nature that is delicious. It is wonderfully good. As a work of literary art, as a story, as a picture of life, the book is a model." On March 28 *The Independent* (volume 41, page 18) noted the publication of *Dragon's Teeth*, a novel translated from the Portuguese of "De Queiros." On April 2 the *New York Daily Graphic*, under the rubric "Latest in Literature", published a lengthy, hectoring attack on the "realists" in the guise of a review:

From Ticknor & Co. comes a notable translation. It is from the Portuguese of Eca de Queiros, of whom Mr. Howells has been recently telling us in his Editor's Study. The title of this novel is "Dragon's Teeth," and the translator is Mary J. Serrana [sic]. In a prefatory note this lady explains that she has assumed the responsibility of softening here and there, and even of at times effacing a line too sharply drawn, a light or a shadow too strongly marked to please a taste that has been largely formed on Puritan models, convinced (without entering into the question of how far a want of literary reticence may be carried without violating the canons of true art) that while the interest of the story remains un-

diminished, the ethical purpose of the work will thereby be given wider scope.

It does not seem to occur to the translator that there is a pretty big ethical question involved in this unauthorizedly tampering with a work of art, and it is not probable that there is enough artistic spirit among us, or perceptions of an artist's rights, to bring down upon her head many rebukes, but to this critic it certainly seems that she deserves them. The case is about this: if the book is immoral she had no business translating it at all; if it is a moral and fine work of art, then it belongs to the artist alone to say what his lines and limitations shall be.

But condemnation of the work of the translator ends here: in other respects it is conscientious and able, and freer and easier in its style than are translations usually, though that is damning it with faint praise. The story is utterly moral. It is in the style of the latest phases of realism, bold, strong, dreary, serious and true. It is not so powerful as Tolstoi: its truth is not so subtle and valuable as Zola's often is. It is, indeed, a work of not so high an intellectual order as are the best things by the Russian and the Frenchmen, but in entirely a legitimate way it is modeled on similar lines.

It tells the story of a young married woman, who is unfaithful, whose servant detects her and blackmails her in ways horribly torturing, and who finally dies worn out by the weight of her ugly secret, the brutal indifference of her lover and the cruelty of the woman who knows her story. The book closes with a picture of the insolent indifference and even flattered vanity with which the man who had caused this grim and squalid tragedy hears of her death. The bold, direct style in which it is written aims at special truthfulness at "stating the fact," and in a way it succeeds; but it is more than doubtful if this sort of truthfulness is the best, the truest sort. It is like a photograph of an out-of-door scene as compared with a fine and sympathetic painting of it. The literal facts, some of them, are conveyed in the photograph, but such main facts as the quality of the light and air, the color and the spirit, are lost. It is an old comparison, but a good one. The authors of this school aim to suppress their own personality, to make a report on the thing as it was; but this can never literally be done; the artist has to select, because a volume would not contain all that happens to and is thought and felt by his characters in the space of two hours if he was going to make a scientific statement of it, and the question resolves itself into the skill of selection; it is the idea of this school, to use that inaccurate term for convenience, to give an appearance of reality by giving much non-essential detail—because non-essential detail takes up so much space in life.

That is a principle that there may be occasion for applying, but it is certainly one a little of which goes a long way. The overruling principle is for the artist to have his motive, the point he is there to illustrate clearly in his mind, and forgetting those things that are behind and at the side of him, to press forward to this one mark, with no excursions that do not plainly minister to it. Eça de Queiros does not abide by this golden rule, but there is no denying his considerable achievement without it.

Here is a passage in one of the important scenes between the two central figures of the story:

Bazelio sat down beside her. These tears annoyed him and made him impatient.

“But for heaven’s sake listen to me,” he said.

She turned her eyes that flashed through their tears full upon him.

“Why did you say to me that we might be so happy if I only wished?”

Bazelio rose abruptly.

“But was it your intention to travel with me in a railway car to Paris?”

“I have left my home forever.”

“It would be better for you to return to it then,” he exclaimed angrily. “Why do you want to run away? To avoid scandal? But in doing so we should give greater scandal, irreparable scandal. I speak to you as your best friend, Luiza. * * * All this scandal may be avoided with money. Offer her 300,000 reis if you like; but for heaven’s sake be more careful in future; I cannot afford to pay 300,000 reis every time you choose to be careless.”

Luiza grew livid as if Bazelio had spat in her face. (page 60)

On April 4, the New York City Spanish-language journal *Las Novedades* published a review of Serrano’s translation, defending the translator for the cuts she made in the novel and insisting that the translation is the equal of the original (page 7).

John Wanamaker’s “At the New Book Table” listed “*Dragon’s Teeth, a Novel from the Portuguese*” in the *Philadelphia Inquirer* on April 7 (page 8), and on the fifteenth *The Author*, another Boston publication, noted that included in Ticknor and Company’s March list was *Dragon’s Teeth* (“Literary News and Notes,” volume 1, page 48). Eça’s novel also showed up on *Current Literature’s* “Book List—What to Read, Where to Find It” but not until May (volume 2, page 452).

Presumably in April (the exact date is missing from my source) the *Brooklyn Daily Eagle* reviewed *Dragon’s Teeth* as “A Lisbon Novel”:

Lisbon is the scene of this graphic story, and Lisbon is a field for romance seldom cultivated. Mr. [Edwin Lassetter] Bynner has vividly depicted it in the time of the great earthquake in his "Agnes Surriage" [1886], but with a small attention to the Lisbonese themselves, in his absorption with English and American colonial character there exhibited under the stress of a great calamity. "Dragon's Teeth," however, as its grim title hints, is a photographic picture of later Lisbon on its own merits, or demerits. The story of its degraded phases of life is as realistic as the most philosophically curious reader of Zola or Tolstoi, for the varieties of vice or suffering in them, could desire. The book deals with marital infidelities and infelicities largely, which it may be thought is like bringing coals to Newcastle, in a literary sense, to introduce to readers of American newspapers. Nor is there in the author's dealing with the dark side of life the high ethical aim or spirit which is native to Tolstoi. All is cold-bloodedly exact in representation, cynically so, as if there were no way out of the endless complication of evil for any soul involved in such social disorder as is portrayed. But the technical cleverness and vigor of the realism is indisputable, and perhaps to mirror faithfully the vice of his time and country is as much as any but the highest type of author can be commissioned to undertake. The realists of the day have their work to do, whether in novels or newspapers, which is, always, faithful reporting. The serious among them may be pardoned if they get no further, ethically, than cynical protest against the moral enormities they have to report. Faith in better things may be designed to come later for them. The scenes in Portuguese social life conveyed by the author are sickening enough to a delicate mind, but the interest of the age seems to be to get at all sickness, moral as well as physical, and put it under some sort of sanative treatment, while at the same time taking preventive measures against an increase of it in the physical or the moral world. In this view the mission of a realist like de Queiros, who has caught much of the power of the great masters in moral photography, such as Balzac even, may be compared to that of the surgeon who has the most disgusting wounds to examine even if they be not curable or of the sanitarian who has the uncovering and disinfection of pest breeding places imposed upon him. The book is a very interesting study to the socially and ethically curious.

On April 18, *Life*, the New York publication noted for its humor, which had listed *Dragon's Teeth* under "New Books" the previous week (volume 23, April 11, page 212), now published "A Portuguese Novel," a fairly substantial review by

Robert Bridges, its regular reviewer writing over his familiar pseudonym—"Droch:"

Whether or not *Dragon's Teeth* (Ticknor) is the sort of a novel which Americans want, or ought to have, need not be seriously discussed. The story is translated from the Portuguese of Eça de Queiros by Mary J. Serrano. It reflects a people and a life so entirely different from our own that we cannot impose upon it our standards of taste. Certainly, an intrigue has not yet become for us the supreme situation in fiction, and we still in real life avoid meeting people like *Brazilio* [sic] and *Luiza*, though we may have a growing fondness for them in books. It is wonderful how quickly we suspect the sincerity of any of our friends who act after the emotional motives which we may tolerate, or even admire, in our favorite stories.

The significant thing about this story is its skilful character drawing. The plot is old, and is not managed with any originality, but the characters are clear, well-marked and interesting. The Sunday-night group at *Jorge's*, when "they drank tea and chatted together in a somewhat *bourgeois* fashion," is unusually realistic. *Juliao*, the blue-spectacled physician, who hated provincialism, but loved Lisbon; *Donna Felicidade*, stout, romantic, and in love at fifty; and the courteous *Counsellor Accacio*, who repelled her love-making with a grave bow, as he said, "Senhora, the snows that have accumulated upon the head end at last by settling on the heart"—all these stand clear of the mist which settles around the minor characters in most contemporary fiction.

Juliana, the old servant, who is the villain of the story, if the gay *Brazilio* be counted out, is grotesque, even horrible, yet not beyond our pity. It is an achievement to have portrayed such a character successfully and realistically.

As for *Luiza*, the heroine, we may not waste much sympathy upon her weaknesses. She was a beautiful creature, the product of a queer civilization. Intelligence was no part of her equipment, and would not have added to her attractiveness. Why the author makes her the victim of brain fever we cannot understand. She would naturally have lived a long, careless life, feeding her senses upon sunlight and idleness and the flattery of half-cultivated people. Remorse was foreign to her nature, and the death scene is, therefore, a bit of theatrical machinery. To call it "Expiation" is the cant of melodrama.

Altogether, the novel interests us more as an example of literary art among a people with whom we are unfamiliar than as a story appealing to our sympathies (volume 13, page 228).

Life's review of *Dragon's Teeth* was followed by a notice in *The Literary World* on April 27:

This novel, translated from the Portuguese by Mary J. Serrano, is one of the realistic studies of society in which the Spanish novelists have lately shown themselves masters. In its execution it somewhat recalls *Maximina*, although no two heroines could be more unlike than the devoted *Maximina* and the morbid and light little Luiza of the Portuguese novel. The reader who cares for an agreeable tale with a conventionally happy ending will not enjoy this study of the sowing and growth of a deadly harvest. It is a tragedy, truly imposing in its exposition of the force of common things. The character of Juliana, the malicious serving-woman whose knowledge of Luiza's fault enslaves the mistress and drives her to desperation; the opportune death of the woman; and the sudden dramatic turn of affairs when, at the moment in which Luiza believes herself safe, a letter brought by the prosaic means of the post gives her death-blow—these are triumphs of realistic art. The minor personages form one of those varied and complex groups in support of the principal characters which are more often found depicted in European than in American novels. Mrs. Serrano's translation is smooth, spirited, and readable (volume 20, page 145).

On the same day a longer and even more favorable review of *Dragon's Teeth* appeared in *The Critic*:

Dragon's Teeth, translated from the Portuguese of Eça de Queiros by Mrs. Serrano, must certainly be singled out from the ordinary novels of the day. It is a powerful and dramatic story, with vivid local color, delicate touches of naturalness and of art, and so far as a story of passion, weakness and sin can be said to be moral, is deeply and tragically so in its terrible dénouement and expiation. We have a charming picture at the outset, the attractive young husband, Jorge, honest, manly and sensible, and the wife whom he adores, Luiza, with her seductive ways, her beauty of person, her grace as of a child, and a true child of the South—pleasure-loving, sensation-loving, and with the sleeping fire in the blood that nourishes languid and abrupt desires. Before her marriage, she had a love-affair—a romantic episode of eight months, with a handsome cousin Bazilio, who had amused himself for the time and then thrown her over. Luiza had passed through a heavy period, but after a while she was able to look back and smile at her youthful folly. Three years afterwards she met Jorge.

He fell in love with her blond tresses, her charming profile and her large hazel eyes.... At first she did not find him attractive; she

did not like men with beards. Afterwards she noticed that Jorge's beard was fine and silky; and she began to find a certain charm and sweetness in his glance. Without being in love with him, she felt when with him a languor and abandonment, as if she could be content to rest forever on his bosom, careless of what the future might bring. What joy when he said to her, "Let us get married!" He had caught her hand in his; that warm pressure penetrated to her innermost soul and pervaded her whole being. She answered "Yes," and then remained silent unable to add another word, but with her heart beating violently under the bodice of her merino gown.

They had been married now for three years. "What happy years!... Both were happy. Even those who did not know them said, "They are a charming couple; it is a pleasure only to look at them!"

In the opening chapters we have a glimpse of the pleasant home, and the confidence and affection between the two. But Jorge is called away from Lisbon on business, and Luiza is left alone. Unaccustomed to solitude, she is a prey to loneliness and *ennui*. She misses Jorge at every turn, "his loud ring at the bell, his step in the hall." And at night, unable to sleep, she is beset with vague terrors and agitation. At this juncture, as fate wills it, Bazilio, after an absence of many years, reappears in Lisbon. In search of some distraction to while away the tedium of his stay in the dull capital, he puts himself on the traces of his pretty cousin, whom he finds more adorable than ever. Her doom is sealed from the first. He makes ardent love to her, convinces her of his constancy and that a cruel destiny has separated them, plays upon every string of her overwrought sensibility, and steeps her in the atmosphere that she loves—the very breath and incense of passion. She is like a bird, spellbound under the eye of the serpent, not even struggling to be free. Her will-power has departed from her, her reason is benumbed and she moves as if in a dream, irresistibly drawn towards something, she knows not what, marvelous and undefined. The memory of husband fades; he seems so far away. All the facts and duties of life lose outline and distinctness in the ambrosial mist in which the whole world is wrapped and where she herself is finally lost.

The awakening is a rude one. Her secret is discovered by a servant who has an enmity to her. She offers to fly with Bazilio, who shows himself now in his true colors, despicable and heartless. Bored by her importunity and by the stupidity and vulgarity of the whole affair, he escapes from Lisbon and leaves her to her fate. And what a fate! The lover goes scot-free, and upon this frail, almost irresponsible creature falls the whole deadly weight of sin. Her husband returns and her heart goes out to him, her

whole being yearns toward him. Never did she love him so well, never did he seem to her so worthy to be loved. But there is a sting and poison in it all. Wild thoughts come into her brain—that he is going to kill her, and that she must run away and hide herself. A dark shadow is always threatening and pursuing her. The servant, Juliana, hounds her footsteps. Her daily life becomes a torture, and inconceivable humiliation and disgrace, until her strength succumbs and she falls ill. A letter arrives from Bazilio which her husband opens. He confronts her with it. The shock goes to her brain and she does not recover. The death-scene is a masterpiece, imbued with emotion, remorse, anguish, expiation, forgiveness, and love that endures and triumphs at the end.

We have chosen to analyze the drama without regard to the methods and plan, which, in our judgment, to a great extent vitiate and vulgarize the whole work. The persecution of the servant, the “laundry-work” to which Luiza descends, is altogether unworthy of the situation. However deeply Juliana may be constructed, she is a monstrosity with which we have no human affiliation. The minor characters are well drawn, with a dash of humor that relieves the book, and the translation reads so smoothly as scarcely to seem a translation at all (volume 11, pages 205-06).

An advertisement in the June 22 issue of *The Literary World* quotes from *The Critic* review to the effect that *Dragon’s Teeth* is “a powerful and dramatic story, with vivid local color, delicate touches of naturalism and art.” In the same advertisement the writer Louise Chandler Moulton is also quoted from what can be assumed to be a review in an unnamed periodical or newspaper recommending: “This tragic and powerful tale. As a piece of literary art it is equal to Balzac at his best” (volume 20, page 1). This advertisement also appears in the *Book Buyer*, 6 (May 1, 1889), 153, a journal that had listed *Dragon’s Teeth* under “Books of the Month,” 6 (May 1, 1889), page 3. The book was also listed as published in the *American Bookseller* (New York), 25 (May 1, 1889), page 171. The *New York Evening Telegram* noted on May 10 that “*Dragon’s Teeth*, a novel from the Portuguese, by Mary J. Serrano, presents a graphic picture of Lisbon life. The translator has softened here and there a line too sharply drawn, but the interest of the story has remained untouched. Eca [sic] de Queiros stands at the head of the list of Portuguese novelists.” (page 7.)

There were several other notable reviews of *Dragon’s Teeth*. On May 16 the *Christian Union*, a journal published in New York, reviewed the book favorably, though balking at what it considered to be its extreme realism:

One of the most successful works of the Portuguese novelist, Eça de Queiros, has been translated by Mary J. Serrano under the title *Dragon's Teeth*. Its subject is a disagreeable one, the story being that of the temptation, ruin, disgrace, and death of a beautiful young married woman. While it must be admitted that the ethical motive is a good one, and that the truth that "the wages of sin is death" is most forcibly illustrated, yet there is a certain brutality in the realism which is repellent. The translator tells us in her preface that she has very considerably softened the original to suit the taste of English readers, but the treatment is still occasionally too broad. It may also be said, in way of criticism, that the character of the wicked servant whose greed and malignity bring about her mistress's death is so intensely drawn as to be almost unnatural. Apart from these faults the novel is one of marked vigor and originality, strong both in humor and pathos, and giving some agreeable glimpses of Spanish domestic and social life. In this respect it reminds one a little of Valdés's charming story, *Marquis of Peñalta*, to which, however, the present book is inferior (volume 39, page 638).

In June the *Catholic World* weighed in, preaching as it goes along, turning the review into an unidentified scold's harangue:

"There are no wicked women, Senhora; it is the men who are wicked," says Sebastião, in *Dragon's Teeth*, to the faithless wife of his friend. The novel is the work of Senhor Eça de Queiros [sic], who, according to his translator, "stands at the head of the list of Portuguese novelists." The masculine monopoly of wickedness being so obligingly claimed by "one of themselves," it seems a good deal of a pity that the efforts of male novelists of every tongue to justify the claim, should so often find facile and complaisant feminine pens ready to enlarge the sphere of their noxious activity. It is a woman, Miss Katharine Prescott Wormely, who is putting Balzac into flexible and talking English for Roberts Brothers. And it is another woman, Mary J. Serrano, who explains, in the brief preface to *Dragon's Teeth*, that she "has assumed the responsibility of softening here and there, and even of at times effacing, a line too sharply drawn, a light or a shadow too strongly marked to please a taste that has been largely formed on Puritan[ic] models, convinced ... that while the interest of the story itself remains undiminished, the ethical purpose of the work will thereby be given wider scope." One feels puzzled to know just what manner of "ethical purpose" the average American woman would be likely to discover in this history of mere, vulgar intrigue, nowhere digni-

fied with even the least pretense of any feeling worthy the sacred name of love. Is it necessary to instruct married women “formed on puritan[ic] models,” that if they yield to vanity, caprice, and laziness, if they feed their imaginations on corrupt novels, and then drift into vice rather because there is nothing to hinder their descent than because there is any active force to propel them downwards, it is they who will have to bear finally the heaviest end of the log of retribution? If there is any other lesson taught to women by this novel, we have failed to find it; while as to the “wicked sex” to which Senhor de Quieros [sic] belongs, his most serious and searching advice to them would seem to be that the only safe plan for the husband of a pretty young woman, be she never so virtuous and loving, is never to risk a prolonged absence from the domestic hearth except in her company. The Portuguese novelist shows his close and admiring study of Balzac both in the matter and the manner of his story. The latter is especially clever; but though he is a skilful manipulator, he nowhere gives evidence of the elevation of sentiment and real power which often distinguish his master. We take leave to doubt the accuracy of the translator’s remark that *Dragon’s Teeth* is a “graphic picture of Lisbon life.” Lisbon is a large place, and here and there within its boundaries one must believe, in spite of negative testimony, that there must be a sprinkling of Christian people, sensitive to other motives of action than those supplied by their fleshly appetites. This novel suggests rather what life might be in a perfectly appointed menagerie of selected simian types, kept and described by a hopeful evolutionist in search of the missing link. There is neither religion nor any sense of purely human duty in it, and hence, of love there is nothing but its animal counterpart and ape-like imitation. What higher claim it has to be classed as art than the cleverly illustrated catalogue of such a museum of natural history would have, we fail to see, as also how it could better serve any “ethical purpose” (“Talk About New Books,” volume 49, pages 402-03).

The considerably shorter notice in the June *Atlantic Monthly* also expressed its disapproval of Eça’s novel, though less stridently so:

Although the translator puts her name only on the title-page, she is not wholly unjust to her author, for she gives due credit to Eça de Queiros in a brief introductory note. One enters a Portuguese novel with some hopefulness, but when he comes out of this one he is bound to confess that the Portuguese variety of human nature offers no great surprise or specially new pleasure. There is the same cousin who interferes between man and wife [as

in a novel mentioned earlier]. The flavor of the book is foreign, but that is all (volume 63, page 859).

On June 10 the *Hartford Courant* published a lengthy notice:

Dragon's Teeth, translated from the Portuguese of Eca de Queiros by Mary J. Serrano, is a powerful dramatic story of passion, weakness and sin. The heroine, Luiza, is a true child of the South, pleasing, loving, excitable and easily ennuid. Before her marriage she had been loved and speedily forgotten by her handsome cousin Bazilio. Three years after she met Jorge.

We quote a passage to show why she succumbed to his affections:—

He fell in love with her blond tresses, her charming profile and her large hazel eyes... At first she did not find him attractive; she did not like men with beards, Afterwards she noticed that Jorge's beard was fine and silky; and she began to find a certain charm and sweetness in his glance. Without being in love with him, she felt when with him a languor and abandonment, as if she could be content to rest forever on his bosom, careless of what the future might bring. What joy when he said to her, "Let us get married!" He had caught her hand in his; that warm pressure penetrated to her innermost soul and pervaded her whole being. "Yes," and then remained silent unable to add another word, but with her heart beating violently under the bodice of her marino gown.

Three happy years of married life followed, but her husband was called away on a journey which promised to last many weeks. For a while *Luiza*, unaccustomed to solitude, missed and mourned him: excessive ennui followed. She was as dependent on admiration and caresses as a pet kitten on being fondled and noticed. Suddenly the old lover, *Bazilio*, returned from Brazil, where he had resided for many years. He, too, sought distraction, and found it in the pretty cousin, whom more than ever, now that she was buried, he fancied adorable. The memory of *Jorge* day by day grew fainter, until it was utterly effaced by the presence of *Bazilio*. Suddenly her secret is discovered by *Juliana*, a servant who hates her. She offers to fly with her cousin, but he already tired of her, and bored by her entreaties, rushes off to Lisbon, and leaves her to her fate. The pretty frail creature, as defenceless and almost as irresponsible as a bird in a storm flutters to and fro in agony till her husband's return; then flies straight to his kind arms. Content to be soothed and taken care of. In her perfect peace, she loves him with a passionate ardor that she had never before known, but the woman *Juliana* is

hounding her footsteps. Little by little she drives her mistress to a feverish anguish. She is going to tell him, to-night, to-morrow, no moment is safe, and she *Luiza* will be cast out, or perhaps in his fury murdered. There are days of such restless foreboding; her strength fails, she falls ill. A letter addressed to her comes from *Bazilio*, her husband opens it and learns all the awful story. But he does not at once take it to her. He delays a week. During that time he is like one in a dream. He does not let her suspect that he knows any thing. He tends her night and day, he caresses and soothes her, and there are moments when his love bids him forgive her. At last he enters her little flower decked room where she is lying on the white bed, and hands her the letter. Poor *Luiza*! She raises her white hands to her head and falls over smitten down. The death scene, like every other incident in the book is minutely told, so minutely that we wonder that we do not find it tedious. But this is a master's hand and we linger with him, with a feverish anxiety, over the bed from which we know the pretty useless creature will never rise. The last moments are a triumph of pardoning love but from the beginning the reader is not deceived as to *Luiza's* fate. Before him always is the figure of remorseless justice pursuing the flying criminal. Our interest in the plot is the interest the scientist takes in dissecting a dead body. He knows that the knowledge thus acquired will not revive the subject, but he is gratified in his curiosity to know how the disease conquered life. The reader who looks in "Dragon's Teeth" for local color will be disappointed. The American or Englishman who writes a Portuguese novel will be careful to put in color as an essential. But this is a study of human nature, and like most great dramas of human life, could as well have been played in any other part of the world. (page 3)

On June 28, the *Buffalo Morning Express* belatedly listed *Dragon's Teeth* under "New Books" (page 1). On August 4 the *New York Times* published a somewhat dismissive notice of *Dragon's Teeth*:

This romance of de Queiros's treats of Lisbon and of Jorge the engineer, his frail wife *Luiza*, and the machinations of *Bazilio*, *Luiza's* cousin. There is a tragic conclusion to the novel. How could it be otherwise, that being strictly within the shade a true Portuguese coloring would give it? It is the country where the people eat codfish and drink *Collares*. The translator writes that some of the crudeness of the original has been softened. We could hardly, without being overnice, make a character comic suffering from flatulent dyspepsia. The essential merits of *Dragons' Teeth* are hard to discover. We are not well enough acquainted with Portuguese realism (page 12).

The Kansas newspaper *Wichita Eagle*, noted on August 21 ("Literary Lights," p. 3), that "Senhor Eca [sic] de Queiroz, Portuguese, is thought to be a really great novelist. His best work, 'O Primo Basilio,' has made considerable sensation in England under a translation entitled 'Dragons' Teeth.'" *The Nation*, which had listed *Dragon's Teeth* under "Books of the Week" on April 4 (volume 48, page 294), published, on August 29, its thoughtful review, comparing the book with Tolstoy's *Anna Karenina*:

Dragon's Teeth is aptly described in the translator's preface as a "graphic picture of Lisbon life." There is a double fitness in this characterization, since the story of sin and sorrow which is here set down with coarse, unrelenting minuteness leaves one impressed rather with the description of life and manners in modern Lisbon than with the profoundness of the tragedy. One involuntarily compares the novel with *Anna Karénina*, where the leading motive is the same, but where the book is closed with a supreme sense of the moral aspect of the story, in spite of there being, as in the Portuguese version, so much to divert the mind of the American reader into a survey of foreign ways of living and thinking. In *Dragon's Teeth* the march of fate is no less terrible, nor is there anything more impressive in either book than the grim flippancy of the final chapter; but the dignity as well as the scope of the Russian novel are wanting.

The crudity of civilization in the Portuguese capital and the low tone of middle-class society make a dreary and repulsive picture, in truth. There is but one character in the book for whom anything like admiration can be felt—Sebastian, the friend of the betrayed husband. The rest are admirably drawn types, but types of ignorance, weakness, or depravity. A pompous counselor is excellently presented; so, too, is the real heroine of the story, the serving woman Juliana, a malignant and revengeful fiend, described with an unsparing pen that might have been dipped in Balzac's inkstand. The empire of this woman over the mistress whose secret she holds, forms the subject of the cleverest and most original scenes in the book. That the whole is the work of an artist in realism is easily conceded. It is another question whether as disagreeable realism as this is the best friend of truth, and not rather of that pessimism which, according to Jules Lemaitre, is "perhaps a fact, but which is none the less in the wrong, and which besides becomes disagreeable and common" ("Recent Novels," volume 49, page 175).

On September 2 the New York *Evening Post* reprinted the *Nation's* review (page 6).

Notably, at an earlier date (July 14) the *Times's* London correspondent, the American Harold Frederic (now remembered as the author of *The Damnation of Theron Ware* and *The Marketplace*) ended his "Cable Communication" from London with a jab at the English, using the translation of Eça's novel as his pretext:

The *Academy* devotes nearly two entire pages to a eulogistic review of *Dragons' Teeth*, a great novel from the Portuguese, translated in America by Miss Serrano and published by Ticknor & Co. It does not mention, however, that America steadily produces ten good translations of valuable Continental books to every one made here in England, and that great numbers of authors like Franzos, Ebers, Heyse, Freytag, and Galdos are well known there whose names have scarcely been heard in England ("Will Parnell Withdraw," page 3).

Frederic's paragraph was picked up by *The Literary World* and reprinted without comment on August 17 ("News and Notes," volume 20, page 278). It also noted, in a separate item, that "the London *Academy* for July 13 devotes nearly two pages to a eulogistic review of *Dragons' Teeth*, the great novel from the Portuguese" (page 279).

Incidentally, indicative, perhaps, of increasing American knowledge of Eça de Queirós is the paragraph in the May issue of *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*:

A forthcoming literary and scientific magazine, to be entitled *Revista de Portugal*, is looked forward to in intellectual circles in Lisbon with considerable interest. It will probably represent the more advanced critical views of Modern Portugal, the editor being Senhor Eça de Queiroz, a novelist of the ultra-realistic school, and distinctly a man of genius ("Foreign and Art Notes," volume 49, page 718).

By the summer of 1889 journal references to *Dragon's Teeth* had petered out. There are no reports of reprintings or new editions. Yet there is one notable exception. In "Who is to Blame" (*The Independent* [July 18, 1889], volume 41, page 1) the well-known writer from Indiana, Maurice Thompson, scored American reviewers for what he considered to be their enthusiastic reception in America of Eça's novel (never named), along with *Anna Karenina* and the works of Emile Zola—European

works of adultery and moral turpitude. "Looking over American criticism for a few years past, it is startling to note that of the novels approved by it as masterpieces, every one has been immoral in its bearing, and all those most insistently praised have been novels whose central attraction was illicit love," he notes. "One Spanish novel, one Portuguese novel and two Russian novels had led the procession, each with its burden of guilty passion depicted so minutely that no detail of unholy pining and desire was wanting, and each found applause and welcome from even religious (Christian?) journals, whose columns would have been defiled forever if those same novels had been printed therein." The attack does not abate, as he calls those foreign works "masterpieces of adultery made interesting," these "novels of dirty intrigue and marital infidelity," "incomparable Russian or Spanish or Portuguese photographs of lust and infidelity, gilded with a pretense of moral teaching." Interestingly, two years later, in 1891, on the occasion of the publication of Júlio Dinis's *Os Fidalgos da Casa Mourisca* in Roxana L. Dabney's translation, *Dragon's Teeth* was again recalled, this time as an example of "the splendors of Portuguese fiction." In his "Boston Letter" to *The Critic* on March 21 Nathan Haskell Dole wrote:

About three years ago, in a note to Mr. [William Dean] Howells, I predicted that the next great literature to be exploited would be the Portuguese. Unknown to outsiders, that little out-of-the-way corner of the world, Portugal, has of late years developed a remarkable number of powerful novelists.... It looks now as though the splendors of Portuguese fiction had already begun. *Dragon's Teeth*, translated by Mrs. Serrano, was the first, if I mistake not; since then there have been several, and the latest edition [*The Fidalgos of Casa Mourisca*] is such a delightfully fresh and wholesome book—not on especially original lines, but with a wonderfully realistic atmosphere, if I may so speak—that it ought to be a precursor to a long list (volume 15, page 155)

Later Dole provides his own list of "Portuguese novels that deserve attention." "I may mention," he writes (the mistitles and misspellings are his), "*A Reliquia*, by Eça de Queiros, *O Primo Brazilio*, *O Crima do Padre Amaro*, and a dozen other stories by Teofilo Braga, Oliviera Martins, Antero de Quental, Tomás Ribiero, and others." He "prognosticate[s] that many of these will be transferred to English before long" (page 156). Dole's observations were picked up by *Current Literature* in May 1891 (volume 7, pages 156-57).

In 1895 the Serrano translation of *O Primo Basilio* re-emerged on its publisher's list. On 9 March, with Ticknor's backlist now absorbed by Houghton Mifflin—an acquisition that occurred just about one month after Ticknor had issued *Dragon's Teeth* in March 1889—Eça's novel was reissued in the Riverside Paper series at 50 cents ("News and Notes," *The Literary World*, volume 26, page 79). On the same day *The Literary World* (page 66) carried an advertisement for *Dragon's Teeth*, as did *The Dial* a week later (March 16, volume 18, page 196). In April the book appeared on *The Bookman's* "List of Books Published During the Month" (volume 1, page 211). It could hardly have been expected, of course, that in its new 50 cent, paper form *Dragon's Teeth* would attract many, if any reviews, and it did not. In 1896 the book was reprinted in New York by R. F. Fenno & Co. The only known copy of this reprint is at the University of Minnesota.

In 1898, the war in Cuba and Puerto Rico prompted the *New York Times* to publish "Spain, History and Description," a list of books, recommending, under fiction, two Portuguese novels, *The Hidalgos* [sic] of *Casa Mourisca* and *Dragon's Teeth*—the latter of which is described as being about "Modern Life in Portugal" (April 23, 1898, page BR274. Two years later, on October 6, 1900, the Serrano translation was mentioned in the *New York Times* when the paper of record took notice of Eça de Queirós' death in France ("Books and Authors," page BR8). The paragraph it devoted to the matter was lifted, without acknowledgement, from the September 22 issue of the London *Athenæum* (W. H., "Senhor d'Eça de Queiroz," no. 3804, page 386). Only the first sentence was original to the *Times*:

Even the diligent reader of book notes might fail to detect that there was such a thing as a distinctive Portuguese literature—one which had, withal, proved a rather valuable mine for certain English writers who happened to know the language. What is generally admitted in Portugal as the most eminent novelist of that country has just passed away at Neuilly, near Paris, bearing the name of Senhor J. M. d'Eça de Queiroz. His first work of any note, *O Primo Basilio*, 1878, remains his greatest. It has been translated into French under the title *Cousin Basile*, by Mme. Ratazzi; into German as *Eine wie Tausend*, and into English for Ticknor of Boston, in 1889, by M. J. Serrano, under the title of *The Dragon's Teeth*. This study of Lisbon life certainly proves him a powerful artist in realism—a style which he practically introduced into Portugal. *O Mandarin* [sic] appeared in 1880, and ran into more than one edition; and his other publications included *Scenas* [sic] *da Vida Devota* [*O Crime do Padre Amaro*], 1880, *A Reliquia*,

a dream study of the passion, 1887; *Os Maias*, or *Episodios da Vida Romantica*, in two volumes, 1888, being a pungent attack on Portuguese society. He was for some time director of the *Revista de Portugal*. At the time of his death he was Consul General for Portugal at Paris, and resided at 35 Rue de Berri. In addition to his own books he had an amiable weakness for writing prefaces to those of other people. He performed this task for the *Aquarellas* of João Deniz, 1889; for the *Azulejos* of Pinheiro Pindellas, 1896, and also for the *Almanach Encyclopedico*, 1895 (page BR8).

(It is notable, too, in regard to Eça's presence in the American press, that "Prophetic View of the Kaiser Written 23 Years Ago," a translation of Eça's essay from *A Capital* in 1891, was reprinted in the *New York Times* on January 3, 1915 (page SM5). It was first printed in the *London Times*, as was duly noted in the American newspaper. A follow-up article in the *New York Times*, "Was Kaiser's Divine Right Bought?"—taken from Professor Christian Gauss's book *The German Emperor as Shown in His Public Utterances*—draws on Eça's analysis [February 14, 1915, pages SM910]. Also of interest is "A British Pathologist's Analysis of Mono-Ideism as the cause of the World Crisis" [*Current Opinion*, volume 58, February 1915, pages 105-06], which concludes by quoting from Eça's essay on the Kaiser.)

Over the years *Dragon's Teeth* was pretty much forgotten. One critic, Ernest Boyd, used the occasion of the publication of Aubrey Bell's translation of Queiros' *A Reliquia* in 1925, to complain that up to that point only such atypical works of Eça's as *Perfection*, *The Sweet Miracle*, and *Our Lady of the Pillar* had been translated into English. "Nobody observing the succession of these little books would guess that Eça de Queiroz is the outstanding figure in contemporary Portuguese fiction, although he died in 1900," wrote Boyd (*Studies from Ten Literatures* [New York: Scribners, 1925], page 190). But he, too, took pains to run down *O Primo Basilio* in terms that were mild echoes of Maurice Thompson's attack thirty-six years earlier:

O Primo Basilio, which is highly esteemed by Portuguese critics as "a masterly, almost perfect book," is actually nothing more than an average specimen of the French Naturalistic school, and Cousin Basilio might have been a creation of Maupassant's, in a Portuguese setting, a more restricted *Bel Ami*. But whereas Maupassant's sensual imagination does not really exceed the limits of Anglo-Saxon decorum, in this book Eça de Queiroz does not shrink from refinements of eroticism worthy of Zola, or rather d'Annunzio, for he is not so crude in his perverse allusions (page 194).

If Boyd had no knowledge of the existence of *Dragon's Teeth*, the fact that Mary J. Serrano had once translated *O Primo Basilio* was not entirely lost in time, for it surfaced in 1953. When announcing the publication of *Cousin Bazilio*, in Roy Campbell's translation, the *New York Times* noted that "fifty years ago" Eça's novel had "appeared here in an expurgated edition under the title *Dragon's Teeth*" (October 5, page 25).

In 1972 Greenwood Press issued a reprint of *Dragon's Teeth*. Currently the book is available as a "Book-On-Demand Reprint," reprinted from microfilm of the original 1889 text.

Os Fidalgos da Casa Mourisca

During her lifetime the American Julia Parker Dabney was the acknowledged artist and best-known writer in the Dabney family that for over a century maintained a presence in the Azores, principally on the island of Fayal. Yet it was not Julia Dabney but Roxana Lewis Dabney (1827-1913) who undertook the daunting task of compiling three volumes of the *Annals of the Dabney Family in Fayal* (Boston: Alfred Mudge and Son, n. d.), beginning her work in 1880 and not reaching its conclusion until the turn of the twentieth century. This work was not translated into Portuguese until a century later when it appeared as *Anais da Família Dabney no Faial* (Horta: Instituto Açoriano de Cultura e do Núcleo Cultural da Horta, 2005). What the Dabneys meant to the Azores throughout the nineteenth century is stated succinctly by Francisco Cota Fagundes, in his introduction to *Stormy Isles: An Azorean Tale* (a translation, published by Gávea-Brown in 1998, of Vitorino Nemésio's *Mau Tempo no Canal*): "The Dabney family of Boston, American consuls and ships' agents from beginning to end of the last century—in addition to being philanthropists and true friends of the Azores—invested a significant portion of their wealth in the construction of attractive little palaces and generally raised the cultural level of the island. They were responsible for introducing the coastal-whaling industry in the Azores" (page xxii).

Given Roxana Dabney's keen interest in setting down the details and course of her family's largely Portuguese history, it seems fitting that she complemented her work on the *Annals* with two published translations. Her first try, in 1867, was a Portuguese version of Mary Botham Howitt's *Strive and Thrive: A Tale as Quem Trabalha Tem Alfaias* (Lisboa: T. Quintino Antunes, 1867), a children's book that tells the story of "a family, suddenly reduced from competence to poverty, and of the

manner in which the reverse is borne by the different members.” *Strive and Thrive* was “trazudido em vulgar por uma senhora,” it is stated on the title-page, but the “senhora” goes nameless. A notation on the catalogue entry for the copy in the Widener Library, Harvard University, Cambridge, Massachusetts indicates that the “translation is attributed to Roxana Lewis Dabney.”

Roxana Dabney’s second translation was a version, into English this time, of *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, Júlio Diniz’s fictional family saga, published as *The Fidalgos of the Casa Mourisca* in 1891. Dabney prefaces her translation of Diniz’s novel with an account of the author’s life and literary reputation:

Joaquim Guilherme Gomes Coelho was born in Oporto in 1839. In 1856 he matriculated in the Medico-Surgical School, from which he graduated with honors in 1861. His over-sensitive nature, aggravated, undoubtedly, by the fatal malady which even in his student days caused him much suffering, prevented him from ever practicing his profession. Two of his brothers had died of the same—pulmonary consumption—which may have accounted for the sadness of his first verses, published in 1860, under the pseudonym of “Júlio Diniz.” In 1861-62 he published his first novel, “An English Family,” and from that period until his death, in 1871, he published various tales and romances—mostly of village life—which were highly appreciated, not only for their intrinsic worth, but because they offered a certain novelty to the Portuguese public, nationalizing, as it were, the modern British romance, unknown in Portugal up to that period.

He has been criticised by some of his countrymen for his too great admiration for that school, but foremost among his admirers stands the great Alexandre Herculano; and two of his romances have been dramatized, and are among the Standard Plays of Portugal; the *Rector’s Pupils*, and the *Fidalgos of Casa Mourisca*. This last he wrote in Madeira, in two successive winters, in which he vainly sought for relief from the disease with which he so manfully wrestled. It was while correcting the proof sheets of the *Fidalgos* that he finally gave up the battle—September 12, 1871. One of his contemporaries writes: “The soul of Gomes Coelho was as pure and ingenuous as the scenes he so delicately depicts. His spirit is embodied in his works and will live as long as we know how to appreciate the beautiful in art” (pages iii-iv).

On March 6 the *New York Times* listed *The Fidalgos of Casa Mourisca* under “Books Received,” and on 14 March, both *The*

Dial (Chicago) and the *New-York Daily Tribune* listed it under, respectively, "Publications Received" (volume 15, page 148) and "Books of the Week" (page 8). A week later, in his "Boston Letter" to *The Critic* (New York), Nathan Haskell Dole devoted several paragraphs to the book and its translator, along with a prediction about the future for the publication of Portuguese literature in America:

About three years ago, in a note to Mr. [William Dean] Howells, I predicted that the next great literature to be exploited would be the Portuguese. Unknown to outsiders, that little out-of-the-way corner of the world, Portugal, has of late years developed a remarkable number of powerful novelists. Then there is the great empire of Brazil,—now a republic,—with its own tremendous problems of emancipation and revolution, both worked out peacefully and without bloodshed. Such epoch-making changes have an influence on literature, and the crop of writers which has been springing up during the past decade will be reinforced in the ten years to come.

It looks now as though the awakening to the splendors of Portuguese fiction had already begun. *Dragon's Teeth*, translated by Mrs. Serrano, was the first, if I mistake not; since then there have been several, and the latest edition is such a delightfully fresh and wholesome book—not on especially original lines, but with a wonderfully realistic atmosphere. If I may so speak—that it ought to be a precursor to a long list. I refer to Miss Roxana L. Dabney's translation of Coelho's *The Fidalgos of Casa Mourisca*, a work which has been dramatised and is a stand play in Portugal. The Dabneys have long been identified with Portuguese Fayal. Miss Dabney's grandfather, her father, and now her brother have successively acted as United States Consul at Fayal. Through Mr. Hastings Hughes, brother of "Tom" Hughes, I learn that Mr. Dabney's father was one of the most unselfish American patriots during the Civil War. In order to prevent blockade-running of the Southern ports he bought up the entire coal supply of Fayal, and refused to sell to Confederate cruisers, thereby incurring the enmity of Capt. Sumner of the Alabama, and obliging himself to sail his ship Azores under the British flag and a different name. This same ship carried free the full freight of coin sent to Fayal by Boston philanthropists during the famine there twenty years ago. By such acts Mr. Dabney made his name dear to every peasant on the island.

Miss Dabney, to whom Portuguese is almost a native tongue, and who is familiar with Portuguese habits and customs, makes an admirable interpreter for "Júlio Diniz," as Senhor Coelho calls himself. Her English is simple and fluent, though not with-

out a certain touch of quaintness which only adds to its charm.

But there are many more Portuguese novels that deserve attention: I may mention *A Reliquia*, by Eça de Queiros, *O Primo Brazilio*, *O Crima do Padre Amaro*, and a dozen other stories by Teofilo Braga, Oliviera Martins, Antero de Quental, Tomás Ribiero, and others. I prognosticate that many of these will be transferred to English before long. D. Lothrop Co. are much pleased with Miss Dabney's work" (volume 15, pages 155-56).

Several observations about Dole's remarks are in order. Obviously he does not know that *Dragon's Teeth* was the title given to Mary J. Serrano's translation of Eça de Queirós's novel *O Primo Basílio*, published by Ticknor in Boston in 1889. As for the statement that there were translations of several other Portuguese novels published in America between 1889—when *Dragon's Teeth* appeared—and 1891—when *The Fidalgos of Casa Mourisca* was published, there were, to the best of my knowledge, no English-language versions of any other Portuguese novels published in the United States. Too obvious to be singled out and named, moreover, are the mistakes Dole makes in setting down the names of Portuguese writers and the titles of their books are obvious and need not be singled out.

On March 23 the *Philadelphia Inquirer* published a review of the Dabney translation titled "Charming Portuguese Romance":

D. Lothrop Company, the Boston publishers, are to be congratulated in finding the very charming Portuguese romance, "The Fidalgos of Casa Mourisca," by Júlio Diniz, the English translation being made by Roxana L. Dabney. "Júlio Diniz" was the pen name of Joaquim Guilherme Gomes Coelho, who was born at Oporto in 1830. He studied medicine, graduating in 1861, and died in 1871 of consumption. He died, in fact, while correcting the proof sheets of this novel now introduced to American readers. Several of his romances have been dramatized, and have a permanent place upon the Portuguese stage. The present novel, it is evident, readily lends itself to dramatization, it being one of the author's agreeable methods not to linger long enough upon a situation or episode to exhaust its interest. He passes swiftly, almost simply from one episode to another. "The Fidalgos" is a pastoral romance, an idyll of Portuguese country life. The old Portuguese aristocrat is portrayed in Don Luiz; the change from the old order to the new, after the revolution and the constitution granted by Don Pedro, is illustrated in his son Jorge, who, with the assistance of the farmer Thome, restores the family estates by the earnest study and industrious practice of agriculture. The love between Jorge and the

beautiful Bertha, daughter of Thome, culminates, in spite of family pride and prejudice, in the union of the old order and the new.

"The Fidalgos" is a first and easy lesson in democracy for the Spanish aristocrat.

To the American reader, aside from the charm of a simple and unaffected love narrative, it is interesting because it portrays the strength of the caste feeling in Portugal and Portuguese rural life. It is a genuine romance, without, we had almost said, being romantic, if such thing can be. (page 8)

On March 26, under "Books Received," the *Christian Union* (New York) listed *The Fidalgos of Casa Mourisca* (volume 43, page 416). Two days later Diniz's novel was reviewed in *The Literary World* (Boston):

Roxana L. Dabney has done good service to novel readers in translating this story by Joaquin G. G. Coelho, whose *no de guerre* was Júlio Dinos [sic]. Delicate and simple in his literary tastes, he depicted the village life of his country as it might be if English industry conquered Portuguese pride of ancestry and indolence. His emphasis on character in opposition to rank was delightful to the middle-class people of his land, who regarded his novels as harbingers of equality. The directness and vivacity of this tale remind the reader of Jane Austen, and there is sufficient plot to offset the prosy conversations; these, however, are always short. The book treats a life so different from our own that it well repays perusal (volume 22, page 111).

On March 30 *The Fidalgos of Casa Mourisca* was favorably reviewed under "New Novels" in the *New-York Daily Tribune*:

The Fidalgos of Casa Mourisca is a Portuguese novel, written twenty years ago by Gomes Colebo [sic], a popular author in his own country, under the nom-de-plume of Julia [sic] Diniz. It introduces us to quite a new field of fiction. On the one hand we find a class of ancient nobles, whose obstinate adherence to feudal ideas has thrown them back upon themselves, ruined their estates, and left them only pride and poverty; on the other hand is shown the new Portugal, based on thrift, energy and sense, which is rapidly transferring the wealth and influence of the Nation to a young generation having no claims of blood, but a very hearty faith in self-help and liberal doctrines. The principal characters here are an old, proud and impecunious fidalgo and his sons, and a prosperous former retainer of the decayed nobleman, who has risen while his old master was sinking. Love plays an important part in the

story, and in the end acts as a universal solvent. The author writes well and strongly, and invests the unfamiliar scenery and action with an interest sufficient to overcome this strangeness. It is evidently drawn from and to the life, and it proves that Portuguese fiction in its higher rank has no apologies to make or allowances to claim in competing with the literature of other countries (page 30).

An advertisement in *The Nation* (New York) on April 9 quotes the *Brooklyn Times* to the effect that *The Fidalgos of Casa Mourisca* "can be read with interest alike for the story's sake, the refined manner of its telling, and the fact that it is one of the first and one of the best of modern Portuguese romances introduced to American readers" (volume 52, page iv). *The Nation* had listed the novel as one of its "Books of the Week" on March 26 (page 272). On April 11, under "News and Notes," *The Literary World* reported that the father of Miss Dabney, the book's translator, was the Consul of Fayal, "who gave free freight in his vessel to the cargo of corn sent by Boston friends during the famine" and who, during the Civil War helped to "prevent blockade-running" (volume 22, page 133).

On April 25 *The Literary World* ran Lothrop's advertisement for *The Fidalgos of Casa Mourisca*, quoting from *The Literary World's* own review of March 28: "The directness and vivacity of this tale remind me of Jane Austen" (volume 22, page 150), as well as the publisher's own puff: "In Portuguese literature we have a new and unexplored field, and the very freshness and novelty lend zest to the reader. *The Fidalgos of Casa Mourisca* presents in most attractive form the best phases of Portuguese life, and shows the struggle between the old aristocratic ideas that formerly held sway and the progress of modern thought" (volume 22, page 150).

In May, under "Brief Comment: Literary Doings," *Current Literature* alluded to Nathan Haskell Dole's prediction of "a speedy exploitation of Portuguese literature by translators" (volume 7, pages 156-57). On May 3, the *Morning Olympian* (Olympia, Washington) published the following notice:

"The Fidalgos of Casa Mourisca," a pleasing love romance and an agreeable story, is translated by Roxana L. Dabney from the Portuguese of Gomes Coelho. This was the last novel of the author, who died 20 years ago at the age of 32. He admired the modern English fashion of story telling, and imitated and introduced it in his own country. He is better known, perhaps, under the pen name of "Júlio Diniz." The story is well calculated to interest American readers in the best phrase of Portuguese literature and can be read with interest alike for the story's sake, the refined

manner of its telling, and the fact that it is one of the first and one of the best of the modern Portuguese romances to be introduced to American readers (page 2).

On May 30, under "Recent Fiction," *The Critic* published a short review of *The Fidalgos of Casa Mourisca*:

Translated from the Portuguese of Joaquim Guilherme Gomes Coelho ("Júlio Diniz") by Roxana L. Dabney, is spoil for the English novel-reader taken from comparatively fresh territory. The story itself is one of provincial life amid the changing political and economic conditions of a half-century ago in Portugal. The love parts of it strike one as peculiarly unsophisticated, passion at first sight, and declaration almost, being as common as in a fairy story. The characters of Thomè, the farmer, and Don Luiz, the decayed nobleman, are drawn with the most distinctness. The translation, aside from some slight inconsistencies in the rendering of proper names and titles, appears to be thoroughly good. The reader will find in Mr. Dole's Boston letter in *The Critic* of March 21 some interesting facts about Miss Dabney, the translator (volume 15, page 286).

In "Recent Books of Fiction," an omnibus review in the June issue of *The Dial*, William Morton Payne wrote approvingly:

One more novel from the Iberian peninsula claims our attention, and directs it to a literature almost unknown to English readers,—that of Portugal. The name of Coelho is as unfamiliar as a name well can be, and yet, to judge from *The Fidalgos of Casa Mourisca*, it is one to conjure with. This work is a beautiful example of a type common enough in Continental fiction,—the type which aims to depict the conflict between conservatism and liberalism, between aristocracy and democracy, between old ideas and new. For the current of that Revolution which has swept away the old order of things in France and Italy, and which is fast sweeping it away in the Teutonic North, has not passed by the lands beyond the Pyrenees; and even Portugal, perhaps the last of European countries to feel the influence, has awakened to the consciousness that "God fulfils himself in many ways." But the course of the current there, as elsewhere, has not been unimpeded, and many a feudal custom, many a proud family, has long resisted the invading flood of the modern spirit. To describe such a family, with its characteristic modes of life and thought, was the task of Senhor Coelho in this story, as the title indicates, for "fidalgo" is obviously the Portuguese form of "hidalgo," and the term "Casa

Mourisca” is used in the sense in which Jules Sandreau made “La Maison de Penarvan,” the title of one of his most charming stories. Indeed, we have often been reminded of that work in reading Senhor Coelho’s novel. For the Portuguese romance has the same grace and simplicity of style, presents the same sort of ideals, and offers the same contrast between the aristocrat, on the one hand, and the industrious, self-made, self-respecting farmer, on the other. And in both stories alike, the younger generation puts an end to the estrangement of feeling characteristic of the elder, and the old spirit becomes wedded, both literally and symbolically, with the new (volume 12, pages 52-53).

Lothrop’s advertisement in *The Critic* for June 13 quoted from both *The Literary World* (“The directness and vivacity of this tale remind the reader of Jane Austen”) and the *Chicago Times* (“An example of the best modern Portuguese fiction very fluently and very cleverly Englished”) (volume 15, page 1). (The advertisement is repeated in *The Literary World* [November 21, 1891], volume 22, page 457.) *The Fidalgos of Casa Mourisca* was listed as one of “The Best Books of 1891” by *The Literary World* in its issue for January 2, 1892 (volume 23, page 8).

But its favorable reviews and its appearance on *The Literary World*’s year-end list did not bring Diniz’s novel an American success. It did not help, moreover, that its publisher, the D. Lothrop Company, according to the *New York Times* on January 6, 1894 (page 1), failed in the early days of January 1894. The fate of Roxana Dabney’s *Fidalgos of the Casa Mourisca* was to be entirely forgotten. But there were two exceptions. In 1898 it was one of two Portuguese novels (Eça’s *Dragon’s Teeth* was the other) recommended by the *New York Times* as useful reading to anyone interested in “Spain, History and Description” (April 23, page BR274); and in 1902 remaindered copies of the novel were being sold at New York City’s Wanamaker Store for twenty cents apiece (*New York Times*, September 16, page 4).

Appendix

The review mentioned by the American novelist and journalist Harold Frederic in his report from London for the *New York Times* was published in the July 13, 1889 issue of *The Academy* (volume 36, pages 15-16). Its author was Oswald Crawford (1834-1909). A diplomat with extended service in Lisbon, Crawford published three books about Portugal: *Travels in Portugal* (as “John Latouche”) (1875), *Portugal Old and New*

(1880) and *Round the Calendar in Portugal* (1890). Crawford's sympathetic review is especially remarkable for its willingness to distinguish Eça de Queiros's talents and achievement from those of the literary Naturalist Zola or his followers.

"A Portuguese Novel"

Dragon's Teeth. A Novel from the Portuguese of Senhor Eça de Queiroz, translated by Mary J. Serrano. (Boston: Ticknor; London: Trübner.)

If the "naturalists" go on much longer on their present lines, if they refuse to abate anything of the full rigour of their theories, they will go some way to push the novel out of sight and mind altogether, and let in that ancient enemy of the novel—the drama. No moderate-minded critic, indeed, can deny the great service that is being done to fiction by these realistic innovators—even by the most narrow and intolerant of them. It seems to me that they have done, and are doing, for literature what the Pre-Raphaelites did for painting. There is certainly a realistic Slough of Despond to be waded through before we can reach to firm ground beyond; and the novelist and his readers must do this penance and suffer this expiation for a good deal of weak, false, and over-sentimental fiction that has lately been in favour.

In the mud of this same Slough the weakling sticks, the strong man shall win through. For the present, therefore, we must put up with dirty ways and rough traveling; but there is a limit. There are, we all know, many honest, moderate, and intelligent readers whom no theorist shall ever persuade that the art of fiction is not something beyond a mere demonstration of the pessimistic theory of human life, and who will have it that a story should be something more than a photographic representation of the acts and deeds and motives and talk of commonplace mean-minded men and women. No argument, no mockery, no clever writing of realistic novels, with nothing unsavoury and disagreeable in life left out, shall persuade these moderate-minded readers and critics that fiction, rightly considered, is not an interpretation of life through art methods, rather than a minute reiteration of its meaner details. Such critics will never allow that the higher fiction is not a seizing of the essential and salient points rather than a conglomerate of everything. The Zolaists claim to know everything of the ways of this world, and to set down all they know; but, granting for argument's sake that they are omniscient, it may be urged that omniscience, recording all it knows, would achieve an absolutely unreadable novel, unreadable for length and monotony. The

Zolaists, to do them justice, have never gone quite so far as this. Their novels are not mere photographs. To a considerable extent they are, in spite of their author's theories, selections of salient points, often admirable presentments of life—of such life as has been passed through the mental alembic of men of undoubted literary talent. It is the alembic itself that there is some reason to quarrel with. It is the imperfect vision, the extraordinarily limited vision, that seems to those who do not accept all their methods, or perhaps share all their blindness, to vitiate their best work.

M. Zola and his disciples have treated all schools and all methods but their own with such contumely and contempt that it is difficult in our turn not to be contemptuous of their intolerance. To take but one point in the new doctrine—the Zolaistic abhorrence of the hero and the villain. Is it really a fact that there are no men who, in the drama of life, act atrociously, none who play their parts nobly and well? My personal experience is quite the other way, and I express it the more confidently because a chain of great men from Shakspeare to Victor Hugo are dead against M. Zola on this point. I absolutely refuse to believe that M. Zola and his young friends of the Paris Boulevards know more of life than Shakspeare and Molière, Dickens and Balzac. Everyone of these greater writers admits the existence of that neutral tint of meanness and self-seeking, which is the dominant colouring on the Zolaists' canvas, but everyone of them has shown that he is aware too of a soul of good in the world as well as a soul of evil. To make a true report of life they personify the one as a hero and the other as a villain.

Now, in examining the work of the great Portuguese novelist, Senhor Eça de Queiroz, it is well to bear this particular point in mind. The Portuguese novelist is a "naturalist" of the school of M. Zola, but he is hardly a follower. It will presently be shown how he has refused to accept this particular tenet and many others of his master. He is so extreme a realist that it would be easy in this very novel to pick out a passage or two that would, should, bring a blush to the cheek of M. Zola himself, if, since *La Terre*, that eminent writer has not got beyond this particular demonstration of emotion. This, the realists will say, is a performance to be proud of; but Senhor Eça's hardest critic will admit that in his pages, though he never shirks plain speech, there is never "Dirt for Dirt's Sake."

Dragon's Teeth is the translation into fair English of Senhor Eça de Queiroz's best novel, *O Primo Bazilio*. The translator's title appears to be an invention of her own. It is, perhaps, a tolerably taking and appropriate title from the lending library point of view, but in dealing with a masterpiece it would have been a hundred times better to stick to the book's true name.

Senhor Eça de Queiroz is at present not only the most eminent novelist of Portugal, but of the whole Peninsula; and what is odd is that he has found favour with the reading public of Spain and Portugal by literary methods which are the reverse of those followed in either of these two very literary nations. To a northern taste, the fault of Peninsular prose literature is an over-rhetorical tendency. Senhor Eça de Queiroz is a close student of both English and French literature; and he is as direct and concentrated as a good English writer, as logical and pointed and graceful as a Frenchman. In strength, in manly directness, and in literary charm, M. Guy de Maupassant comes nearest to Senhor Eça de Queiroz of any Frenchman of his school. In general power, in knowledge of life, in breadth, in tolerance (not a common trait among the Naturalists), I should be inclined to place him above every living disciple of the eminent half-Italian Pessimist who is at the head of French realistic fiction.

It is strange, therefore, that Senhor Eça de Queiroz, notwithstanding a French translation of one of his novels, should be so completely ignored as he is in France, when he has so many great qualities that should recommend him there. In Spain, in spite of the jealousy between that country and its Atlantic neighbour, his merits are generously confessed. The Spaniards praise his fluent and flexible style, his narrative power, his ease, his strength, his pathos, and his humour: on the latter point (a delicate one to handle) I shall presently have something to say.

O Primo Bazilio is a tragedy interspersed, as life's tragedy itself is interspersed, with comedy passages. Jorge is a young mining engineer happily married to a beautiful girl, Luiza. She is gay, gentle, bright, affectionate, and loves her husband dearly. As the book opens, he is about to leave her for a month on business; and she reads in a newspaper that her cousin Bazilio is returning to Lisbon from Brazil. Bazilio has been her first love, the hero of an innocent boy and girl flirtation long before her marriage. Compelled by poverty to leave her and his country, he has made his fortune by speculation in Brazil, and is on his way home after a stay in Paris. She is pleased to think she will see him again, recalling this romantic episode in her life somewhat contemptuously, steadfast in her love for her husband. He goes and Bazilio comes. He is handsome, distinguished, knowing the world, the merely mercenary world of Paris. He can speak to her of things—art, literature, and the easy, social ethics of the world—which, for the commonplace, excellent Jorge has no existence. Slowly his influence grows upon her, the old illusion revives. She does not guess the man's true character—his heartlessness, his disloyalty, his meanness, still less his contempt for herself in his mental comparison of her with the stars of the

Parisian *demi-monde*. Then comes a realistic tale of seduction: his false wooing; her weak yielding. Their secret is discovered by her servant, Juliana; and thenceforward the plot turns on what is a more frequent motive in French than in English stories, the “black-mailing” of the mistress by her servant. But the woman Juliana is a good deal more than a mere extortioner; it is more than the wringing of money from her mistress that she wants. In all realistic fiction perhaps no such villainous and hateful character exists. She sinks so far below the average low level of naturalistic commonplace iniquity that in common fairness of moral adjustment the reader needs a counterpoise in the direction of heroism, but he gets none. Juliana is a thin, hard-featured woman of forty, suffering from chronic heart disease. She concentrates all her envious hatred of mankind upon the person of her gentle and pretty mistress. This awful female villain accumulates in her own wretched person pretty nearly every vice that has won the loathing of men since the ages began—perfidy, meanness, cruelty, and greed: She is a liar and a bully, and hideously ill-favoured. For the first time in her own miserable life she feels delight as she persecutes the helpless Luiza: she sings, rubs her hands, and laughs out at times suddenly with secret glee. Mistress and servant almost change places: the maid compels the unhappy lady, under threats of exposure, to perform menial services: to wash, sweep, iron; and in this long passage of the story, the revolted pride, the agony of continual terror, the unceasing humiliations of the persecuted woman are depicted with a force, a painful realism, and a truth that are beyond praise—in their kind.

Before this, Luiza has had recourse to her lover to save her. Bazilio absolutely refuses to move in the matter. In a powerful scene his true nature is revealed to her. The scales fall from her eyes, and she sees his dishonourable cowardice, his disloyalty, his baseness, and his utter selfishness. Her illusions end, her love turns to hatred and contempt. She has to bear all the cruel tyranny of Juliana unhelped. Bazilio, under a false pretext, too mean himself to discover that he can have failed to come up to his mistress’s standard of right doing, and still believing himself loved, has gone to Paris. The husband returns. The letters are recovered without scandal by a friend from the woman Juliana, who, in her excitement, dies suddenly of a spasm of the disease that has threatened her all through. The old love and liking for her husband, Jorge, return to the vacillating Luiza. She is nearly happy again, wrapped in a false sense of security, when an accident reveals the intrigue to the husband. For a time he suffers in silence, nurses his wife through an illness, still loving her at heart, and is generous to the point of condonation, but more through weakness and complaisance than any action of those higher or nobler motives of toler-

ance that lead to true pardon. She recovers, and he tells her he is aware of her secret, and, in the same breath, offers to forgive her; but the blow is too heavy. She gives way, is struck with brain fever, and dies miserably. Such is the plot of this remarkable work; and it is told with a concentrated strength, a dramatic power, and an ease that can come only from a master's hand.

The Spanish critics find wit and truth in the passages that satirise some national and some Peninsular habits and methods of thought. A foreigner can hardly enquire very closely into the truth or propriety of these sarcasms, but there is no doubt whatever about their power. Senhor Eça de Queiroz's humour, too, has been praised. There is nothing upon which men so differ as the causes which stir them to laughter; but to the present writer the Portuguese novelist's humour seems to dwell too much upon the inevitable defects and misfortunes of mankind to be very laughter-moving. Some things are surely too pitiful to be laid bare. *Sunt lacrimae rerum*; and disease, and defect, and deformity are not fit subjects for ridicule. We all know them too well. We mark them, we pity, or pass on. We do ill to laugh.

Such a book is not easy to translate. Apart from the literal rendering which Miss Serrano has done creditably—she does not seem well acquainted with Portuguese ways of life. A few notes would have been useful, but there are none but such as relate to the value of Portuguese money in American dollars. Portuguese is the most crabbed and difficult of all the Romance tongues, and the one most remote in construction from English; but that is no reason why certain Portuguese words should be left standing in the English rendering. *Um conto de reis* occurs a dozen times over. It has no sense for English readers, but its plain rendering, "a million of reis," is quite intelligible. At times Senhor Eça de Queiroz uses strong expressions; but they have all perfect English equivalents, and the translator of a realistic novel should not pare down such a book as this into a false propriety. There was no compulsion on her to touch the work at all. Miss Serrano, in her preface, says that she has "assumed the responsibility of softening here and there, and even of at times effacing a line too sharply drawn, a light or a shadow too strongly marked to please a taste that has been largely formed on Puritanic models." She has indeed! Her Puritan hand has been very busy. I will not say too busy in every case; but it should be remembered by prim translators that the architecture of fiction is delicately built up, and that it is of masonry most lightly poised. It is possible to take away one single stone and bring ruin on the whole structure.

In the last sentence of the last page the translator has removed one such master-stone. Bazilio has returned from Paris,

and, knowing nothing of the tragedy that has occurred, knocks at Luiza's door. He learns the story of her death. He is shocked, and for a moment or two dumb-founded. The reader is not aware of the full heartlessness, grossness, and baseness of the man till he turns to his companion with the remark: "Que ferro! Podia ter trazido a Alphonsine!" This phrase the translator has not rendered. Better to have left the whole work untranslated! It is the keystone of the arch.

Although Senhor Eça de Queiroz, as will have been seen, is a professing follower of M. Zola, he is too good a novelist to substitute in his pages a theory of life for life itself. The Zolaistic groove is too narrow for him, and he is for ever leaving it, daring at one time to be dramatic, at another to be deeply pathetic, sometimes even to be indignant with vice and meanness after a very un-Zolaistic fashion. Senhor Eça de Queiroz is still, fortunately for himself and us, a young man: he has a promising future before him. He has been well advised, perhaps, to enlist as a recruit under M. Zola. But these aforesaid great qualities show that he has no need of a leader, and when he comes to add to them some little enthusiasm for what is high and noble, he will desert the realistic colours altogether and fight, as in literature every strong man should, for his own hand.

A final bibliographical note about *Dragon's Teeth*. That the copy of the book Crawford is reviewing is identified as having been co-published by Ticknor (Boston) and Trübner (London) suggests that Trübner imported books or sheets of *Dragon's Teeth*. The title-page of any copy of this "English" edition might well answer the question, especially if the title-page itself is a cancellation. Interestingly, Trübner's advertisements in *The Athenæum* during the months January through August 1889 fail to mention *Dragon's Teeth*. Perhaps the absorption of Ticknor's by Houghton Mifflin that spring has something to do with Trübner's apparent lack of interest in the novel. In any case, Trübner goes unmentioned in Guerra da Cal's description of the 1889 publication of *Dragon's Teeth* (*Lengua y Estilo de Eça de Queiroz* [Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1975], volume 1, page 48).

ESTUDOS

‘ESSA PALAVRA SAUDADE’: PARA UMA POÉTICA ANGLO-PORTUGUESA

Miguel Alarcão
Universidade Nova de Lisboa
CETAPS

“Que se o amor não se perde em vida ausente,
menos se perderá por morte escura;
porque, enfim, a alma vive eternamente,
e amor é afeito d’alma, e sempre dura.”
(“Aquele que de amor descomedido” in Camões, *Lírica*,
III, 151)

À Sílvia

No âmbito da 2ª edição do programa literário internacional “Disquiet Lisbon”, organizado, entre 1 e 13 de Julho de 2012, pela editora norte-americana Dzanc Books e pelo Centro Nacional de Cultura, tivemos oportunidade de participar na mesa-redonda “Anglophone Travel Writing on Lisbon, 18th-20th centuries”, realizada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A nossa apresentação, partilhada com Maria do Rosário Leitão Lupi Bello, Universidade Aberta e CETAPS, intitulada “Roy Campbell (1901-1957): The Life, Times and Opinions of a South African ‘Cowboer’” e publicada, aliás, neste mesmo número (cf. *infra*, 209-221), visava divulgar um pouco mais a figura de um lusófilo, ao qual ambos havíamos já dedicado estudos em separado (Alarcão, *Roy Campbell*, e Bello, *Portugal*), mas que permanece prática e infelizmente

desconhecido do público português ou, nos raros casos em que tal não acontece, é quase sempre encarado de forma negativa, em virtude sobretudo das suas convicções e posições político-ideológicas.¹

No decurso do debate subsequente, verificou-se um – para nós – inesperado interesse dos ouvintes na definição ou caracterização de “saudade”, despoletado, aliás, pelas tentativas propostas por Campbell em *Portugal* (1957), obra que as circunstâncias da vida (ou da morte...) transformariam numa testamentária declaração de amor ao nosso país. Duas passagens, muito expressivamente lidas por Rosário Lupi Bello, arrancaram alguns quase inaudíveis suspiros por parte da assistência: “... that mysterious melancholy which sighs at the back of every joy, delight, and pleasure like the wind in the pines.” (Campbell ix) e sobretudo

The Portuguese are the only people to have a word which exactly hits off that sense of brooding exile, a sort of homesickness which can even be felt at home, that otherwise undefinable fusion of yearning with satisfaction, pain with pleasure, and resignation with unattainability ... which the word *saudade* conveys so perfectly, as does no other word in any other language. ... But the nostalgia we feel most deeply in Portuguese poetry ... is less perhaps a nostalgia of place than of time, remembrance, and hope. (*Ibidem* 133-135, *passim*)

Dados os objectivos do programa e da estada entre nós, parece lícito supor que muitos dos presentes teriam já ouvido falar da saudade, lido algo sobre este nosso traço identitário-cultural, talvez mesmo ido a uma casa de fados e tomado contacto presencial e directo com aquela que é internacionalmente conhecida como “a canção de Portugal”. Seja como for, a reacção do público transatlântico fez-nos sentir – essa forma epidérmica e primeira de saber – que, durante alguns segundos, as marulhantes ondas de uma saudade sem pátrias, línguas nem povos tinham logrado chegar da “ocidental praia lusitana” à costa leste, da velha Europa tocando o Novo Mundo. Nascia-nos assim a ideia de

¹ Sem deixar de remeter os leitores eventualmente interessados para os artigos citados, note-se de passagem que Roy Campbell era um indivíduo de direita, carismático e de temperamento sanguíneo, dado a uma ou outra controvérsia ou polémica e, a partir de 1935, pública e assumidamente (re)conhecido como católico nos meios literários e comunicacionais britânicos.

reflectir um pouco mais sobre a saudade² enquanto constelação imaterial de emoções e sentimentos.

Em primeiro lugar, diga-se que, em termos teóricos, pragmáticos e mesmo do senso comum, é insustentável defender-se que só os portugueses (ou as comunidades lusófonas, para incluir já, por exemplo, a cabo-verdiana Cesária Évora, 1941-2011, e certas formas do canto sertanejo brasileiro) saberão o que é a saudade, sentem saudades ou conseguem defini-la(s) de forma precisa e fidedigna. Pela mesma ordem de ideias, parece excessivo ficar-se refém de uma sonoridade fonética (consensualmente considerada feliz, é certo, mas, no fundo, tão convencional e arbitrária quanto a de qualquer outro signo linguístico)³ para argumentar em favor de uma alegada, restritiva e exclusivista intraduzibilidade de significados ou referentes. Acresce que, mesmo não sendo possível rastrear ou isolar quaisquer ‘genomas’ hereditariamente transmitidos aos infantes de Avis por uma Filipa de Lencastre saudosa da sua Inglaterra natal, não seria despidendo evocar as considerações tecidas sobre a saudade (“suidade”) por D. Duarte (1433-1438), filho e fruto primogénitos do enlace anglo-português de 1387, no capítulo XXV de *Leal Conselheiro* (1437-8), para já não falar do cognome de “Rei-Saudade”, poeticamente aposto a D. Pedro I (1357-1367) por António Patrício (1878-1930), em *Pedro o Cru* (1918). Talvez faça, pois, mais sentido procurar-se estabelecer, a nível de uma antropologia ou psicografia cultural e comparada, possíveis correspondências ou equivalências, conquanto aproximativas, entre a saudade portuguesa (ou lusófona), a *morriña* galega, a *soledad* castelhana, o *longing* (ou *yearning*) for inglês, a *sehnsucht* alemã, etc., cada qual (e todos eles) naturalmente intraduzível(is) *per se*, mas talvez também, de algum modo, ‘intertraduzível(is)’, por subtis formas e processos que não parecem caber em palavras ou a elas se escapam.

Antes de cotejarmos dois sonetos que versam, ainda que colateralmente, o tema da saudade, vale a pena recordar que vários outros, dicotomicamente emparelhados ou não, lhe surgem quase sempre associados: passado e presente, distância e proximidade, morte e vida, lembrança (ou memória) e esquecimento (ou olvido),⁴

² Cf. Alarcão, *Cruzes*, bem como as referências e sugestões bibliográficas constantes desse estudo.

³ O Dr. John Ladhams, nosso antigo Leitor de Inglês e que tivemos o grato prazer de reencontrar na Universidade de Birmingham em meados da década de 80, confidenciou-nos um dia que as suas duas palavras favoritas em Português eram “minhoca” e “paralelepípedo”... Gostos!

⁴ Como nota Jacinto do Prado Coelho, em capítulo significativamente intitulado “Camões, Poeta do Desengano”: “... dificilmente se goza, pela memória, o bem perdido,

para não falar desse amor patente em cantigas de amigo como “Ay eu coytada”, composta nos primórdios da portugalidade histórico-literária por D. Sancho I (1185-1211) ou a ele tradicionalmente atribuída. Todos estes elementos confluem no complexo ‘mapa genético’ dessa saudade – cantada, saboreada, vivida enfim – que pode até incluir os sonhos, as ilusões e as esperanças adiados ou já desfeitos, o porvir, o que (ou quem) nunca se teve nem se terá jamais. Mas não terão tais sentimentos recebido ou encontrado, ao longo dos séculos e em diferentes latitudes e longitudes, expressão filosófica, artística (literária, musical, plástica...) ou outra em autores não exclusivamente portugueses ou lusófonos? É o que tentaremos sugerir através do brevíssimo confronto de dois sonetos – um português, o outro inglês – oriundos de distintos contextos poético-literários e espaço-temporais.

A – Luís de Camões (c.1524?-1580), “Alma minha gentil, que te partiste”:

Alma minha gentil, que te partiste
tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no Céu eternamente,
e viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
memória desta vida se consente,
não te esqueças daquele amor ardente
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
algua coisa a dor que me ficou
da mágoa, sem remédio, de perder-te,

roga a Deus que teus anos encurtou,
que tão cedo de cá me leve a ver-te,
quão cedo de meus olhos te levou. (Camões II, 147)⁵

sem que esse gozo se desfaça em lágrimas Assim Camões, poeta da Saudade, se antecipa aos românticos por amar o que lhe dá pena, por viver gostosamente entregue às próprias mágoas; ...” (76).

⁵ Maria de Lurdes Saraiva, responsável pela edição utilizada, dá 1595 como data original de publicação (na 1.ª edição das *Rimas ou Rhythmas*, organizada por Fernão Rodrigues Lobo Soropita e impressa por Manuel de Lira para o livreiro lisboeta Estêvão Lopes, que custeou a edição). Independentemente de, na linha da informação registada por Diogo do Couto (1542-1616) na *Década VIII*, ter sido (ou não) Dinamene, naufraga

B – Christina Rossetti (1830-1894), “Remember”:

Remember me when I am gone away,
Gone far away into the silent land;
When you can no more hold me by the hand,
Nor I half turn to go yet turning stay.
Remember me when no more day by day
You tell me of our future that you planned:
Only remember me; you understand
It will be late to counsel then or pray.
Yet if you should forget me for a while
And afterwards remember, do not grieve:
For if the darkness and corruption leave
A vestige of the love that once I had,
Better by far you should forget and smile
Than that you should remember and be sad.
(Rossetti in Wain, II, 480)⁶

Em primeiro lugar, embora irmanados pela escolha da forma sonetística, estes dois poemas filiam-se em tradições diversas, cada qual com os seus requisitos prosódicos (estróficos, métricos, rimáticos...) e mesmo (tipo)gráficos, justapondo-se, por exemplo, na inglesa os catorze versos sem qualquer intervalo, independentemente da adopção do modelo spenseriano ou shakespeariano.⁷ Seja como for, o texto de Camões, distribuído por duas quadras (ou uma oitava) e dois tercetos (ou uma sextilha)⁸ decassilábicos com rima abba/abba/cdc/dcd, constitui, como se sabe, uma das possíveis variantes do soneto italiano ou petrarquista,⁹ concebido e cultivado a partir dos sécu-

chinesa ou nereida/ninfa mitológica clássica, a personagem inspiradora e narratária deste poema, acrescenta a estudiosa: “Um soneto de Petrarca (“Questa anima gentil che si disparte”) tem sido muitas vezes apresentado como fonte do soneto camoniano. Na realidade, a semelhança limita-se aos dois primeiros versos ...” (*Ibidem*). Segundo Hernâni Cidade, “Este belo soneto aproxima-se do soneto XXXVII de Petrarca, mas ... é de mais pura espiritualidade e mais penetrante melodia.” (in Camões, I, 213), tese que expressaria também na breve análise comparativa avançada noutro estudo (Cidade I, 144-146).

⁶ Composto em 1849 e publicado originalmente em *The Goblin Market and other Poems* (1862); cf. tradução (ou versão; veja-se, a este respeito, a “Nota de Tradução”) de Margarida Vale de Gato em edição bilingue da Relógio de Água (Rossetti 70-71), bem como a de Helena Barbas, na antologia poética, também ela bilingue, editada pela Assírio & Alvim (AAVV 82-83).

⁷ Os respectivos esquemas rimáticos são abab/bcbc/cdcd/ee e abab/cdcd/efef/gg; sobre o soneto, cf., por exemplo, Cuddon 642-646, Baldick 207-208 e sobretudo Fuller.

⁸ Margarida Vale de Gato menciona, de forma indistinta, ambas as possibilidades (in *Rossetti* 196).

⁹ A outra variante principal tem como esquema rimático abba/abba/cde/cde, exis-

los XIII e XIV e introduzido entre nós no século XVI, enquanto Christina Rossetti (cujas origens familiares radicam em Itália e que cresceu num meio fortemente marcado pelo conhecimento e pela influência da literatura transalpina, para já não falar da sua própria contemporaneidade com o processo da unificação italiana) optou, apesar da justaposição dos versos, por uma forma híbrida, mas talvez rimaticamente mais próxima de qualquer variante petrarquista (duas quadras e dois tercetos com rima abba/abba/cdd/efe) do que de um possível soneto inglês (três quadras e um dístico, em pentâmetros jâmbicos, com rima abba/abba/cdde/fe; cf. *supra*, n.7), desenvolvido a partir da introdução do género em Inglaterra por Sir Thomas Wyatt (*The Elder*, 1503-1542) e Henry Howard, Conde de Surrey (1517?-1547).¹⁰

Por ociosa ou redundante que pareça a proposta, vale sempre a pena, em nossa opinião, regressar às algo sobranceiramente chamadas “questões básicas” e, colocando-nos na pele dos actuais jovens estudantes das humanidades literárias, tentar identificar qual o género da voz poética activada em cada poema. Ao abrigo das ainda pontuais intrusões biografistas na análise, interpretação e crítica textuais, o facto de – passe e perdoe-se o coloquialismo – Camões ‘ter sido homem’ leva-nos quase automática e inconscientemente a esquecer, por exemplo, as máscaras, as *personnas* e os fingimentos identitários das cantigas de amigo medievais (nas quais, adaptando-se para o efeito um celeberrimo verso de Pessoa, o poeta é uma fingidora...) e a ‘masculinizar’ à partida o Eu, que, por presunção e exclusão heterossexuais de partes, se dirigiria vocativamente a uma “alma ... gentil” feminina, sucedendo o contrário, pela mesma lógica, no soneto de Christina Rossetti. Independentemente, porém, da identificação dos géneros de cada uma das vozes, dissociando-as dos sexos dos respectivos autores empíricos, não é fácil evitar no leitor a sensação de alguma complementaridade dialogal entre estes dois textos, quase parecendo que, através dos respectivos e interpostos Eus poéticos, Rossetti ‘responde’ a Camões...

Atente-se também no modo como a oposição entre os mundos terreno/não terreno¹¹ se acha diferentemente formulada em

tindo, contudo, alternativas a nível da sextilha (cf. Fuller 3).

¹⁰ Reportando-nos às edições bilingues referenciadas *supra* (n.6), enquanto a publicada pela Relógio de Água justapõe os 14 versos do original inglês, seccionando, porém, em duas quadras e dois tercetos os da correspondente tradução (ou versão) portuguesa, a edição da Assírio & Alvim opta, em ambos os casos, por uma organização estrófica em duas quadras e uma sextilha.

¹¹ “A série de paralelismos antitéticos em que [o soneto de Camões] se apoia, vai-se

ambos os poemas. Assim, em “Alma minha gentil...”, onde essa oposição surge deicticamente (de)marcada (cf. “**lá** no Céu”, v. 3, vs. “**cá** na terra”, v. 4), as referências maiúsculadas ao Céu e a Deus, bem como a crença implícita na ressurreição, na vida e no reencontro eternos, compõem uma cosmovisão cristã, ausente de (ou omissa em) “Remember”; na verdade, apesar da condição crente de Christina Rossetti e da frequente associação da sua produção poética a movimentos e tendências mais tradicionalistas ou ritualistas como os emergentes no seio do anglicanismo na década de 1830,¹² esse Além, que Camões havia perifrástica e metonimicamente metaforizado no “assento etéreo” (v. 5), nada mais é do que “the silent land” (v. 2), onde “darkness and corruption” (v. 11) aguardam e desenganadamente acolhem quem partiu.

Importa ainda sublinhar, no v. 9 de ambos os sonetos (“**E** se vires...” e “**Yet** if you should forget...”; negritos nossos), um ponto de viragem (“volta” ou *turn*) formal e semântico e uma proposta de solução que, tendo em vista uma suavização, superação ou talvez mesmo supressão da(s) saudade(s), o sujeito sobrevivo dirige à alma, ao espírito ou à memória do falecido (Camões) ou o inverso (Rossetti). A própria atitude dos dois Eus é diferente: enquanto o camoniano, consumido pela memória de pretéritas lembranças, adopta uma postura de queixosa e expectante resignação, mais não ousando pedir do que a abreviação da espera e a antecipação do reencontro, o rossettiano, apesar do título do poema (“Remember”), propõe, curiosamente, o esquecimento, se ele permitir debelar a infelicidade e tristeza de quem ficou e o seu consequente reequilíbrio anímico-emocional. A afirmação de que “Christina Rossetti dealt frequently with death, both as the door to a flower-bedecked Paradise and a ghostly afterlife and as an intrusion between lovers. It is not always an undesired or brutal intrusion.” (Rogers 361) poderá, pois, reflectir uma efectiva especificidade poética na abordagem e exploração estetizantes e conjuntas das temáticas do Amor e da Morte por parte de alguém já apresentada como “... in love with love ...” (Grierson e Smith 428), para além de que, como nota John Fuller, “without denying the versatility that its [the sonnet’s] continued use in

estabelecendo, quase verso a verso, como uma harmonia, nota contra nota. Cada palavra adquire assim, ..., pela sua posição, valor preponderante e separa os pares opostos, como um quebra-mar, acalmando os contornos da frase ...” (Valverde 155).

¹² Segundo Helena Barbas, “... tanto Cristina [sic; Christina], quanto a mãe e a irmã Maria ... eram anglicanas devotas da *High Church*, profundamente influenciadas pelas teses Tractarianas (1833-1845) de Newmann [sic; Newman] e subsequente Movimento de Oxford.” (AAVV 35-36)

our post-symbolist age has preserved for it, it should be remembered that its prime original use was as a love lyric.” (6)

Em ensaio intitulado “Aspectos petrarquistas da lírica de Camões”, escreve Vítor Manuel de Aguiar e Silva:

“A poesia petrarquiana, porque é – ou pretende ... ser – espelho de uma vida e das vicissitudes psicológicas e morais de uma história de amor e porque a vida humana, sujeita aos acidentes do tempo e do destino, é lábil e incerta, tem na recordação do passado, na recuperação pela memória dos dados existenciais irremediavelmente consumidos pelo fluir do tempo biográfico e cósmico, um dos seus núcleos temáticos mais significativos e um dos mais fecundos ... instrumentos da sua retórica e da sua estilística. ...

Na lírica de Camões, o tema da memória desempenha uma função tão relevante que requer uma análise demorada e minudente É significativo observar que, segundo um cômputo ... decerto sujeito a ... erro, ... o lexema ‘memória’ ocorre ... sessenta e nove vezes (cinco vezes na forma plural) e ... ‘lembrança’, sob a forma singular e ... plural, trinta e seis vezes, embora os campos semânticos directa ou indirectamente relacionados ... não se configurem apenas com fundamento na ocorrência dos referidos lexemas.

... o tema da memória, na lírica camoniana, está dramaticamente associado à acção destruidora do tempo, do destino e da morte, e, muito especialmente, à labilidade do amor. ... a memória é a faculdade humana que retém e conserva tudo quanto ocorre e se exaure no tempo; é a perdurabilidade dos eventos no espírito dos homens, quer enquanto presença ou reconstituição do passado, quer enquanto projecção no futuro; é o canto poético e o seu mágico poder tanto de recriar e transfigurar o já vivido como de fixar miticamente, resgatando-as do fluxo ... do tempo, as experiências vitais ... transcorridas.

... Assim, o tema da memória constitui a manifestação transfiguradora ... da história biográfica subjacente – ou supostamente subjacente – ao poema, contribuindo ... para esbater, senão anular, na consciência do receptor a fronteira entre o sujeito da enunciação poemática e o homem concreto, de carne e osso, que se identifica ... – ou aparenta identificar – com o eu lírico, confessando-se através daquela mesma enunciação” (“Aspectos...”, 187-188)¹³.

¹³ Como nos recorda, noutro ensaio, o insigne camonista, “Ao longo de ... séculos, mudaram-se os esquemas métricos, alteraram-se as formas estróficas e poemáticas, transformaram-se as crenças e convicções religiosas e morais, os sistemas sociais e políticos, as ideias e os valores da vida humana, mas o *modo elegíaco* e o *género elegíaco*

Deve-se a Jorge de Sena – curiosamente ele próprio um camonista cuja actividade o levaria aos meios universitários anglo-americanos, numa vida pelo mundo em pedaços reparada – aquele que será ainda o mais minucioso e quantificado estudo analítico-estrutural de “Alma minha gentil...”, que este Engenheiro das Letras apresenta como “... o mais célebre soneto de Camões, e sem dúvida um dos mais belos do mundo ...” (9). Mas, se o conhecimento do soneto “Remember” por parte do vate quinhentista português é uma manifesta impossibilidade cronológica, tendo em conta os cerca de trezentos anos que separam os dois poetas, não será, ao invés, demasiadamente arriscado colocarmos a hipótese de Christina Rossetti poder conhecer “Alma minha gentil...”,¹⁴ dado o elevado número de traduções, imitações e versões da lírica camoniana disponíveis nos meios literários e editoriais britânicos da 2.^a metade do século XIX.¹⁵ Paralelamente, e no quadro dessa intermedialidade tão propiciadora de exploração pelos comparatismos interartes, vale a pena referir uma peça para canto e piano, composta por Ernest Walker a partir da tradução inglesa do soneto de Camões por Sir Richard Burton (1821-1890) e cuja partitura pertenceu ao eminente lusófilo Edgar Prestage (1869-1951).¹⁶

... permaneceram como manifestações cimeiras da poesia ocidental, porque a elegia é a voz e o canto das duas realidades primordiais, constantes e indissociáveis da existência humana: a morte e o amor, o luto e o sofrimento da perda irremediável e o fulgor, o júbilo e as inquietações da vivência do amor.” (“Elegia...”, 166-167)

¹⁴ Se bem que não, evidentemente, na tradução de Roy Campbell, intitulada “Dear gentle soul, who went so soon away – Camões” (Campbell, *Poems* 130-131). Segundo Maria Eugénia Igreja (102, n.4 e 105), a primeira publicação da tradução (anónima) deste poema para inglês, tendo como verso inaugural “Go, gentle Spirit! now supremely blest”, deve-se a William Hayley (1745-1820), acrescentando: “O soneto mais traduzido pelos ingleses foi o famoso número XIX da edição de Faria e Sousa, *Alma minha gentil que te partiste*, ... só pela análise dos primeiros versos se dá conta do modo diferente como os diversos tradutores se sensibilizaram perante o poema.” (126). Também Iolanda Ramos, apoiando-se na investigação desenvolvida por George Monteiro, para a qual, aliás, remete, observa: “Até 1994, contabilizam-se pelo menos 18 versões do poema em inglês ...” (10, n.4).

Quanto ao supracitado William Hayley, é também o autor de *Essay on Epick Poetry* (1782), obra na qual se chama pela primeira vez a atenção do público britânico para a não menor qualidade do “Camões lírico” face ao “Camões épico”, mais conhecido devido às traduções de *Os Lusíadas* por Sir Richard Fanshawe (1608-1666) em 1655 e sobretudo William Julius Mickle (1734-1788) em 1776.

¹⁵ Como nota José Filgueira Valverde, “as versões feitas bem cedo, o número de vezes que foram editadas, a continuidade no estudo e até na imitação, revelam até que ponto o legado de Camões foi recolhido com amor em Inglaterra.” (374)

¹⁶ “Camoens: Sonnet XIX/Set to Music by Ernest Walker”. Disponível na Secção dos Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal sob a cota CAM. 196V.

Quaisquer eventuais investigações nesta área terão, pois, forçosamente de passar pela retoma de pesquisas já efectuadas sobre a recepção e projecção de Camões nas letras anglicísticas (ou anglo-americanas),¹⁷ não descurando um trilho que poderá propiciar novas conclusões. Uma outra poetisa, anterior em uma geração à de Christina Rossetti, Elizabeth Barrett Browning (1806-1861), viria a publicar anonimamente um volume intitulado *Sonnets from the Portuguese*.¹⁸ Como se sabe, este título sugere – erroneamente – uma tradução de originais portugueses e não um conjunto de sonetos ingleses próprios, mas o mais importante seria perscrutar as possíveis razões literário-culturais e imagológicas pelas quais, em meados do século XIX, um casal de poetas ingleses estabelecidos em Itália (mais precisamente, na Florença de Petrarca) terá decidido rotular de “portugueses” quarenta e quatro sonetos escritos de raiz em inglês. No Prefácio que antecede a sua tradução, Manuel Corrêa de Barros reconstitui assim o episódio:

Conta-se que um dia, já depois de casados, Elizabeth entrou no gabinete do marido com um maço de papéis na mão, e, pousando-o na sua mesa de trabalho, disse “lê isto” Eram 44 lindíssimos sonetos, escritos desde a data do seu primeiro encontro Melhor, era um poema, com estâncias em forma de sonetos, que relatava, passo a passo, toda a evolução do espírito de Elizabeth, desde o desânimo e as hesitações do princípio ... até à vitória final, na gratidão sem limites, na paz, na felicidade.

Maravilhado, Robert [Robert Browning, 1812-1889] pediu a Elizabeth que publicasse aqueles sonetos. Ela recusou, por não querer tornar públicos os seus sentimentos mais íntimos. Robert, então, lembrou dar-lhes um título que indicasse tratar-se de traduções, por exemplo, “Sonetos Traduzidos do Bósio”. Elizabeth acabou por aceitar a sugestão; **mas, achando certa semelhança entre os seus sonetos e os de Camões – julgo que pela análise delicada do sentimento amoroso –, preferiu chamar-lhes “Sonnets from the Portuguese”** Imprimiram-se com esse título, e sem nome de autor, em 1847 [sic; ver *infra*, n. 19] só depois

¹⁷ Além do volume coordenado por Maria Leonor Machado de Sousa e dos estudos de Luiz Cardim, Carlos Estorninho, Sidney George West e Fernando de Mello Moser, entre outros, cf. o notabilíssimo trabalho desenvolvido por George Monteiro (*Camões, Notes e Presence*).

¹⁸ Consoante as fontes consultadas, a data original de publicação poderá variar entre 1847 e 1850. Sobre este ponto, o *Oxford Companion to English Literature* diz o seguinte: “The so-called Reading edition, 1847, has been shown ... to be spurious.” (Harvey 768)

da morte de Elizabeth foram publicados, com o seu nome, pelo marido. São, talvez, os melhores sonetos de amor de toda a literatura inglesa.” (Browning 8-9; negritos nossos)¹⁹

Nem todos os críticos literários, mais recentes ou mais antigos, subscreveriam hoje tão encomiástica apreciação; para George Sampson, por exemplo, “The *Sonnets from the Portuguese*, first printed in *Poems* (1850), were over-valued in their day for sentimental reasons; but even with the inevitable abatement of personal interest they remain the most generally profitable part of her ... production.” (708) Seja como for, além da versão dos acontecimentos relatada por Corrêa de Barros, existe uma outra, que atribui a escolha do título não a Elizabeth, mas a Robert, de quem se diz tratar carinhosamente a sua esposa por “my little Portuguese”.²⁰ Independentemente, porém, da verdade dos factos, de acordo com qualquer destas versões, a sensibilidade, a prática e talvez também a (auto-) imagem poéticas de Elizabeth teriam sido moldadas pela divulgação e difusão da lírica (e, em particular, da sonetística) camonianiana na Grã-Bretanha de Oitocentos,²¹ sobretudo graças à (e a partir da) acção, na primeira metade do século XIX, do diplomata Percy Clinton Sidney Smythe, 6º Visconde Strangford (1780-1858),²² e do antiquário e bibliófilo de Newcastle John

¹⁹ Tendo em conta esta variação(bilidade) dos estados de espírito de Elizabeth e a própria complexidade, não raro contraditória, do sentimento de saudade, escutemos Maria Vitalina Leal de Matos: “A primeira impressão que se colhe numa leitura da poesia amorosa de Camões é de espanto pelos profundos contrastes que a atravessam: às vezes serenamente petrarquista, espiritualizada até à quintessência, racionalmente intelectualizada pelo platonismo; outras vezes latejando de sensualidade exibida sem rodeios, ...; e, na maioria dos casos, profundamente conturbada, dividida entre o anseio espiritual e a força dos desejos, amargurada por sentimentos de culpa, pela saudade, pela insatisfação; comprazendo-se nesse sofrimento e ao mesmo tempo detestando-o; procurando sempre no meio deste labirinto amoroso um fio que o leve a entendê-lo e a entender-se, e desesperando ao mesmo tempo de qualquer compreensão.” (*Introdução* 49)

²⁰ “Despite the implications of the title, there are no Portuguese originals (the ‘Portuguese’ of the title being an esoteric reference to the sixteenth-century poet Camoens and to Robert Browning’s nickname for his wife).” (Sanders 439)

²¹ Uma nota de A. Nogueira Santos, tradutor de *A Short History of English Literature*, de Sir Ifor Evans, corrobora esta ideia: “O título ... *Sonnets from the Portuguese* sugere uma tradução, mas serve apenas de disfarce. Na realidade, esses sonetos não só são originais, ... mas são considerados como uma das mais puras expressões do lirismo inglês. Ao mesmo tempo, o título é um reflexo da popularidade que Camões conquistara nessa época em Inglaterra, especialmente o Camões lírico dos sonetos.” (Evans 152, n.8) Cabe aqui recordar que Mrs. Browning é também a autora de “Catarina to Camoens...”, poema em dezanove oitavas com rima /ababccdd/ (Browning 265-267).

²² *Poems, from the Portuguese of Luis de Camoens...* London: 1803. Na sua qualidade de ministro plenipotenciário creditado em Lisboa, Lord Strangford foi também o principal

Adamson (1787-1855),²³ sem dúvida os dois primeiros grandes camonistas britânicos. Mas, além da conexão camoniana e da centralidade temática do amor, apontados por Corrêa de Barros, importaria apurar também qual a extensão e configuração que esse evanescente *je ne sais quoi* que concebemos, designamos e (in)definimos como “saudade” efectivamente detém nos sonetos ‘anglo-portugueses’ de Elizabeth Barrett Browning, “... where an ecstatic love, at once grateful and ... penetrated by the thought of death, blossoms out into mystic adoration ...” (Legouis e Cazamian 1184).

Regressando, porém, a Christina Rossetti, cumpre notar que a composição de “Remember”²⁴ está longe de poder ser considerada como um ‘acto isolado’, uma vez que se trata, de facto, de uma forma regularmente cultivada pela autora de *Goblin Market*. Para dar um exemplo, a poetisa subintitulou de *A Sonnet of Sonnets* o conjunto de catorze poemas que compõem *Monna Innominata* (1881),²⁵ dedicados às ‘Beatrizas’ e ‘Lauras’ anónimas, sem ‘Dantes’ nem ‘Petrarcas’ que as cantassem,

negociador britânico da partida da corte portuguesa para o Brasil, no Outono de 1807, conforme corrobora Maria Eugênia Penteado: “Em 1804 [Strangford] estava em Lisboa como secretário de Legação, cargo a que não terão sido alheios factores relacionados com a sua posição social, conhecimentos de português e, possivelmente, o impacte da tradução de Camões.

Ascenderia rapidamente na fase inicial da carreira, passando, primeiro, a Encarregado de Negócios e sendo-lhe, depois, atribuídos plenos poderes para o desempenho das funções de representação do governo britânico (1806). Nesta qualidade ... ver-se-ia confrontado com delicadas negociações, particularmente aquelas que (...) persuadiram o Príncipe Regente ... a deixar Lisboa e a estabelecer-se ... no Rio de Janeiro

Strangford acompanhou a Corte e manteve-se no Brasil entre 1808 e 1815.” (131).

²³ Além de responsável pela edição, em 1853, da tradução parcelar de *Os Lusíadas* (os primeiros cinco cantos) levada a cabo pelo seu amigo Edward Quillinan (1791-1851), Adamson foi ainda autor e/ou editor de uma série de artigos intitulada “Memoranda Lusitanica” (“Mr Adamson’s Specimens of Portuguese Poetry”) e publicada, a partir de 1807, em *Monthly Magazine or, British Register...; Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens...* (1820, 2 vols.); *Bibliotheca Lusitana; or Catalogue of Books and Tracts, Relating to the History, Literature, and Poetry of Portugal...* (1836) e *Lusitania Illustrata: Notices on the History, Antiquities, Literature, etc., of Portugal...* (vol. I, 1842; vol. II, 1846). Sobre este importante lusófilo oitocentista, vejam-se os estudos citados de João Paulo Pereira da Silva, dos quais constam as referências bibliográficas completas de todas estas obras.

²⁴ W. W. Robson (in Ford (ed.) 366-367) alude a um possível confronto de “Remember” com o soneto n.º LXXI de Shakespeare, intitulado “No longer mourn for me when I am dead”.

²⁵ Título também de um quadro do seu irmão (Dante Gabriel Rossetti, 1828-1882), figura de proa da Irmandade Pré-Rafaelita (*Pre-Raphaelite Brotherhood*), constituída em Londres em 1848, e ele próprio autor de sonetos como os reunidos em *The House of Life* e publicados em 1870 e 1881. No dizer de John Fuller, “... the Victorian sonnet finds its strength in the sequence.” (12)

numa mais do que provável alusão aos silêncios, às solidões, incompreensões e invisibilidades femininos.²⁶ Por justificar a relevância de mais estudos sobre a relação entre estas duas poetisas, transcrevemos a seguinte passagem, que lança alguma oblíqua luz sobre ‘as irmãs oitocentistas de Shakespeare’,²⁷ enclausuradas na gaiola vitoriana, mais dourada ou mais cinzenta, da desigualdade de oportunidades artísticas (entre, afinal, tantas outras...):

Beatrice, immortalized by ‘altissimo poeta ...’; Laura, celebrated by a great tho’ an inferior bard, – have alike paid the exceptional penalty of exceptional honour, and have come down to us resplendent with charms, but (at least, to my apprehension) scant of attractiveness.

These heroines of world-wide fame were preceded by a bevy of unnamed ladies ‘donne innominate’ sung by a school of less conspicuous poets; and in that land and that period which gave ... birth to Catholics, to Albigenses, and to Troubadours, one can imagine many a lady as sharing her lover’s poetic aptitude, while the barrier between them might be held one sacred by both, yet not such as to render mutual love incompatible with mutual honour.

Had such a lady spoken for herself, the portrait ... might have appeared more tender ... than any drawn even by a devoted friend. Or **had the Great Poetess of our own ... nation only been unhappy instead of happy, her circumstances would have invited her to bequeath to us, in lieu of the “Portuguese Sonnets,” an inimitable ‘donna in-nominata’** drawn not from fancy but from feeling, and worthy to occupy a niche beside Beatrice and Laura. (Rossetti 144; negritos nossos)

²⁶ Como lembra Margarida Bettencourt, “No período Vitoriano, em que a mulher começa a destruir as barreiras que a impedem de ter acesso aos mesmos direitos [de] que o homem usufui, Christina Rossetti transpõe ... a principal ... – a da linguagem – criando no poema uma identidade feminina que utiliza a voz para defender os seus pontos de vista e participar na construção da sua própria imagem.

Ao apresentar-se, ao mesmo tempo, como objecto estético, ‘Monna Inominata’ ultrapassa também a barreira que, a nível literário, separa ... o homem e a mulher na cultura oitocentista, justificando a convicção manifestada no Prefácio, de que ambos os discursos – o masculino e o feminino – devem ser considerados equivalentes ...” (II, 407)

²⁷ Ou literalmente, no caso de Christina, ‘irmã de Dante’; a ficciona(liza)ção de uma irmã de Shakespeare, chamada Judith, deve-se, como se sabe, a Virginia Woolf (1882-1941), no 3º capítulo de *A Room of One’s Own* (1929).

Como escreve, no “Prefácio”, Ana Rosa Nobre:

... se, ... nas duas últimas décadas do século XX, [Christina Rossetti] foi considerada como uma das maiores poetas em inglês, de Oitocentos, tal deveu-se ao valorizar de uma tradição feminina na escrita, assim como à redescoberta dos Pré-Rafaelitas. ... Num momento em que os estudos da literatura e da cultura não podem deixar de reconhecer uma acentuada multiplicidade de tradições e registos literários, ... visível, por exemplo, no aparecimento dos ... Estudos de Género, Estudos de Mulheres e Estudos Pós-Coloniais, são em maior número as vozes que, do século XIX nos chegam, permitindo apreciar ... uma escrita de mulheres, a qual – embora durante muito tempo silenciada – se foi construindo ao lado dos modelos literários do seu tempo, basicamente masculinos. Desta tradição, fazem parte a inglesa **Elizabeth Barrett Browning** ..., a americana Emily Dickinson (1830-1894) e **Christina Rossetti**, para citar apenas alguns nomes (in Rossetti 15; negritos nossos)

Na linha de prismas hermenêuticos como os aqui referidos, desejaríamos que este ensaio pudesse modestamente constituir um pretexto para, sem quaisquer ‘ansiedades’, bloomianas ou outras, se visitar e repensar uma questão antiga, mas ainda e sempre actual, senão mesmo central: a das relações de ‘influência’ nos Estudos Comparatistas, área na qual os Anglo-Portugueses inevitavelmente se incluem. A nossa reflexão teórica colectiva sobre este campo não tem sido muito abundante, mas estamos de acordo com Carlos Ceia, quando, em comunicação apresentada no I Congresso Internacional (2001), advoga (ou, pelo menos, admite) uma não absoluta imprescindibilidade de influências comprováveis(adas), unívocas e/ou biunívocas, directas e/ou mediadas, entre diferentes *corpora* (autores, temas, textos, géneros, correntes, movimentos...) para a prossecução de pesquisas no terreno das intertextualidades, interliterariedades e/ou interculturalidades anglo-portuguesas ou, se

se preferir, luso-anglófonas.²⁸ Dito de outra maneira: não nos parece essencial comprovar-se a existência de um conhecimento e uma influência **efectivos** do soneto de Camões por parte de/em Christina Rossetti como a condição *sine qua non* para que um estudo comparatista de ambos os poemas, aqui apenas esboçado, possa ter lugar ou para que, idealmente, eles integrem um dia essa antologia universal da saudade ainda por constituir.

Referências e sugestões bibliográficas:

I – Primária:

- AAVV. *Os Pré-Rafaelitas – Antologia Poética*. Prefácios e tradução de Helena Barbas. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.
- Camões, Luís de. “Alma minha gentil, que te partiste”. *Lírica Completa*. Ed. Maria de Lurdes Saraiva. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, “Biblioteca de Autores Portugueses”, 1980: vol. II, 147.
- . “Alma minha gentil, que te partiste”. *Obras Completas*. Ed. Hernâni Cidade. 5.^a ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, “Coleção de Clássicos Sá da Costa”, 1985: vol. I, 213-214.
- . “Alma minha gentil, que te partiste”. *Sonetos*. Prefácio e notas de Maria de Lurdes Saraiva. Mem Martins: Publicações Europa-América, “Livros de Bolso Europa-América”, n.º 106, 1975: 169.
- Rossetti, Christina. “Remember”. *The Oxford Anthology of English Poetry*. Ed. John Wain. Oxford and New York: Oxford University Press, 1991: vol. II, 480. (*The Oxford Library of English Poetry*. 1986, 3 vols.).
- Rossetti, Christina. “Remember”/ “Recorda”. *O Mercado dos Duendes e outros poemas*. Tradução de Margarida Vale de Gato. Lisboa: Relógio D’Água Editores, col. “Poesia”, 2001: 70-71.

²⁸ “Na prática, ... não se parte de uma circunstância documental ou historicamente relevante, identificada à partida entre dois textos literários pertencentes a duas culturas e línguas diferentes, mas ... de um tema que ... é tratado de forma semelhante nesses textos. ... uma leitura comparada temática pode levar-nos de um texto ao outro, ... sem decidir um texto de partida e um texto de chegada). Uma leitura amplificada do próprio conceito de comparatismo literário pode beneficiar os estudos nesta área, porque deixará de estar circunscritos a problemas de influências ou ansiedades de influências, ...” (Ceia 101) e, linhas adiante, “Parece-nos tão legítimo optar por um programa de banda estreita ... investigação dos intertextos culturais e/ou literários) como por um programa de banda larga ... investigação de temáticas comuns a textos de literaturas nacionais diferentes, mas que partilham o mesmo espaço institucional, como é o caso dos estudos anglo-portugueses).” (*Ibidem* 102)

II – Secundária:

- Baldick, Chris. *The Concise Oxford Dictionary of Literary Terms*. Oxford and New York: Oxford University Press, 1991 (1990).
- Cardim, Luiz. *Projeção de Camões nas Letras Inglesas*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1940.
- Cidade, Hernâni. *Luís de Camões – I – O Lírico*. 4.^a ed. Lisboa: Livraria Bertrand, col. “Obras-Primas da Língua Portuguesa”, 1973 (1936).
- Coelho, Jacinto do Prado. “Camões, Poeta do Desengano”. *Problemática da História Literária*. 2.^a ed., revista e ampliada. Lisboa: Ática, 1972: 75-80 (1961).
- Cuddon, J. A. *A Dictionary of Literary Terms*. London: Penguin Books, 1982 (André Deutsch Ltd., 1977).
- Estorninho, Carlos. *A Contribuição Inglesa para a Camoniana* (Palavras proferidas no acto inaugural da Exposição da Camoniana Inglesa, no Instituto Britânico em Portugal, em 24 de Maio de 1972). Lisboa: Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de “Os Lusíadas”, 1972.
- Evans, Ifor. *História da Literatura Inglesa*. Lisboa: Edições 70, col. “Signos”, n.º 30, 1980 (*A Short History of English Literature*. 1940).
- Fuller, John. *The Sonnet*. London and New York: Methuen & Co., “The Critical Idiom”, n.º 26, 1980 (1972).
- Grierson, Herbert e Smith, J. C. *A Critical History of English Poetry*. Harmondsworth: Penguin Books in association with Chatto & Windus, 1966 (Chatto & Windus, 1944).
- Harvey, Sir Paul (ed.). *The Oxford Companion to English Literature*. 4th. ed., revised by Dorothy Eagle. Oxford: Clarendon Press, 1983 (1932).
- Igreja, Maria Eugénia. “A lírica de Camões em língua inglesa”. *Camões em Inglaterra*. Coord. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, col. “Diálogo”, série Compilação, 1992: 101-127.
- Legouis, Émile e Cazamian, Louis. *A History of English Literature*. London: J. M. Dent and Sons, 1948 (vol. I, 1926; vol. II, 1927).
- Matos, Maria Vitalina Leal de. *Camões: Sentido e Desconcerto*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, “Estudos Camonianos”, n.º 6, 2011.
- . *Introdução à poesia de Luís de Camões*. 3.^a ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, col. “Biblioteca Breve”, série Literatura, n.º 50, 1992 (1980).
- . “O Tempo na Poesia Camoniana”. *Ler e Escrever. Ensaios*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, “Temas Portugueses”, 197: 79-96 (*Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981: vol. XVI, 127-142).
- Monteiro, George. “Camões in the United States”. *Revista de Estudos*

- Anglo-Portugueses*. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, n.º 11 (2002): 37-55.
- . “Notes on Camões”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, n.º 8 (1999): 7-15.
- . *The Presence of Camões: Influences on the Literature of England, America and Southern Africa*. Lexington, Kentucky: The University Press of Kentucky, “Studies in Romance Languages”, n.º 40, 1996.
- Moser, Fernando de Mello. *Luís de Camões em Inglaterra* (Separata do volume III d’Os Lusíadas: Estudos sobre a Projecção de Camões em Culturas e Literaturas Estrangeiras). Lisboa: s. ed., 1984.
- . “The Reception of Camoens in England”. *Dilecta Britannia. Estudos de Cultura Inglesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004: 57-72.
- Odber de Baubeta, Patricia Anne. “Camões in Translation: Further Discoveries”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Dir. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, n.º 12 (2003): 27-34.
- Penteado, Maria Eugénia de Carvalho. “Luís de Camões traduzido pelo Visconde de Strangford”. *Camões em Inglaterra*. Coord. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, col. “Diálogo”, série Compilação, 1992: 129-158.
- Ramos, Iolanda Freitas. “Imagens inglesas de Camões”. *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses* (Lisboa, 6-8 de Maio de 2001). Lisboa: Centro de Estudos Anglo-Portugueses – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2001 (sic: 2003): 225-233.
- . “Ser e não ser – Camões, o Shakespeare Português”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Dir. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, n.º 14 (2005): 7-25.
- Robson, W. W. “Pre-Raphaelite Poetry”. *The Pelican Guide to English Literature – From Dickens to Hardy*. Ed. Boris Ford. Harmondsworth, Penguin Books, “The Pelican Guide to English Literature”, vol 6, 1977: 352-370 (1958).
- Rogers, Pat (ed.). *The Oxford Illustrated History of English Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1990 (1987).
- Sampson, George. *The Concise Cambridge History of English Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1941.
- Sanders, Andrew. *The Short Oxford History of English Literature*. 3rd. ed. Oxford: Oxford University Press, 2004 (1994).
- Sena, Jorge de. “Alma minha gentil...”. *Trinta Anos de Camões – 1948-1978 (Estudos Camonianos e Correlatos)*, vol. II. Lisboa: Edições 70, Lda., col. “Obras de Jorge de Sena”, 1980: 9-151.
- Silva, João Paulo Ascenso Pereira da. “John Adamson e a imagem ro-

- mântica da literatura portuguesa”. *Romantismo. Imagens de Portugal na Europa Romântica. Actas do II Congresso Internacional de Sintra sobre o Romantismo* (Sintra, 23-26 Setembro 1987). Sintra: Instituto de Sintra, 1998: 143-148.
- . “John Adamson e o mito romântico de Camões”. *Camões em Inglaterra*. Coord. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, col. “Diálogo”, série Compilação, 1992: 159-187.
- . *Memórias de Portugal. A Obra Lusófila de John Adamson*. Ponta Delgada: Eurosigno Publicações Lda., 1990. (Dissertação de Mestrado homónima em Estudos Anglo-Portugueses, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 1986).
- Silva, Vítor Manuel de Aguiar e. “A Elegia na Lírica de Camões”. *A Lira Dourada e a Tuba Canora: novos ensaios camonianos*. Lisboa: Edições Cotovia, 2008: 165-181.
- . “Aspectos petrarquistas da lírica de Camões”. *Camões: Labirintos e Fascínios*. Lisboa: Edições Cotovia, 1994: 179-190 (AAVV, *Cuatro lecciones sobre Camoens*. Madrid: Fundación Juan March/Cátedra, 1981).
- . *Jorge de Sena e Camões. Trinta Anos de Amor e Melancolia*. Coimbra: Angelus Novus, 2009.
- Valverde, José Filgueira. *Camões. Comemoração do Centenário de “Os Lusíadas”*. Coimbra: Livraria Almedina, col. “Novalmedina”, 47, 1982 (Madrid: Editora Nacional, 1975).
- West, Sidney George. *Camoens in the Periodical Literature of the British Isles, 1771-1970* (Separata da comunicação apresentada à I Reunião Internacional de Camonistas, Lisboa, 15-18 Novembro 1972). Lisboa: Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de “Os Lusíadas”, 1973.

III – Varia:

- Alarcão, Miguel. “Amor para além da Morte ou as ‘Cruzes de Leonor””. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Dir. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, n.º 19 (2010): 43-60.
- . “Roy Campbell (1901-1957): o hispanista escocês da África Austral”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Dir. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, n.º 16 (2007): 135-157.
- Bello, Maria do Rosário Lupi. “O Portugal de Roy Campbell.” Comunicação inédita, apresentada ao Congresso Internacional “Do Brasil a Macau: Narrativas de Viagens e Espaços de Diáspora” (10-14 Set. 2008), organizado pelo Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa

- e pelo *Nottingham Trent Centre for Travel Writing Studies*, Nottingham Trent University.
- e Miguel Alarcão. “Roy Campbell (1901-1957): The Life, Times and Opinions of a South African ‘Cowboer’”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Dir. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, n.º 22 (2013): 209-221.
- Bettencourt, Margarida. “A questionação da marginalidade em ‘Monna Innominata’ de Christina Rossetti”. *Fringes at the Centre. Actas do XVIII Encontro da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos – APEAA* (Guarda, 20-22 Março 1997). Guarda: Instituto Politécnico da Guarda/Escola Superior de Tecnologia e Gestão, 1998: II, 399-409.
- Browning, Elizabeth Barrett. *Sonetos Portugueses*. Pref. e trad. Manuel Corrêa de Barros. Lisboa: Relógio D’Água Editores, col. “Poesia”, 1991.
- . *The Poetical Works by Elizabeth Barrett Browning*. Introduction by Alice Meynell. London, Melbourne and Toronto: Ward, Lock and Co., s. d.
- Camões, Luís de. “Aquela que de amor descomedido” (Elegia II). *Lírica Completa*. Ed. Maria de Lurdes Saraiva. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, “Biblioteca de Autores Portugueses”, 1981: vol. III, 147-153.
- Campbell, Roy. *The Collected Poems*. London: The Bodley Head, 1960, vol. III.
- . *Portugal*. London: Max Reinhardt, 1957.
- Ceia, Carlos. “Para a definição do conceito de *Estudos Anglo-Portugueses*.” *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses* (Lisboa, 6-8 de Maio de 2001). Lisboa: Centro de Estudos Anglo-Portugueses – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2001 (sic: 2003): 97-102.
- Walker, Ernest. *Camoens: Sonnet XIX. Set to music by –*. Translated Sir R.[ichard] F.[rancis] Burton. S.l.: May 1888.

Este estudo foi realizado no quadro do Projecto Estratégico PEst-OE/ELT/UI4097/2011, domiciliado no CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) e financiado pela FCT- Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

SUBVERTER O OUTRO CATÓLICO: ESTRATÉGIAS DE REPRESENTAÇÃO E O 'EFEITO DO REAL' NO PANFLETO ANTI-CATÓLICO *THE ANATOMY OF THE ENGLISH NUNNERY AT LISBON IN PORTUGAL* (1622), DE THOMAS ROBINSON¹

Rogério Miguel Puga
Universidade Nova de Lisboa
CETAPS

Em 1622 o mercador e panfletista protestante Thomas Robinson (*fl.* 1622), possivelmente oriundo de King's Lynn (Norfolk), publica a sua única obra, o panfleto anti-católico sobre o convento brigantino inglês de Lisboa *The Anatomy of the English Nunnery at Lisbon in Portugal: Dissected and Laid Open by one that Was Sometime a Younger Brother of the Convent (AENL)*, que seria republicado em 1623, 1630, 1637, 1662, 1731 e 1916. Como a obra demonstra, a partir do século XVI, os conspiradores e vilões católicos são considerados inimigos dos interesses e do progresso da Inglaterra,² fazendo esses 'definitional others' (Parker et al. 5) parte do imaginário literário coevo (Dolan, *Whores of Babylon* 3-4; Marotti *Religious Ideology* 2,32; Álvarez-Recio 1-3), sobretudo nas obras que fazem parte da *Protestant imaginative writing* (Shell, *Catholicism* 1-2). Como já afirmámos (Puga, no prelo), *AENL* parodia e carnavaaliza a vida e os votos religiosos das freiras e dos frades brigantinos ingleses

¹ Versão desenvolvida de uma secção que apresentei na 24.^a Conferência Internacional SEDERI: *Charting Early Modern Culture: Seascapes, Landscapes, Mindscales*, organizado pela Sederi (Spanish and Portuguese Society for English Renaissance), na Universidade de Huelva (Espanha), em 15 de Março de 2013.

² Sobre o papel do anti-catolicismo na formação da identidade nacional inglesa, vejam-se: Colley (309-329); Marotti ed. (*Catholicism*); Marotti (*Religious Ideology*); Shell (2006) e Corens (2011).

que residiam no Convento de Santa Brígida das Inglesas, em Lisboa, tendo esse texto dado origem a uma resposta imediata por parte da comunidade visada, a *Answer* da autoria do padre Foster (2006), que estudaremos oportunamente.

Ao longo do presente estudo ocupamo-nos sobretudo das estratégias narrativas e dos temas/estereótipos de que o autor se serviu para veicular a sua ideologia religiosa e política e para convencer o leitor protestante de que está perante um texto de cariz realista que, por sua vez, subverte propositadamente a vida religiosa e a espiritualidade dos frades e freiras ao textualizar essa comunidade através do chamado 'efeito do real', que é também um constructo literário utilizado para criar outro efeito, o da 'veracidade histórica'.

In/outsider: o panfletista-mercador Thomas Robinson

Pouco se sabe sobre Thomas Robinson. Os autores de panfletos eram normalmente oriundos da classe média e educados em universidades ou Inns of Court. Os leitores seriam tendencialmente aprendizes, artesãos, mercadores e nobres (Halasz 14-15; Raymond 58-59, 97; Álvarez-Revio 170). O próprio Robinson (narrador) confessa que estudou na Universidade de Cambridge, às custas de Thomas Gurlin, *mayor* de King's Lynn, a quem a obra é dedicada. O autor é provavelmente o mesmo Thomas Robinson que se matriculou no Emmanuel College em 1609, instituição cujo ambiente se coaduna com o fervor puritano da cidade de King's Lynn. Robinson decide abandonar os estudos e embarcar, acabando por residir temporariamente na Irlanda e em Portugal. Um Thomas Robinson casou com Anna Buxton em 1646, na capela de St. Nicholas, de King's Lynn (Middleton 46; Sheils 409-410). De acordo com *Answer*, a resposta do padre Joseph (Seth) Foster, o décimo-segundo confessor geral da comunidade exilada de Sião, ao panfleto de Robinson (Foster 95-100), quando este chegou a Lisboa em 1616 (vindo da Irlanda) afirmou ser católico e que abandonara a Universidade de Cambridge, então repleta de 'heresias', para procurar o seu tio, um padre que o convertera ao catolicismo, auto-caracterização que poderá ter sido um estratégia para Robinson ser aceite e auxiliado no convento. Father Foster revela que o panfletista permaneceu na instituição lisbonense dezois meses e não dois anos e meio, como o panfleto afirma. De acordo com o relato ficcional de Robinson, Foster persuadiu o narrador autodiegético a residir no convento como secretário e padre, mas este último acabaria por fugir para denunciar,

tal como Thomas Becon (273) em *The Displaying of the Popish Masse* (1637), os pecados e a falta de espiritualidade das freiras e dos frades católicos. A *Answer* também revela que o autor do panfleto, depois de abandonar Cambridge, deixou a Inglaterra na companhia do capitão John Pennington e de oitenta marinheiros para tomar barcos espanhóis ao largo das Canárias. A tripulação viaja para a Irlanda, onde é presa e os seus bens são confiscados. Ao ser libertado, Robinson reside em Galway durante três meses e é sustentado pelo capitão Richard Browning até viajar para Lisboa. Durante a expedição, o panfletista planeia roubar a embarcação do seu protector, e uma vez em Portugal esconde-se no convento, talvez para evitar ser preso, até conseguir regressar a Inglaterra. Esta versão (católica) das 'piratarías' de Robinson³ é apresentada pelo Father Seth na sua *Answer* ao panfleto-ataque, e poderá ser tão fictícia como o conteúdo de *AENL*.

O exílio brigantino: a comunidade religiosa visada e o contexto (ideológico) de produção do panfleto

A comunidade religiosa (real) que é atacada no panfleto já foi estudada, sobretudo no Reino Unido (Aungier 1840; Fletcher 1933; Johnston 1964; Anónimo, *História dos Mosteiros* 391-403; Santana 466-467; Spear 2005; Jones e Walsham 2010), pelo que não nos deteremos nas suas origens e nos seus percursos geográfico-espirituais. As irmãs e os irmãos brigantinos abandonam a Inglaterra em 1539, estabelecem-se primeiro na Flandres e posteriormente na França. Quando Ruão é invadida por Henrique de Navarra, em 1594, a comunidade exilada parte, por mar, para Portugal, então sob domínio filipino, e chega a Lisboa em Maio, trazendo consigo as suas "Reliques, Rules & Monuments, Service books, Choir books, Libraries, Bulls, Records & Church furnitur of Sion" (Jones e Walsham 179). As 'inglesinhas' hospedam-se durante algum tempo no Convento da Esperança até que em 1599 se instalam no sítio do Mocambo, numa casa que lhes fora oferecida, em testamento, por Isabel de Azevedo, surgindo assim o Convento do Quelhas das Religiosas de Santa Brígida (na Rua das Inglesinhas/Calçada das Inglesas, actual Rua do Quelhas), que seria destruído por um incêndio

³ As nossas referências a Robinson daqui em diante reportam-se ao narrador autodiegético/autor auto-textualizado, também representado visualmente nas ilustrações do panfleto, e não a Robinson enquanto figura histórica.

em Agosto de 1651, juntamente com a Igreja de São Salvador de Sião e parte do arquivo da Ordem. Nesse mesmo ano inicia-se a construção do novo Convento das Inglesinhas, para onde estas se mudam cerca de cinco anos depois (Alves e Infante 8, 23; Almeida 189). Este foi o primeiro convento inglês a 'estabelecer-se' em Portugal, sendo as novas regras da Ordem estabelecidas em 1607; aliás, Syon House foi a única instituição monástica inglesa que sobreviveu desde 1594 até que, em 1598, uma casa beneditina foi fundada em Bruxelas. Curiosamente, pouco depois de a obra de Robinson ser publicada, um outro convento católico inglês é fundado em Cambrai (1623), e antes de 1630 mais oito surgem na Europa. Em Lisboa, as freiras reuniram 12 retratos de monarcas ingleses através de contactos com outras instituições inglesas na Península, nomeadamente o Colégio Inglês de Sevilha. Esses presentes de outras instituições demonstram quer o estatuto e a imagem pública do convento – ao contrário da imagem que, como veremos, Robinson veicula –, quer os fortes laços dessa casa com Inglaterra (Williams, M. 123-124, Bowden 186), realidades propositadamente ignoradas no panfleto. Até 1695 – ano da morte do último irmão, George Griffith, 17º Confessor Geral – cerca de 27 homens juntaram-se à comunidade religiosa do convento (Bowden 187). Em 1809, durante a Guerra Peninsular, algumas freiras regressam a Inglaterra, e no ano seguinte as que permaneceram em Lisboa mudam-se temporariamente para o convento do Bom Sucesso, enquanto o delas funciona como hospital para militares ingleses (Santana 466, De Hamel 130-132), e não sendo (enquanto membros de uma ordem britânica) abrangidas pela extinção de 1834, permanecem em Lisboa até 1861, quando doze freiras vendem os bens da Ordem e regressam finalmente à Grã-Bretanha, mais de trezentos anos depois do exílio inicial.

As instituições católicas inglesas no continente (Bélgica, França, Península Ibérica) tiveram um papel importante quer na construção da identidade católica inglesa (Bainbridge 26), embora desde o estrangeiro, quer na expressão do inconformismo católico e na formação de jovens freiras e frades/padres que auxiliaram a missão anti-protestante, tornando-se essas jovens religiosas “women of God and arms” (Warren 141-49) ao demonstrar que o exílio era também uma forma de martírio (Highley 24). Com o apoio do rei espanhol, essas comunidades abrem instituições na Península Ibérica, nomeadamente em Valladolid (1589), em Sevilha (1592) e em Madrid (1598), contribuindo para a formação de uma hispanofobia generalizada a que se deu o nome de ‘lenda negra espanhola’ (Maltby 1971; Forse 13-33; Highley 156-168, 191). *AENL* surge assim na década em que são

fundados mais conventos ingleses na Europa (Walker *Gender* 398), fenómeno que, por sua vez, dá origem a um maior número de publicações anti-católicas em Inglaterra, nomeadamente panfletos como o de Robinson, armas eficazes contra o inimigo ‘papista’, tais como os sermões dominicais e as publicações periódicas que influenciavam a opinião pública (Clark 1983; Raymond 11-25; Álvarez-Recio 45-51). *AENL* é publicado num momento crítico das relações anglo-ibéricas, nomeadamente durante as negociações para uma aliança dinástica (casamento) entre Carlos, príncipe de Gales (1600-1649), futuro Carlos I, e a Infanta Maria Ana de Espanha (1606-1646), sendo um dos objectivos da narrativa recordar os leitores protestantes dos perigos e ameaças católicas, bem como das inúmeras estratégias subversivas dos ‘papistas’ contra os interesses da nação inglesa.

Convencer o leitor protestante a odiar o inimigo ‘papista’: o panfleto de cariz realista, as estratégias literárias e o ‘efeito do real’

AENL é publicado por dois conhecidos editores protestantes, Robert Milbourne (c.1596-1642) e Philemon Stephens (1600-1670), num momento crucial das relações anglo-espanholas (1622-1623), o abrandamento na perseguição dos católicos devido às negociações para a união dinástica entre Carlos, príncipe de Gales (1600-1649), futuro Carlos I, e a infanta Maria Ana de Espanha (1606-1646), o chamado ‘Spanish Match’. As facções a favor e contra o casamento tentam influenciar a opinião pública (Maltby 1971; Redworth 2003) e, face à possibilidade do casamento, até as freiras decidem agir em seu próprio benefício e escrevem à infanta a pedir-lhe que as autorize a regressar após o matrimónio (transcrição do documento em De Hamel 11-22). Em Inglaterra, o medo do regresso do catolicismo era transmitido através de obras como *Catholicon*, de Wilett (1602), *Great Britain’s Great Deliverance, from the Great Danger of Popish Powder*, de William Leigh (1606), e *A Worthy Speech*, de Thomas Abernathie (1641), enquanto o receio de mulheres católicas (esposas ou mães) e da educação católica marca presença em obras como *The Popish Royal Favourite*, de William Prynne (1643), *The English Pope* (1643) ou *Vindicae Caroli Regis* (1645). Entre 1620 e 1624 várias obras protestantes advogaram a rejeição de alianças com a ‘whore of Babylon’ (Roma) e criticaram quer o casamento anglo-espanhol, quer a simpatia crescente para com Roma, a saber: *Vox Populi* (1620), de Thomas Scott, *Judah Must into Captivitie* (1622), de Thomas Jackson,

A Peace-Offering to God (1623), de Samuel Ward, *Oratio* (1623), de George Vaughan, *Gratulatio Academiae Cantabrigensis* (1623), *Mystical Babylon* (1624), de Theophilus Higgons, *Neptune's Triumph* (1623-24) e *The Fortunate Isles* (1625), de Ben Johnson, *A Heartie Prayer in a Needful Time* e *Anagramma Regis* (1625), *An Exposition upon the Lord's Prayer* (1628), de Henry King, e *England's Hallelujah*, de John Vicars (1631). O objectivo de *AENL* é, para além de recordar os leitores dos perigos e estratégias subversivas dos católicos contra os interesses da Inglaterra, demonizar o Outro religioso, através da já tradicional temática da misoginia (Underdown 62; Dolan, *Whores* 6-10) e de estereótipos como “a people generally of debauch'd and murderous principles” (Anónimo *Reflections* E2).⁴ Já em 1629 Sir William Moore (I) satirizaria a opulência das freiras, na senda de Scott (1584), Harsnett (V3), Herring (Kv, K2-K2v) e Gainsford (C3), enquanto em 1645 Samuel Torshel (205) criticaria as “Popish Ladies [whose] praying beads [were] as rich as their neck-laces and bracelets, and their crucifixes made into Jewels”. O imaginário do panfleto tira, assim, partido de uma elaborada rede de imagotipos, estereótipos e temas da tradição literária protestante de que Robinson se serve para caracterizar, de forma realista, para o ‘receptor’ protestante (habituação a essas representações), o Outro religioso, que deverá ser demonizado o mais possível. Há, portanto, todo um imaginário estereotipado a que o leitor protestante tem acesso, servindo a hipérbole e a paródia o propósito de subverter a imagem desse Outro religioso, cujos pecados carnis e depravação são descritos, como já afirmámos, de forma realista, entendendo nós o conceito de realismo tal como David Lodge (*Modes of Modern Writing* 25) o define: “the representation of experience in a manner that approximates closely to descriptions of similar experiences in non-literary texts of the same culture.”⁵ Ao estudar o

⁴ Vejam-se também Willet (1602) e sobretudo Prance (A2v), que, em 1679, avisa: “no defeat can daunt them [Catholics]”.

⁵ David Lodge (*Modes* 25) afirma sobre o conceito de realismo: “For obvious reasons, a verbal text can never be mistaken for the reality it refers to..., the representation of experience in a manner that approximates closely to descriptions of similar experiences in non-literary texts of the same culture... Thus the realistic novel, from its beginning in the eighteenth century, modelled its language on historical writing of various kinds, formal and informal: biography, autobiography, travelogue, letters, diaries, journalism and historiography.” Alguns desses modelos e formas de escrita encontram-se, como veremos, presentes em *AENL*, à excepção da escrita jornalística e da carta. David Lodge (“Analysis and Interpretation of the Realist Text” 5-18 e *The Novelist at the Crossroads* 4), afirma ainda: “a particular mode of presentation which, roughly speaking, treats fictional events as if they were a kind of history, or in a more qualitative sense, to denote

realismo literário enquanto forma de representação, Pam Morris aborda a dificuldade de definir esse conceito e refere a existência desta forma de representação artística desde a Antiguidade Clássica até à actualidade, concluindo que o conceito, ao qual se encontram associados termos como *mimesis* e verosimilhança é incontornável no discurso da crítica literária e acarreta, indissociáveis, uma dimensão cognitiva e estética. O leitor informado cedo se aperceberia de que o universo textualizado por Robinson é um mundo às avessas, mas é provável que parte do público protestante o aceitasse como real, até porque muitas fontes protestantes o textualizam assim, e para esse imaginário 'realista' contribuiria o elevado grau de verosimilhança do mundo possível criado por Robinson. Morris defende ainda que a *mimesis* literária não equivale à realidade que representa e define realismo como "any writing that is based upon an implicit or explicit assumption that it is possible to communicate about a reality beyond the writing" (Morris 9). O referido estudo define ainda o efeito 'empírico' e o 'da verdade' do texto literário, ou seja, todas as técnicas pelas quais a chamada escrita realista parece veicular a existência humana no espaço físico e no tempo cronológico (103-111). Tal como Morris, também Mário Villanueva (xii; Furst 1-27) defende que o realismo tem sido uma constante fundamental na literatura e defende que o texto literário é um constructo não apenas verbal, mas também mimético, não dissociável da experiência humana, levando esse estudioso assim em conta não apenas os aspectos formais e miméticos do romance, mas também a sua recepção pelo leitor, pois a narrativa literária, como o panfleto de Robinson ilustra ao carnavalesco o convento, ao mesmo tempo que cria textualmente o seu mundo referencial interno, também estabelece, através do leitor, um diálogo com o mundo real, o campo externo de referência que cada leitor transporta para o texto.

Embora pela altura da publicação de *AENL* alguns autores ingleses expressassem a possibilidade da fundação de conventos protestantes (Hill 107-130), de acordo com a visão protestante, a mulher deveria tornar-se esposa, pelo que os seus motivos para ser 'noiva de Cristo' foram desconstruídos a partir de 1536 através de obras como *Comperta Monastica*, enquanto *The Anatomy of Melancholy* (1621), de Robert Burton (418), descreve os votos de castidade e celibato das freiras como "odious

a literary aesthetic of truth-telling." Já Michael Riffaterre (xiii-xiv) afirma que a verdade na ficção assenta na verosimilhança, um sistema de representações que parece reflectir uma realidade externa no texto, sendo, no entanto, um fenómeno linguístico.

and abominable”.⁶ Obras como *The Whore of Babylon* (1607), de Thomas Dekker, *The Anatomy of Melancholy* (1621), de Richard Burton, *AENL, Foot Out of the Snare* (1624), de John Gee, *A Letter to a Virtuous Lady to Dissuade her from her Resolution of Being a Nun* (1686)⁷ e traduções de textos anti-católicos como *Venus in the Cloister* (1638) ridicularizam a falta de castidade e de autonomia das freiras, bem como a hipocrisia dos frades manipuladores. Esses dois estereótipos são comumente utilizados para caricaturar a decadência católica, para avisar os ingleses contra as conspirações estrangeiras e para exortar à luta contra os “common adversaries the Papists” (Rogers 42) através de obras como *Antichrist Arraigned* (1618), de Thomas Thompson, *A Mapped Rome* (1620), de Thomas Taylor, *Ephesus Backsliding* (1621), de John Prideaux, *The Pope’s Deadly Wound* (1621), de Thomas Clarke, *The Purple Island* (1633), de Phineas Fletcher e *Lambeth Faire* (1641), *The Book of Rates now Used in the Sin Custom-House of the Church at the Court of Rome* (1670), *The Pope’s Great Year of Jubilee* (1675) e *The Pope’s Ware-House* (1679), de Titus Oates. Conforme as freiras desapareciam da sociedade inglesa, imagens distorcidas e estereotipadas das religiosas católicas apareciam gradualmente na literatura e na iconografia anti-católica inglesa.⁸ As freiras eram descritas como mulheres licenciosas que se escondiam em conventos no estrangeiro,⁹ cujas paredes não eram representadas como reforços da castidade, mas como barreiras para a vigilância do resto da sociedade. O convento era, assim, um espaço sempre acessível ao pecado vindo do exterior através da porta, da grade removível ou do postigo (Dolan “Why Are Nuns Funny?” 516-517).

Em 1298, o *Periculoso* do Papa Bonifácio VIII prescreve padrões mais rigorosos para a clausura das religiosas, e, enquanto regulamentos anteriores pretendiam fechar as religiosas para as defender da violência do mundo exterior, o *Periculoso* centrava-se na protecção da sua virtude ao isolá-las da tentação sexual.

⁶ Sobre as questões legais relativas ao tratamento de membros femininos da comunidade católica em Inglaterra e no estrangeiro nos séculos XVI e XVII, veja-se Gibbons (55-48).

⁷ A anónima *Letter to a Virtuous Lady to Dissuade her from her Resolution of Being a Nun* (1686) descreve uma freira no interior das “stone-walls” do convento como uma “renegade to Nature... Transgression unto Love”, concluindo: “Virtuous Wives are better than some Nuns”.

⁸ Sobre iconografia anti-católica, inclusive o frontispício de *AENL*, veja-se Jones (146-155).

⁹ Veja-se *The Adamite, or the Loves of Father Rock and his Intrigues with the Nuns* 1683 (Dv-D2).

A necessidade do isolamento das freiras seria reforçada pelo Concílio de Trento (1563), e, como *AENL* demonstra, estas medidas eram altamente satirizadas pela literatura protestante. Se a solidão espelha o exílio do mundo exterior (McHugh 2008), num país estrangeiro como Portugal há um duplo exílio, de Inglaterra e da sociedade local. Panfletos como *AENL* eram também utilizados para dissuadir mulheres inglesas de se juntarem a outras freiras na Europa continental, embora entre 1600 e 1630 cerca de 25 mulheres tenham entrado no convento de Lisboa, por exemplo Ann (Bridget), Lucy Browne (que professou em 1614), ambas listadas na secção-elenco final de *AENL* (“The Nunnes of the House” 31-32), duas irmãs holandesas e três portuguesas. A referida lista demonstra que mulheres portuguesas eram recrutadas como forma de obter patronos e fundos locais através de dotes. De facto, Leonor de Mendanha (1576-1655), listada como “Briget Mandanha” por Robinson (32), professou em 1602 (como Bridget Mendanha), e era filha de um abastado e influente casal, Jorge Vaz de Campos e Isabel de Mendanha (Machado 551).

Como muitas outras narrativas protestantes, o panfleto de Robinson foi utilizado para construir uma História inglesa protestante e uma identidade em torno de um inimigo religioso estrangeiro, demonstrando de que forma a linguagem e o imaginário religiosos contribuíram para a criação de um conjunto de ideias e representações através do qual a maioria protestante e a minoria católica definiram as suas próprias identidades. Se a religião era a matriz cultural e a principal ‘linguagem’ de análise e a matriz cultural para abordar quase todos os tópicos de então [família, governo, identidade pessoal, casamento, nacionalidade e ética (Shugar 4)], estudos recentes (Rens 441-459) revelam de que forma os encontros entre ingleses de diferentes religiões demonstram a existência de um sentido positivo de *Englishness* que transcende a conhecida formação (negativa) da identidade nacional com base sobretudo na religião. O convento de Lisboa ficcionalizado por Robinson recria, como não poderia deixar de ser, algum nível de *Englishness* ao manter a sua identidade inglesa não protestante dos tempos da pré-Reforma, uma vez que as religiosas se viam como católicas inglesas no exílio à espera de regressar a casa, pelo que era importante manter também, e até certo ponto, a identidade original de “little self enclosed Englands that shut out to foreign cultures around them” (Highley 183). As freiras perseguidas sentiam que poderiam ajudar a restaurar o Catolicismo na Inglaterra, enquanto os con-

ventos educavam crianças católicas inglesas¹⁰ e se tornaram espaços fulcrais de culto religioso e de identidade comunitária entre os *recusants* exilados (Walker 14-15, 38). Torna-se, portanto, essencial para os autores protestantes ridicularizar essas instituições, e a distância do convento da Inglaterra e da sociedade local facilitou esse processo. Em parte, é também esse sentido de identidade nacional que leva o narrador de *AENL* a aconselhar os familiares das freiras que vivem na Inglaterra a resgatarem as pobres mulheres da prisão religiosa de Lisboa. Não é portanto de admirar que o panfleto de cariz realista tenha sido bem recebido pela comunidade protestante inglesa (Middleton, L. M 46), cujos interesses servia, tenha influenciado narrativas como as de James Wadsworth's *The English Spanish Pilgrime* (L), e sido sumariado em várias obras sobre religião britânica e "English nunneries beyond the seas" (Fuller 492-96), tendo sido reimpressa no interior de outras obras em 1684 (Misopapas N3v-N8) e em 1732 (Morgan 325-340). Seis anos depois de *AENL* ser publicada pela primeira vez, Lewis Owen (Ev) também utilizou esse "little Pamphlet" como um texto-autoridade sobre o convento de Lisboa, tal como faria White Kenneth (11), *dean* de Peterborough, em 1715. O mundo possível ficcionalizado (a partir de uma comunidade real 'inimiga') por Robinson seria assim reproduzido sucessivamente como uma descrição fiel do verdadeiro convento e dos religiosos católicos exilados, sobretudo na literatura protestante. O conceito de 'mundos possíveis', que, de acordo com David Herman, designa uma categoria mais abrangente do que a expressão 'mundos ficcionais',¹¹ auxilia a nossa

¹⁰ Não foram apenas Ordens religiosas inglesas que fugiram para Portugal após o reinado de Henrique VIII, também da Irlanda viajaram até Portugal as freiras da Congregação das Religiosas Dominicanas Irlandesas, que viriam a fundar o Colégio do Bom Sucesso. De acordo com Caeiro (85) e o actual *site* desse Colégio, o referido convento foi fundado na primeira metade do século XVII, após a chegada do padre irlandês Daniel O'Daly (Dominic of the Rosary) por volta de 1630, cuja missão era fundar uma comunidade religiosa que pudesse receber os filhos dos nobres cristãos do seu país, então perseguidos pelos protestantes. O'Daly fundou, para os rapazes, a Comunidade do Corpo Santo e empenhou-se no sentido de criar um Convento para raparigas, que abre portas a 12 de Novembro de 1639, tornando-se o primeiro convento feminino de dominicanas irlandesas no mundo (cf. <<http://www.colegiobomsucesso.pt/historia-do-colegio>>, acesso em 25-09-2013).

¹¹ David Herman (22) recorre a este conceito, também abordado por Volli (123-148); Eco (5-72); Bradley e Swartz (1979); Ishiguro (64-76); Pavel ("The Borders of Fiction" 83-88 e *Fictional Worlds* 50) e Doležel (*Possible Worlds*), que utiliza a ideia de "possible-worlds semantics of fictionality" ("Mimesis" 475-496). Já Harshaw (227-251) prefere o conceito de campo interno de referência ao de mundo possível, pois este último não poderá ser completamente independente dos referentes do campo externo de referência, o mundo real. No caso de *AENL*, o campo interno de referência convoca ficcional e direc-

classificação do panfleto enquanto texto de cariz realista, pois esse texto, ao efabular mundos possíveis, evoca e representa premeditadamente universos ficcionais (Reis 145) com alguns referentes extratextuais explícitos, afirmando Roland Barthes (84-89) que o próprio discurso histórico, à semelhança do chamado romance realista, não produz realidades, mas sim o ‘efeito do real’ na tentativa de esbater as fronteiras entre realidade e ficção. Tomás Albaladejo (58) caracteriza três tipos de mundos possíveis, definindo o segundo como “ficcional verosímil... aquele al que corresponden los modelos de mundo cuyas reglas no son las del mundo real objectivo, pero están construidas de acuerdo con estas”, enquanto Lubomír Doležel (“Fictional and Historical Narrative” 247-273) defende que quer os constructos históricos, quer os ficcionais são ‘mundos possíveis’, encontrando-se os primeiros sujeitos a restrições de índole científica não impostas aos segundos, nos quais *AENL* se insere. Este último autor, reagindo aos estudos de Hayden White, expõe as diferenças entre esses dois mundos, sem negar a interpenetração entre ficção e história, e afirma que o historiador não é apenas um enunciador de significantes, uma vez que a linguagem produz mundos possíveis que remetem para o mundo real (Doležel 255). Como verificamos ao longo deste trabalho, o panfletista imita metodologias, estratégias e temas utilizados por investigadores, nomeadamente historiadores, para criar o chamado ‘efeito do real’ e seduzir-persuadir o leitor da veracidade dos factos que é necessário legitimar através de temas como os manuscritos encontrados que são documentos internos da instituição e, logo, fontes históricas fidedignas, a história das origens da própria Ordem religiosa (historiografia), as testemunhas credíveis que corroboram a versão do narrador-personagem, a extensa lista dos religiosos do convento, que, ao ser fidedigna, se torna o instrumento mais útil na construção da ilusão do real, entre outros artificios a que aludiremos. Entendemos, assim, o conceito de mundo possível como sinónimo de mundo ficcional verosímil.

AENL critica indirectamente os pais que transformam as suas filhas em prostitutas e desperdiçam o seu dinheiro em nome da religião católica, parodiada e carnavalizada (Puga, no prelo) como uma mentira através de um mundo às avessas ficcional habitado por personagens históricas como Rodrigo Lopez (c.1525-1594). O médico judeu português que fora acusado de planear envenenar Isabel I é referido como um dos benfeitores

tamente, desde o título, elementos do campo externo de referência (o convento brigentino de Lisboa).

do convento inglês na França antes de a comunidade se ter mudado para Lisboa. Essa associação também foi feita por Thomas Middleton na sua peça satírica *A Game at Chess* (1624), da qual *AENL* é uma fonte. *A Game at Chess* ataca a religião católica e a corte espanhola e ecoa o texto de Robinson quando Black Knight lê: “Promised also to Doctor Lopez for poisoning the maiden Queen of the White Kingdom, ducats twenty thousand; which said sum was afterwards given as a meritorious alms to the nunnery at Lisbon” (Middleton IV, ii, 116-120). Através de um interessante diálogo intertextual, ambos os textos relacionam vários inimigos de Inglaterra, os Jesuítas, as freiras e os frades exilados e o médico judeu, e através deste último o convento é também associado às temidas conspirações católicas contra a vida de Isabel I. *AENL* menciona ainda outras figuras católicas consideradas perigosas traidoras, tais como o padre Henry Garnet (1555-1606), envolvido no Gunpowder Plot de 1605 e associado a uma das freiras de Lisboa, Josepha (Ann) Bingham (?-1632). Tal como Lopez, os católicos são descritos como exímios envenenadores (26), um estereótipo comum na altura, e esta será talvez a razão pela qual Robinson teria temido pela sua vida quando decidiu escapar do convento. O padre John Vivian – um ex-ministro calvinista de Cornwall que professou em Ruão (1586) e faleceu em Lisboa em 1624 – é também caricaturado ao não revelar sentido de honra e ao exacerbar a má-língua religiosa quando elogia as suas proezas sexuais, bem como as de outros frades (21). O líder dos Jesuítas isabelinos Robert Persons (1546-1610), “the famous Arch-Jesuite Parsons” (14), é desfamiliarizado como o solicitador do convento junto do Papa e como “nuncio apostático, resident in Lisbon” que é subornado e estrategicamente iludido pelo padre Foster. Na realidade, Persons foi um aliado importante das freiras quando a comunidade quis manter o seu ‘legado’ inglês em Lisboa, um desejo inicialmente não concedido pelo arcebispo de Lisboa, mas, como o panfleto de Robinson sugere, Persons e o Papa Clemente VIII intervieram para resolver essa questão (Fletcher 114-118; Guilday 59-60). Persons foi um dos jesuítas mais proeminentes na Inglaterra entre 1580 e 1610, e a sua obra sobre a fundação e o fortalecimento de colégios ingleses no estrangeiro transformaram-no num traidor, bem como o facto de ele ter organizado, com o cardeal William Allen, resistência católica ao regime protestante de Isabel I, sendo a favor da intervenção militar como forma de restaurar o catolicismo em Inglaterra. Depois da chegada das freiras a Lisboa, Persons redigiu o prefácio de um relato sobre a Abadia de Syon desde 1415 e sobre o exílio das religiosas (*Relación que Enviaron las Religiosas del Monasterio de Sion*,

conhecido como *The Wanderings of Syon*, 1594), pelo que não é de estranhar que o jesuíta seja uma personagem secundária em *AENL*, representada como detentora de uma enorme influência política internacional, mas subornada pelo Confessor para ignorar os excessos deste último e permitir-lhe fazer-se passar por “rex” (14) no convento.

Já a personagem literária Father Joseph/Seth Foster é o vilão protagonista de *AENL*, enquanto a figura histórica de Yorkshire que lhe dá origem estudou e ensinou nos colégios ingleses de Ruão e de Rheims, e em Agosto de 1584, quando nenhum irmão havia professado há mais de vinte anos, torna-se o décimo-segundo confessor da comunidade de Syon, cargo que ocupa até 1628. Foster encarrega-se da gestão do convento em Ruão, viaja com a comunidade para Lisboa, prepara a chegada de um irmão leigo e mais três padres que providenciaram serviços espirituais às freiras (Fletcher 112-113). Em 1587, Foster enviou dois irmãos a Espanha para receber a pensão que Filipe II ainda não pagara à Ordem, associando assim o convento de Lisboa à Liga Católica para assegurar protecção às brigittinas. Conforme recorda Walker (“Continuity” 166), a acção de Father Foster foi essencial na mudança da comunidade para Lisboa, pois o Confessor conseguiu permissões das autoridades da cidade e a promessa da pensão de Filipe II. Como veremos, é principalmente a sua influência que é parodiada em *AENL*, uma vez que, depois das *Lisbon Additions* de 1607, Foster é mentor da vida espiritual do convento, *bishop’s deputy* e procurador das freiras com o ‘mundo exterior’, sendo consultado pela abadessa antes da tomada de decisões importantes. Podemos assim concluir que as freiras estavam gradualmente a perder liberdade e autonomia em relação ao Confessor geral (Fletcher 72-122; Ellis 1984; Cunich 74-81), mas decerto não ao nível hiperbólico que o panfleto de Robinson sugere. Father Foster morreu em Lisboa em 24 de Maio de 1628, aos 71 anos, pelo que deveria ter 65 anos quando *AENL* foi publicado e quando o próprio redige a *Answer* ao panfleto. Como vimos, a retórica anti-católica de *AENL* baseia-se assim, até certo ponto, no conceito de identidade nacional religiosa, e, como é sabido, os protestantes ingleses rejeitavam os votos de castidade, descreditavam a vida monástica, e a sua propaganda reforçava tipos culturais e religiosos negativos presentes no panfleto: o monge mandrião e lascivo e o jesuíta ibérico cruel, sedutor e ardiloso. Essas imagens permitiram aos protestantes caracterizar facilmente o catolicismo como uma força estrangeira demoníaca e corrupta.

Os panfletistas e os seus patronos tentavam atingir o maior número de pessoas através de obras com um elevado cunho

ideológico, pelo que os panfletos combinavam estrategicamente a escrita com elementos visuais (Dolan, *Whores* 26) para influenciar os leitores (Matheson 8), funcionando as ilustrações como vocabulário visual para os iletrados (Àlvarez-Recio 2). Os elementos paratextuais visuais da edição de 1623 de *AENL* consistem em três ilustrações e as respectivas explicações, numa introdução para motivar o “indifferent reader” (vii) e na “Epistle Dedicatory” ao mercador Thomas Gurlin (d. 1644), que, entre 1621 e 1634, foi três vezes *mayor* de King’s Lynn,¹² uma cidade portuária conhecida pela sua forte tradição puritana (Capp 233). Não é, portanto, de admirar que o texto de Robinson seja dedicado ao *mayor* da cidade onde a obra viria a ser reeditada em 1916. A dedicatória apresenta Thomas Robinson, que poderá ter nascido em King’s Lynn, como um “sea-man” (iv) a agradecer ao *mayor* da cidade o auxílio financeiro que lhe permitiu estudar em Cambridge antes de ele decidir partir rumo a novos mundos. Os autores puritanos eram aconselhados pelos editores a enviar as suas obras a patronos para pedir permissão para uma dedicatória, e tais dedicatórias indicavam afinidades pessoais, religiosas e políticas entre autor e patrono, especialmente no que diz respeito a tópicos controversos (Peacey 71-72). Os paratextos (*front matter*) de *AENL* ajudam a estabelecer um contrato de leitura entre o autor-texto, o influente destinatário da dedicatória e os leitores protestantes e católicos. Se após a Reforma surge a necessidade de um discurso iconográfico em torno de polémicas religiosas para dar forma (imaginária) aos inimigos religiosos (Shell, *Catholicism* 32), os três elementos paratextuais do panfleto representam tesouros escondidos, grades que se abrem e freiras e frades que se confessam e se escondem no convento em situações eróticas, personagens e episódios esses que são mais tarde descritos no texto principal. *AENL* tira partido de um “voyeuristic impulse” (Highley 189), sugere que a intimidade do confessor facilita as relações sexuais entre frades e mulheres e critica a confissão ao reforçar a ideia da sua inutilidade, pois trata-se apenas de mais uma arma ideológica que os frades utilizam para controlar o sexo feminino. A terceira ilustração mostra o autor-narrador, estrategicamente identificado como “Robinson”, a abrir as cortinas do convento e a mostrar ao mundo o que os religiosos realmente fazem em

¹² Veja-se Hillen (350-355). Na página 345, Hillen refere residentes famosos de King’s Lynn pertencentes à família Robinson (“[who] belonged to the sea-faring, mercantile class”), e pergunta-se se o autor pode ser o mesmo Robinson que foi *freeman* (1647) e *mayor* da cidade (1667).

segredo, enquanto ele grita, qual timoneiro da verdade, usando o imperativo: “behold”, que é também a primeira palavra do paratexto visual seguinte, que, por sua vez, revela obscenos vícios católicos: “The Explanation of the Picture on the Title” (ii). Esta secção do texto contém as legendas (de A a I) das nove cenas nas três ilustrações do frontispício e, logo, relaciona o vocabulário visual com o texto principal. O confessor e uma freira estão sentados em lados opostos da grade do convento, no entanto, o casal – “disobedient” e “dissembler” – rapidamente abre a grade para se entregar a prazeres carnavais, pois “Friers have power silly Nuns to charm...There’s nothing in a Nunnery amisse...they collude, and doe poore silly Novices delude” (ii). Já a conclusão do paratexto defende a Inglaterra dos seus inimigos: “Thus they have reason England to deride,/They doe indeed faire chastity professe./Obedience, poverty, and seeme no lesse: But God doth know, and Robinson can tell,/All is a beastly falshood in this Cell” (ii). O mundo católico e as vocações da educação, oração e castidade das freiras são visualmente representados às avessas através do tópico da grade que se abre facilmente e que assim se assume mais como um espaço-ponto de comunicação com o mundo exterior e de contactos sexuais do que como um símbolo de reclusão.

O convento é o principal macro-espaço da acção do texto e divide-se em micro-espaços fechados como as celas, os quartos, o jardim e os refeitórios, onde a moral não é respeitada. Aquilo a que poderíamos chamar ‘rhetoric of enclosure’ (McAvoy 2008) da narrativa mostra de que forma as freiras são encarceradas no interior do convento e associa o espaço masculino do edifício à traição, má-língua, manipulação e ao sexo, especialmente a escura “private house of iniquity” (16) do Confessor, na qual as freiras se tornam escravas deste, imagotipo também presente, por exemplo, na ilustrações de *A Crystal Glass of Christian Reformation* (1569),¹³ de Steven Bateman, – que, tal como *AENL*, também ataca objectos católicos –, e em *News Discovered, in a Pleasant Dialogue betwixt Papa the False Pope, and Benedict an Honest Friar, Showing the Merry Conceits which the Friars have in their Cloisters among Handsome Nuns, and how the Pope Complains for Want of that Pastime, with the many Shifts of his Friends in England* (1641), de Thomas Herbert.

O início da narrativa de Robinson descreve as negociações diplomáticas da comunidade com o Bispo de Lisboa, que, por

¹³ Vejam-se também Richard Sheldon 1616 (X2v) e Abernethie 1638 (C2r-v).

sua vez, teme os estrangeiros e estranha que frades e freiras vivam sob o mesmo tecto, fazendo essa mesma partilha do espaço fechado, bem como o celibato, que seja mais fácil ao autor subverter a imagem dos religiosos e caracterizá-los como lascivos. A imagem das freiras completamente subjugadas a “sacrilegious” frades é estrategicamente repetida ao longo da narrativa para reforçar a condição dessas “silly seduced women” (14), dignas de pena, enquanto o sugestivo par de adjectivos usado pelo narrador caracteriza os protagonistas masculinos como predadores sem piedade e as mulheres como vítimas. Embora a abadessa e o confessor geral fossem figuras maternais e paternais para toda a comunidade e zelassem pela sua vitalidade espiritual (Ellis 1984), o panfleto subverte essas figuras ao apresentá-los como mestres corruptos e déspotas.

Robinson sugere que até à publicação do seu texto as freiras não poderiam ter recebido ajuda do mundo exterior e eram manipuladas para estarem constantemente umas contra as outras, para que se odiassem e fossem incapazes de se libertar. No entanto, com base na consulta de fontes históricas e de estudos historiográficos sobre a comunidade, podemos afirmar que o panfleto não reflecte a realidade, pois não há referências nesses documentos ao desrespeito pelas regras da Ordem ficcionalizada por Robinson (Bowden 185), e, como é sabido, a comunidade sempre gozou de boa reputação. Em 1672-1673, o capitão James Jenefer visitou Lisboa e afirmou que as freiras inglesas são estimadas por portugueses e estrangeiros e todos as elogiam “for their piety and sobriety... the three English fathers ... are honest good fellows..., whose happiness in living so pleasantly would almost prevail with one to turn Catholic were it not for the burden of the old song ‘The Devil a monk was he’” (Page 24), e em 1775 Richard Twiss (32) descreve-as como “chatty and entertaining”, informando: “the grate was between me and them”. Já o viajante italiano Giuseppe Marc’Antonio Baretti (Joseph Baretti) ao descrever a sua viagem por Portugal nos anos da década de 1760 informa o destinatário das suas missivas que a reputação “of this little community was never sullied in the least ever since their establishment” (196). As fontes portuguesas veiculam a mesma imagem das freiras, que desde 1594 são “grande exemplo, pello retiro que tem de tracto humano, porque como aqui nam tem parentes nem conhecimento de quem as possa distrair das obrigações religiosas, tratam somente de comprimento dellas, e assim em tudo edificam muyto a todos” (Anónimo, *História dos Mosteiros* 403). Aliás, Anthony Knivet, um aventureiro inglês que adoeceu e talvez tenha estado na *English nunnery* em 1599, descreve a atenção extremosa e o

auxílio que recebera de uma freira inglesa (muito provavelmente brigitina) em Lisboa: “I fell very sicke... my misery great, and had beene a great deale greater, had it not beene for a vertuous English woman, which I met withall in a Nunnery, and in that time I was there, shee made her approbation” (243). O viajante inglês descreve assim a virtude das freiras inglesas cinco anos depois de estas se terem estabelecido em Lisboa, caracterização que, tal como a presente nas fontes que acabámos de citar, descredita o panfleto de Robinson.

O conteúdo e o objectivo do texto são claramente identificados antes de o processo de leitura começar, uma vez que a introdução “to the indifferent reader” explica a metáfora cirúrgica do título: o narrador, qual cirurgião, “anatomized this handmaid of the Whore of Babylon; laying open her principal veins and sinewes”. O convento é comparado ao corpo pecaminoso que é autopsiado para revelar a verdade, enquanto o tratado (“treatise”) cirúrgico é – à semelhança de *A Watch-word to England to Beware of Traitors* (1584), de Anthony Munday, e *A Marvellous Combat Contrarieties* (1588), de William Averell – “a preservative” against “Popery” (vii). Conspirações e comportamentos desviantes católicos como os descritos por Robinson eram vistos como causas da decadência política e moral, e através da identificação da Roma católica com a ‘whore of Babylon’¹⁴ – um das mais fortes metáforas anti-católicas – e do Papa com o anti-Cristo, o catolicismo, enquanto sinónimo de subversão política e imoralidade, era representado como prostituição espiritual. A par da literatura protestante mais ‘séria’, textos como *AENL* assumem-se como poderosas estratégias da luta anti-católica, textualizando o narrador propositadamente o espectáculo do convento às avessas para ridicularizar os seus residentes. Em Lisboa, o Confessor age com total liberdade, enganando até o Papa, parecendo que na cidade e no convento as autoridades religiosas e sociais não têm qualquer valor ou poder, e no panfleto, tal como acontece em 1624 na obra *Foot Out of the Snare* (B2), de John Gee, também publicada por Robert Milbourne, a “carnival consciousness, a mode of thought characterized by the temporary inversion of the categories of everyday life” (Platter 1) prevalece no interior do convento-fortaleza. Assim sendo, as mulheres – que deveriam ser o centro da vida religiosa da comunidade – encontram-se incapacitadas de reagir, enquanto noviças

¹⁴ Vejam-se, por exemplo, Bale (c.1550); Barnes (1607); Fennor 1612 (17-18) e Henry Ainsworth 1624 (G6). Hill (1971) estuda a imagem da ‘Whore of Babylon’ como metáfora do corpo (feminino) corrupto da Igreja católica.

abastadas se tornam pobres noivas de Cristo e os frades, como maridos predadores, as transformam em mulheres subservientes.

O narrador reconta as suas experiências pessoais no interior da *nunnery*, e para legitimar os episódios (supostamente) autobiográficos e os pecados católicos estabelece com o leitor um 'pacto autobiográfico' (Lejeune 1989) ao descrever o que viu, leu e ouviu, informação verdadeira que recolheu e que vários mercadores ingleses influentes poderiam comprovar. De forma a ser percebido como uma autoridade na matéria em questão, o narrador apresenta-se como um 'emigrante' (*outsider*) que tem uma perspectiva mais alargada e que não analisa a realidade católica de forma tendenciosa, como acontece com os religiosos em Lisboa, pelo que está numa posição privilegiada enquanto observador protestante informado. Robinson – que se faz passar por católico em Lisboa e é contratado pelo convento numa altura em que qualquer ajuda masculina inglesa é bem-vinda (Foster 95) – autocaracteriza-se assim como a consciência autodiegética que denuncia humoristicamente os pecaminosos ingleses no exílio. Por sua vez, a comunidade católica reage imediatamente, e em Dezembro de 1622 o padre Foster redige *Answer to an Attack on the Nuns of Sion Contained in a Book Entitled 'The Anatomy of the English Nunnery at Lisbon' by Thomas Robinson*, que descreve o panfletista como um mentiroso oportunista (Foster 2006). Embora essa fonte declare que Robinson chegou a Lisboa depois de escapar da prisão na Irlanda (Foster 98-99), o panfletista poderia também ter sido estrategicamente infiltrado no convento como espião protestante para reunir informação e tentar prejudicar os católicos ingleses no estrangeiro e na própria Inglaterra.

O primeiro tema de *AENL* é o *estate* do convento, seguindo-se uma descrição das suas "manners and conservation" (2). O narrador informa os leitores que a Sion House (Abbey) em Inglaterra pertence (no momento da escrita) ao conde de Northumberland e apresenta uma breve história do estabelecimento da Ordem até à altura em que Henrique VIII pôs termo à "ignorância e superstição" católicas e iluminou a Inglaterra (3, tradução nossa). Padres como Richard Reynolds of Syon House (c.1492-1535) foram executados em Tyburn como traidores, e em Lisboa as freiras mandaram pintar essa execução nas paredes da igreja, "esteeming him as a holy Martyr" (3). A introdução do texto principal do panfleto familiariza o leitor com as origens da Ordem na Inglaterra, com os seus mártires masculinos e com as viagens da comunidade pelo continente enquanto "runnagates" vaticinavam, em vão, quer o seu regresso à Syon Abbey original, quer o início de uma "golden age" (4) na sua terra natal. Tal como o

romancista histórico, Robinson funde estrategicamente elementos reais e ficcionais para caracterizar a comunidade religiosa da forma que mais convém ao seu projecto ideológico-religioso. Muitos dos elementos da liturgia católica, como as relíquias, as imagens de santos e a confissão são assim alvos fáceis de ridicularização (Shell 2007), e depois de descrever a decadência da comunidade religiosa, o narrador critica a já referida obediência das freiras a homens cruéis em vez de a Deus. A comparação das religiosas a prostitutas começa na página 7 através de uma glosa marginal (“It is no great miracle for a whore to become a Nunne, nor for a Nunne to become a whore”), sendo a prática dos sete pecados mortais veiculada através de substantivos como vaidade, hipocrisia, orgulho, abundância, pecado e ócio, que, por sua vez, caracterizam a “dissembled sanctity” (13) do convento, enquanto a missa é apresentada como outra fonte de lucros, parte dos quais é enviada à comunidade católica de Yorkshire. Esses conventos são assim apresentados como ameaças para a segurança e para os interesses nacionais ingleses, uma vez que os Jesuítas não poupam esforços para prejudicar os “Heretique[s], as they account all Protestants” (23), e, como recorda Gee em 1624 (42), as conspirações católicas e os dotes de freiras inglesas “suck a great deale of money out of England”. Apesar de alguns estudos recentes (Cunich 42-43) demonstrarem que as brigittinas tinham mais liberdade do que outras ordens inglesas, em *AENL* as freiras de Lisboa vivem sem autonomia e razão, sendo exploradas por frades corruptos, que na literatura protestante simbolizavam tudo o que havia de errado na religião católica, sobretudo no que diz respeito à perigosa combinação de autoridade, dos vícios do catolicismo e da libido (Walker, *Gender* 116; Dolan, “Why Are Nuns Funny?” 527-530).

O narrador estimula a atenção do leitor ao apresentar informação como se fosse ‘má-língua secreta’, e quando narra episódios biográficos de Jesuítas e mercadores ingleses convertidos adopta estratégias tradicionais literárias como a estrutura cronológica do enredo, metáforas, comparações, sumários, elipses, humor e *suspense* (19-25). Por exemplo, na página 17 o leitor descobre que o padre alcoólico anteriormente referido (8) e identificado como Peter Consul (?-1634), é filho do Confessor, portanto, uma prova viva dos pecados católicos habilmente escondidos. O metódico narrador utiliza a memória e o testemunho visual como provas e formas de legitimação para criar a ilusão da verdade histórica, ou o ‘efeito do real’ (Barthes 84-89), com base no que viu, ouviu e leu em Lisboa e naquilo que ele “can at present remember” (8), ou seja, no momento da escrita. A investigação que Robinson levou a cabo consistiu na observação

directa e na consulta cuidada de documentos da Ordem (“booke of their house”:4) que legitimam a informação em primeira mão que lhe foi fornecida involuntariamente pelos religiosos, que assim lhe permitiram produzir um relato fidedigno (“true in the matter”:vi) dos seus pecados. Tal como acontece noutros relatos de viagem, os verbos ‘to see’, ‘to perceive’ e ‘to hear’ são recorrentes (11, 13, 22), pois o narrador observa, reflecte e finalmente toma uma decisão informada, pelo que a última secção do panfleto descreve a forma como ele foge do convento depois de ter concluído claramente que a “outward shew of holinesse was nothing but dissimulation, hypocrisie and lustful sacriledge” (26). A utilização desses verbos e a enumeração dos adjetivos e substantivos como os que acabei de citar criam uma imagem negativa da conduta da comunidade brigítina no interior do convento. No final da acção, Robinson tenta denunciar o padre Foster e algumas freiras ao escrever aos inquisidores de Lisboa, indicando outras testemunhas que poderiam atestar os factos por si relatados, como vizinhos e algumas religiosas. No entanto, o narrador nunca chega a enviar os seis artigos que estruturara cuidadosamente e que transcreve (26-28), pois o padre Foster encontra o documento e ordena-lhe que abandone Portugal. Robinson afirma que, caso viesse a ser necessário, defenderia tudo o que afirmou no panfleto, especialmente se tal lhe fosse pedido pelos familiares das mulheres inglesas que não podem pedir ajuda para serem libertadas de “such horrible and sacrilegious rapine and spoile” (30). Para terminar a sua missão com sucesso, Robinson segue a tradição literária protestante no que diz respeito à caracterização de freiras (depravadas) e frades (cruéis manipuladores) para demonizar o catolicismo por metonímia e exortar os familiares na Inglaterra quer a parar de enviar filhas para o continente, quer para resgatar as que lá estão.

Podemos assim concluir que o cliché recorrente da freira imoral e sexualmente activa é utilizado para criticar a hipocrisia católica e para avisar as mulheres inglesas – que não tinham exemplos de freiras no seu próprio país – sobre os perigos católicos, revelando o ataque ficcional e os mecanismos retóricos utilizados por Robinson sobre a complexa rede de estereótipos anti-católicos, figuras históricas, temas e camadas de metáforas zoológicas negativas utilizada para desacreditar a vida monástica e o catolicismo em geral. Como vimos, o narrador recupera estrategicamente heróis e mártires católicos que associa directa e indirectamente ao convento e presta atenção ao detalhe, por exemplo, através da lista final de freiras e frades, da citação e da paráfrase de documentos do convento para legitimar o que afirma, assumindo-se como o *outsider* que já fora *insider*, inserindo

assim na narrativa o tema do manuscrito enquanto fonte consultada que o legitima. Aliás, alguma da informação avançada por Robinson é historicamente verificável, nomeadamente os nomes dos membros da comunidade parodiada e alguns factos da história da Ordem, que, por sua vez, são fundidos com o mundo possível ficcional criado por Robinson para lhe atribuir verosimilhança. Fica, portanto, claro que o grupo de religiosos textualizado pelo panfletista é um constructo literário, uma paródia do convento real que é criticado ao ser colocado às avessas, pois na instituição não encontramos qualquer traço de castidade, espiritualidade, bondade ou perfeição. O narrador ignora propositadamente os *topoi* da vocação religiosa e da vida espiritual, descrevendo freiras e frades como pecadores cegos e cruéis, sem qualquer outro traço de personalidade. Uma das possíveis mensagens da obra poderá ser o facto de com o resgate das freiras em Lisboa pelos parentes ingleses, o protestantismo trazer luz e liberdade às trevas da prisão do catolicismo, iniciando-se uma nova ordem na Europa continental. Ao “publicar a verdade” sobre os “Romanistas” (30, tradução nossa), o narrador denuncia as mentiras católicas e auxilia os pais ingleses a salvar as suas filhas e familiares do sexo feminino, vítimas da depravação católica. Se os votos dos religiosos eram secretamente desrespeitados não seriam, então, válidos, e todas as autoridades religiosas e políticas em Portugal, bem como os familiares ingleses das mulheres eram enganados pelos frades. Como verificámos, Robinson recorre a diversos temas e estratégias literárias, bem como a estereótipos negativos associados pela tradição literária protestante aos religiosos católicos para, de uma forma realista e convincente, subverter propositadamente a vida religiosa da comunidade inglesa exilada em Lisboa.

OBRAS CITADAS

- Abernethie, Thomas. *Abjuration of Poperie*. Edimburgo: George Anderson, 1638.
- Ainsworth, Henry. *An Arrow against Idolatry. Taken out of the Quiver of the Lord of Hosts*. Londres?: sem editor, 1624.
- Albaladejo, Tomás Mayordomo. *Teoría de los mundos posibles y macroestructura narrativa*. Alicante: Universidad de Alicante, 1986.
- Almeida, Fortunato de. *História da Igreja em Portugal 2*. Lisboa: Livraria Civilização, 1968.
- Álvarez-Recio, Leticia. *Fighting the Anti-Christ: A Cultural History of Anti-Catholicism in Tudor England*. Brighton: Sussex Academic Press, 2011.

- Alves, Maria Paulo e Sérgio Infante. *Lisboa: Freguesia da Lapa*. Lisboa: Contexto Editora, 1992.
- Anónimo. *Reflections upon the Murders of St. Edmund-Bury Godfrey*. Londres: L. Curtiss, 1682.
- . *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*. Ed. Duarte Pires de Lima. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972 (c.1705).
- . *História do Colégio do Bom Sucesso*. Web. 25 Set. 2013. <<http://www.colegiobomsucesso.pt/historia-do-colegio>>.
- Aungier, George James. *The History and Antiquities of Syon Monastery*. Londres: J. B. Nichols, 1840.
- Bainbridge, Virginia. Propaganda and the Supernatural: The Bridgettine Nuns of Syon Abbey in Exile c.1539-1630". Ed. Fiona Reid e Katherine Holden. *Women on the Move: Refugees, Migration and Exile*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010. 25-41.
- Bale, John. *The Image of both Churches*. Londres: John Daye and William Seres, 1500.
- Baretti, Joseph. *A Journey from London to Genoa I*. Londres: T. Davies, 1770.
- Barnes, Barnabe. *Devil's Charter: A Tragedy*. Londres: John Wright, 1602.
- Barthes, Roland. "L'effet de reel". *Communications*. 11 (1968): 84-89.
- Becon, Thomas. *The Displaying of the Popish Masse*. Londres: A. Griffin, 1637.
- Bowden, Caroline. "Books and Reading at Syon Abbey, Lisbon in the Seventeenth Century." Ed. E. A. Jones e Alexandra Walsham. *Syon Abbey and its Books: Reading, Writing and Religion, c.1400-1700*. Woodbridge: Boydell and Brewer, 2010. 177-202.
- Bradley, Raymond e Norman Swartz. *Possible Worlds: An Introduction to Logic and Philosophy*. Oxford: Basil Blackwell, 1979.
- Burton, Robert. *The Anatomy of Melancholy*. Londres: Everyman Edition, 1932 (1621).
- Caeiro, Baltazar Matos. *Conventos de Lisboa*. Sacavém: Distri Editora, 1989.
- Capp, Bernard. *England's Culture Wars: Puritan Reformation and its Enemies in the Interregnum, 1649-1660*. Oxford: Oxford UP, 2012.
- Clark, Sandra. *The Elizabethan Pamphleteers: Popular Moralistic Pamphlets 1580-1640*. Madison: Fairleigh Dickinson UP, 1983.
- Colley, L.. "Britishness and Otherness: An Argument." *Journal of British Studies*. 31 (1992): 309-329.
- Corens, Lisbeth. "Catholic Nuns and English Identities. English Protestant Travellers on the English Convents in the Low Countries, 1660-1730." *Recusant History* 30/3 (2011): 441-459.
- Cunich, Peter. "The Brothers of Syon House, 1420-1695." Ed. Edward Alexander Jones e Alexandra Walsham 2010. *Syon Abbey and Its Books: Reading Writing and Religion, c.1400-1700*. Woodbridge: The

- Boydell Press, 2010. 39-81.
- De Hamel, Christopher. *Syon Abbey: The Library of the Bridgettine Nuns and their Peregrinations after the Reformation. An Essay*. Otley: Roxburghe, 1991.
- Dolan, F. E. *Whores of Babylon: Catholicism, Gender and Seventeenth-Century Print Culture*. Ithaca: Cornell UP, 1999.
- . "Why are Nuns Funny?" *Huntington Library Quarterly* 70/4 (2007): 509-535.
- Doležel, Lubomír. "Mimesis and Possible Worlds". *Poetics Today*. 9:3 (1988): 475-496.
- . "Fictional and Historical Narrative: Meeting the Postmodernist Challenge". Ed. David Herman. *Narratologies: New Perspectives and Narrative Analysis*. Columbus: Ohio State UP, 1999. 247-273.
- . *Possible Worlds of Fiction and History: The Postmodern Stage*. Baltimore: John Hopkins UP, 2010.
- Eco, Umberto. "Possible Worlds and Text Pragmatics: 'Un dramme bien parisien'". *Versus*. 19-20 (1978): 5-72.
- Ellis, Roger. *Viderunt Eam Filie Syon: The Spirituality of the English House of a Medieval Contemplative Order from its Beginnings to the Present Day*. *Analecta Cartusiana* 68/2. Salzeburgo: Universidade de Salzeburgo, 1984.
- Fennor, William. *Pluto his Travels or the Devil's Pilgrimage to the College of Jesuits lately Discovered by an English Gentleman*. Londres: Joseph Hunt, 1612.
- Fletcher, John Rory. *The Story of the English Bridgettines of Syon Abbey*. South Brent: The Burleigh Press, 1933.
- Forse, James. "How 'Black' was the 'Black Legend' in Elizabethan England?". *Shakespeare and Renaissance Association of West Virginia Selected Papers* 25 (2002):13-333.
- Foster, Joseph [Seth]. *Answer to an Attack on the Nuns of Sion Contained in a Book Entitled 'The Anatomy of the English Nunnery at Lisbon' by Thomas Robinson, London, 1622*. *Analecta Cartusiana* Vol. 244. Salzeburgo: Universidade de Salzeburgo, 2006 (1622). 85-121.
- Fuller, Thomas. *The Church of History in Britain* 3. Oxford: Oxford UP, 1845.
- Furst, Lilian R. *All Is True: The Claims and Strategies of Realist Fiction*. Durham: Duke UP, 1995.
- Gainsford, Thomas. *The Friars Chronicle: or, The True Legend of Priests and Monks Lives*. Londres: John Budge, 1623.
- Gee, John. *Foot Out of the Snare*. Londres: Robert Mylbourne, 1624.
- Gibbons, Katy. "'An Unquiet Estate Abroad'": The Religious Exile of Catholic Noblewomen and Gentlewomen under Elizabeth I". Ed. Fiona Reid e Katherine Holden. *Women on the Move: Refugees, Migration and Exile*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010. 43-58.

- Guilday, Peter. *The English Catholic Refugees on the Continent, 1558-1795*. Londres: Longmans, Green, 1914.
- Halasz, Alexandra. *The Marketplace of Print: Pamphlets and the Public Sphere in Early Modern England*. Cambridge: Cambridge UP, 1997.
- Harshaw, Benjamim. "Fictionality and Fields of Reference". *Poetics Today*. 5:2 (1984): 227-251.
- Harsnett, Samuel. *Declaration of Egregious Popish Impostures*. Londres: James Roberts, 1603.
- Herman, David, ed. *Narratologies: New Perspectives and Narrative Analysis*. Columbus: Ohio State UP, 1999.
- Herring, Francis. *Mischeefes Myserie; or, Treasons Master-Peece, The Powder-Plot*. Londres: E. Griffin, 1617.
- Highley, C. *Catholics Writing the Nation in Early Modern Britain and Ireland*. Oxford: Oxford UP, 2008.
- Hill, Bridget. "A Refuge from Men: The Idea of a Protestant Nunnery". *Past & Present* 117 (1987): 107-130.
- Hillen, Henry J. *History of the Borough of King's Lynn*. Wakefield: EP Publishing, 1978.
- Ishiguro, Hidé. "Contingent Truths and Possible Worlds". Ed. R. S. Woolhouse. *Leibniz: Metaphysics and Philosophy of Science*. Oxford: Oxford UP, 1981. 64-76.
- Johnston, F. R.. *Syon Abbey: A Short History of the English Bridgettines*. Londres: Eccles and District History Society, 1964.
- Jones, Edward Alexander e Alexandra Walsham. *Syon Abbey and its Books: Reading Writing and Religion, c.1400-1700*. Woodbridge: The Boydell Press, 2010.
- Jones, Malcom. *The Print in Early Modern England: An Historical Oversight*. New Haven: Yale UP, 2010.
- Kenneth, White. *A Seasonable Discourse of the Rise, Progress, Discovery, and utter Disappointment of the Gun-Powder Plot*. Londres: John Churchill, 1715.
- Knivet, Anthony. "The Admirable Adventures and Strange Fortunes of Master Antonie Knivet, which Went with Master Thomas Candish in his Second Voyage to the South Sea, 1591". Ed. Samuel Purchas. *Purchas his Pilgrimes*. Parte IV, livro 6. Glasgow: James MacLehose and Sons, 1906 (1625). 177-289.
- Lejeune, Philippe. *On Autobiography*. Minneapolis: U of Minnesota P, 1989.
- Lodge, David. *The Novelist at the Crossroads and other Essays on Fiction and Criticism*. Londres: Routledge, 1971.
- . *Modes of Modern Writing*. Londres: Edward Arnold, 1977.
- . "Analysis and Interpretation of the Realist Text". *Poetics Today* 1:4 (1980): 5-22.
- Machado, Diogo Barbosa. *Biblioteca Lusitana Vol. 1*. Lisboa: Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1741.

- Maltby, William S. *The Black Legend in England: The Development of Anti-Spanish Sentiment 1556-1660*. Durham: Duke UP, 1971.
- Marotti, Arthur F., ed. *Catholicism and Anti-Catholicism in Early Modern English Text*. Basingstoke: Macmillan, 1999.
- . *Religious Ideology and Cultural Fantasy: Catholic and Anti-Catholic Discourses in Early Modern England*. Notre Dame: U of Notre Dame, 2005.
- McAvoy, Liz Herbert, ed. *Rhetoric of the Anchorhold: Space, Place and Body within the Discourses of Enclosure*. Cardiff: U of Wales P, 2008.
- McHugh, Anna. "Inner Space as Speaking Space in *Ancrene Wisse*". Ed. Liz Herbert McAvoy, *Rhetoric of the Anchorhold: Space, Place and Body within the Discourses of Enclosure*. Cardiff: U of Wales P, 2008. 83-95.
- Matheson, Peter. *The Rhetoric of Reformation*. Edimburgo: T&T Clark, 1998.
- Middleton, Lydia Miller. "Robinson, Thomas". Ed. Sir Leslie Stephen e Sir Sidney Lee. *Dictionary of National Biography* 17. Oxford: Oxford UP, 1973. 46.
- Middleton, Thomas. *A Game at Chess*. Ed. J. W. Harper. Londres: Ernest Benn, 1966 (1624).
- Misopapas, Philanax [pseud.]. *Rome's Rarities; or the Pope's Cabinet Unlock'd and Exposed to View*. Londres: James Norris, 1684.
- Moore Sir William. *The True Crucifix of the True Catholics*. Edimburgo: John Wreittoun, 1629.
- Morgan, J. *Phoenix Britannicus* 1. Londres: T. Edlin and J. Wilford, 1732.
- Morris, Pam. *Realism*. Londres: Routledge, 2003.
- Owen, Lewis. *The Unmasking of All Popish Monks, Friars, and Jesuits*. Londres: sem editor, 1628.
- Page, William, ed.. *The Manuscripts of the Earl of Dartmouth Vol. 3*. Londres: Her Majesty's Stationery, 1896.
- Parker, Andrew Mary Russo, et al. *Nationalism and Sexualities*. Nova Iorque: Routledge, 1982.
- Pavel, Thomas. "The Borders of Fiction". *Poetics Today*. 4:1 (1983): 83-88.
- . *Fictional Worlds*, Cambridge: Harvard UP, 1986.
- Peacey. *Politicians and Pamphleteers: Propaganda during the English Civil Wars and Interregnum*. Aldershot: Ashgate, 2004.
- Prance, Miles. *A True Narrative and Discourse of Several Years Very Remarkable Passages Relating to the Horrid Popish Plot*. Londres: sem editor, 1679.
- Puga, Rogério Miguel. "'I have heard..., seene and knowne': Carnivalising English Catholicism in Thomas Robinson's *The Anatomy of the English Nunnery at Lisbon* (1622)", no prelo.
- Raymond, Joad. *Pamphlets and Pamphleteering in Early Modern Britain*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- Redworth, Glyn. *The Prince and the Infanta: The Cultural Politics of the Spanish Match*. New Haven: Yale UP, 2003.

- Reis, Carlos. "Fait Historique et Référence Fictionnelle: Le Roman Historique". *Dedalus Revista Portuguesa de Literatura Comparada*. 2 (1992): 141-147.
- Riffaterre, Michael. *Fictional Truth*. Baltimore: The John Hopkins UP, 1993.
- Robinson, Thomas. *The Anatomy of the English Nunnery at Lisbon in Portugal: Dissected and Laid Open by one that Was Sometime a Younger Brother of the Convent. Who (if the Grace of God Had not Prevented him) might Have Grown as Old as in a Wicked Life as the Oldest amongst them*. Ed. E. M. Beloe. King's Lynn: Greenland Fishery Museum, 1916 (1622).
- Rogers, Timothy. *The Roman-Catharist: or the Papist is a Puritan*. Londres: sem editor, 1621.
- Santana, Francisco. "Inglesinhas, Convento das." Ed. Francisco Santana e Eduardo Sucena. *Dicionário de História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas e Associados, 1994. 466-467.
- Scott, Reginald. *The Discovery of Witchcraft*. Londres: sem editor, 1584.
- Sheldon, Richard. *A Survey of the Miracles of the Church of Rome, Proving them to Be Antichristian*, Londres: Butter, 1616.
- Sheils, William Joseph. "Thomas, Robinson". Ed. H. C. G. Matthew e Brian Harrison. *Dictionary of National Biography* 47. Oxford: Oxford UP, 2004. 409-410.
- Shell, Alison. *Catholicism, Controversy and the English Literary Imagination, 1558-1660*. Cambridge: Cambridge UP, 2006.
- . *Oral Culture and Catholicism in Early Modern England*. Cambridge: Cambridge UP, 2007.
- Spear, Valerie G.. *Leadership in Medieval English Nunneries*. Woodbridge: The Boydell Press, 2005.
- Torshel, Samuel. *The Womans Glorie*. Londres: John Bellamie, 1645.
- Twiss, Richard. *Travels through Portugal and Spain in 1772 and 1773*. Londres: G. Robinson, 1775.
- Underdown, David E.. *A Freeborn People: Politics and the Nation in Seventeenth-Century England*. Oxford: Oxford UP, 1996.
- Villanueva, Mário. *Theories of Literary Realism*. Albany: State U of New York P, 1997.
- Volli, Ugo. "Mondi Possibili, Logica, Semiotica". *Versus*. 19-20 (1978): 123-148.
- Wadsworth, James. *The English Spanish Pilgrime; or, a New Discoverie of Spanish Popery, and Jesuiticall Stratagemes*. Londres: Thomas Cotes-Michael Sparke, 1630.
- Walker, Claire. *Gender and Politics in Early Modern Europe: English Convents in France and the Low Countries*. Londres: Palgrave, 2003.
- . "Continuity and Isolation: The Bridgittines of Syon in the Sixteenth and Seventeenth Centuries". Ed. Edward Alexander Jones e Alexandra Walsham 2010. *Syon Abbey and Its Books: Reading Writing and*

- Religion, c.1400-1700*. Woodbridge: The Boydell Press, 2010. 74-81.
- Warren, Nancy Bradley. *Women of God and Arms: Female Spirituality and Political Conflict 1380-1600*. Filadélfia: U of Pennsylvania P, 2005.
- Willet, Andrew. *A Catholicon, that is, a General Preservative or Remedy against the PseudoCatholic Religion*. Cambridge: John Legat, 1602.
- Williams, Michael. "Paintings of Early British Kings and Queens at Syon Abbey, Lisbon." *Birgittiana* 1 (1996): 123-134.

Este estudo foi realizado no quadro do Projecto Estratégico PEst-OE/ELT/UI4097/2011, domiciliado no CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) e financiado pela FCT- Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

AS COMEMORAÇÕES, A POESIA E AS ARTES
DO ESPECTÁCULO POR OCASIÃO DO 350º ANIVERSÁRIO
DA ENTRADA EM LONDRES DA RAINHA D. CATARINA
DE BRAGANÇA PELO RIO TAMISA

Maria da Conceição Emiliano Castel-Branco
Universidade Nova de Lisboa
CETAPS

1.

Este artigo tem na sua génese duas circunstâncias aparentemente diversas, mas que são, na sua essência, complementares: o facto de se ter celebrado recentemente, no ano de 2012, o 350º aniversário da recepção e homenagem a D. Catarina de Bragança, Rainha de Inglaterra e consorte do Rei Carlos II, na sua entrada em Londres pelo rio Tamisa com diversas e prolíficas celebrações e, também, o facto de pessoalmente investigar há vários anos, no âmbito das relações literárias entre Portugal e a Grã-Bretanha, o estudo das representações literárias de D. Catarina de Bragança em língua inglesa e em língua portuguesa. Desta pesquisa resultou, entre outros aspectos, uma compilação de poesia em língua inglesa de diversos géneros sobre a Rainha,¹ onde se encontram poemas e textos da época que tratam especificamente o acontecimento e celebrações mencionadas. Ambos os assuntos se reúnem e complementam neste artigo de uma forma natural.

¹ Refiro-me à *Antologia de Poemas Ingleses sobre D. Catarina de Bragança*, um volume anexo a *A Melhor Jóia da Coroa: Representações de D. Catarina de Bragança na Literatura Inglesa*, Dissertação de Doutoramento em Estudos Anglo-Portugueses apresentada à F.C.S.H., U.N.L., 2005, de minha autoria. Esta antologia foi o início de um estudo que continua em progresso.

2.

O estudo da projecção de D. Catarina de Bragança na literatura britânica foi durante muito tempo um espaço em aberto, tendo-se minimizado e subvalorizado a importância da sua presença em Inglaterra, a sua repercussão na literatura inglesa do seu tempo, assim como a dimensão dessa repercussão até à actualidade. Na realidade, vulgarizou-se a generalização de que os seus anos como consorte nesse país em nada contribuíram para despertar a atenção e o estímulo de escritores britânicos, o que efectivamente não corresponde à realidade. Figura praticamente apagada pela história, a imagem da Rainha D. Catarina de Bragança tem vindo a ser progressivamente redescoberta, aspecto que já tive a oportunidade de salientar em outros contextos. Variadíssimos autores se debruçaram sobre a sua biografia, a diplomacia e o problema histórico da aliança política, os tratados e o casamento, a iconografia, a sua figura como mulher, o regresso a Portugal, os paços onde viveu, a vida entregue a assuntos de Estado nas duas vezes em que foi regente do reino. Actualmente, através da investigação efectuada, é possível observar no âmbito dos Estudos Anglo-Portugueses, e na área mais alargada dos Estudos Comparados, uma tradição literária em língua inglesa ligada ao percurso anglo-português de D. Catarina de Bragança.² Dessa tradição faz parte toda a poesia em língua inglesa sobre a Rainha, na maior parte inédita e desconhecida em Portugal, excertos de diários, memórias e cartas do século XVII até aos nossos dias, excertos de histórias de Inglaterra, dedicatórias, biografias e romances históricos sobre D. Catarina.³

Desconhecida na generalidade, não deixa de ser relevante estabelecer umas breves considerações sobre a *Antologia* de poesia mencionada. Desde a sua concepção verificou-se e

² Cf. "O Percurso Anglo-Português da Rainha D. Catarina De Bragança". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 15. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Centro de Estudos Anglo-Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2006, 155-203, de minha autoria.

³ Os romances históricos em língua inglesa sobre a Rainha D. Catarina de Bragança publicados ao longo do século XX são quase todos inéditos em Portugal. As representações literárias da Rainha, em forma de analogia e/ou variações, que se apresentam nos romances históricos, que pude apreciar e apresentar recentemente em "(Re)Descobrir D. Catarina de Bragança: variações de um caso anglo-português em romances históricos do século XX em língua inglesa", no âmbito da *2nd International Conference on Anglo-Portuguese Studies*, (Fundação Calouste Gulbenkian, Lisbon, 18-20 April 2011), são expressivas do impacte e da redescoberta da importância e singularidade da Infanta portuguesa que se tornou Rainha de Inglaterra.

afirmou-se que era um trabalho complementar à dissertação de Doutorado, totalmente independente e em aberto, pretendendo ser essencialmente um contributo inovador na área dos Estudos Anglo-Portugueses e um fundo de futura pesquisa histórica e literária. Entre o conjunto de poesia reunida, incluem-se alguns poemas em língua inglesa descritivos da chegada a Londres pelo rio Tamisa da Rainha D. Catarina. Na impossibilidade de reproduzir aqui a *Antologia* de poesia que temos vindo a referir, inclui-se em anexo, como complemento e como forma de divulgação, a lista dos títulos dos poemas que se encontram na *Antologia* de 2005 na sua versão integral, e ainda outros que entretanto se encontraram.⁴ Trata-se de uma listagem fruto de ampla investigação efectuada em diferentes bibliotecas de Portugal, Inglaterra e, por via de empréstimo entre bibliotecas, nos Estados Unidos da América. Actualmente, cada vez com maior regularidade, este assunto pode aprofundar-se em bases de dados *online* de bibliotecas ou de sites temáticos, como por exemplo EEBO – *Early English Books Online* (cf. <<http://quod.lib.umich.edu/e/eebogroup/>>) ou OSEO – *Oxford Scholarly Editions Online* (cf. <<http://www.oxfordscholarlyeditions.com/>>).

Após o início da compilação de poesia inglesa sobre D. Catarina de Bragança, revelou-se bastante profícuo e decisivo o contacto com a obra de Gerald Maclean, investigador da Restauração e, então, Professor Associado da Wayne State University, editor de uma colectânea de poemas ingleses sobre as comemorações da Restauração de Carlos II de Inglaterra. Esta contribuiu claramente para sublinhar, impulsionar, e confirmar a pertinência da *Antologia* de poesia inglesa sobre a Rainha já iniciada, e justificou plenamente todo o esforço e empenhamento na realização do trabalho em curso. A obra deste autor, intitulada *The Return of the King: An Anthology of English Poems Commemorating the Restoration of Charles II*, é uma obra em *etext*, acessível online.⁵

⁴ Cf. Anexo I. D. Catarina de Bragança na Poesia Inglesa.

⁵ Cf. *The Return of the King: An Anthology of English Poems Commemorating the Restoration of Charles II*, Electronic Text Center, University of Virginia Library, 1999-2004. <<http://cowley.lib.virginia.edu/MacKing/MacKing.html>> Acesso em 10.06.13. Gerald MacLean publicou *Time's Witness: Historical Representation in English Poetry, 1603-1660* (1990), uma abordagem da poesia com contornos políticos durante a Guerra Civil e a República. Esta experiência levou-o à edição de poemas ingleses sobre a Restauração, acima mencionada (*The Return of the King*, Etext Center, 1999-2004) e, nesta área, foi também editor de *Culture and Society in the Stuart Restoration: Literature, Drama, History* (Cambridge University Press, 1995), obra fundamental para o estudo da

Relativamente à recepção e ecos dos poemas impressos e publicados por ocasião da Restauração, por exemplo, Gerald MacLean afirmou o seguinte na introdução a *The Return of the King*: “On no previous occasion had the commercial press been both so necessary and so directly instrumental in bringing a new government into being.” (MacLean, “Rationale”, 1st §, *The Return of the King*). De entre esse conjunto de material impresso, o autor salientou a relevância dos múltiplos poemas em língua inglesa publicados durante 1660 e 1661, reunindo na sua antologia aqueles que anteciparam o regresso do soberano, a Restauração e os que foram publicados até à véspera da sua coroação. Ao agrupá-los num só volume pôde constatar existirem neles elos indubitáveis entre a poesia e a vida política. Segundo MacLean, o *corpus* seleccionado é revelador de um aspecto fundamental que até agora ainda não foi profundamente abordado: “the range and scope of what was evidently an immense ideological need for a poetic legitimization of the new regime” (MacLean, “Rationale”, 1st §, *The Return of the King*). Estas afirmações seminais são igualmente pertinentes e aplicáveis no que se refere à poesia inglesa sobre D. Catarina de Bragança. A percepção da relevância e singularidade dos poemas sobre a consorte de Carlos II fez surgir naturalmente a necessidade de lhes atribuir um enquadramento, no sentido de aprofundar o seu estudo e detectar eventuais paradigmas temáticos.

A Restauração de Carlos II em 1660 marcou o final da primeira grande revolução anti-monárquica da história moderna europeia: reintroduziu a monarquia numa nação que viria a ter, em termos globais e de forma lenta e gradual, um papel determinante na Europa, através dos seus esforços a nível intelectual, científico, artístico e, também, das suas ambições imperiais crescentes. A coroação do monarca celebrada com grande pompa e aparato em Abril de 1661, juntamente com as negociações e contactos secretos estabelecidos para o casamento do Rei, designado como “the Portugal match”, foram seguidos pelo anúncio público do casamento em 8 de Maio de 1661 e pela assinatura do Tratado de Aliança e Casamento em Junho do mesmo ano. Em 1662, D. Catarina de Bragança, portadora de um avultado dote, era esperada com grande expectativa e uma enorme curiosidade. Depois da viagem por mar a bordo do navio *Royal Charles* da armada inglesa, a que se seguiu a chegada, desembarque e recepção em Portsmouth, a

Restauração.

celebração privada do casamento religioso e posterior percurso de Hampton Court a Londres, ela foi recebida num ambiente festivo, de júbilo e aclamação por todas as povoações britânicas por onde passou, apesar das vozes discordantes que também se faziam ouvir, noutros sectores mais privados, relativamente à escolha do soberano.

A chegada a Inglaterra de uma Rainha que vinha de longe, a sua comitiva numerosa e a posterior adaptação foram, tal como a Restauração, acontecimentos também registados, atentamente comentados e representados de diversas formas por múltiplos observadores ingleses, portugueses e outros de outras nacionalidades. Num período em que a poesia era claramente circunstancial e estava intrinsecamente ligada à vida cultural e política, os poemas comemorativos do regresso de Carlos II, sublinharam a necessidade de legitimação poética do novo governo, para além de outros aspectos. Da mesma forma, o material catariniano aqui reunido, torna-se emblemático em vários níveis, podendo afirmar-se que muitos dos poemas sobre D. Catarina de Bragança, ao fazerem a apresentação da consorte, apontam simultaneamente para a sua legitimação estética, literária e ideológica, em termos pessoais e em termos institucionais, simbolizando a personificação apologética da sua união com a monarquia e o soberano.

A *Antologia* que tem vindo a ser mencionada é o resultado do esforço de reunir pela primeira vez os poemas em língua inglesa cuja preocupação dominante é a representação literária da Rainha D. Catarina de Bragança durante os anos que viveu em Inglaterra, com destaque particular para o ano da sua chegada a Inglaterra como consorte de Carlos II e segunda figura do reino. Contrastando com a visão tradicional de que a poesia da Restauração é essencialmente satírica, grande parte da poesia dedicada à Rainha de Inglaterra que se conhece e que se conseguiu reunir na colectânea não é exclusivamente crítica sendo, aliás, maioritariamente, laudatória e panegírica e, por vezes, didáctica em determinados aspectos. A colectânea, aqui divulgada no *Anexo I* através dos títulos dos poemas, contribui, assim, para salientar o carácter influente do *corpus* no estudo das relações literárias entre Portugal e Inglaterra, ao tornar acessível um conjunto de textos poéticos dispersos, muitos deles inéditos em Portugal ou conhecidos apenas na sua primeira e única edição impressa do século XVII, com a grafia própria de então.

A *Antologia de Poemas Ingleses sobre D. Catarina de Bragança* de 2005, começou por ser uma pesquisa sobre a poesia existente por ocasião do casamento real apenas. A investigação foi sendo gradualmente ampliada por se verificar que, ao

contrário do que se pensava ou, pelo menos, alguns pensavam, o conjunto de poemas ingleses deste período sobre D. Catarina de Bragança, não era insignificante. Este tipo de compilação, permite um estudo mais profundo e aturado da produção poética de escritores ingleses, por ocasião não só do casamento real anglo-português do século XVII, mas também sobre a vida da consorte de Carlos II em Inglaterra. As afirmações de G. MacLean são particularmente esclarecedoras quando refere o alcance da poesia circunstancial em determinados momentos fulcrais históricos, culturais e literários:

Poetry mediated civil unrest providing the terms in which the political struggle could be resituated as art. (...) It [*The Return of the King*] contributes to our understanding of literary-historical relations at an important and still controversial moment in British and World history. (MacLean, "Scope", 1st-2nd §, *The Return of the King*)

A *Antologia* inclui apenas os poemas em língua inglesa cuja temática principal é a representação literária da Rainha de Inglaterra. Excluíram-se poemas contemporâneos noutras línguas como português, latim, grego e árabe. Os textos poéticos do século XVII reunidos caracterizam-se por serem raros, pouco divulgados e, na sua grande maioria, inéditos em Portugal, no todo ou em parte. Os poemas que nela se encontram têm uma génese diversificada. Para além da multiplicidade de autores, existem poemas publicados em obras colectivas e poemas publicados individualmente em edições de autor e em edições a pedido de determinado impressor, poemas laudatórios e poemas satíricos, poemas de autoria masculina e poemas de autoria feminina. Tendo em conta o teor dos poemas, de entre várias hipóteses de categorização ou enquadramento possíveis, optou-se pela apresentação dos textos numa sequência cronológica e temática, formato que permite delinear como que um mapa sequencial das representações poéticas de D. Catarina de Bragança mais relevantes, ao longo dos anos que passou em Inglaterra. Como se poderá verificar, os poemas que se conhecem de 1662 são clara e explicitamente laudatórios, reunindo panegíricos, epitalâmios, boas vindas e encómios. Os anos seguintes revelam outras intencionalidades, outros estilos e outras categorias.⁶

A imagem da consorte divulgada por certos historiadores foi a de uma rainha desinteressante e mal amada pelo rei, pelos

⁶ Cf. Anexo I. D. Catarina de Bragança na Poesia Inglesa.

cortesãos e pela nação em geral, muitas vezes desvalorizada relativamente a outras personalidades femininas da corte por não ter sido uma personalidade influente politicamente. No entanto, apesar de os poemas satíricos dirigidos à Rainha serem incisivos e mordazes, foi possível verificar, investigando a poesia da época, que os textos satíricos sobre as amantes mais destacadas do soberano e os seus conflitos em busca dos favores reais foram ainda mais críticos e exacerbados. As referências a D. Catarina de Bragança em poesia, no entanto, não se esgotam na poesia que tem vindo a ser apontada. Existem poemas de temática variada em que ela não é o assunto principal e que contêm apenas breves alusões à Rainha: são exemplos de poemas de autores maiores ou menores, a propósito de circunstâncias de cariz bastante diversificado, que proferiram algumas considerações mais ou menos relevantes, directa ou indirectamente, sobre D. Catarina de Bragança. Apesar de a abordagem desses excertos ser igualmente valiosa e essencial no âmbito do estudo das relações literárias anglo-portuguesas, optou-se, no entanto, por não os incluir na colectânea.⁷ Na realidade, constituem um conjunto de versos esparsos ou pequenos excertos de poemas que apenas pontualmente mencionam a Rainha de Inglaterra. A reunião de todas essas alusões e referências seria infindável e não deixaria chegar o trabalho a bom termo.

3.

Retomando o outro tópico deste artigo, mencionado no primeiro parágrafo, é um facto que ambos os temas se complementam. A propósito da entrada de D. Catarina em Londres em 1662, existem alguns poemas já incluídos na *Antologia* exclusivamente dedicados a esse momento histórico. Na verdade, ao reflectir sobre o 350º aniversário da entrada em Londres pelo rio Tamisa, talvez fizesse mais sentido se este texto tivesse sido publicado no ano em que se cumpria o referido aniversário, o que não foi possível. Na impossibilidade de o ter efectuado e dada a proximidade temporal, a redacção deste texto já iniciada e toda a documentação mencionada, não deixa de ser proveitoso abordar e analisar este acontecimento à luz de documentos da época, portugueses e ingleses, maioritariamente textos poéticos, recordando o episódio triunfal que foi a entrada de

⁷ As suas referências bibliográficas completas podem ser consultadas em Castel-Branco, "Bibliografia Primária". *A Melhor Jóia da Coroa*. 2005.

D. Catarina de Bragança em Londres pelo rio Tamisa, tendo partido do Palácio de Hampton Court, momento historicamente designado desde então como *Aqua Triumphalis*. Efectivamente, entre os momentos mais elevados em termos de aclamação pública de D. Catarina de Bragança encontra-se a sua chegada a Londres pela primeira vez num desfile de barcos até Whitehall, num cortejo festivo e imponente com barcos e bergantins engalanados, com todos os participantes vestidos nos seus melhores fatos e librês, música no rio e nas margens, representação de *pageants*, música e recitação de poemas e canções e grande parte da população reunida ao longo desse percurso no rio e nas margens para ver chegar a Rainha de Carlos II sobre a qual pouco ou nada sabiam.

Também em 2012, se celebraram os sessenta anos da Rainha Isabel II no trono da Grã-Bretanha, cumprindo-se assim o seu jubileu de diamante com comemorações que se prolongaram por quatro dias. Um dos festejos mais comentados, pelo aparato e magnificência, foi o desfile no rio Tamisa com mais de mil embarcações engalanadas lideradas pela barcaça real ornada com milhares de flores dos jardins reais, que, transportando a monarca e alguns dos familiares mais próximos, iniciou o seu percurso no *Chelsea Pier* e terminou junto à Torre de Londres, acompanhada nesse percurso de cerca de 11 quilómetros por sensivelmente 1.000 barcos. Foi um espectáculo rico de cor, opulência e magnificência. Alguns comentadores referiram o acontecimento como um registo único e classificaram os festejos como os maiores jamais vistos no rio Tamisa em Londres. Outros, no entanto, talvez mais acertadamente, comentaram o espectáculo à luz de alguns anteriores, referindo-se aos festejos da seguinte forma: “The pageant will hark back to the *Aqua Triumphalis*, which saw 10,000 vessels take to the water in 1662 to celebrate the arrival in London of Catherine of Braganza, consort of Charles II.” (Alex Needham, 2012); ou, ainda, “The Thames river pageant will be the highlight of the Jubilee celebrations and is meant to evoke the many celebrations which were held upon the river historically, such as the annual Lord Mayor’s pageant, and the *Aqua Triumphalis* staged for Catherine de Braganza by Charles II” (Lord Cowell, 2012).

Efectivamente, se não existissem precedentes históricos,⁸

⁸ Este acontecimento tem alguns antecedentes históricos, como são exemplo a celebração anual repetida durante muitos anos do dia do “Lord Mayor”, conhecido como “Lord Mayor’s pageant”; a coroação da Rainha Ana Bolena em 1533, cujas celebrações duraram também vários dias e incluíram um desfile de barcos no rio Tamisa, desde

poder-se-ia pensar que o desfile de barcos no Tamisa nas comemorações do jubileu da Rainha Isabel II teria sido um acontecimento exclusivo, único e a maior celebração de sempre no rio Tamisa em Londres, na história da monarquia britânica, como alguns afirmaram. Com maior rigor deverá afirmar-se que foi a maior regata ou cortejo mais importante no rio Tamisa desde o ano de 1662, quando D. Catarina de Bragança entrou pela primeira vez em Londres pelo rio Tamisa, momento em que teve lugar um desfile com muitas semelhanças para receber a nova Rainha. Na realidade, desde os festejos em honra da consorte de Carlos II, que não se viam comemorações com tanta grandiosidade no rio Tamisa.

A chegada da Rainha portuguesa de Carlos II, em 1662, no entanto, é um acontecimento que se reveste de características diferentes e singulares. Ou seja, não se tratou da comemoração de uma festa anual ou de mais um aniversário ou jubileu, mas da entrada pela primeira vez de uma rainha de Inglaterra em Londres pelo Tamisa, constituindo a sua primeira apresentação pública ao povo de Londres. Tratava-se, então, da consorte estrangeira, vinda de longe, de um país unido por alianças reais e políticas mas pouco conhecido, com uma religião, língua e hábitos diferentes, desconhecida do povo inglês e, por essas razões, foco particular de grande curiosidade e entusiasmo inicial. Apesar de pouco conhecida, a nova Rainha era muito desejada, para legitimização e continuidade da Restauração, apesar do futuro pouco grato que a esperava.⁹ O percurso real pelo rio Tamisa foi sem dúvida o mais longo daqueles até aqui mencionados: Suas Majestades embarcaram por uma porta do jardim

Greenwich até à Torre de Londres. A barca que transportava a Rainha estava engalanada de tecidos dourados, e, quando Ana desembarcou, ouviu-se uma salva de cerca de mil armas a disparar da Torre e outras dos navios e embarcações aí presentes. Cf. <<http://www.theanneboleynfiles.com/anne-boleyn-coronation/#ixzz2ZbXb00Av>> acesso em 30.06.13 e, também, <<http://englishhistory.net/tudor/priannel.html>> acesso em 30.06.13. Outra ocasião foi o cortejo no rio Tamisa em 1662 por altura do casamento de Carlos II e da rainha Catarina de Bragança em que o percurso de barcos pelo rio Tamisa para celebrar a primeira entrada da Rainha em Londres foi ainda mais longo.

⁹ A consorte era uma figura ambivalente: por um lado era a esposa de um chefe político masculino, por outro era uma mulher com um papel público a desempenhar. Efectivamente, todas as consortes tinham uma função política ou cultural que podia ser cumprida de forma diversa, dependendo da educação, personalidade, circunstâncias, e relacionamento com os homens em questão. Num sistema de sucessão hereditária, também se esperava delas a capacidade ou função de gerar um herdeiro, assegurando a sucessão dinástica. No entanto, como se verá, esta não deve ser considerada como a sua única e exclusiva função de estado. Infelizmente, para além da presença das várias amantes do Rei que teve que suportar, nenhuma das gravidezes de D. Catarina chegou a bom termo, não conseguindo oferecer um herdeiro legítimo ao trono.

que dava para o rio em Hampton Court, num bergantim dourado, rodeado de outros bergantins com membros da família real e membros da comitiva do monarca e da sua consorte e passaram por localidades de então como Brentford, Putney, Chelsea (actualmente zonas da cidade de Londres), passaram a ponte de Westminster, entre outras, todas elas apinhadas de observadores, até chegar ao Palácio de Whitehall.

Na realidade, nada deste género se via em Inglaterra desde há décadas. As circunstâncias do regime puritano de Cromwell não permitiam estas manifestações festivas: não se representava oficialmente teatro; dançar ou jogar não era permitido; também não se celebravam as festividades habituais. Assim, o desfile pelo rio trouxe uma alegria e uma visão festiva há muito nunca vista, como referem John Evelyn e Samuel Pepys, autores de diários fundamentais para o conhecimento do século XVII: o primeiro encontrava-se na sua própria barcaça construída para a ocasião, conseguindo aproximar-se tanto do bergantim real que quase tocou a Rainha sentada ao lado de Carlos II e comentou, ainda, que os barcos no Tamisa excediam a beleza do desfile de gôndolas de gala a que ele próprio assistira em Veneza num dia da Ascensão; os milhares de barcos engalanados enchiam o rio de tal modo que pouco da água do rio se podia ver entre eles, descreveu Pepys que assistia às celebrações de um ponto alto de Whitehall. Também referido como “Water pageant on the Thames” (Thomas, 1965, p.28, nota 10), estes festejos tomaram as atenções de todos e foram encenados para escoltar Carlos II e a sua Rainha pelo rio. Mercadores e artesãos, poetas e escritores esmeraram-se. Deste acontecimento existem várias descrições da época em língua portuguesa e inglesa. Todas descrevem o cortejo real acompanhado por barcos e barcaças que preenchiam todo o rio, as margens e águas enfeitadas, os *pageants* alusivos e alegóricos que se representaram, as músicas e canções que se ouviam no rio, nas margens, nas ruas de Londres cheias de gente, e os Reis, aclamados com júbilo e alegria, em particular a recém-chegada D. Catarina de Bragança. O bergantim real ao centro estava protegido do sol, coberto por um toldo ou dossel dourado, na forma de uma cúpula, suportada por pilares altos ornamentados com capitel coríntio enfeitados com grinaldas, coroas de flores e outros enfeites, rodeado por barcos simbolicamente decorados representando cada corporação de Londres. No dia 23 de Agosto os fogos de artifício começaram cedo, competindo com as salvas de armamento reais que abafavam as melodias tocadas por instrumentos em honra do casal real misturadas com o barulho das festas e das multidões que assistiam a tudo isto pasmadas nas margens. Os cortesãos e

toda a multidão envergavam os seus melhores fatos com cetins, rendas e fitas.

Sobre o percurso e entrada de estado da Rainha em Londres foram impressas em Londres nesse ano duas obras em português que interessa referir: as estrofes e canções do P. Sebastião da Fonseca,¹⁰ intituladas *Relaçam Dedicada As Magestades de Carlos e Catherina Reys da grande Bretanha Da jornada que fi Serão de Portsmouth the Antoncourt e entrada de Londres*, e um texto em prosa de autor anônimo que fazia parte da comitiva da Rainha e que descreveu, num relato intitulado *Relaçam da entrada de Suas Magestades em Londres, Jahindo do Palacio de Hanptamcourt, em tres de Settembro de 1662*,¹¹ o desfile dos barcos, as roupas dos membros da comitiva da Rainha, para além dos barcos e das autoridades como o Presidente da Câmara, os vereadores, os burgomestres, numa barca dourada com as armas da cidade e muitas bandeiras. As barcas representantes de corporações de comerciantes estavam colocadas em vários postos, umas com teatros e danças, outras com alegorias de triunfos marítimos com carros que levavam peixes, animais e outras figuras sentadas neles e que à passagem do par real faziam representações diversas com imagens e letras de acordo com a solenidade desse dia. O relato pode ler-se em anexo e é bastante pormenorizado na descrição das personalidades, locais, barcos, cores, música e som, envolvidos no cortejo, razão pela qual se decidiu transcrevê-lo especificamente para este artigo. Trata-se da sua primeira divulgação desde a primeira impressão em 1662 e optou-se pela não transliteração, ou seja, pela não substituição dos caracteres originais.¹²

Relativamente aos contemporâneos ingleses, pode dizer-se que se reuniram várias artes do sistema cultural inglês para documentar e festejar a recepção e homenagem à consorte do Rei Carlos II na sua entrada em Londres: foram escritos e

¹⁰ No frontispício desta obra impressa na oficina de J. Martin, Ja. Allestry & Tho. Dicas, de 1662, pode ler-se “Pello P. Sebastião da Fonseca Mefre, Cappellaõ, E Presidente Em o Hospital Real de todos os Sanctos na Cidade de LIXBOA.” Trata-se do P. Sebastião da Fonseca e Paiva (1625-1705), que acompanhou a Rainha e ficou provavelmente mais algum tempo em Inglaterra pois mais tarde é referido como “Compositor, cantor e instrumentista, Mestre da Capela da Rainha D. Catarina” (Cf. p.145, <<http://run.unl.pt/bitstream/10362/7257/3/Anexos%201.pdf>>).

¹¹ Este texto, durante muito tempo acessível apenas em bibliotecas do Reino Unido como a *British Library*, onde foi possível obter uma cópia há bastantes anos, pode ler-se na sua versão integral no Anexo II deste artigo ou em versões fac-similadas e digitalizadas de bibliotecas portuguesas e estrangeiras.

¹² Cf. ANEXO II. *Relaçam da entrada de Suas Magestades em Londres, Jahindo do Palacio de Hanptamcourt, em tres de Settembro de 1662*.

recitados poemas em honra da Rainha e do casamento real, como os de William Austin – *A Joyous Welcome To the most Serene, and most Illustrious Queen of Brides Catherin, The Royal Spouse and Consort of Charles the Second King of Great Britain, France, and Ireland: Presented to Her Maiesty upon the River of Thames, At Her first coming with the King to the City of London e Triumphus Hymenæus. Londons Solemn Jubile, For the most Auspicious Nuptialls of their Great Sovereign Charles the Second King of Great Britain, France and Ireland; Their Publick Joy, and Pompous kind receiving Him, Upon the River of Thames, coming with Catherin, Infanta of Portugall, His Royal Spouse and Queen, from Hampton-Court to White-Hall: August 23 1662* (a que o autor acrescentou “As it was Presented to Both Their Majesties”) –,¹³ o texto de James Heath “A Relation of the noble Reception of their sacred Majesties by the Honourable City of London, by Water from Hampton-Court to their Landing at Whitehall, on Saturday August 23.” e o de John Tatham, denominado *Aqua Triumphalis, being a true relation of the honourable the city of Londons entertaining Their Sacred majesties upon the River of Thames and wellcoming them from Hampton-Court to White-Hall. Expressed and set forth in severall Shews and Pageants the 23.day of August, 1662*. Trata-se de um documento particularmente relevante, pois é da autoria de um dramaturgo a quem foi encomendada a poesia, as canções e toda a encenação para apresentação no rio. O autor incluiu os intervenientes nos múltiplos *pageants*, os momentos de teatro organizados por várias corporações de comerciantes, as letras das canções, sendo um guia das celebrações.¹⁴

Descrevendo igualmente a entrada pública de D. Catarina de Bragança em Londres, e com o título homónimo do texto de John Tatham, pode ver-se em anexo uma reprodução da gravura denominada *Aqua Triumphalis*, de Dirk Stoop, pintor holandês que também retratou o embarque e partida de Lisboa

¹³ Este poema contém um anagrama, ou seja, um jogo de palavras com o nome da Rainha.

¹⁴ O autor, John Tatham, apresenta o seguinte índice com a definição dos diferentes momentos, intervenções e conteúdos: “Title page/ list of managers/imprimatur/ TO THE RIGHT HONOURABLE THE LORD MAYOR AND Court of Aldermen./ Aqua Triumphalis; Being a True RELATION OF THE Honourable the City of LONDONS Entertaining their Sacred Majesties upon the River of Thames, and Wellcoming them from Hampton-Court to White-hall, &c./ The first Entertainment on the Water is a Sea-Chariot, drawn with Sea-Horses: poem; EXPLANATION; SONG/subpart /part /The which ended; His Majesty moves on towards another View, being the Second Entertainment: poem/ EXPLANATION./ The Seamans Song./ MOST SACRED PAIR!/EXPLANATION/ The Discent thus.”

da Rainha pelo rio Tejo, que apela ao interesse e curiosidade da imagem e inclui em letra muito pequena explicações sobre a entrada da Rainha e o que aí se encontra representado.¹⁵ Não terá sido menos festiva que a despedida da Rainha no rio Tejo, tema a abordar noutra momento, mas que se pode visualizar noutra gravura do mesmo pintor.

Alguns contemporâneos, como John Evelyn e Samuel Pepys, posteriormente diaristas reconhecidos, comentaram em prosa nos seus diários as festas a que conseguiram assistir. Com a afirmação de quem presenciou e testemunhou todos os acontecimentos e participou também do cortejo, John Evelyn descreveu a chegada do par real, dando particular atenção ao espectáculo:

23rd Aug. [1662] I was spectator of the most magnificent triumph that ever floated on the Thames, considering the innumerable boats and vessels, dressed and adorned with all imaginable pomp, but, above all, the thrones, arches, pageants, and other representatives, stately barges of the Lord Mayor and Companies, with various inventions, music, and peals of ordnance both from the vessels and the shore, going to meet and conduct the new Queen from Hampton Court to Whitehall, at the first time of her coming to town. In my opinion, it far exceeded all the Venetian Bucentoras, &c., on the Ascension, when they go to espouse the Adriatic. His Majesty and the Queen came in an antique-shaped open vessel, covered with a state, or canopy, of cloth of gold, made in form of a cupola, supported with high Corinthian pillars, wreathed with flowers, festoons and garlands. I was in our new built vessel, sailing amongst them.

Samuel Pepys, em Londres, dirigiu-se para o Tamisa, mas já não conseguiu um barco e assistiu a tudo de um lugar estratégico em Whitehall, impressionado, como já foi referido, pela quantidade de barcos que cobriam a água. Mais prosaico que Evelyn na sua descrição, o autor descreve encantado os acontecimentos festivos no rio e igualmente outros assuntos colaterais: não deixa de mencionar a presença de *Lady Castlemaine*, desconhecida ainda da Rainha, mas publicamente conhecida

¹⁵ Cf. Anexo III. *Agua Triumphalis. The Triumphall Entertainment of y^e King and Queees Ma^{tie} by y^e Right hon^{ble} y^e Lord Maior and Cittizens of London at their coming from Hampton court to Whitehall (on y^e River Thames)/ Entrada publica q. a S^{ma} R^{ca} da G B fez na Cidade de Londres Como Magnificam^{ca} foi recibida da nobreza e Povo della em 2 de Sept. 1662.*

em Londres como amante do Rei e poucos meses antes mãe de um filho ilegítimo seu. Na opinião de Pepys tinha uma beleza extraordinária, que causava deleite ao vê-la, distraíndo-se do espectáculo, em geral:

23rd Aug. Mr. Creed and I walked down to the Steelyard, and so all along Thames Street, but could not get a boat: I offered eight shillings for a boat to attend me this afternoon, and they would not, it being the day of the Queen's coming to town from Hampton Court. So we fairly walked it to White Hall, and through my Lord's lodgings we got into White Hall garden, and so to the Bowling-green, and up to the top of the new Banqueting House there, over the Thames, which was a most pleasant place as any I could have got; and all the show consisted chiefly in the number of boats and barges; and two pageants, one of a King and another of a Queen with her Maids of Honour sitting at her feet very prettily; and they tell me the Queen is Sir Richard Ford's daughter. Anon came the King and Queen in a barge under a canopy, with 10,000 barges and boats, I think, for we could see no water for them, nor discern the King nor Queen. And so they landed at White Hall Bridge, and the great guns on the other side went off. But that which pleased me best was, that my Lady Castlemaine stood over against us upon a piece of White Hall, where I glutted myself with looking on her. But methought it was strange to see her Lord and her upon the same place walking up and down without taking notice one of another, only at first entry he put off his hat, and she made him a very civil salute, but afterwards took no notice one of another; but both of them now and then would take their child, with the nurse held in her arms, and dandle it. [...]

Depois da restauração da monarquia, coroação e casamento do monarca, da entrada triunfal do par real em Londres, as expectativas viraram-se para a sucessão, amplamente mencionada por diaristas, memorialistas e epistológrafos.

4.

A entrada triunfal de D. Catarina de Bragança em Londres ao longo do rio Tamisa pela primeira vez foi, efectivamente, um dos momentos mais elevados em termos de aclamação pública durante os seus trinta anos em Inglaterra. A solenidade foi documentada por ambas as culturas através de diversas artes que compuseram o espectáculo desse dia: poesia, prosa, teatro, *pageants*, música, canções, gravuras, descrições que

se encontram em cartas, diários, memórias, relatos da época, ou seja, um conjunto de manifestações que concorreram para documentar histórica e esteticamente a entrada da Rainha em Londres. Tratando-se de um trabalho em progresso, guardo ainda o desejo de ampliar e modificar a *Antologia* de poesia inglesa sobre a Rainha, e incluir outro tipo de pequenos textos igualmente enriquecedores para um conhecimento mais profundo da projecção de D. Catarina de Bragança nas letras inglesas. Refiro-me às muitas dedicatórias à Rainha de Inglaterra¹⁶ que se encontram em textos em prosa e em poesia, em gramáticas, em obras de carácter historiográfico, em prólogos de algumas peças de teatro e em biografias.

A Infanta que veio de longe, aclamada na sua entrada em Londres, tornou-se a Rainha Consorte de Inglaterra e, com esse estatuto, teve que se integrar na corte de Carlos Stuart. Foi-lhe exigida uma grande capacidade de adaptação: ela era a princesa estrangeira e católica de um reino que lutava ainda pelo reconhecimento da sua independência e que se unia a um monarca Stuart, de um reino recém-restaurado e protestante, rodeado de uma corte mundana e libertina, onde tudo se movia, muitas vezes, através de jogos, intrigas e influências. Assim, a sua vida como Rainha de Inglaterra não esteve isenta de contrariedades, e o curso pacífico inicial da sua vida inverteu-se, tendo que movimentar-se em jogos e intrigas da corte, aceitar e conviver com as amantes do soberano nos seus próprios aposentos, sobreviver a conspirações políticas e religiosas, sendo hoje considerada uma das rainhas menos bem tratadas da história de Inglaterra. Também nas representações poéticas em inglês que sobre ela se conhecem, a poesia laudatória e os encómios

¹⁶ Entre 1603 e 1707 os reinos de Inglaterra e Escócia, claramente independentes entre si, viviam num regime de união pessoal ou associação dos Estados. Apenas em 1707 teve lugar o tratado que uniu Inglaterra e Escócia como o novo Estado do “Reino Unido da Grã-Bretanha”, conhecido como “the Acts of Union”. Oficialmente, D. Catarina era efectivamente, Rainha de Inglaterra, consorte do Rei de Inglaterra, apesar de a tradição literária a designar por vezes com outros títulos. Curiosamente em algumas das dedicatórias e em determinados poemas sobre D. Catarina de Bragança, esta é mencionada como Rainha da Grã-Bretanha, tal como Carlos II é referido como soberano da Grã-Bretanha. Entre os vários casos observados, pode citar-se, a título de exemplo, alguns títulos como *Iter Lusitanicum; or, The Portugal Voyage. With what memorable Passages interven'd at the shipping, and in the Transportation of her most Sacred Majesty KATHERINE, Queen of Great Britain, from Lisbon, to England*, de Samuel Hynde, *A Panegyrick On her most Excellent Majestie, Katharine, Queen of England, Scotland, France, and Ireland: or Her Highness Cordiall welcome into England*, de Lancelot Reynolds, ou ainda *A Joyous Welcome To the most Serene, and most Illustrious Queen of Brides Catherin, The Royal Spouse and Consort of Charles the Second King of Great Britain, France, and Ireland*, de William Austin, entre tantos outros.

alternam com a sátira e o *lampoon*, ao longo do seu percurso em Inglaterra. D. Catarina de Bragança não escapou à crítica mordaz e incisiva dos seus contemporâneos, relativamente a situações de todo o género, das mais significativas às mais triviais.

Quando em 1662 partiu de Portugal, D. Catarina deixou para trás no seu país uma imagem de generosidade, na aceitação de um casamento realizado por conveniências políticas, que concretizou por vontade própria e da qual nunca abdicou, mesmo nos momentos mais difíceis. Portugal, que a recebeu trinta e um anos depois, retribuiu-lhe com respeito, atribuiu-lhe grandeza e reconheceu-lhe sabedoria, fazendo dela governante como regente durante o tempo que foi necessário.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

- Anónimo. “Relaçam da entrada de Suas Magestades em Londres, fahindo do Palacio de Hanptamcourt, em tres de Settembro de 1662.” *Relaçam Diaria, da jornada, que a Serenissima Rainha da Gram Bretanha D.Catherina fez de Lisboa a Londres, indo já desposada com Carlos IJ. Rey daquelle Reyno. E das festas, que nelle se fizeraõ até entrar em seu Palacio*. Lisboa: Na Officina de Henrique Valente de Oliveira, Impressor delRey N.S., Anno 1662.
- Austin, William. *A Joyous Welcome To the most Serene, and most Illustrious Queen of Brides Catherin, The Royal Spouse and Consort of Charles the Second King of Great Britain, France, and Ireland: Presented to Her Maiesty upon the River of Thames, At Her first coming with the King to the City of London*. London, 1662.
- . *Triumphus Hymenæus. Londons Solemn Jubile, For the most Auspicious Nuptialls of their Great Sovereign Charles the Second King of Great Britain, France and Ireland; Their Publick Joy, and Pompous kind receiving Him, Upon the River of Thames, coming with Catherin, Infanta of Portugall, His Royal Spouse and Queen, from Hampton-Court to White-Hall: August 23 1662. As it was Presented to Both Their Majesties*. London, Printed by R. Daniel, 1662.
- Castel-Branco, M. da Conceição Emiliano. *A Melhor Jóia da Coroa: Representações de D. Catarina de Bragança na Literatura Inglesa. Antologia de Poemas Ingleses sobre D. Catarina de Bragança*. Vol. anexo a *A Melhor Jóia da Coroa: Representações de D. Catarina de Bragança na Literatura Inglesa*. Dissertação de Doutoramento em Estudos Anglo-Portugueses apresentada à F.C.S.H., U.N.L., 2005.
- Fonseca, P. Sebastião da, *Relaçam Dedicada As Magestades de Carlos e Catherina Reys da grande Bretanha Da jornada que fizerão de*

Portsmouth the Antoncourt e entrada de Londres, Londres, Na Officina de J. Martin, Ja. Allestry & Tho. Dicas, 1662.

Tatham, John. *Aqua Triumphalis, being a true relation of the honourable the city of Londons entertaining Their Sacred majesties upon the River of Thames and wellcoming them from Hampton-Court to White-Hall. Expressed and set forth in severall Shews and Pageants the 23. day of August, 1662*. London, Printed for the author by T. Childe and L. Parry, 1662.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

Anónimo. “1533.Anne Boleyn’s coronation” <<http://englishhistory.net/tudor/priannel.html>> acesso em 30.06.13

Ridgway, Claire. “Anne Boleyn’s Coronation.” June 1, 2009. <<http://www.theanneboleynfiles.com/anne-boleyn-coronation/#ixzz2ZbXb00Av>> acesso em 30.06.13

Alex Needham. “David Starkey to curate river Thames exhibition. National Maritime Museum show will coincide with river pageant to celebrate the Queen’s diamond jubilee”. *The Guardian*, Thursday 5 January 2012. <<http://www.guardian.co.uk/culture/2012/jan/05/david-starkey-curate-thames-exhibition>>

Bray, William (ed.), *The Diary of John Evelyn*, Prefatory note by George W.E.Russell, 2 vols., London, J.M.Dent & Sons Ltd., 1936.

Castel-Branco, M. da Conceição Emiliano. *A Melhor Jóia da Coroa: Representações de D. Catarina de Bragança na Literatura Inglesa*. Dissertação de Doutoramento em Estudos Anglo-Portugueses apresentada à F.C.S.H., U.N.L., 2005.

———. “O Percurso Anglo-Português da Rainha D. Catarina De Bragança”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 15. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Centro de Estudos Anglo-Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2006, 155-203.

Corp, Edward. “Catherine of Braganza and cultural politics” *Queenship in Britain, 1660-1837. Royal patronage, court culture and dynastic politics*. Ed. by Clarissa Campbell Orr. Manchester University Press, 2002, 53-73.

Cowell, Lord. “Aqua Triumphalis...”. Sunday, June 3, 2012. <<http://willowbrookpark.blogspot.pt/2012/06/aqua-triumphalis.html>>

Diniz, Sebastião de Sousa. “Poesia Gratulatória da Universidade de Oxford pelo Casamento do Rei Carlos II com a Infanta Dona Catarina de Bragança”. *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, IV série, n.º46/4. Lisboa: Set.1973, 16-30.

Latham, Robert and Matthews, William (eds.), *The Diary of Samuel Pepys*, A new and complete transcription. 11 vols. London: Harper Collins Publishers, 1995.

Macedo, Miguel. “A Regata Real do Jubileu de Diamante da Rainha Isabel

- II". 4 Jun. 2012. <<http://protocolar.blogspot.pt/2012/06/regata-real-do-jubileu-de-diamante-da.html>> Acesso em 10.06.13.
- MacLean, Gerald (Ed.). *Culture, and Society in the Stuart Restoration*. Cambridge University Press, 1995.
- . *The Return of the King: An Anthology of English Poems Commemorating the Restoration of Charles II*, Electronic Text Center. University of Virginia Library. 1999-2004. <<http://cowley.lib.virginia.edu/MacKing/MacKing.html>> Acesso em 10.06.13.
- Thomas, Gertrude Z., *Richer than Spices. How a Royal Bride's Dowry Introduced Cane, Lacquer, Cottons, Tea, and Porcelain to England, and So Revolutionized Taste, Manners, Craftsmanship, and History in both England and America*, New York: Alfred A. Knopf, 1965.

Este estudo foi realizado no quadro do Projecto Estratégico PEst-OE/ELT/UI4097/2011, domiciliado no CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) e financiado pela FCT- Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

ANEXO I

D. CATARINA DE BRAGANÇA NA POESIA INGLESA

Introdução

O conjunto de poesia em língua inglesa sobre D. Catarina de Bragança reunido até ao momento está organizado cronologicamente e por grupos temáticos. A *Antologia* apresentada em 2005 contém os textos integralmente, sempre que possível; neste anexo, por questões óbvias e logísticas, apresenta-se um índice dos títulos dos poemas conhecidos, de forma a permitir ter uma noção da poesia existente e já reunida.

A elaboração da *Antologia* passou por algumas dificuldades ao longo do processo. Uma das primeiras dificuldades encontradas foi a constatação de que a maioria dos poemas não existia em Portugal, encontrando-se apenas uma minoria acessível em arquivos portugueses. Tendo-se iniciado a compilação numa época em que a pesquisa na *internet* não estava ainda facilitada e acessível como instrumento de trabalho, esta realidade exigiu imperiosamente mais do que uma deslocação a Inglaterra com o objectivo de efectuar uma pesquisa em arquivos britânicos, quer de forma presencial, quer, posteriormente, através do serviço de empréstimo inter-bibliotecas, através de aquisição via *internet* e, ao longo dos últimos anos, através da pesquisa em *sites* especializados de literatura. Mais recentemente muitos dos poemas reunidos na *Antologia* têm vindo a ser digitalizados e apresentados em determinadas bases de dados como EEBO – *Early English Books Online* (<<http://quod.lib.umich.edu/e/eebo-group/>>) ou OSEO – *Oxford Scholarly Editions Online* (<<http://www.oxfordscholarlyeditions.com/>>), entre outras, tornando-se em alguns casos o acesso e a sua consulta bastante mais facilitada, apesar de algumas restrições.

Outra dificuldade a superar foi o estado da edição impressa dos textos e os caracteres gráficos do inglês escrito no século XVII, diferente do inglês da actualidade, assunto que, no entanto, não justifica o seu desenvolvimento aqui. Pode apenas mencionar-se, a título de exemplo, que recorrentemente o mesmo vocábulo surge escrito de forma distinta. Isso acontece com o nome próprio da Rainha de Inglaterra aleatoriamente escrito *Katherine*, *Katharina*, *Catharin*, *Catherine*, ou “Portugal” como *Portugall* e *Portingal*. Por outro lado, alguns dos textos encontravam-se em mau estado de conservação, com determinados versos apagados, outros manchados, impedindo a sua leitura.¹ Além disso, na recolha e elaboração desta colectânea surgiram, por vezes, novas e inesperadas referências a poemas sobre D. Catarina na obra de determinado autor ou em bibliografias específicas, que não se encontravam, no entanto, referenciadas em catálogos ou arquivos de bibliotecas, obrigando ao início e prossecução de nova pesquisa. Foi o que sucedeu, por exemplo, com o poema de Henry Bold, ou os breves versos de Rochester citados por Agnes Strickland, que ainda se conseguiram incluir na colectânea de 2005. Na realidade, desde a primeira e única versão da *Antologia*, encontraram-se mais poemas, surgiram outras referências e dados novos: os seus títulos já se juntaram à lista de poesia anexa e apresentam, sempre que possível, uma nota explicativa. Por esta e outras razões, a *Antologia* não pretendeu na sua génese ser exaustiva, uma vez que era e continua ainda a ser um trabalho em progresso. Desde o princípio que se admitiu a hipótese de que existem ou podem existir mais poemas, como aliás já se verificou. Por outro lado, as condições inerentes a este tipo de trabalho, como documentos ilegíveis ou perecíveis, dificuldade de acesso, eventual extravio ou não catalogação dos textos, dificuldade de acesso a manuscritos, sublinham a contingência de um trabalho desta envergadura.

¹ É o caso de *Aqua Triumphalis*, poema adquirido através de um pedido feito à *New York State Library* pelo serviço *inter-libraries* da Biblioteca Nacional de Lisboa, com o apoio do então Centro de Estudos Anglo-Portugueses, hoje CETAPS. Dessa Biblioteca enviaram-no, e a outros poemas, nas condições existentes, com a observação de que se tratava de “Best possible copy”, independentemente da possibilidade de ler ou não determinadas partes. É o único poema que apresenta lapsos significativos e que não foi possível transcrever na totalidade, pelo seu estado de conservação. No entanto, pela sua relevância, optou-se por incluir na *Antologia* a transcrição dos excertos legíveis.

D. Catarina de Bragança na Poesia Inglesa

1. Expectativa da chegada, 1661

Bold, Henry, *Anniversary, To the Kings Most Excellent Majesty CHARLES the II. On His Birth and-Restoration-Day, May 29. Having Resolv'd to Marry with the Infanta of Portugall, May 8th, 1661, 1661.*

2. Viagem de Portugal para Inglaterra, 1662

H[lynde], S[amuel], *Iter Lusitanicum; or, The Portugal Voyage. With what memorable Passages interven'd at the shipping, and in the Transportation of her most Sacred Majesty KATHERINE, Queen of Great Britain, from Lisbon, to England. Exactly observed By him that was Eye-witnesse of the same, Who though he publish this, conceals his name.* London, Printed by S Griffin, 1662.

W.W. *Britannia iterum beata: or, A poem-narrative of Her gracious Majesties departure from Lisbon with her thrice-welcome arrival at Portsmouth.* By W. W. Printed at London: by James Cottrel, anno 1662.²

3. Chegada, desembarque e recepção em Inglaterra, 1662

3.1. Obra Colectiva – Colectânea Académica da Universidade de Oxford

AA.VV. “Upon the Queen’s Landing”. *Domiduca Oxoniensis: Sive Musae Academicae Gratulatio Ob Auspicatissimum Serenissimae Principis Catharinae Lusitanae, Regi suo Desponsatae, In Angliam appulsum.* Oxford, 1662.

Autores Vários.

Abright, Edward Se., Baronet, St. Johns Coll. “With Joy and Fear; like those whom the strange star”

Annesly, James, Eldest Son to the Earl of *Anglesey*. Ch. Ch. “Upon the Queens Landing.”

Berkeley, Charles, Knight of the Bath, Eldest Son to the Lord Berkeley, of Berkeley Ch. Ch. “What? Harvests every Spring? doe fates ingage?”

Cris, Nic., Armig. Fil. Coll. D. Joh. Bapt. “They come; what mighty Orpheus doth prevail”

Croome, Valentine, Fellow Com. St Johns Colledge. “Union divine! to scan such worth would be”

² Este poema não chegou a ser incluído na *Antologia* de 2005, por estar então inacessível e não o possuir na sua versão integral. Actualmente encontra-se digitalizado na base de dados *EEBO* e pode ser consultado em <<http://name.umdl.umich.edu/A65485.0001.001>>.

Henshaw, T., M. A. Fellow of All-Souls Coll. "Great Queen! whom free from dangers, and from fears,"

Lichfield, Leon., Printer to the University. "The Printer, to her Majesty.": "I Thought I'd done, but that my Presse took't ill"

Locke, Jo. M. A. and Student of Ch. Ch. "Crowns, Scepters, Thrones, & the whole state of Kings"

Mew, P. LL. D. St Johns Coll. "Swell, swell our Joys, as high as doe *His* seas,"

Newport, Richard, Eldest Son to the *Lord Newport* Ch. Ch. "Proud of their present, the fair Lisbon dames"

Norman, Rob., B. A. of Brasen-Nose Coll. "Since Gods themselv's had Consorts, don't admire"

Shirly, Seymour, Baronet, Ch. Ch. "She comes, She comes! see, see, what spreading Gales"

Speed, Jo., A. M. Joan. "Could wishes have prevail'd, or Fancy prove"

Tho. Ken.. Fellow of N. C. "As when Auspicious planets are conjoyn'd,"

Turner, Fran., Fellow of New Coll. "Goe bid the Cannons tell it to the Aire,"

Whitehall, Rob., Fellow of Merton Coll. "Saint Vicent! see at last Penelope"

Williams, Jo. Baronet, M. A. Coll. St. Johns. "Duty without adresse we hope may stand,"

3.2. Autores individuais.

Anónimo. *An Exact and True relation of The Landing of Her Majestie at Portsmouth, after many high Tempests, and a long Distresse at Sea; and how She was diligently and magnificently met with in the way by His Highness the Duke of York, the Duke of Ormond, the Earl of Suffolk, the Earl of Chesterfield, and many other Personages of Honour: As also, the most pompous and solemn Joys expressed at Her landing at Portsmouth, by a great confluence of the Flower of the Nobility and Gentry of this Nation, in which (on the first Report of Her Arrival) the City of London sympathized on Thursday May 15. Together wit[h] a perfect Account of Her Happy and most Auspicious marriage to His most Sacred Majesty, on Wednesday May 21, by the Right Reverend Father in God, Gilbert Lord Bishop of London; As also of their Removal from thence to His Majesties Royal Mannor of Hampton Court, on Thursday May 29. which Day, was the Star-crown'd Birth-day of His Majesty.* London, Printed for C. Wildeberh at the Globe in St. Katherines, and John Ruddiard at the Unicorn in Cornhill, under the Royal Exchange, 1662.

Anónimo. *To the Queens Majesty on her Happy Arrival.* London, Printed for Henry Herringman, 1662.

Crouch, John. *Flowers Strowed by the Muses. Against the coming of the most Illustrious Infanta Of Portugal Catharina Queen Of England.* London, Printed for Francis Kirkman and Henry Marsh, 1662.

D[rope], J[ohn]. *An Hymenaeen Essay, or an Epithalamy, Upon the Royall Match of His most Excellent Majesty Charles the Second, with the most*

- Illustrious Katharine, Infanta of Portugal In 1662*. London, 1662.
- Gaiton, Edmund. *To the most Illustrious Prince his Highnesse James Duke of York, & c. A Votive Song for her Sacred Majesties happy Arrivall*. London, Printed by Peter Lillicrop, s.d.
- Holland, Samuel. *The Phænix Her Arrival & Welcome TO ENGLAND. It being an Epithalamy on the Marriage of the Kings Most Excellent Majesty with the Most Royal and Most Illustrious Donna Katharina Of Portugal*. London, Printed for the Author, 1662.
- L., J., *A Poem Royal to the Sacred Maiesty of Charles the II, King of Great Britain, and the Illustrious Donna Catharina his Incomparable Consort*. London, Printed for Giles Calvert, 1662.
- Philips, Katherine. *A Triton to Lucasia going to Sea, shortly after the Queen's arrival*, London, [1662].³
- . *To the Queen's Majesty on her Arrival at Portsmouth, May 14. 1662*. London, 1662.
- Reynolds, Lancelot. *A Panegyrick On her most Excellent Majestie, Katharine, Queen of England, Scotland, France, and Ireland: or Her Highness Cordiall welcome into England. Her Royal Majesty landed at Portsmouth, on Wednesday night, the 14 this instant May; to the great joy of all those that truly fear God, and honour the King*. London R. Vaughan, s.d.⁴
- Wenlock, John. *Upon our Royal Queens Majesties most happy Arrival, the most illustrious Donna Catharina, sole Sister to the High and Mighty King of Portugall*. London, 1662.

4. Entrada em Londres da Rainha D. Catarina, 1662

- Austin, William. *A Joyous Welcome To the most Serene, and most Illustrious Queen of Brides Catherin, The Royal Spouse and Consort of Charles the Second King of Great Britain, France, and Ireland: Presented to Her Maiesty upon the River of Thames, At Her first coming with the King to the City of London*. London, 1662.
- . *Triumphus Hymenæus. Londons Solemn Jubile, For the most Auspicious Nuptials of their Great Sovereign Charles the Second King*

³ Este poema de Katherine Philips (1631-1664), conhecida poeticamente na época como “Orinda” foi publicado postumamente pela primeira vez em 1667 na seguinte edição: *Poems by the most deservedly admired Mrs. Katherine Philips, the matchless Orinda ; to which is added Monsieur Corneille's Pompey & Horace, tragedies ; with several other translations out of French*. London: Printed by J.M. for H. Herringman, 1667. Actualmente encontra-se digitalizado e pode ser consultado em várias bases de dados como EEBO (<<http://name.umdl.umich.edu/A54716.0001.001>>) ou OSEO (<http://www.oxfordscholarlyeditions.com/browse?locusLocation=A+Triton+to+Lucasia&onlyPreferredWorks=true&page=2&pageSize=10&sort=worktitle&workAuthor=Katherine+Philips&workTitle=Poems>).

⁴ Este poema inclui um conjunto de versos finais intitulados “Accroisticks. On her most Excellent Majesty, Queen Katharina Stuart.”

of Great Britain, France and Ireland; Their Publick Joy, and Pompous kind receiving Him, Upon the River of Thames, coming with Catherin, Infanta of Portugall, His Royal Spouse and Queen, from Hampton-Court to White-Hall: August 23 1662. As it was Presented to Both Their Majesties. London, Printed by R. Daniel, 1662.

Heath, James. *A Relation of the noble Reception of their sacred Majesties by the Honourable City of London, by Water from Hampton-Court to their Landing at Whitehall, on Saturday August 23.* London, Fol., 1662.⁵

Tatham, John. *Aqua Triumphalis, being a true relation of the honourable the city of Londons entertaining Their Sacred majesties upon the River of Thames and wellcoming them from Hampton-Court to White-Hall. Expressed and set forth in severall Shews and Pageants the 23 .day of August, 1662.* London, Printed for the author by T. Childe and L. Parry, 1662.

5. Vida na Corte, 1662

Waller, Edmund. *Written on a Card that Her Majesty tore at Ombra.* London, 1662.

Waller, Edmund. *To her Majesty on her Birth-day, Sung by Mrs Knight.* London, 1662.

6. Os Anos Seguintes.

6.1. 1663

Ireland, Thomas. "To the QUEEN". *Speeches Spoken To The King and Queen, Duke and Duchesse of York, In Christ-Church Hall, Oxford, Sept. 29. 1663.* London, Ricard Roystori, 1663.

[Laurence, Thomas]. "Verses Spoken To The King and Queen in Saint John's Library". *Speeches Spoken To The King and Queen, Duke and Duchesse of York, In Christ-Church Hall, Oxford, Sept. 29. 1663.* Ed. by Thomas Ireland. London, Printed for Richard Roystori, Bookseller to His most Sacred Majesty, 1663, p.8.

Philips, Katherine. *To the Queen's Majesty, on her late Sickness and Recovery.* London, 1663.

Waller, Edmund. *To the Queen upon Her Majesties Birth-day, after Her*

⁵ A primeira referência a este texto foi encontrada na *British Library*, como um texto manuscrito que não estava disponível para reprodução, o que não permitiu a sua inserção no conjunto inicial de poemas. Recentemente foi possível verificar que foi impresso no mesmo ano numa obra do autor James Heath com o título *The glories and magnificent triumphs of the blessed restitution of His Sacred Majesty K. Charles II from his arrival in Holland 1659/60 till this present, comprizing all the honours and grandeurs done to, and conferred by, Him ... / by James Heath ...* London: Printed and are to be sold by N.G., R.H. and O.T. ..., 1662. Atualmente já se encontra digitalizado. Cf. EEBO. <<http://name.umdl.umich.edu/A43218.0001.001>>

happy recovery from a dangerous sickness. London, 1663.
[Lenton, Francis]. *Characters: or, Wit and the world in their proper colours. Presented to the Queens Most excellent Majestie. By a person of Quality,* Ms notes, London, for Samuel Speed, 1663.⁶

6.2. 1664

Cooper, Edmund. *On the recovery of Our Most Gracious Queen Katharine from her late grievous and deplorable fit of sicknesse a vision / by E.C. ...* London printed: [s.n.], MDCLXIV [1664].⁷

6.3. 1670

Marvell, Andrew. *The Queen's Ball.* London, 1670.

6.4. 1679

Marvell, Andrew. *With one consent let all her death desire.* London, 1679.⁸
Rochester, John Wilmot, Earl of. *This is the time,* London, 1679.⁹

6.5. 1680

Waller, Edmund. *Of Tea, Commended by Her MAJESTY.* London, 1680.

6.6. 1683

Waller, Edmund. *Of Her Majesty on New-Years Day.* London, 1683.

7. Morte do Rei Carlos II, 1685

Anônimo. *An Heroick Poem, Most Humbly Dedicated To the Sacred Majesty Catharine Queen Dowager.* London, Printed by Nathaniel Thompson at the Entrance into the Old-Spring-Garden near Charing Cross, 1685.

⁶ Tal como *Britannia Iterum Beata*, não chegou a ser incluído na Antologia, por inacessibilidade provisória e por não se possuir na sua versão integral.

⁷ Cf. Nota 6.

⁸ *Apud* Agnes Strickland, "Catharine of Braganza, Queen-Consort of Charles The Second, King of Great Britain". *Lives of the Queens of England from the Norman Conquest*, vol.IV. London: G. Bell, 1880-83, 471.

⁹ O poema que aqui é atribuído a Rochester é apresentado como *This is the time* em <http://virtualnorfolk.uea.ac.uk/long18thcent/restoration/popishplot/powell.html>, com a informação de que foi encontrado num manuscrito não publicado. É descrito da seguinte forma: "A Cobby of Verses fixed upon the howse of Commons dore, Occasioned / by the L[or]d Chancellors speech.This is the time.", com a data de 20 de Março de 1679 e de autor anónimo. Existindo algumas dúvidas sobre a autoria deste poema satírico em estilo de manifesto, o editor de *The Complete Poems of John Wilmot, Earl of Rochester*, 1974, Davis M. Vieth, apresentou na página 237 uma lista de "First-Line List of Poems Ommited". Ai, refere este poema sob o título "Would you send Kate to Portugal", o primeiro verso, e sobre ele afirma o seguinte: "Would you send Kate to Portugal. In Taylor Ms.3, p.262, this lampoon is headed 'Rochesters advice to y^e Parliament.' See Mengel, *POAS*, 2, 292." Por estas razões, optou-se por atribuí-lo igualmente a John Wilmot, Earl of Rochester.

Behn, Aphra Amis. *A Poem Humbly Dedicated to the Great Pattern of Piety and Virtue Catherine Queen Dowager. On the Death of Her Dear Lord and Husband King Charles II.* Dublin, Reprinted by Andrew Crook and Samuel Helsham, 1685.

8. Poemas não datados

Killigrew, Anne. *On the Birth-Day of Queen Katherine.*

——— *To the Queen.*

Rochester, John Wilmot, *Earl of.* *Rhyme to Lisbon.* London, s.d.¹⁰

¹⁰ Em *The Complete Poems of John Wilmot, Earl of Rochester*, New Haven and London, Yale University Press, 1974, p.20, o editor, Davis M. Vieth, atribui este pequeno poema a Rochester com algumas reservas pois, relativamente à autoria, refere-a inicialmente como "Uncertain". No entanto, apresenta posteriormente a razão pela qual o inclui nesta antologia de poemas de John Wilmot: "According to several early sources, Charles II and some of his courtiers, drinking healths, were at a loss for a rhyme for 'Lisbon.' Rochester entered, raised his glass, and spoke these lines."

ANEXO II
RELAÇAM DA ENTRADA DE SUAS MAGESTADESEM
LONDRES, SAHINDO DO PALACIO DE HANPTAMCOURT,
EM TRES DE SETTEMBRO DE 1662

De autor anónimo, este relato trata especificamente a entrada triunfal de D. Catarina de Bragança em Londres e é a última secção de um conjunto mais alargado de textos com descrições da viagem de Lisboa a Londres, intitulado *Relaçam Diaria, da jornada, que a Serenissima Rainha da Gram Bretanha D.Catherina fez de Lisboa a Londres, indo já desposada com Carlos IJ. Rey daquelle Reyno. E das festas, que nelle se fizeraõ até entrar em feu Palacio.* (Lisboa: Na Officina de Henrique Valente de Oliveira, Impreffor delRey N.S., Anno 1662). Na apresentação do texto aqui transcrito e divulgado pela primeira vez desde a sua impressão do século XVII, optou-se pela não transliteração, ou seja, pela não substituição dos caracteres. A utilização de negrito é da responsabilidade da autora do artigo, com o intuito de sublinhar algumas passagens particularmente relevantes no âmbito do tema que se está a desenvolver.

“A Frescura do sitio de Hanptamcourt, a grandeza, & cômodidade do Palacio, onde se alojaua toda a Corte, & Familia Real, affi Inglezes, como Portugueses, em quartos, & aposentos distintos, obrigou a Suas Magestades a passar nelle todo o verão, q neste Paiz, passa mais depressa, hauendo apenas dia inteiro, q o pareça, & também por dar lugar a q se acabasse as obras do Paço de Voiçal de Lõdres, aõde se fabricarão alguns aposentos de nouo para a Rainha, & se accomodarão outros, q por sua antiguidade necessitauão de grandes reparos. **Acabadas, em fim, as obras, & juntamente o verão, se resolveo elRey a passar para Lõdres, feguindo o estilo de quasi todos os senhores Inglezes, q de verão passam nas casas de câpo, & de inuerno se recolhem**

á Corte, & se affentou q̄ a entrada foffe por agua, affi por q̄ a Rainha vieffe logo vêdo a fermofura, & amenidade do rio Thamazis, como por q̄ eftâdo já derribados os Arcos Triüphaes q̄ para a entrada delRey se havião feito em Lödres feria hũa latga detêça, & hũa exceffiua despeza aguardar q̄ se fiz ffe fsemelhâte preparação para efte fegûdo recebimêto. Difpofitas affi todas as coufas neceffarias para a jornada, Sabbado 23.de Agofto (& pella noffa cõta 3.de Settêbro) às duas horas da tarde, pella porta do jardim, q̄ cae fobre o rio se embarcârão Suas Mageftades em hũ bergãtim dourado, em q̄ de ordinário elRey culturna andar; haviã mais dous do mefmo lote, hũ para as Damas da camera da rainha, & outro para o Camareiro Mór, & Camariftas delRey. Acõpanhauão a Suas Mageftades no feumefmo bergantim S.A.o Duque de York, & a Senhora Duqueza, o Principe Roberto, & feum irmão o Principe Duarte, q̄ poucos dias antes haviã chegado de Frãça cõ a Rainha Mãy, em cuja cõpanhia affifte ha têpos; fendo mui o bõ Catholico, & a Cõdeça de Suflock primeira Dama da camera da Rainha. Haviã o dia de antes mãdado S.Mag. cõuidar pello Cõde de Mãchefter feum Camareiro Mór as duas Cõdeças de Penalua, & Ponteuier, para irẽ no feum bergantim; & o Cõde de Põteuer, & D. Francifco de Mello para irẽ cõ a Camareira Mór, mas achãdo fe ellas ambas indifpofitas, de fpois de agradecerẽ a merce q̄ S. Mag. lhes fazia, escolhẽrão antes hir pella menhã em hũa das falũas do Rey, q̄ elle para iffo lhe mãdou dar. **O dia eftaua fermoziffimo, & parece q̄ de propofito o tinha guardado o têpo para aquella folênidade, gãftãdo até então os peores, & mais chuufos. De todas as casãas de câpo, & lugares, q̄ de hũa, & outra parte cercão a ribeira cõcorrião à margẽ della todos os moradores, a ver pãffar Suas Mag. Em Bréfort [Brentford], lugar q̄ difta de Lödres oito milhas, eftaua efperãdo hũ bergantim maior (que por iffo não podia pãffar mais acima) todo cheo de vidraças, & todo cuberto com hũ toldo de veludo cramefim bordado de ouro, em o qual entrãrão as Damas de honor, & mais criadas da Rainha. Logo mais abaixo três milhas em outro lugar que chamão Potnem [Putney] eftaua hum bergantim em q̄ Suas Mageftades havião de fazer a entrada, com vinte quatro remeiros veftidos de vermelho com as armas de prata dourada nos peitos, & coftas. O cafcõ todo dourado, & pintado, com toldo em forma de corucho, todo forrado por dentro, & por fõra de brocado de ouro, guarnecido com grandes franjas, & pãffamanes, fufentado fobre quatro pilares, aberto por todos os lados para poder melhor ver, & ser vifto de todos. Eftauão mais duas gondolas que a Republica de Veneza, mandou de prefente a el Rey, que por**

fua perfeição,& ligeireza merecem o primeiro lugar entre as muitas que furchão efte rio,& muitos outros bateis de peffoas particulares de que elle andaua todo cheo.

Chegados a efte porto fe paffarão Suas Mageftades, & Altezas para outro bergantim,& nelle vierão continuando a viagem até o lugar de Selxe [Chelsea], pouco mais de hũa milha de Londres, de donde fe hauia de começar a entrada,& onde eftaua esperando o maior concurso de gente que fe podia imaginar. Hauiafe dado ordem que todas as companhias dos officiaes de Londres foffem esperar a Suas Mageftades a efte porto, cada officio em fua barca particular. Erão eftas em numero fessenta,cada qual por diferente modo ornada,mais, ou menos rica,segundo o cabedal de feus donos,mas todas luzidiffimas. Conftaua o adorno dellas de remadores que leuauão à proa,vestidos de diuerfas librès, toldadas de fedas varias com grande quantidade de bandeiras, flamulas, & galhardetes, com as armas,& diuifã de cada officio,dentro os Burguezes todos com roupas negras,largas,forradas de grã,ou de varias pelles,& na popa muitas trombetas, & charamelas,ou violoês; efmerarãofe entre todos,os Tauerneiros,que leuauão a vanguarda,& por ferem muitos,não cabendo em hũa barca,leuauão duas, ã na grandeza,& ornato excedião às mais,não fendo efte a primeira vez ã causou efpanto entrar no Reyno da agoa o Rey do vinho.Em vltimo lugar,& em mais dourada barca com as armas da Cidade,& muitas bandeiras o Lord Mere de Londres, & todos os Burgo Mestres da Governança com fuas roupas,& infignias. Alê deftas hauia outras dez,ou doze barcas furtas em vários postos, hũas com theatros para dançarem,outras fingindo triumphos maritimos,com carros que tirauão vários peixes,& animaes,& figuras fentadas nelles, que ao paffar de Suas Mageftades fazião diuerfas representações com hieroglicos, & letras acomodadas á folemidade do dia.

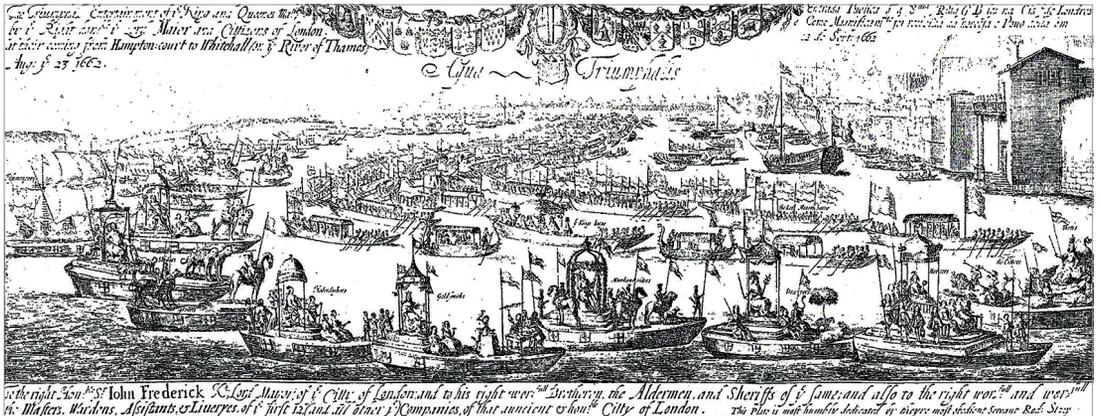
A terra eftaua não menos fermofa que a agoa,porque a Casa dos Embaixadores de Olanda,que eftão nefte lugar de Selxe, eftaua toda armada de fedas,& panos de grã,& no pateo que cae fobre o rio tinhão porto muitas peças de artelharia,com que derão grandes faluas a Suas Mageftades. Logo pella margem do rio abaixo,da mefma parte fe feguião os tres Regimentos da guarda delRey formados em duas fileiras,que com as cazacas vermelhas fazião hũa vifta mui agradauel.Seguiãofe as companhias da guarda de cauallo da mefma maneira, todas cheas de plumas,& bandas,que não hauia mais que ver,& hũs,& outros faluãrão

a Suas Mageftades com três cargas. Iã nefte lugar como mais perto da Cidade fe não podia romper com barcos que cobrião o rio, alem difto era tanta a gente, que o guarnecião de hũa, & outra parte que não cabendo nos câpos fe fubião nas aruores, fazendo hum viftofiffimo quadro a diuerfidade das cores dos veftidos, a fermofura das Damas, & a multidão de gente, que por todo o difcurfo do caminho fem intermiffão occupaua ambos os lados do rio. Parecia que a Cidade fe hauia despejado por fahirem todos ao campo, mas despois de chegar a ella fe vio tanto pelo contrario, que não bafutando as muitas janelas q̄ cahião fobre a Ribeira, eſtauão cheos de gente os telhados, & pode tanto a coriofidade de algũs, que hauendo tomado lugar para ver a entrada na ponte de Oefmifter em ocafião de baixamar; crefcendo a marè por não perderem lugar fe deixârão molhar de forte que quando Suas Mageftades paſſârão lhes daua já a agoa pella cintura. Chegârão em fim, Suas Mágēftades pellas ſeis horas da tarde ao Paço aonde os eſperaua a Rainha Mãy, & toda a Corte, & a Nobreza do Reyno, aſſim de Senhores, como de Senhoras, entre os mais o noſſo Embaixador, que eſte dia ſahio com a mais luzida librè que ſe vio por eſtas partes. Cõſtaua de 14. lacayos veſtidos de pano verde guarnecido com muitos paſſamanes de ouro, oito pagens veſtidos de veludo da meſma cor, todo coalhado dos meſmos paſſamanes, capas forradas de tella de cor de ouro mui luzida, & giboês da meſma, com muitas plumas, & fitas de varias cores, & ſinco cocheiros com capotes grandes cubertos do meſmos peſſamanes.

Defembarcârao Suas Mageftades na ponte de madeita do meſmo Paço por entre a guarda dos Archeiros, que de hũa, & outra parte eſtauão em àla até a ſala primeira. Ao tempo que defembarcârão os ſaluârão com a Artelharia algũas embarcações pequenas que eſtauão no rio (porque as grandes não paſſão da ponte para cima) & as trombetas, & inſtrumentos das barcas com os viuas de gente fazião todas hum armonioſo eſtrondo. A Rainha despois de entrar no ſeu quarto eſteue hum pouco em viſita com a Rainha May, que despois de deſpedida ſe tornou para Granuiche [Greenwich] aonde aſſiſte. A noite, & a ſeguinte houue muitas fugueiras por todas as ruas de Lõdres, que ſão as luminarias, naõ ceſſando com todas ellas os repiques dos ſinos de publicar com ſonoras vozes a alegria que hauia nos coraçõs de todos.”

FIM.

ANEXO III



The Triumphall Entertainment of y^e King and Queees Ma^{tie} by y^e Right
hon^{ble} y^e Lord Maior and Cittizens of London at their coming from
Hampton court to Whitehall (on y^e River Thames)

Agua Triumphalis

Entrada publica q. a S^{ma} R^a da G B fez na Cidade de Londres Como Magni-
ficam^{te} foi recibida da nobreza e Povo della em 2 de Sept. 1662

A INTERVENÇÃO DO MARECHAL BERESFORD EM PORTUGAL – 1815-1820¹

Daniela Major
Universidade Nova de Lisboa

O Estado de Arte: fontes e bibliografia

A figura de William Carr Beresford (1768-1856), Marechal das Forças Armadas Portuguesas entre 1815 e 1820, ocupa reconhecidamente um lugar cimeiro nos primeiros anos do século XIX português. Beresford foi Governador da Madeira em 1807, liderou os exércitos portugueses durante a Guerra Peninsular e continuou à frente deste mesmo exército até 1820, ano da Revolução Liberal. Apesar da sua importância, escasseiam, no entanto, estudos sobre esta figura, nomeadamente sobre o papel político que ele desempenhou ao longo deste período.

O único estudo mais aprofundado sobre esta personagem é uma pequena colectânea de artigos compilados num livro intitulado *Lord Beresford and the British Intervention in Portugal 1807-1820*, de Malyn Newitt e Martin Robson em que se revê a carreira de Beresford, as batalhas mais importantes em que participou e, por fim, o seu papel na supressão da alegada conspiração (1817) do General Gomes Freire de Andrade (1757-1817). No entanto, como afirma Fernando Dores Costa na recensão

¹ Inicialmente escrito como trabalho de fim de curso para a unidade de investigação *Territórios e Sociedades II* oferecida pelo Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, coordenada pelos Profs. Doutores Daniel Alves e Paulo Jorge Fernandes, a quem agradeço todo o acompanhamento e ajuda prestados. Uma palavra de agradecimento também ao Prof. Doutor Miguel Alarcão pelo apoio e interesse que sempre demonstrou por este ensaio.

sobre esta obra, ela baseia-se essencialmente em fontes britânicas, não havendo, pois, grande cruzamento de informação com as suas congêneres portuguesas (246). De facto, este é um dos maiores problemas com que o historiador se depara quando quer analisar esta figura: as fontes estão espalhadas pelo Brasil, por Portugal e pela Grã-Bretanha, e muitos dos dados existentes ainda não foram tratados. Para este artigo, as fontes utilizadas foram maioritariamente cartas, disponíveis nos volumes de Ângelo Pereira relativos ao reinado de D. João VI, e na obra já referida de Newitt. No decurso desta investigação foram descobertas cartas do Marechal Beresford para o Duque de Wellington (1868-1852) datadas de 1820. Contudo, dado o espaço temporal a que elas se referem e o facto de se reportarem a acontecimentos em toda a Península, decidimos que a análise desta fonte ficaria para um próximo trabalho. O único estudo existente sobre a figura do General Gomes Freire é uma obra de António Lopes, *Gomes Freire de Andrade: o retrato de um homem*, que, apesar de ter algumas considerações interessantes, é uma edição comemorativa dos 200 anos do Oriente Lusitano. Não há dúvida também de que tanto as operações militares da Guerra Peninsular como a carreira militar de Beresford já foram revistas com bastante pormenor numa tese da Universidade de Michigan, da autoria de Samuel Vichness (*Marshal of Portugal: military career of William Carr Beresford: 1785-1814*), mas faltam ainda estudos sobre a intervenção política de Beresford, tanto em Portugal como mais tarde em Inglaterra. É também verdade que faz falta na historiografia que se debruça sobre este período uma obra geral sobre a Revolução de 1820 e sobre as conspirações revolucionárias do período; o que existe são alguns capítulos em obras gerais (como o volume da Nova História sobre o liberalismo de Luís Reis Torgal ou a biografia de D. João VI de Dores Costa e Jorge Pedreira) e artigos que se debruçam sobre aspectos específicos da revolução. Este ensaio irá portanto tentar explorar o desempenho político de Beresford em Portugal entre os anos de 1817 e 1820, tentando explicar algumas questões como a relação com o rei português e com a regência que foi deixada em Portugal continental e, naturalmente, clarificar a posição de Beresford na conspiração de 1817 e, mais tarde, na revolução de 1820.

Contexto histórico: a Guerra Peninsular e os britânicos em Portugal

A presença de Beresford em Portugal deve ser, antes de mais, entendida no contexto geral da Guerra Peninsular ou

seja, da presença e intervenção militares britânicas em Portugal e Espanha contra as tropas de Napoleão (1769-1821). Mas esta intervenção militar faz simultaneamente parte de uma conjuntura específica: a dependência económica e política de Portugal face à Grã-Bretanha que se vai estender ao longo de todo o século XIX.

No período a que nos referimos neste ensaio, a Grã-Bretanha não tem apenas o maior império comercial do mundo, mas ele está também em transformação e em crescimento. Este império era baseado sobretudo no poder naval inglês. Foi este um dos factores que permitiram que a Grã-Bretanha conseguisse triunfar nas Guerras Napoleónicas (Black 196). Neste sentido, a relação com países como Portugal, que tinha também uma vocação marítima, era de extrema importância. De facto, a posição que Portugal assumiu perante o conflito acima referido é influenciada pelas preocupações relativas ao tráfego ultramarino. Segundo Borges de Macedo, “só poderia aceitar-se como atitude nacional coerente, ou a neutralidade, ou a guerra ao lado de Inglaterra, que dominava o mar” (38). A neutralidade foi a preferida, mas, no fim, Portugal acabou por seguir uma tendência natural e que fazia todo o sentido, dada a sua posição geográfica. Com efeito, desde o século XVIII que o auxílio britânico era essencial para a defesa e manutenção do Império Português (Alexandre 93). Evidentemente que este apoio beneficiava também a Grã-Bretanha; esta não podia permitir que toda a Península Ibérica caísse sobre a influência francesa, e os portos portugueses eram um importante “ponto de apoio à marinha mercante e de guerra inglesa” (Alexandre 94). Era necessário para a Grã-Bretanha manter o equilíbrio de poderes na Europa, e para tal Portugal era um aliado importante. Apesar disto, Valentim Alexandre diz-nos que houve uma diminuição da dependência económica portuguesa em relação à Grã-Bretanha no último terço do século XVIII:² “o sistema de relações luso-britânicas perdera o local fulcral que ocupava na economia portuguesa da primeira metade do século XVIII” (71). Contudo, também é de notar que, no período a que nos referimos, “o principal fornecedor destes «mantimentos» [ou seja, cereais e produtos agrícolas] era ainda a Grã-Bretanha” e também “subsistia um factor fundamental da dependência da economia portuguesa em relação à Grã-Bretanha ..., a mais valiosa das exportações metropolitanas, o vinho do Porto” (74).

² Segundo o autor, o Império Brasileiro estava longe de constituir ‘um domínio reservado da Grã-Bretanha’ como se supunha (Alexandre 70).

Para os ingleses, contudo, a importância de Portugal continental media-se sobretudo pelo porto de Lisboa; com efeito, este era não só um ponto de passagem entre a Europa e a América e África como também aí afluíam os mais diversos produtos. (Macedo 49). É também claro que o Bloqueio Continental não afectou grandemente as exportações portuguesas para Inglaterra, embora tenha havido algumas oscilações. (Macedo 55 e 58).

Assim, seguindo uma tendência histórica, Portugal sabia que necessitava do apoio político e militar da Inglaterra, especialmente num contexto de conflito iminente como era a Europa deste período, mas este apoio nem sempre foi pacífico, e é notório que o Governo português tinha noção do perigo que acarretava tomar claramente partido por esta potência, antagonizando as forças de Napoleão, que reclamavam o cumprimento do Bloqueio Continental (1806). Apesar de ter havido uma tentativa, nos primeiros anos do século, de manter um equilíbrio, sem haver comprometimentos com nenhuma das partes, nunca rejeitando definitivamente a sua ligação a Inglaterra, mas também tentando manter a neutralidade, sabemos, por exemplo, que Portugal esteve à beira da ruptura com a Grã-Bretanha em 1807 e contava-se como “provável um ataque inglês, ... para queimar ou levar a marinha portuguesa” (Alexandre 159), um pouco à semelhança do que tinha acontecido com a Dinamarca. Por outro lado, é também evidente que a posição estratégica de Portugal e a manutenção da aliança eram favoráveis aos ingleses que continuavam a precisar dos portos portugueses – especialmente durante uma guerra. Além disso, era também defendido (especialmente por Wellington) que Portugal devia ser a base para a expulsão das forças napoleónicas da Península (Sardica 158-159). A partir do momento em que Portugal é invadido por Junot (1773-1813) e que D. João VI parte para o Brasil, a guerra torna-se inevitável tal como o apoio militar britânico necessário para expulsar os franceses.

A carreira do Marechal Beresford em Portugal: as relações com o Rei e com os Governadores

Desta forma, Beresford encontrar-se-á envolvido no teatro de operações português, primeiro como Governador da Madeira em 1807 (onde terá aprendido alguns rudimentos de português) e depois como Generalíssimo das forças armadas portuguesas, participando em diversas batalhas e tomando parte no Conselho de Regência deste período. Mais tarde foi feito Marechal pelo

Governo português. O que nos interessa analisar, contudo, é o seu papel em Portugal depois de 1815, isto é, depois de Waterloo e da derrota definitiva da França. Por que razão fica Beresford em Portugal, apesar de a guerra ter acabado? Em primeiro lugar, porque D. João VI não dava mostras de querer regressar à Europa (Costa e Pedreira, 18; Sardica 347); é, aliás, em 1815 que D. João cria a designação de Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Em segundo lugar, porque, no Brasil, D. João também fez uso da presença britânica quando precisou de forças para apoiar os rebeldes de Montevideo contra o domínio espanhol no Rio de la Plata (Newitt e Robson 93), o que demonstra que a prioridade de D. João era claramente o Brasil e os territórios portugueses na América. Acrescem a isto as razões britânicas. Em 1817, Beresford e outros militares³ acreditavam que o perigo de uma invasão espanhola justificava a manutenção do exército e, logicamente, do próprio Beresford em Portugal. Por parte do Governo de Londres, temos razões para acreditar que apoiava a manutenção de Beresford na Península como efeito “estabilizador”, não só para a protecção dos interesses económicos britânicos, mas também para a manutenção do *status quo* que tinha sido definido pela Santa Aliança no Congresso de Viena em 1815 (Manique 52-53).

Por isso, parece-nos que se deve pôr em causa a ideia de dominação britânica,⁴ pois ela dá a entender que os britânicos se impuseram e ocuparam Portugal pela força, como os franceses tinham feito em Espanha e como tentaram fazer em Portugal. Na realidade, esta era uma situação explicitamente aceite pelo Governo no Brasil e que convinha aos objectivos do Rei português, que resistiu repetidamente a pedidos para regressar à Europa. Não pretendemos dizer que Portugal não estava (e não continuou a estar, ao longo do século) altamente dependente da Grã-Bretanha, nem que o território de Portugal continental não esteve sobre uma tutela não oficial, especialmente durante os anos de 1809 a 1820, mas esta ideia de “domínio” com toda a sua carga negativa carrega a ideia de que o Governo português, a partir de 1815, foi forçado a ter os britânicos em Portugal, embora nós saibamos – e pretendemos demonstrá-lo neste artigo – que esta situação ia de acordo aos desejos de D. João VI. Assim, esta noção deve ser posta em causa, não só pelas razões enunciadas mas também pelo perfil do próprio Marechal Beresford.

³ Tal como é demonstrado numa carta de D’Urban citada em Newitt e Robson 94.

⁴ José Miguel Sardica, por exemplo, utiliza esta ideia sem a discutir (118).

Do ponto de vista político-ideológico, William Beresford tendia claramente para o conservadorismo *tory*, partilhando possivelmente de visões semelhantes às do Duque de Wellington (Costa 244)⁵, nomeadamente da mesma aversão por qualquer tipo de reformismo político. Foi escolhido porque era um disciplinador, e essa era a qualidade considerada necessária pelos Governadores portugueses para o homem que iria treinar o exército português (Costa 244). No período de 1814 a 1820, Beresford não foi, porém, membro do Conselho de Regência e, durante a sua estada em Portugal, ocupou-se essencialmente de assuntos militares, relacionados com o exército⁶ e a protecção do Reino. Isto não o impediu de entrar em conflito com os Governadores, especialmente com o Principal Sousa, que já desde 1814 se queixava das exigências de Beresford, neste caso no que dizia respeito ao recrutamento militar (cit. in Pereira 3: 167). O Principal Sousa dizia, em 1815, que os ingleses desejavam ter muito mais influência no reino e aconselhava D. João a refrear-lhes a acção (cit. in Pereira 3:174). Numa carta de Fevereiro de 1815, recomenda mesmo que se moderem os poderes do Marechal Beresford:

... não tem havido novidade no governo de maior consideração senão as continuas pertençoens do Marechal Marquez de Campo Maior, dezejando ter o maior poder, e não se contentando de comandar em Cheffe, sem contradição ... na verdade necessita de ser moderado, e limitar-lhe os seus poderes. (cit. in Pereira 3: 180-181)

As cartas do Principal Sousa, na realidade, estavam repletas de avisos deste género. Em Setembro de 1815, volta a advertir o Rei: “Hé indispensável que em tempo de paz não tenha [Beresford] governo, nem nas milícias, nem em Ordenanças, como se pratica em toda a Europa” (cit. in Pereira 3: 191). As principais queixas continuavam a ser relativas a dinheiro, pois as exigências

⁵ Nesta recensão crítica ao livro de Newitt e Robson, Dores Costa contraria algumas das ideias relativas ao suposto liberalismo *whig* de Canning, mas não tira razão ao argumento original de que Beresford, politicamente, era um *tory*, até porque, como se vai ver, irá participar no governo de Wellington quando este se torna Primeiro-Ministro. Contudo, discordamos da ideia apresentada por Newitt de que a ideologia *tory* se assemelha de alguma forma ao absolutismo régio característico de Antigo Regime

⁶ Mesmo o registo das cartas de Beresford para o Rio de Janeiro, presentes no *Inventário do arquivo do Rio de Janeiro – Documentos do Marechal General Marques de Campo Maior William Carr Beresford. Assuntos militares, políticos e particulares – 1815 – 1820* na Torre do Tombo, indica uma maioria de assuntos militares.

de Beresford para a manutenção do exército não eram comportáveis pelo tesouro português (cit. in Pereira 3: 198). É por isso evidente que D. João estava plenamente consciente dos “perigos” da permanência britânica em Portugal Continental. O Principal Sousa afirma isto claramente numa outra carta ao Rei: “... este reino invadido por terra pelos Hespanhois e ameaçado de ocupação por Inglaterra, como mediadora” (cit. in Pereira 3: 199). Apesar disto, Beresford, em 1816, vai ao Brasil, onde recebe mais poderes: torna-se Marechal de todos os exércitos reais (entendendo assim o seu comando às tropas na América do Sul), e obtém permissão de D. João VI para decretar novas regras para o recrutamento de mais homens (Newitt e Robson 96).

Este antagonismo entre os Governadores do reino e Beresford não era de forma nenhuma unilateral. Beresford também se queixava frequentemente aos seus homólogos britânicos (Newitt e Robson 92-93) e entrava em conflito directo com os Governadores. Num ofício enviado a D. Miguel Pereira Forjaz (1769-1827) sobre a possibilidade de invasão espanhola pela fronteira portuguesa, Beresford utiliza uma linguagem bastante forte, acusando claramente os Governadores do Reino de não se preocuparem com a defesa do mesmo (Beresford para D. Miguel Pereira Forjaz, Lisboa, 9-1-1817. PT/AHM/DIV/1/16/001/04). Tal como afirma Fernando Dores Costa, as exigências de Beresford relativamente ao recrutamento militar e a pedidos de dinheiro eram irrealistas, porque o Marechal não tinha consciência (ou não queria ter) do absoluto esgotamento financeiro em que Portugal se encontrava (243). Beresford e a tutela britânica não reuniam o apoio de parte da nobreza, como ele dá claramente a entender numa carta ao seu amigo General Lemos, que estava no Brasil, na qual refere ter medo de ter perdido o favor do Rei, caso este tenha dado ouvido a outros que estão contra si (cit. in Pereira 4: 112). E, como veremos, Beresford acaba por tornar-se uma figura extremamente impopular, sendo uma das razões tanto para a conspiração de 1817 como para a Revolução de 1820.

Posto isto, é para nós evidente que a manutenção de Beresford em Portugal tinha três bases de apoio: o Rei português, o apoio do Governo britânico e o Exército. Deveremos, pois, perguntar-nos: por que razão é que D. João apoiava Beresford? Até que ponto é que Beresford responde perante o Governo em Londres? Parece-nos que a posição de Beresford não é tão clara como uma leitura geral possa à primeira vista indicar e que ele é mais do que um mero agente britânico em Portugal, fazendo aquilo que o Governo de Londres ordenava. Embora Beresford trocas-se correspondência com membros do Governo britânico e eles

estivessem cientes das suas acções em Portugal, torna-se evidente, quando lemos estas cartas,⁷ que ele tinha uma liberdade de acção bastante elevada, limitando-se por vezes às habituais queixas e a relatar os acontecimentos. Não temos indicação de instruções que ele tenha recebido (embora, como referimos, o acesso às fontes relativas a Beresford seja bastante precário, havendo informação, especialmente no Reino Unido, que está por descobrir). O próprio Beresford parecia estar consciente do 'limbo' em que se encontrava. Em carta para o já mencionado General Lemos em 1817, o Marechal afirma que "finalmente julgo que Sua Magestade me pode considerar Portuguez, porque com eles tenho servido bastante tempo, tenho feito alguns serviços e passado por bastantes sacrificios" (cit. in Pereira 4: 103). Mesmo havendo nesta afirmação algum exagero e oportunismo político, ela é reiterada, de forma mais realista, mas que não apaga o conflito, numa outra carta para Lemos, de Agosto de 1817:

... e me persuado que huma vez que saia do Serviço de Sua Magestade, não servirei mais, mas que me retirarei para passar o resto da minha vida com a minha família, e em tranquilidade, não obstante que haja outra Nação, sem ser a minha, que dezejará empregar-me. Mas contra Portugal eu nunca servirei, nem mesmo sendo em favor da minha própria Pátria (cit. in Pereira 4: 109).

Ou seja, aqui Beresford vê-se a si próprio não como um representante britânico em Portugal, mas sim como alguém que, sendo britânico, está ao serviço do Rei português. É evidente que podemos, como já referimos, desmistificar estas afirmações como sendo obra de oportunismo ou simples lisonja, mas a verdade é que Beresford recorria muito mais frequentemente ao facto de estar a agir em nome de D. João VI do que do Governo britânico. Numa carta enviada a um dos espões da conspiração de 1817, Andrade Corvo de Camões, Beresford utiliza a expressão: "consta-me que V.S fora convidado para entrar n'huma conspiração contra El-Rei meu Senhor" Nesta mesma carta, Beresford escreve expressamente: "ordeno em nome do mesmo Senhor [D. João VI], haja de convocar os seus amigos ... para que venhão à minha presença" a fim de lhe comunicarem o que

⁷ Tivemos acesso a algumas delas, citadas na obra já referida, *Lord Beresford and British Intervention in Portugal* (92-104), embora a nossa interpretação esteja limitada por apenas termos acesso a excertos.

sabiam (cit. in Pereira 4: 73). Por outro lado, o desejo de regressar a Inglaterra é reiterado numa das cartas a Lemos (cit. in Pereira 4: 108), assim como também pretendia que D. João voltasse brevemente para Portugal (cit. in Newitt e Robson 106). Isto indica-nos que Beresford não contava ficar em Portugal a longo prazo e que tinha noção de que esta era uma situação temporária e que o Rei teria eventualmente de regressar, assim como ele teria de abandonar o seu posto como Marechal das forças portuguesas.

Esta posição dúbia de Beresford pode igualmente ser compreendida se tivermos em conta que as honras e os títulos mais importantes que detém são atribuídos pelo Rei português. Ele é feito Conde de Trancoso e depois Marquês de Campo Maior; é também Marechal de um exército, e é através da Guerra Peninsular que trava conhecimento com Wellington, de cujo governo Beresford fará parte entre 1828 e 1830. Não será exagero afirmar então que foi a Guerra Peninsular e o seu papel como chefe das forças armadas portuguesas que garantiram a Beresford uma posição política e social de relevo, não só na Península como também, mais tarde, em Inglaterra.

Acresce a esta questão a confiança política que D. João depositava nele. Como já vimos, a permanência de Beresford em Portugal acabava por ser conveniente, e o Rei resistiu a pedidos, inclusive do próprio Beresford, para voltar (Costa 243). Por outro lado, é evidente que D. João estava não só agradecido ao exército treinado por Beresford como também precisava dele para a expansão territorial na América do Sul. Numa carta régia dirigida ao Marechal (de D. João VI para Marechal Beresford, Rio de Janeiro, 16-11-1816. PT/AHM/DIV/1/16/002/04), encontramos uma série de agradecimentos a Beresford e ao exército, demonstrando assim que a opinião régia era a de que se sabia que a acção de Beresford tinha possibilitado a manutenção do Reino na Europa.

Beresford na conspiração de 1817 e na Revolução de 1820

É neste contexto que Beresford surge directamente relacionado com a conspiração de 1817 e com a Revolução de 1820. Na realidade, os acontecimentos de 1817 são um prenúncio daquilo que irá acontecer em 1820. Desde já, gostaríamos de afastar as ideias conspiratórias que insinuam que a conspiração foi de alguma forma orquestrada por Beresford para cimentar o seu poder em Portugal (Newitt e Robson 114); tendo em conta tudo o que já se disse, não nos parece que este argumento se encaixe no

perfil do Marechal. A supressão da conspiração vem na linha daquilo que Beresford considerava serem os seus deveres: a protecção não só do Reino, mas também do próprio Rei, do *status quo*.

Como suprimiu Beresford esta conspiração? Não nos interessa fazer aqui a sua história ou reconstruí-la passo a passo, mas algumas considerações de interesse podem ser feitas. Em primeiro lugar, a conspiração é descoberta devido aos informadores de Beresford, os seus espões, cuja base era o exército. Os agentes principais eram militares, neste caso, os capitães José Andrade Corvo de Camões e Pedro Pinto de Moraes Sarmiento, que, estando envolvidos na conspiração, foram “convocados” por Beresford para irem à sua presença relatar-lhe o que sabiam (cit. in Pereira 4: 73). Aparentemente, Beresford também começou por ter desconfianças acerca do que se estava a preparar através de um ex-alferes, António Cabral (cit. in Pereira 4: 73). Torna-se por demais claro que Beresford mantinha uma rede de informadores no exército que lhe transmitiam informações não só sobre o que se passava no interior do mesmo, mas também na sociedade civil. Sabemos também que, já desde 1815, Beresford recebia informações sobre os acontecimentos políticos em Espanha e sobre portugueses que serviam na corte de Espanha (Carta de João Wilson para Beresford, 28-10-1815. PT/AHM/DIV/1/16/001/50), ou seja, o Marechal, através dos seus oficiais, mantinha-se informado sobre os acontecimentos em Espanha e na fronteira.

De facto, a chamada conspiração de Gomes Freire foi desmantelada com relativa facilidade, mas isto não significa que os conspiradores não tivessem objectivos claros. Uma análise cuidada do acórdão da sentença proferida contra os réus acusados de alta traição, os conspiradores, revela-nos não só os seus nomes (na sua maioria, militares) como as ligações à Maçonaria, movimentações e objectivos, entre os quais se encontram a mudança do governo, o estabelecimento de “um rei constitucional” (*Sentença proferida no Juízo da Inconfidência relativa aos réus...* Lisboa, 19-10-1817. PT AHM/DIV/1/16/008/60, 2), uma revolução como a que também se estava a preparar em Espanha (*idem* 3-4), presumivelmente contra Fernando VII, e, naturalmente, a expulsão dos ingleses e a morte de Beresford. Os relatos dos réus indicam também uma preparação da conspiração mais do que superficial: havia panfletos e proclamações prontos a serem espalhados (*idem* 2) e agentes enviados para o Porto e para a província (*idem* 3) com o claro objectivo de espalharem a revolução. Assim, os objectivos aqui apresentados parecem ser um claro prelúdio daquilo que viria a ser a revolução vintista (Vargues, “Vintismo...” 181-182), o que demonstra que as ideias

liberais estavam desde já muito presentes em alguns sectores da sociedade portuguesa. Quanto ao papel de Gomes Freire nesta conspiração, apesar de ele lhe ter dado nome, segundo os testemunhos dos réus, o seu papel era pouco mais do que simbólico, isto é, Gomes Freire não parece ter tido uma mão activa no planeamento da conspiração, embora estivesse ao corrente do que se preparava. Caso ela fosse bem-sucedida, seria preciso alguém que liderasse o exército, e Gomes Freire, para além das suas ligações à Maçonaria, era um oficial de alta patente. A ideia repetida pelas testemunhas era a de que, caso tudo corresse bem, deviam ir buscar Gomes Freire a casa: "... e depois da sua leitura o mesmo Tenente General confirmou a todos, que somente no caso de grande partido formado, e de o irem buscar a sua casa ele figuraria à frente da Sociedade, de cuja existência já estava anteriormente instruído..." (*Sentença proferida no Juízo da Inconfidência relativa aos réus...Lisboa, 19-10-1817. PT AHM/DIV/1/16/008/60, 4*). O próprio Beresford parecia ter consciência deste facto, e o que mais o preocupava não eram tanto as movimentações no interior de Portugal, que, como já vimos, tinha sob controlo, mas sim a ligação a Espanha e a possibilidade de os espanhóis aproveitarem este momento para invadir Portugal. Esta ideia de uma invasão está presente no espírito de Beresford desde 1815, e é muito provável que ele acreditasse mesmo ser essa a intenção dos espanhóis. Como vimos, não era o único, pois até Wellington acreditava nesta possibilidade quando diz a Beresford que seria pouco provável que os britânicos interviessem caso Portugal fosse invadido (Newitt e Robson 94). Contudo, a ligação que Beresford estabelece entre a possibilidade de uma invasão espanhola e a conspiração de Gomes Freire é algo confusa, pois Beresford parece acreditar que era o rei espanhol, Fernando VII, quem tinha instigado a revolução em Portugal com o objectivo de enfraquecer os portugueses (cit. in Newitt e Robson 123-124). Ora, o que seria lógico era serem os liberais espanhóis a trabalhar para fomentar duas revoluções liberais – uma em Portugal e outra em Espanha –, o que, aliás, irá acabar por acontecer em 1820.

A participação de Beresford no desmantelamento da conspiração limitou-se precisamente à apresentação de provas e testemunhas que provavam a sua existência. Ele não toma parte nos julgamentos, nem nos interrogatórios e, como afirma claramente ao seu amigo General Lemos, haveria até uma tentativa por parte do Governo para 'apagar' as suas contribuições:

He couza muito singular, que jamais o Intendente Geral da Policia, nem os seus Deputados, quizeram permitir que elles [os

informadores de Beresford] falassem em o meu nome, ou em o modo por que foi descuberta a Conspiração; e o Intendente mesmo os obrigou a dizerem, que a elle hé que tinham participado a informação ... (cit. in Pereira 4: 104)

Na carta seguinte, de 24 de Agosto de 1817, Beresford afirma que “Não posso pertender instruhir-vos sobre qual será o resultado” dos processos (cit. in Pereira 4: 107).

Nos anos que se seguiram à conspiração até 1820, o poder de Beresford é reforçado muito em função das suas acções em 1817 (Newitt e Robson 134). Não se coíbia, nas suas cartas a Lemos, como, aliás, tivemos oportunidade de ver, de lembrar que tinha sido ele o principal responsável pelo fim da conspiração. O próprio Principal Sousa, em carta a D. João, vê-se obrigado a reconhecer a importância de Beresford neste caso: “Ao Marechal se deve muito neste serviço. Elle he verdade que cuidou em si mas realmente servio bem a Vossa Majestade e se elle continuar a prestar se reunido ao Governo, e indo, de acordo certamente tudo irá bem ...” (cit. in Pereira 4: 88).

Ao mesmo tempo, o descontentamento continuava a crescer, não só no exército, mas fora dele. Os oficiais portugueses viam-se subalternizados pelos oficiais ingleses (Torgal 281) e, fora do exército, os movimentos liberais ganhavam força. Proliferavam as sociedades secretas, como a que orquestrou a conspiração de 1817, muitas das quais de base maçónica (Vargues “O processo de Formação...” 47). Em 1820, estava, de facto, tudo preparado para uma revolução de cariz liberal. O próprio falhanço da conspiração de 1817 e a execução de Gomes Freire e dos outros conspiradores criaram mártires, heróis para a causa liberal. A presença dos ingleses e de Beresford em particular originou um sentimento anti-inglês, de oposição a um ocupante estrangeiro que atrofiava e já não defendia Portugal. É, de certa maneira, simbólico, contudo, que a revolução se tenha dado na ausência física de Beresford, que tinha ido ao Brasil reunir-se com D. João e de onde regressou investido de mais poderes, à medida do que tinha acontecido em 1816. Quando regressa, já a revolução estava consumada, e não lhe foi permitido desembarcar em Lisboa.

Conclusão

Devemos perguntar-nos até que ponto é que Beresford não é mais do que um representante de um poder estrangeiro que tutelava o território continental português, para ser um agente

que se encontrava simultaneamente a defender interesses britânicos e a cumprir a vontade de D. João VI. A manutenção de Beresford em Portugal parecia garantir que D. João não tinha que voltar à Europa, embora toda a gente em seu redor, Beresford incluído, tivesse noção de que esta teria necessariamente de ser uma situação temporária. Esta parece ser uma contradição com o facto de Beresford ter recebido mais poderes em 1820 e não parecer ter planos para abandonar Portugal no imediato, mas é também verdade que os seus pedidos para D. João regressar a Portugal e os seus desejos de regressar a Inglaterra demonstram que provavelmente Beresford ambicionava uma carreira política na Grã-Bretanha como, aliás, acabará por acontecer. A imagem que a historiografia guardou de Beresford e dos anos de tutela inglesa ficaram marcados pela ideia de que tanto a conspiração de 1817 como a revolução de 1820 se fizeram contra um poder de ocupação estrangeiro. Contudo, parece-nos que, para a compreensão destes eventos, a tónica deve ser posta nas ideias liberais, que já circulavam, e ver nos ingleses – e em Beresford – aquilo que em última análise os desencadeou. É também necessário ter em conta que esta tutela inglesa só é possibilitada por um contexto muito específico – o das invasões francesas – mas que ele vem na linha de uma crescente influência económica e política da Grã-Bretanha sobre Portugal. Contudo, apesar de atendermos a este contexto específico, se reflectirmos sobre a influência que a Grã-Bretanha exerceu sobre Portugal ao longo de todo o século XIX, muito para além da estada de Beresford em Portugal, percebemos que esta tutela é apenas, no contexto das relações luso-britânicas do século XIX, mais uma das muitas demonstrações de dependência e ingerência em Portugal.

Beresford ficou para a historiografia um pouco como um símbolo deste mesmo poder estrangeiro, desta mesma ingerência, mas também, como mencionámos no início, as suas competências diziam respeito ao exército e ele podia ser – e era – excluído das matérias mais importantes, como foi o caso dos processos dos réus da conspiração de 1817.

Seria válido perguntar também até que ponto é que Beresford não age de acordo com os seus próprios interesses, uma vez que a sua intervenção na conspiração de 1817 lhe proporcionou, sem dúvida, a curto prazo, uma maior influência sobre os assuntos do Reino e sobre o próprio Rei no Brasil. Se considerarmos esta hipótese, então é possível inclusivamente argumentar que os seus anos em Portugal terão sido passados a equilibrar três vertentes: os interesses de D. João, o rei português, os britânicos e os seus próprios.

Talvez a maior conclusão que retiramos deste estudo é que, apesar de os anos de 1811 a 1820 serem de grande importância para o restante século XIX português, sobrevivem ainda muitas questões por responder. No que diz respeito ao Marechal Beresford, verifica-se que há *nuances* e complexidades na sua personalidade e no seu desempenho que deveriam ser exploradas e consideradas pela historiografia que se dedica a este período.

FONTES CITADAS

Fontes Impressas:

Algumas das cartas citadas estão impressas, traduzidas e publicadas em:

Pereira, Ângelo, *D. João, Príncipe e Rei*, Vol III. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1956

—, *D. João, Príncipe e Rei*, Vol IV. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1958

Inventário do arquivo do Rio de Janeiro – Documentos do Marechal General Marques de Campo Maior William Carr Beresford. Assuntos militares, políticos e particulares – 1815 – 1820 na Torre do Tombo

*Sentença proferida no Juízo da Inconfidência relativa aos réus...*Lisboa, 19-10-1817. PT AHM/DIV/1/16/008/60

Fontes Manuscritas:

De D. João VI para Marechal Beresford, Rio de Janeiro, 16-11-1816. PT/AHM/DIV/1/16/002/04

Beresford para D. Miguel Forjaz, Lisboa, 9-1-1817. PT/AHM DIV/1/16/001/04

OBRAS CITADAS

Alexandre, Valentim, *Os Sentidos Do Império*. Porto: Edições Afrontamento, 1993.

Costa, Fernando Dores, *Lord Beresford e a Intervenção Britânica em Portugal – 1807-1820*, *Análise Social*, n. 178, (2006): 242-246.

Costa, Fernando Dores e Pedreira, Jorge, *D. João VI*. Lisboa: Temas e Debates, 2009.

Black, Jeremy, *A History of the British Isles*. Hampshire: Palgrave Macmillian, 1997.

Lopes, António, *Gomes Freire de Andrade: um retrato do homem e da sua*

- época. Lisboa: Grémio Lusitano, 2003.
- Macedo, Jorge Borges de, *O Bloqueio Continental*. Lisboa: Gradiva, 1990.
- Manique, António Pedro, *Portugal e as potências europeias (1807-1847)*. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.
- Newitt, Malyn, *Lord Beresford and British Intervention in Portugal*. Lisboa: ICS, 2004.
- Sardica, Miguel, *A Europa Napoleónica e Portugal*. Parede: Tribuna, 2011.
- Torgal, Luís Reis, "A contra revolução e a sua imprensa no vintismo: notas de uma investigação", *Análise Social*, n.º 16, (1980), 279-292.
- Vargues Isabel Nobre, "Vintismo e radicalismo liberal", *Revista de História de Ideias*, vol.3 (1981): 177-215
- . "O processo de Formação do Primeiro Movimento liberal: a revolução de 1820" *História de Portugal, O liberalismo* Ed. João Loureço Roque e Luís Reis Torgal. s/l: Editorial Estampa, 1998
- Vichness, Samuel, *Marshal of Portugal: military career of William Carr Beresford : 1785-1814*. Michigan: University Microfilms International, 1976.

A GUERRA PENINSULAR REVISITADA NA IMPRENSA
PORTUGUESA: IMAGENS DA GRÃ-BRETANHA DO
ULTIMATUM À REPÚBLICA¹

Teresa Pereira
Universidade Nova de Lisboa
CETAPS

A Guerra Peninsular deu origem a um *corpus* variadíssimo de relatos de viagem, escritos por militares britânicos, que, sob a forma de cartas, diários, memórias, entre outras, se empenharam em (re)escrever a história das invasões francesas em Portugal e das campanhas de Wellington contra Napoleão. O elevado número de textos produzidos em consequência do encontro entre o “Eu” (britânico) e o “Outro” (português) durante e após a Guerra, revela o modo como “a memória cultural ... percebe e narra o passado, mediante circunstâncias variáveis que marcam a actualidade do autor, em especial o momento da escrita” (Terenas, 2012:15).

Por outro lado, o ainda recente segundo centenário da presença napoleónica e britânica em Portugal motivou a publicação de múltiplas obras, entre as quais destacamos as seguintes: *A Guerra Peninsular. Perspectivas Multidisciplinares* (2008), coordenada por Maria Leonor Machado de Sousa; *O Exército Português e as Comemorações dos 200 Anos da Guerra Peninsular* (2009-2010), uma publicação da Direcção de

¹ Este artigo resulta, em grande medida, da investigação levada a cabo no 2º semestre do ano lectivo de 2012-2013, para o Seminário “Cruzamentos Culturais Luso-Britânicos” (Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa), sob a orientação da Prof.ª Doutora Gabriela Gândara Terenas, a quem deixo aqui os meus agradecimentos por toda a ajuda que me disponibilizou.

História e Cultura Militar do Exército; ou, ainda, *Entre a História e a Ficção: as Invasões Francesas em Narrativas Portuguesas e Britânicas* (2012), da autoria de Gabriela Gândara Terenas. Neste vasto conjunto, de que apenas destacámos alguns escasos exemplos, verificámos que poucos foram os autores que se dedicaram à análise dos artigos sobre a Guerra Peninsular publicados na imprensa periódica portuguesa entre 1890 e 1910, ou seja, aquando do *Ultimatum* e da evocação do primeiro centenário, sobretudo de uma perspectiva comparatista. O presente estudo tem, assim, como objectivo primordial contribuir, de algum modo, para colmatar essa lacuna, mediante a análise de textos jornalísticos dessas épocas que revisitaram a Guerra Peninsular e, sobretudo, as relações luso-britânicas, à luz do momento da escrita.

Partindo de uma abordagem que se insere claramente na metodologia proposta pelos Estudos Anglo-Portugueses, entendidos enquanto área disciplinas autónoma, pretendemos analisar dois conjuntos de textos porventura menos conhecidos entre o público. Em consequência do facto de a imagem da Grã-Bretanha na imprensa periódica portuguesa, entre os anos de 1890 e 1910, se encontrar, em larga medida, por estudar, esperamos que o presente estudo possa trazer algo de novo relativamente à percepção dos portugueses acerca da Guerra Peninsular no pós-*Ultimatum*. Para isso seleccionámos um conjunto de artigos publicados num dos periódicos de maior circulação no seu tempo: *O Ocidente*.

As imagens projectadas pela opinião pública portuguesa e pela imprensa periódica, após 1890, relativas à actuação britânica na Península Ibérica que resultou das invasões napoleónicas traduziam sobretudo o imaginário colectivo de um povo humilhado pela prepotência britânica. Assim, os artigos publicados em *O Ocidente* por ocasião do período do pós-*Ultimatum*, por um lado, e nas vésperas da implantação da República, por outro, revelaram-se do maior interesse.

Não se pretende, contudo, apresentar um estudo exaustivo de todos os artigos sobre o assunto publicados entre 1890 e 1910, mas apenas uma selecção de dois grupos de textos, que, pelas suas características, denunciam as ansiedades e as preocupações resultantes do momento político-social em que se inserem. Estes conjuntos de textos pretendem, assim, constituir uma amostragem da forma como a aliança luso-britânica aquando da Guerra Peninsular foi vista, na imprensa portuguesa dos finais do século XIX e primórdios do século XX, de duas formas totalmente diferentes.

O primeiro grupo de textos, redigido e publicado ao longo de 1890 por Manuel Barradas², diz respeito a Gomes Freire de Andrade, estendendo-se, portanto, desde finais do século XVIII até 1817, ano da morte do General. O segundo conjunto, publicado por Bartolomeu Sesinando Ribeiro Artur³ em 1909, em jeito de comemoração do primeiro centenário da Guerra Peninsular, reúne uma série de escritos anónimos de 1808, que satirizam a figura de Napoleão Bonaparte.

Deste modo, pretendemos provar que as narrativas em estudo, ao revisitarem o período que se estende de 1808 a 1812, veicularam imagens totalmente distintas da mesma guerra, o que se justifica, como veremos, pelas circunstâncias políticas, sociais e económicas em que foram produzidas e publicadas e, portanto, pelo(s) horizonte(s) de expectativa do(s) público(s) leitor(es). Em última análise, o presente estudo visa demonstrar o modo como a imagem do “Outro” (no caso a Grã-Bretanha) se encontra totalmente dependente do momento histórico-cultural em que foi veiculada.

De facto, os Estudos de Imagem, campo de investigação extremamente fértil, debruçam-se precisamente sobre as complexas relações estabelecidas entre a literatura e “uma determinada estrutura social, cultural e política” (Machado, 2001:49). A *imagologie*, ou imagologia, incide fundamentalmente na análise dos símbolos, alegorias, estereótipos, entre outros, construídos por um “Eu” a respeito de um “Outro”, em determinada

² Manuel Barradas (1865-1898) tornou-se colaborador de *O Ocidente* justamente na altura do *Ultimatum* de 1890. Esteve presente em África, tendo a seu cargo a função de supervisionar obras públicas, e visitou a Inglaterra e as Américas na qualidade de imediato. Foi também membro da Sociedade de Geografia e do Instituto 19 de Setembro. Entre as suas obras contam-se *O General Gomes Freire* (1892) e *O Infante D. Henrique* (1894).

³ Tenente-coronel de infantaria, escritor e artista, Bartolomeu Sesinando Ribeiro Artur (1851-1910) frequentou o Real Colégio Militar, a Escola do Exército e, ainda, a Escola Politécnica. Em consequência da sua notável carreira militar, foi condecorado com uma série de medalhas de prata por comportamento exemplar e prestação de bons serviços. Foi ainda oficial e cavaleiro da Real Ordem de S. Bento de Avis, cavaleiro da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo, da Ordem Militar de S. Tiago e da de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, comendador da Real Ordem espanhola de Isabel a Católica. Recebeu as medalhas da Cruz Vermelha de Espanha, da Cruz de 2.^a classe de mérito militar e a Cruz de Carlos III. Ribeiro Artur publicou várias obras de carácter militar, entre as quais se contam as seguintes: *Pequeno Manual para Uso do Soldado de Infantaria* (1896); *A Legião Portuguesa ao Serviço de Napoleão* (1808-1813); *Teorias nas Casernas. Educação Militar do Soldado* (1902); e *Os Caçadores Portugueses na Guerra Peninsular* (1899). Por fim, a sua paixão pela pintura e aguarela levaram-no a estar presente em todas as exposições do Grémio Artístico e da Sociedade Nacional de Belas Artes, chegando até a apresentar as suas obras na Exposição Universal de Paris de 1900.

conjuntura histórica, e que, como tal, revelam “auto-imagens, auto-representações indissociáveis de representações polémicas do estrangeiro, como, por exemplo, se passou em Portugal na altura do *Ultimatum* de 1890” (Machado, 2001:50). Deste modo, no acto da produção escrita encontram-se também implicados factores como a difusão, a opinião pública e o horizonte de expectativas do público-alvo, pelo que a imagem do estrangeiro passa a estar inexoravelmente ligada ao imaginário colectivo de determinada nação.

Consequentemente, a imagem nascida do processo de distanciação entre um “Eu” e um “Outro” constitui um acto discursivo e interpretativo, que, muitas vezes, dá origem ao estereótipo. Redutor e generalista, o estereótipo representa um ponto de encontro entre o “Eu” e o “Outro”, pelo que estabelece, desde o início, uma hierarquia, que muitas vezes se cristaliza no imaginário colectivo. Assim, aquele que olha, ao construir uma imagem do objecto que é olhado, acaba por veicular uma determinada imagem de si mesmo. Como nos diz Álvaro Manuel Machado,

é impossível evitar que a imagem do Outro ... não surja ... também como negação do Outro, o complemento, o prolongamento do meu próprio corpo ou do meu próprio espaço. Queremos dizer “o Outro” ... e, ao dizer “o Outro”, negámo-lo e dizemo-nos a nós próprios. De certo modo, dizemos também o mundo que nos rodeia, dizemos o lugar de onde partiu o “olhar”, o juízo sobre o Outro: a imagem do Outro revela as relações que estabelecemos entre o mundo ... e eu próprio (2001:53).

Como tal, o discurso sobre o “Outro” pode constituir um acto agressivo de apropriação, pelo que devemos atentar também nas palavras de Christopher Prendergast a este propósito: “if representation is the process whereby ‘a’ stands for ‘b’ ..., by what authority does it do so? The question then is a question about authority in representation, though inevitable ..., is not only alienating but also oppressive” (2000: 8,9). Deste modo, o discurso que o que olha adopta a respeito do que é olhado resulta fundamentalmente de uma mediação. Assim sendo, cabe ao investigador desconstruir essas imagens, pois

one of the things we can do ... is to analyze the properties, rules, and modes of functioning of systems of representation, with a view to uncovering their assumptions, describing their origins, and above all unmasking the processes whereby those origins are concealed in the interests of parading the human choices and conventions on which they are based as not human choices and conven-

tions at all but as if they were natural, permanent, and unalterable made to the specifications of eternity (Prendergast, 2000:9).

Os textos em apreço, nascidos na consequência das convulsões políticas do pós-*Ultimatum*, devem ser analisados tendo por base os pressupostos imagológicos, pois torna-se fundamental a sua desconstrução, mediante o entendimento da conjuntura histórica em que se inserem. Assim, os artigos publicados no periódico *O Ocidente*, no ano de 1890, centraram-se na figura de Gomes Freire de Andrade,⁴ acusado de participar na conspiração de 1817, descoberta por Beresford.⁵ Com o claro propósito de veicular uma imagem negativa das tropas britânicas, mantendo uma postura neutral a respeito do exército invasor e exaltando os feitos do General português, a narrativa aqui em análise revisita não só as relações anglo-lusas ao tempo da Guerra Peninsular propriamente dita, mas também nas vésperas da Revolução Liberal.

Como contraponto, o conjunto de textos, de autores anônimos, escritos em 1808 e reproduzidos um século mais tarde, no mesmo periódico, *O Ocidente*, pela ocasião das comemorações

⁴ Gomes Freire de Andrade nasceu em Viena, em 27 de Janeiro de 1757, filho do Embaixador português na Corte austríaca. A sua vida foi marcada pelos mais variados sucessos militares, entre os quais se contam a sua presença na Rússia, o que lhe valeu o título de coronel da cavalaria imperial russa quando tinha apenas vinte e seis anos, e as suas campanhas em Espanha, na guerra do Roussilhão. Perante o eclodir da Guerra Peninsular, o General integrou o exército francês, fazendo parte da Legião Portuguesa. Findado o período correspondente às invasões francesas, Gomes Freire de Andrade regressou a Portugal, onde foi acusado de conspiração contra a Regência e enforcado, em 18 de Outubro de 1817, na Torre de S. Julião.

⁵ Nascido em 2 de Outubro de 1768, William Carr Beresford foi uma figura preponderante no desenrolar do conflito armado que teve lugar na Península Ibérica entre 1808 e 1815. Em 24 de Dezembro de 1807, Beresford foi enviado para o arquipélago da Madeira, onde exerceu a função de Governador e comandante supremo, ao mesmo tempo que aprendia a língua portuguesa. No ano seguinte, em Agosto de 1808, aquele que viria a ser nomeado Conde de Trancoso chegou a Lisboa. Nos primeiros anos da sua presença em Portugal Continental, Beresford teve a árdua tarefa de reorganizar o exército português, função que desempenhou de modo eficaz. No entanto, os acontecimentos que se seguiram ao final vitorioso dos exércitos aliados na Guerra Peninsular valeram-lhe fortes críticas por parte da opinião pública portuguesa. Após a batalha de Toulouse e do seu breve regresso a Inglaterra, onde foi nomeado *Lord Beresford de Albuerca* e Cappelain, Beresford regressou a Lisboa. Contudo, a indignação portuguesa para com a estada prolongada de militares britânicos em Portugal, aliado ao espírito liberal que as guerras napoleónicas haviam disseminado pela Europa, levou a que os oficiais do Reino Unido fossem dispensados do exército português em 1819, levando Beresford a dirigir-se ao Rio de Janeiro para se reunir com D. João VI. Ao regressar a Lisboa, o Marechal deparou-se com a proclamação da Constituição de 1822, tendo sido proibido de entrar em território luso. William Carr Beresford, que nunca mais voltaria a Portugal, viria a morrer com oitenta e cinco anos, em 8 de Janeiro de 1854.

do primeiro centenário das invasões francesas, apresenta-se claramente favorável à imagem de Inglaterra: Napoleão foi fortemente satirizado e ridicularizado, por oposição a Wellington, representado como um indivíduo temível, mas equiparável à típica figura do *gentleman*.

Começemos com a análise dos nove artigos da autoria de Manuel Barradas, publicados em nove números da revista *O Ocidente*, sempre sob o título de “Estudos Historicos”. O próprio Manuel Barradas relata-nos, no corpo de texto, que recorreu largamente à *Historia de Portugal* (1869 e 1874), de Pinheiro Chagas, o que nos leva a depreender que pretendia reivindicar um cariz historiográfico para o seu texto. Pareceu, assim, oportuno ao autor publicar um estudo “sobre os vultos nacionais que a nação traidora dos piratas ... [,] esse cobardissimo paiz que vive na rapina ha mais de tres séculos [,] fez desaparecer da tella politica” (1890, n.º 403:50).

Este conjunto de “Estudos Historicos” revela-se de particular interesse por representar imagens do “Eu” e do “Outro” assentes em três vectores fundamentais. Em primeiro lugar, numa imagem do General Gomes Freire de Andrade correspondente, em larga medida, ao multissecular discurso sebastianista, visto que os vocábulos utilizados para retratar o oficial lhe atribuem um carácter messiânico. Em consequência da sua inteligência, honra e bravura, Gomes Freire tinha a capacidade de resgatar a nação portuguesa da decadência a que havia sucumbido. Depois, no facto de Barradas tecer fortes censuras aos governantes do início do século XIX, o que, em última análise, corresponde a uma crítica, porventura implícita, ao Governo português da última década de oitocentos. Por fim, no estabelecimento de uma dualidade bipolarizada entre uma posição neutra relativa às tropas napoleónicas e uma atitude de despeito para com o exército inglês.

Em sintonia com o discurso adoptado pela imprensa portuguesa do pós-*Ultimatum* caracterizada, em larga medida, pela dicotomia apocalipse/regeneração, o texto de Manuel Barradas estabelece, como referimos, uma ligação muito clara entre a imagem do General Gomes Freire de Andrade e o mito sebastianista. Como nos diz Teresa Pinto Coelho, “à destruição da Pátria seguir-se-á a criação de um universo renovado: o Caos será substituído por uma nova Idade dourada. O discurso jornalístico assenta, assim, no paradigma apocalíptico, alimentando-se da esperança messiânica de salvação nacional” (1996:75). Deste modo, ao identificar a vida e a morte do General com o

mito sebastianista, Barradas apelida-o, a um tempo, de “intransigente”, “suspeito” e “martyr” (1890, n.º 403:50).

A intransigência refere-se ao militar “estrangeirado” e advém da sua inexorável luta contra “o poder absoluto, ... contra a deslealdade, contra a ignorância, contra a dominação despotica fosse de quem fosse”. Assim, o autor estabelece, desde o início, uma ligação entre a coragem de Gomes Freire e a luta contra a tirania do Governo de William Beresford. Numa segunda etapa da vida do General “suspeito”, Barradas sente necessidade de justificar a presença de Gomes Freire de Andrade nas fileiras do exército napoleónico, integrado na Legião Portuguesa:

As autoridades do paiz *mandavam* que os francezes fossem bem recebidos e tratados como amigos pelo povo portuguez. Poderia ser alcunhado de traidor quem obedecesse às ordens do principe regente D. João?!... Ora, Gomes Freire, que estivera ao serviço da Rússia, primeiro, e depois de Hespanha com aplauso de muitos e admiração de todos, não podia ser censurado por servir a França De resto, n'aquella epocha todos os homens ilustrados e designadamente a côrte, tinham como impossivel a lueta contra Napoleão, estava-se convencido que Portugal fôra riscado do numero das nações independentes (1890, n.º 412:126).

No último momento, “o martyr”, relata-se o regresso de Gomes Freire a Lisboa, e o modo como o espírito popular português manifestava um sentimento cada vez mais “adverso á alliança inglesa pela maneira villissima como esta nação conosco se portára” (Barradas, 1890, n.º 415:148-149). Através destes argumentos, Barradas pretendia justificar qualquer conspiração contra a governação de Beresford na qual Gomes Freire tivesse porventura participado. Deste modo, o autor edifica a imagem de um General, que, tendo tido como objectivo salvar Portugal, “não tardou muito a que o leopardo lhe ferrasse as garras. E não faltaram hienas do paiz que se cevassem no cadaver do martyr” (1890, n.º 425:230).

De facto, as críticas aos governantes portugueses, cujas “baixeiras, com que o governo do principe regente comprou uma tranquillidade precaria, ainda hoje nos fazem corar de vergonha” (1890, n.º 412:126), são uma constante ao longo da narrativa. Logo no primeiro número de “Estudos Historicos”, Barradas justifica a conspiração contra Gomes Freire do seguinte modo:

E vendo, porque tinha uma superior intelligencia de verdadeiro homem de estado, a marcha rachitica da politica portugueza, tantas vezes fraca, humilhante, cobarde, tantas vezes hypocrita,

negociadora mediocre, sempre sem ilustração, sem norte, sem dignidade, sem amor ao paiz... que de incertezas, de revoltas, de desgostos e decepções se não povoaria o espirito de Gomes Freire ao ver o abarrotar de interesseira baixesa nos diversos poderes que então dominavam o reino (1890, n.º 403:50)

Deve, no entanto, notar-se que a preocupação de Manuel Barradas em veicular uma imagem negativa dos governantes portugueses representa, no fundo, ansiedades e preocupações do autor face ao enquadramento político, social e económico coevo. Recorde-se que o forte impacto do *Ultimatum* na população portuguesa e o sentimento por ela partilhado de uma avassaladora humilhação precipitaram o início de um movimento marcadamente anti-britânico, que tinha em vista cortar as relações comerciais com Inglaterra, reorganizar a Marinha de Guerra portuguesa e, até, criar um imposto voluntário de defesa nacional. A alegada submissão do Governo português face à prepotência britânica motivou árduas críticas por parte da imprensa e da população em geral. Assim, o revisitar da intervenção britânica no país por ocasião da Guerra Peninsular espelha, sobretudo, uma atitude de decepção e descontentamento para com o Portugal de 1890. Tal se pode depreender das palavras do autor ao afirmar que “o governo portuguez, quer o da regencia em Lisboa, quer o do principe D. João no Rio de Janeiro, continuaram na afrontosa subserviencia de obedecer em tudo ao inglez” (Barradas, 1890, n.º 415:148).

Por outro lado, a posição assumida pelo articulista face à presença de dois exércitos estrangeiros em Portugal revela-se muito curiosa, pois denota uma fobia em relação aos ingleses e uma atitude neutra para com as tropas napoleónicas. O Marechal Beresford, escolhido inicialmente para treinar e comandar o exército português foi, neste contexto, a figura britânica mais atacada por Barradas:

O marquez de Campo Maior Beresford, não foi pois como juiz, nem como chefe superior do exercito, que prendeu e infamou um tenente general portuguez. Foi como inglez. Era o odio, a inveja, o rancor contra Gomes Freire que o desprezava, que nunca lhe deu importancia, e que mais dia menos dia vinha a alcançar o prestigio fundado no brio militar, na bravura, energia e rapidez de resoluções que só tinham os soldados que haviam servido nas fileiras dos filhos da Revolução (1890, n.º 425:227).

A descrição da vilipendiada personalidade de Beresford assemelha-se a uma outra, do mesmo autor, sobre o carácter

inglês: “sempre falso, sempre traiçoeiro, sempre vilmente calculista, sempre interesseiro, baixo, sempre sem coração, sempre com calculo, sempre sustentando o seu proverbial egoísmo” (1890, n.º 405:70).

Contrariamente às constantes e ásperas críticas aos britânicos, surgem escassas e inócuas descrições da actuação dos franceses em Portugal. Assim, frequentemente através da omissão, o autor denota o poder mediador que detém sobre o seu artefacto cultural: o texto transfigura-se num local conflituoso em que o articulista e as informações que pretende transmitir aos leitores entram, por vezes, em rota de colisão. Contudo, essa atitude de neutralidade para com os franceses evolui, não raro, para uma relação de filia:

No exercito lavrava já uma conspiração para expulsar os inglezes do governo E, como era natural, á frente d'este movimento, que já se accusava com certa agitação nos quarteis, ia pôr-se um homem energetico, odiado dos inglezes por ser liberal, por ser generoso e por ter servido com Bonaparte que quizêra reduzir á fome os inglezes, no abençoado *bloqueo continental* (1890, n.º 415:150).

Passemos agora à análise do segundo conjunto de textos de autores anónimos, recolhidos por Ribeiro Artur e também publicados no periódico *O Ocidente*, desta feita no ano de 1909. O artigo “Perfidia ou Politica Infernal” narra conversas travadas entre Bonaparte e Lúcifer, e o “Dialogo entre Murat e Bonaparte no qual se Expõe os Acontecimentos na Hespanha e Portugal, as Tramas e Ardis, que os Franceses Usaram, e Resistencia, que os Hespanhois lhes Fizeram até que o Mesmo Murat Fugiu da Hespanha” e as travadas entre o Imperador e Joachim Murat.

Numa breve introdução, Ribeiro Artur apresenta ao leitor vários escritos, portugueses e espanhóis, de 1808, sublinhando que a figura de Napoleão motivou o aparecimento de “satyras, verrinas, pamphletos, espirituosos uns, infames outros, com que se pretendia ferir ou delustrar o terrivel imperador” (1909, n.º 1061:132). Por ocasião das comemorações do primeiro centenário da Guerra Peninsular, Ribeiro Artur pretendia, assim, fazer chegar ao público de *O Ocidente* “alguns escriptos curiosos e interessantes referentes á guerra peninsular” (1909, n.º 1064:158).

Nos textos em apreço, o Imperador foi amplamente ridicularizado através de estratégias literárias como a ironia, a caricatura, a hipérbole e a paródia. Tendo como objectivo primordial atacar a figura de Napoleão, os autores recorreram ao seu

engenho e ao humor de modo a construir um universo fantástico e absurdo. De facto, a sátira necessita, em certa medida, da construção de uma realidade enquadrável no reino da fantasia, onde o leitor usufrua do grotesco, o que, por sua vez, implica a existência de uma moralidade que atribua significado à comicidade do texto satírico.

O universo satírico deste conjunto de textos tem lugar, numa primeira instância, na “lugubre morada” de Lúcifer. No diálogo travado entre o Diabo e Napoleão, este último, reduzido a um mero servo do Senhor das Trevas, pergunta-lhe: “não tratava eu de estabelecer o imperio universal somente com o fim de extinguir a moral e a religião, para depois oferecer tudo a teus pés, posto que ensanguentado e moribundo?” (Artur, 1909, n.º 1061:132). Na sequência dos mais variados insucessos militares, profetizados pelo narrador, Lúcifer dirige-se a Bonaparte dizendo:

Não, tu terás um lugar bem junto a mim: a desesperação, a raiva, os remorços, eis aqui o premio que terás por toda a eternidade. Deixo-te livre a língua para as blasphemias, os olhos para as lagrimas de sangue, de que no mundo tinhas tanta sêde, e por agora eu vou encarregar a outro Diabo a destruição da Europa (se isso fôr possível) já que tu desempenhaste tão mal a minha comissão (Artur, 1908, n.º 1061:134).

No texto relativo ao diálogo travado entre Bonaparte e Murat, o narrador profetiza, novamente, a queda do Imperador, que apenas seria evitada se Napoleão estabelecesse um acordo amigável com a Inglaterra. Assim, em ambos os textos, a Grã-Bretanha surge como uma entidade temível, algo que se depreende logo no início do diálogo entre Lúcifer e Bonaparte, quando o primeiro profere as seguintes palavras: “Well come, sir, well come” (1909, n.º 1061:132), o que, deixando Napoleão visivelmente perturbado, o ridiculariza.

A mudança de atitude face aos britânicos, nos anos que antecedem a implantação da República, justifica-se, em larga medida, pelo reatar da aliança anglo-portuguesa. Ainda que os textos editados por Ribeiro Artur tenham sido escritos precisamente um século antes da sua publicação, o processo de selecção a que foram sujeitos revela o novo enquadramento político, social e económico do país. De facto, com a chegada do século XX, tanto a monarquia portuguesa como, pouco mais tarde, os republicanos, aperceberam-se da necessidade estratégica de restabelecer as boas relações diplomáticas com a secular aliada, de modo a (entre outros aspectos) atenuar o já muito impregnado sentimento anti-britânico existente na sociedade portuguesa.

Talvez não por acaso, em 1903, Edward VII elegeu Portugal como o primeiro país a visitar oficialmente após a sua coroação. Neste contexto, não deve descurar-se a importância do Marquês de Soveral, no respeitante à relação estabelecida entre as casas reais portuguesa e britânica. O Ministro português, íntimo de Edward VII e amigo de D. Carlos, desempenhou um papel preponderante no restabelecimento das relações luso-britânicas, tanto antes como depois do regicídio. Recorde-se, a propósito, que, com a intercessão de Soveral, se colocou a hipótese de um casamento celebrado entre o Príncipe D. Luís Filipe (e depois D. Manuel II) e uma princesa inglesa. Para além disso, a figura de Edward VII tornou-se uma presença assídua na imprensa periódica da época, o que contribuiu para reconciliar, de certo modo, a imagem de Inglaterra com o sentimento dos portugueses.

Assim, através do estudo do periódico *O Ocidente* em 1890 e, depois, em 1909, podemos concluir que um mesmo acontecimento, noticiado em dois períodos históricos distintos, é sempre sujeito a um processo de mediação, pois as regras linguísticas, aliadas ao momento socio-político dos autores ou editores de determinados enunciados, filtram a mensagem que pretendem transmitir: “the event must become a ‘story’ before it can become a *communicative event*” (Hall, 1993:508). Deste modo, a forma escolhida para relatar determinada ocorrência abarca uma série de implicações político-sociais, detectáveis, por exemplo, nos adjectivos e advérbios utilizados a propósito do “Outro”. Nos textos centrados na figura de Gomes Freire, a adjectivação relativa aos britânicos é, assim, substancialmente diferente dos vocábulos a que os autores dos textos de 1808 publicados em 1909 recorrem para descrever esse mesmo “Outro”. Por outro lado, devem ter-se ainda em conta os diferentes horizontes de expectativa do(s) leitor(es) na produção de significado de um determinado discurso, pois o modo como um texto jornalístico é tratado, torna-se indissociável do público-alvo a que o mesmo se dirige.

O entendimento da conjuntura histórica em que se inserem certos acontecimentos e, portanto, determinados discursos jornalísticos, torna-se essencial para compreender e desconstruir o imaginário de um “Eu” (o português) relativamente à representação de um “Outro” (o britânico), visto que o dizer o “outro” implica sempre um jogo de espelhos que se perpétua no tempo e no espaço. O trabalho do investigador deve ser justamente o de tentar desconstruir essas representações à luz da época em que foram produzidas. Qualquer enunciado que surja em consequência de um “Eu” que olha um “Outro” resulta de uma mediação que advém do poder que aquele que olha tem sobre o que

é olhado. A imagem do estrangeiro é, de facto, “o resultado de uma distância significativa entre duas realidades culturais ... [,] a representação de uma realidade cultural estrangeira através da qual o indivíduo ... [revela] e [traduz] o espaço ideológico no qual se [situa]” (Machado, 2001:51).

Convém, ainda, não esquecer que os textos em apreço são também, de alguma forma, de teor propagandístico, um tipo de discurso concebido para apelar e influenciar uma determinada audiência,

“is best seen as a type of goal-directed discourse in its own right Like deliberation dialogue, it is directed toward recommending a course of action; like persuasion dialogue, it works by calling on the commitments of the audience to gain its acceptance for a standpoint; and like eristic dialogue, it is aggressively partisan and emotional” (Wollaeger, 2008:108-109).

Efectivamente, o tipo de discurso adoptado por Manuel Barradas em “Estudos Historicos” não tem como objectivo transmitir uma imagem dos britânicos com total correspondência à verdade, mas antes, veicular uma representação que persuade e motive os leitores de *O Ocidente* a agir em conformidade. Por seu turno, os textos editados por Ribeiro Artur, dezoito anos mais tarde, optam por um discurso igualmente de cariz propagandístico ao veicularem uma atitude claramente anti-napoleónica, por oposição à imagem de uma Inglaterra temível, mas respeitável. Deste modo,

o discurso sobre o estrangeiro ... deve ser considerado como um discurso mais ou menos fortemente simbólico. Acrescente-se que ... quanto mais simbólico é este discurso ..., mais se esvanece, evidentemente, a dimensão analítica, mais se afirma o carácter polémico, ou didáctico ou propagandístico ou pura e simplesmente mitificante (Machado, 2001:74).

Assim, os textos em apreço são um artefacto cultural indissociável da época histórica em que foram produzidos e publicados, pelo que veiculam uma muito clara agenda doméstica. Tanto o *Ultimatum* britânico de 1890 como o restabelecimento das relações diplomáticas entre Portugal e Inglaterra nas vésperas da implantação da República foram capitalizados pela imprensa periódica portuguesa, que tinha em vista o horizonte de expectativas do público português, cujo imaginário ficou profundamente marcado pelos acontecimentos de 11 de

Janeiro de 1890.

OBRAS CITADAS

I) Fontes Primárias

- Artur, Bartolomeu Sesinando Ribeiro. “Centenario da Guerra Peninsular: Dialogo entre Murat e Bonaparte no qual se Expõe os Acontecimentos na Hespanha e Portugal, as Tramas e Ardis, que os Franceses Usaram, e Resistencia, que os Hespanhois lhes Fizeram até que o mesmo Murat Fugiu da Hespanha”. *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*. 1909. N.ºs 1100 e 1101.
- “Centenario da Guerra Peninsular: Perfidia ou Politica Infernal”. *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*. 1909. N.º 1097.
- Barradas, Manuel. “Estudos Historicos”. *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*. 1890. N.ºs 403, 404, 408, 412, 415, 422, 423, 425 e 426.

II) Fontes Secundárias

- Barradas, Manuel. “Conflicto Anglo-Portuguez”. *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*. VI. 405. 1890.
- Cabreira, António. “Necrologia: Manuel Barradas”. *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*. VI. 693. 1898.
- Carvalho, António Manuel Ferrer de, Adelino de Matos Coelho, Carlos Alberto Fonseca e Álvaro Urze Pires. *O Exército Português e as Comemorações dos 200 Anos da Guerra Peninsular*. Lisboa/Parede: Tribuna da História, 2009-2011. 3 Volumes.
- Coelho, Maria Teresa Pinto. *Apocalipse e Regeneração. O Ultimato e a Mitologia da Pátria na Literatura Finissecular*. Lisboa: Edições Cosmos. 1996.
- Hall, Stuart. “Encoding, Decoding”. *The Cultural Studies Reader*. Coord. Simon During. New York: Routledge. 1993. 507-517.
- Machado, Álvaro Manuel e Daniel-Henri Pageaux. *Da Teoria da Literatura à Literatura Comparada*. Lisboa: Edições 70. 2001.
- Prendergast, Christopher. *The Triangle of Representation*. New York: Columbia University Press. 2000.
- Smith, George. *The Dictionary of National Biography*. Oxford: Oxford University Press. 1917.
- Sousa, Maria Leonor Machado de (coordenação), *A Guerra Peninsular. Perspectivas Multidisciplinares. Congresso Internacional e Interdisciplinar Evocativo da Guerra Peninsular. XVII Colóquio de História Militar nos 200 Anos das Invasões Napoleónicas*. Actas. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2008. 2 volumes.
- Terenas, Gabriela Gândara. *Entre a História e a Ficção: As Invasões Francesas em Narrativas Portuguesas e Britânicas*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. 2012.

- Torres, João Romano (ed.). “Artur (Bartolomeu Sesinando Ribeiro)”. *Portugal: Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*. Lisboa. 1904. <<http://www.arq-net.pt/>> Consultado em 01-07-2013.
- Wollaeger, Mark. *Modernism, Media and the Propaganda. British Narrative from 1900 to 1945*. Princeton e Oxford: Princeton University Press. 2008.

Este estudo foi realizado no quadro do Projecto Estratégico PEst-OE/ELT/UI4097/2011, domiciliado no CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) e financiado pela FCT- Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

COMÉRCIO EM TEMPOS DE GUERRA:
A CORRESPONDÊNCIA DE SAMUEL FARRER – PARTE 3
(JULHO DE 1813-MAIO DE 1814)

António Lopes
Universidade do Algarve
CETAPS

Na continuação dos artigos publicados nos dois números anteriores da *REAP*, o presente vem mais uma vez oferecer a tradução das cartas do expatriado inglês Samuel Farrer, comerciante de lãs que viveu na capital portuguesa no período situado entre 1812 e 1815, e que, em virtude dos negócios da família, mantinha uma correspondência regular com o seu irmão Thomas, a residir em Farnley, Leeds. Excepcionalmente, inclui-se aqui uma carta da autoria de Thomas, enviada para Lisboa em 14 de Outubro de 1813, a qual viemos a descobrir num atado de cartas aparte dentro da pasta de arquivo com a referência E 140/24/1, guardada nos *National Archives* em Richmond. Contamos no próximo número concluir este trabalho, apresentando não só as restantes cartas de Samuel, como também as que nos chegaram de Farnley a partir de Julho de 1814.

Estimado Irmão,

Lisboa, 3 de Julho de 1813

Tive o prazer de lhe escrever esta carta a 19 do último & peço resposta à mesma, & desde então recebi as suas de 8 e 21 do último. Eu disse-lhe que nós deveríamos fazer um lucro razoável

com as carpetes e tapetes. Ainda não os resgatei da Alfândega. De acordo com o seu pedido, eu não lhe irei sacar sobre si por conta da lã, mas espero que V— faça tudo em seu poder para realizar dinheiro, quero dizer quitar-se de toda a lã. Se V— puder fazer-nos as nossas remessas ou parte [delas] em tapetes, faça-o. Se nos enviar 1000 tapetes ou mais, nós conseguiremos vendê-los, & também mais um ou dois fardos de carpetes. E se V— vender a lã a crédito, também a deve comprar a crédito. É tolice sua perguntar se os 3 por cento incluíam a garantia. É claro que não; nem sequer incluí qualquer despesa ou taxa, mas o banco cobra uma comissão por receber, & por pagar também cobra, assim como muitas outras despesas em que V— incorra. É impossível que V— compreenda o comércio feito por venda à comissão. Por isso, tem de inquirir & aprender & não perder tempo a andar a fazer tais perguntas. Junto envio uma encomenda em nome de Ribeiro & Silva de caxemiras caneladas. V— tem de inquirir & aprender onde é que poderá comprá-las baratas, & mercadoria da melhor, já que [com] esses cavalheiros só pode contar com uma margem de 10 por cento de lucro num artigo bom e perfeito. Assim, nós ganharemos 5 por cento com elas, atendendo a que só dou 5 por cento de desconto por pagamento a pronto. Este tipo de mercadoria não tem desconto por quantidade. V— tem de fazer um esforço junto dos Brookes & do Abraham Rhodes. Tente fazer com que as nossas peças sejam mais suaves ao toque. O comércio está agora mais parado do que esteve na Primavera, o que é sempre o caso nesta época do ano. V— há-de ter certamente ouvido falar da vitória de Lorde Wellington sobre o Rei José Bonaparte¹. Permaneço, com os melhores cumprimentos ao pai,

O seu Irmão que muito o estima,
Samuel Farrer

PS Recebi os meus sapatos pelo *Earl Gower* – estão-me demasiado pequenos, & as botas demasiado grandes. O Dash² recusa-se a ir atrás do cão farejador. Vi-o caçar, & cá por mim o Don valia 100 dele. Ele é um diabo feio. Os Srs. Ribeiro & Silva nunca na vida deles enviaram qualquer saca de lã para Inglaterra antes dessas que lhe enviaram a si. V— está enganado. [São] melhores [do que] essas que o Ellwand tem à venda a 4/-.

¹ Referência à Batalha de Vitoria, no País Basco, travada em 21 de Junho de 1813, decisiva para o fim da Guerra Peninsular.

² Nome provavelmente dado ao cão que o irmão lhe enviara de Inglaterra. V. carta datada de 6 de Março de 1813 em António Lopes, “Comércio em Tempos de Guerra: correspondência de Samuel Farrer (Setembro 1812-Junho 1813)”. REAP. No. 21. 2012, p. 124.

Estimado Irmão,

Lisboa, 12 de Julho de 1813

Tive este prazer em 3 do corrente, sem ter entretanto recebido nenhum dos seus favores. Chegou-nos um paquete hoje mas sem carta alguma sua, & nós estamos muito surpreendidos por não termos recebido nenhuma resposta de George Turner a respeito do seguro das nossas lãs. Temos de saber muito bem; aquelas transacções devem ser comunicadas imediatamente após o seguro ser efectuado, & não esperarmos até que o navio chegue, o que, em caso de negligência, deixa o seguro de ser válido. Porém, espero que ele ou V— explique isto a contento de todas as partes. Ele talvez o tenha informado a si & pensou ser desnecessário escrever-nos a propósito deste assunto, mas V— pode dizer-lhe da minha parte que teria sido muito mais normal e satisfatório se ele tivesse respondido à minha carta. No meu último correio esqueci-me de acusar a recepção da sua datada de 14 do último. V— pode fazer o que achar mais adequado no que concerne à venda ou ao arrendamento da fábrica. Nada sei de quanto ela nos custa. Só digo que, se tivéssemos a intenção de ser fabricantes com algum dimensão, deveríamos tê-la nas nossas mãos. & V— sabe que eu sempre fui a favor de que mantivéssemos tudo connosco & não que enviássemos a matéria-prima para todos os cantos da aldeia, nem que a confiássemos à honestidade de pessoas de quem V— nada sabe. Isto para lhe dizer que prefiro manufacturar o tecido numa fábrica a qualquer outra alternativa. Porém, se V— se achar incapaz, ou por outras palavras, se V— próprio se achar demasiado preguiçoso para supervisionar tais assuntos, aconselhá-lo-ia a si a vender tudo, por quem é, já que parece ter particular aversão a empregar um homem inteligente para superintender ou aconselhá-lo a como actuar nesses casos. Tivemos um comboio de Cork há 9 dias mas nada havia para nós, com excepção daquelas mercadorias para Talavera à ordem de Joze Affonso & [ilegível]. Apenso agora para si o documento que lhe permite reaver dos proprietários do *Sunbury* o montante do prémio da fazenda azul roubada do fardo FΔF406. Espero que os encontre bem providos para os obrigar a pagar. Se bem que o conhecimento de carga refira peso e conteúdo desconhecidos, ainda assim diz ao mesmo tempo que está em boas condições & o certificado português prova que o fardo foi enviado para terra em más condições & sem uma corda. Penso que será necessário que

V— arranje uma certidão do fabricante ou do embalador do dito fardo provando que a peça em falta foi [ilegível] & enviada no fardo 406, e que V— deve [ilegível] ao nosso expedidor em Liverpool para reaver o que é devido. Para evitar esse tipo de coisas no futuro, V— tem de as embalar em papel de modo a permitir ao expedidor contar o número de peças em cada fardo, & então será facilmente provado que o roubo teve lugar a bordo. Nunca vi o Comandante do *Sunbury*. Fui a bordo e só vi o imediato, que me disse que tinha a certeza de que não podia ter sido roubado a bordo. Contudo, o [fardo] ao vir para terra sem estar nas devidas condições é o suficiente para os fazer pagar & provar o roubo a bordo. Permaneço

O seu irmão que muito o estima
Sml. Farrer J.

PS Quando escrever, gostaria que V— usasse sempre um dicionário, particularmente quando escreve a qualquer outra pessoa sem ser a mim. Uma grande quantidade das suas palavras estão erradas, por exemplo quando diz que a maquinaria está a ficar prostituída [“whore out”] em lugar de prostrada ou desgastada [“wore out”].³ Espero que saiba qual é o sentido da palavra “whore” [prostituta].....

Estimado Irmão,

Lisboa, 24 de Julho de 1813

Desde que tive este prazer a 12 do corrente, recebi a sua de 4 do corrente e observei o seu conteúdo. V— sabe que, se eu lhe enviar tanta lã, fico impedido de lhe enviar dinheiro. Deste modo, se não conseguir convertê-la de imediato em dinheiro, V— tem de fazer com que o velho Becket lhe dê cobertura. Tenho agora o prazer de juntar factura de 76 sacas de lã, 50 das quais V— tem de manufacturar, pois sei que é lã leonesa, que é um xelim por libra melhor do que parece. São aquelas marcadas PG 25 SC

³ É frequente nestas cartas encontrar a forma verbal do “past simple” usada com o valor de “past participle” (por ex. “have wrote”; neste caso “wore” em vez de “worn”). De qualquer modo, o autor das cartas também deveria ter procurado seguido o seu próprio conselho, pois nelas se encontram frequentes erros ortográficos. Sobre a correcção na escrita de cartas comerciais, veja-se a carta datada de 16 de Abril de 1814.

R[efina]=12 F[ina] & 13 S[uperfina]. Dei 13 reais⁴ por elas, uma vez que tinham muito sortido de baixa qualidade, caso contrário seriam a 18 ou 19 reais. Um real vale 40 réis⁵ [sic] & 1000 réis valem 78 ou 79 pence. Quanto às outras 26 sacas, venda-as ou faça o que quiser com elas; se o Jonas [Stead] de Wortley quiser ficar com qualquer uma delas a preço de factura, ele que fique. Vendi parte das suas mercadorias, & o resto espero vir a trocar por lã. Escrever-lhe-ei na próxima leva de correio. Elas estão mal limpas e com tacto áspero. É claro que V— tem de dizer sempre para onde vende a lã e enviar-nos as notas de venda com regularidade. Tenha cuidado e não me perca dinheiro com os pequenos encargos. Mande sempre por correio a factura de toda a mercadoria enviada à ordem, assim como o conhecimento de carga, visto que algumas pessoas pagam após a sua recepção. Os meus últimos fardos vinham com a fazenda áspera, e os meus pretos, como é habitual, estão muito maus. A Brookes de Leeds tem-mas enviado muito melhores e com melhor acabamento. As nossas têm uma felpa comprida e ainda não são suaves ao toque. Encontrei o fardo do Jonas Stead Faraday a bordo do *Betty*, que foi apresado & depois reavido & agora aportou cá. Se o Clapham tivesse expedido as nossas mercadorias em embarcações diferentes, algumas teriam cá chegado antes destes dois comboios, & nas duas embarcações de Liverpool o Coupland, penso eu, era o melhor expedidor. Permaneço

O seu irmão que muito o estima,
Sl. Farrer Jnr.

Factura de 76 Sacas de Lã Espanhola Expedida para Liverpool pelo *Speedy* sob Comando do Comandante Wade, à consignação de T&S Farrer.

[Fardo marcado:]

Δ

AB

R	16	3	12	R	26	3	12	PR	36	3	10
	17	3	10		27	3	12		37	3	7
	18	3	8		28	3	8	FR	38	3	10
	19	3	12		29	3	12	R	39	3	14
F	20	3	18		30	3	12				

⁴ "Rials" no original.

⁵ "Rais" no original.

	21	3	12	F	31	3	10				
R	22	3	10	R	32	3	10				
S	23	3	18		33	3	8				
F	24	3	14	FP	34	3	16				
R	25	3	8	F	35	3	10				
		28	122			30	110			12	41

Estas 24 diferem em qualidade e nas marcas, como V— poderá comprovar à chegada.

Bruto	2513	} 24 Sacas
Tara 6,5% p/ Saca	<u>156</u>	
	2357	

[Fardo marcado:]
m
PG

N.º 1.....3,,12	} 2 Sacas	Bruto	202	} 50 Sacas
N.º 2.....2,,30		Tara	<u>16</u> 186	
R 24 Sacas a 100 lbs cada...	Líquido	2400		
" 1 " 58 "....."	"	58		
F 12 " 100 "....."	"	1200		
S 13 " 100 "....."	"	<u>1300</u>		
		7501	lbs	

7501 lbs de peso a 520\$	3.800\$520
Desconto a 28%	<u>618\$689</u>
	4.419\$209

Encargos	
Taxa aduaneira	268\$100
Taxa de exportação	107\$976
Marcação e remendagem port.	10\$640
Transporte por barçaças	4\$800
Despachante	<u>22\$096</u> 413\$612
	4.832\$821

Comissão a 3%	<u>144\$985</u>
	4.977\$806

Saml. Farrer Jnr.

Estimado Irmão,

Lisboa, 31 de Julho de 1813

Serve a presente apenas para lhe entregar o conhecimento de carga das 76 sacas de lã cuja factura lhe enviei na última volta do correio. O *Speedy* zarpou no dia 28 do corrente com o comboio. Tenho agora na minha frente a sua de 12 do corrente. Não me compete dizer qual o preço por que deve vender, pois como posso saber o estado do mercado em Inglaterra? Se eu fosse pôr-lhe limites a si, poder-se-ia perder de vez a venda, enquanto V— me perguntava se não se podia fazer a um valor mais baixo. Assim, tudo o que tenho para lhe dizer quando eu lhe enviar a lã é que a venda pelo valor mais alto que conseguir. Penso que V— teria de ter conseguido 6/- pela lã R[efina]. Envie-me umas quantas peças de fazenda verde das largas para toalhas de mesa, como as que V— me enviou há alguns anos atrás, mas sem a marca do meio. Além disso, V— também tem de me arranjar algumas camisas, digamos cerca de 21 todas com gola encrespada (digo, com folhos) com cerca de 4 polegadas de largura e cujo [corte] V— pode ver a partir das minhas velhas camisas. Se as toalhas de mesa tiverem debrum a toda a volta tenha cuidado de mas enviar com diferentes tamanhos. Caso se cruze com aquela lã inglesa macia a preço baixo, compre-a e converta-a em fazenda Pollica [?] com uma listra pelo meio e um acabamento de flanela, já que esse artigo se vende bem de momento. Permaneço

O seu irmão que muito o estima
Saml. Farrer Jnr.

PS Os azuis e os castanhos claros são as cores mais vendíveis de momento. Os verdes andam parados. Como os americanos compram quantidades consideráveis de fazenda, V— só tem de não pôr nenhuma marca inglesa nelas e em seu lugar uma marca prussiana, isto é, para fazer que não se pareçam com fazendas inglesas. O Sr. Topham poderá informá-lo [a esse respeito]. Eu não quero todas nesse género; digamos 1/3 dos fardos podem ser desse tipo.

Estimado Irmão,

Lisboa, 14 de Agosto de 1813

Desde que lhe escrevi em 31 do último recebi a sua de 26 do último. Lamento ver que os fardos que V— tinha prometido 14 dias antes ainda não saíram. Assim, estarão indubitavelmente demasiado atrasados para o comboio que esperamos dentro de uma ou duas semanas. Se assim for, não os verei nestes 4 meses. Se V— não conseguir vender a lã da Ribeiro & Silva por factura, é desejo deles que a agente até quando puder. Penso que poderá vendê-la por factura, se der crédito. Caso contrário, eles terão de determinar o que comprar, & comprar lã não pode ser nunca baixo. O câmbio alto e as altas taxas que paga ao sair de Espanha impedem que seja vendida a preços mais baixos. V— não precisa de me enviar mais carpetes nem mais tapetes até futuras encomendas. O que já me enviou será suficiente de momento. As cores mais vendíveis agora são os azuis, os pretos e os castanhos claros. Diga ao Sr. Ellwand que recebi a sua carta e que lhe responderei no próximo correio. Informe-o também de quais são as cores mais procuradas, para além dos azuis listrados e do ardim. Vendem-se bem mas não deixariam muito lucro nos preços ingleses actuais. Informe também o Sr. Gladdil de que a sua carta com as amostras e a factura foram recebidas, & eu farei o meu melhor para o servir.

Com os melhores cumprimentos ao Pai e a si, deste seu Irmão que muito o estima

Saml Farrer Jnr.

PS promova todas as consignações que puder & de futuro envie-me factura, conhecimento de carga e amostras em cada posta de correio até que receba ordens em contrário, pois tanto V— como eu estaremos necessitados de dinheiro. Talvez eu seja capaz de vender algumas a partir das amostras e consiga fundos antes da chegada da mercadoria.

Espero que o *Speedy* tenha chegado assim que V— receber a presente. O conhecimento de carga que lhe foi enviado a si no correio de 31 do último [ilegível] que nós não temos nenhuma correspondência preparada.

Não tenho a certeza se receberá amostras de lã leonesa. Não se esqueça de me informar do que conseguir vender, que montante e por que quantidade, também a crédito. Tem de mostrar [a lã] somente para avaliação, mas não aos Brookes, pois o Conte lhes enviará amostras da mesma lã. Se V— não as receber nesta posta de correio, recebê-las-á na próxima.

Estimado Irmão,

Lisboa, 21 de Agosto de 1813

Desde que tive este prazer em 14 do corrente li a sua de 2 do corrente. George Turner pode facilmente informá-lo do que se solicitou que fosse segurado em cada [envio]. A Ribeiro & Silva encomendou a sua no montante de £1500 esterlinas. Assim, o resto pertence ao Conte & G.. V— diz-me que tinha intenção de me escrever aquilo que o G. Turner escreveu ao referir-se às suas cartas. Acho que nunca chegou a mencionar isso. De qualquer maneira, diga ao Sr. G. Turner que nos envie a apólice pelo primeiro navio de Liverpool para satisfação das partes interessadas. Se V— conseguir apresentar ao R&S factura dentro dos 10%, penso que será melhor vender outra a crédito ou a dinheiro, como achar melhor. Na minha última disse-lhe a si que não precisa de me enviar mais carpetes ou tapetes exceptuando o que já tenha comprado, até ordens em contrário. Vou enviar-lhe mais lâ em breve, já que posso fazer um bom negócio. Nada mais tenho a comunicar de importante neste momento. Sendo agora Verão, o comércio anda parado. Espero poder dar-lhe melhores notícias antes do Inverno. Não consigo experimentar o meu cão Dash antes de começar a época de caça ao faisão. No outro dia fiz uma saída com o *Pointer* que vendi. Não tenho opinião sobre esse animal. Tenho um cão velho que vale 50 dele e que, tendo embora dez anos, ainda consegue cobrir muito mais terreno. Na sua próxima diga-me como é que anda a [a minha cadela] Nell. Permaneço

O seu Irmão que muito o estima.

Saml. Farrer Jnr.

Estimado Irmão,

Lisboa, 4 de Setembro de 1813

Desde que tive este prazer em 21 do passado mês recebi a sua de 16 e tomei conhecimento do seu conteúdo. Recebi em segurança o fardo que o Sr. Ellwand mencionou & vendi tudo excepto as mesclas. Aquela cor tanto clara como escura é agora um peso morto. Na realidade, vende-se mal todo o tipo de

fazendas de momento, com excepção feita aos azuis listrados e arbins, mas espero que em breve a coisa recupere. Escreverei ao Sr. E. na próxima posta de correio ou na outra a seguir. Entretanto, diga-lhe o que eu agora lhe conto. Noto o que V— me diz quanto à proposta do Becket. Seria muito melhor se ele me concedesse um crédito nesse montante em Londres junto dos seus banqueiros porque uma letra indirecta é sempre negociada a um câmbio desfavorável. Já chegou o comboio de Cork com as nossas mercadorias até ao N.º 416, mas o N.º 415 ainda não chegou. Suponho que haja um erro no conhecimento de carga &, não tendo recebido nem as amostras nem a factura do fardo acima, é melhor que mas envie pelo correio no futuro, isto é, envie-me num embrulho quando tiver 4 ou 5 fardos prontos, já que assim não paga tanto em despesas de envio, & isso que venha a tempo, porque o comboio está sempre atrasado imenso tempo. Robinson & Clapham escreveram-me a dizer que algumas das nossas mercadorias levaram 3 semanas na estrada vindas de Leeds. Espero que V— se assegure de que não aconteça um tal atraso de futuro, & escreva ao nosso expedidor a dizer para expedir a mercadoria num barco estrangeiro de preferência, pois vem sem comboio. Um barco russo aportou cá há poucos dias de L.pool mas não me trouxe nada. Não tenho sido capaz de comprar ultimamente qualquer lâ barata, mas assim que me cruzar com alguma comprá-la-ei e enviá-la-ei para si. Faça tudo ao seu alcance para vender a lâ da Ribeiro & Silva, mesmo que a venda a 15 por cento abaixo do preço da factura. Permaneço

O seu Irmão que muito o estima.
Saml. Farrer Jnr.

PS Tal como já lhe escrevi, quando tiver falta de lâ, peça ao Ellwand alguma que seja para manufacturar. Preciso da sua carta para o barco, informando-me do que é que o G. Turner havia feito no tocante ao seguro.

Estimado Irmão,

Lisboa, 18 de Set. 1813

Desde que tive este prazer em 4 do corrente não recebi nenhum dos seus favores. Não obstante o comboio tenha cá aportado há já 3 semanas, ainda não consegui tirar um único fardo da alfândega. Diga ao Sr. Gladdil que o *Hopewell* com os seus

dois fardos de azuis listrados não chegou. Pelo que percebi, o barco não foi a tempo do comboio. Informe também o Sr. Stead de que lhe enviarei alguma lã no próximo comboio, e que nas próximas postas dos correios [remeterei] mais algum dinheiro com a nota de venda de tudo o que foi vendido até então. O comércio anda muito parado presentemente, mas espero que em breve reavive. Ainda não dei com nenhuma oportunidade boa de negócio de lã que eu pensava que nos fosse compensar, mas, como temos tido chegadas ultimamente, espero a breve trecho enviar-lhe um bom lote. No outro dia, o Hogg pagou 15 reais por alguma [lã]. Tenho a certeza de que não terá qualquer lucro por ela. Envie-me muito poucas fazendas de mescla de futuro, porque o Exército já está perto de Inglaterra, e em Lisboa não as conseguimos vender. Envie-me 6 libras de pólvora boa, mande arranjar a velha arma & envie-ma, pois não consigo disparar tão bem com nenhuma outra. V— parece ter-se esquecido da encomenda do Sr. Ant.^o Olv.^a Machado de umas quantas peças de fazenda superfina, pois não a mencionou ultimamente. Se vender toda a sua lã, não vai andar muito mal de dinheiro durante um mês ou dois. Já lhe escrevi a dizer que não precisa de continuar a enviar-me carpetes nem tapetes até ordens em contrário. Envie as notas de venda do Conte e minhas, tão brevemente quanto possível, assim como a nossa conta corrente dos tapetes e carpetes. Permaneço o seu Irmão que muito o estima, e dê ao Pai os meus cumprimentos e votos de boa saúde.

Saml. Farrer Jnr.

PS Saquei sobre o Ellwand neste correio as letras de câmbio que se seguem. Também lhe remeti a ele uma factura de 64 sacas de lã que não consegui expedir esta semana e por isso não enviei conhecimento de carga. Por esse motivo, submeti as ordens de pagamento em caso de necessidade ao Becket, Blayds & C.^a de Leeds. Se bem que não houvesse qualquer valor acumulado de capital e juros por tal facto, prefiro sempre jogar pelo seguro & de futuro fá-lo-ei.

£123.13.5	à ordem de R.d Leroyd
£305.14.3	idem Ant. ^o Jose Perr. ^a Basto & C. ^a
£275.3.4	idem Saml. Lawson & Filhos
£114.6.-	idem John Jer.h Naybor & C. ^a
£52.11.9	idem B. W. Klingelhoefer
£273.2.4	idem ibid.

Estimado Irmão,

Lisboa, 25 de Set. 1813

Desde que tive este prazer em 18 do corrente, recebi o seu favor de 6 do corrente. Fico contente por saber que V— se vai casar, mas espero que seja como é hábito: que antes que a sua casa esteja terminada, V— ou a sua Senhora tenham mudado de ideias. Ainda não recebi a factura, nem o conhecimento de carga, nem as amostras do fardo 415. Vi o tecido mas fiquei perdido sem saber de que tipo é. Não parece bom. Pergunto-me por que motivo V— nem sempre me tem enviado o conhecimento de carga na volta do correio & a factura das mercadorias encomendadas. Tem de saber, ou deveria saber, que é a única prova que se pode dar quando as pessoas tencionam pagar antes da chegada das mercadorias; para prevenir situações irregulares de futuro, envie todas as facturas, conhecimentos de carga e padrões & por correio, ou seja, assim que V— tiver 3 ou 4 fardos prontos, junte-os todos, e aí as despesas de correio já não serão tão altas como quando as envia uma a uma. Além disso, creio que as amostras não pagam tanto de correio quanto as cartas. Terá de esperar até que o próximo comboio chegue para eu lhe fazer uma remessa de dinheiro. Ainda não dei com nenhuma da lã que tenho em mente. O Hogg comprou uma muito cara. Tenho a certeza de que ele irá perder com ela, excepto se a lã subir em Inglaterra. Ainda não retirei nenhuma mercadoria da Alfândega que tenha vindo pelo último comboio. Não houve despacho dado nos últimos 10 dias. Até que receba as mercadorias não escreverei aos meus correspondentes. Recebi a carta de J. Stead de Wortley datada de 11 de Setembro. Escrever-lhe-ei em breve, pois estou a ver a sua mercadoria no fardo 13. Estou surpreso por ver tantos pretos no fardo 415. Quando lhe escrevi, eles já eram difíceis de escoar, exceptuando os de melhor qualidade, & eu nunca vi quaisquer desse género oriundos da nossa casa. As mesclas continuam a ser tecidos invendíveis. Os castanhos no 415 são demasiado a atirar para o vermelho clarete. Nada mais tenho a acrescentar excepto dizer-lhe para se casar em breve & que apresente os melhores cumprimentos ao Pai. Permaneço

O seu Irmão que muito o estima,
Sml. Farrer Jnr.

PS Ant.º Ova. Machado diz que desta vez não foi muito bem servido por si. Na melhor das hipóteses V— deveria comprar àqueles que já sabe que usam lã macia.

Estimado Irmão,

Lisboa, 2 de Outubro de 1813

Desde que lhe escrevi em 25 do passado mês não recebi nenhum dos seus favores. Serve a presente apenas para lhe entregar uma encomenda do Sr. A. O. Machado. Ele disse que os últimos artigos não eram tão bons quanto os primeiros que V— lhe enviou. Esforce-se por o servir bem. É um cliente nosso muito bom & paga quando recebe o conhecimento de carga, & factura, & ele recomenda especialmente que V— compre lâ macia & a mande lustrar bem, & para fazer isso tem de ter o cuidado de as mandar lavar na fábrica. Ele também deseja que lhe envie 10 peças de arbim tal como a amostra em apenso, de listras coloridas. V— tem de ter o cuidado de as mandar lustrar bem & dar bom acabamento & limpar. Esta amostra é de uma do tecido para casacos da Brookes facturado a 4/2 a jarda, com 5 por cento de desconto a pronto pagamento. Mas que elas sejam boas se as vai cobrar a 4/6. Penso que o Sr. Ellwand será capaz de nos servir bons tecidos para casaco. Diga ao Sr. E. que a pessoa prometeu ficar com umas caxemiras. Na próxima semana & na próxima posta de correio, o mais tardar daqui a duas voltas de correio, enviar-lhe-ei a ele uma conta de tudo quanto ele tenha comigo. A si farei uma remessa assim que cá aportar o *Swan*. Esperava que o barco se juntasse ao comboio de Falmouth, & parte desse comboio já chegou ao Porto há vários dias atrás, mas estando o vento desfavorável ainda não fizeram a sua aparição neste rio. Não obstante, esperamos-los nestes próximos dias. Tenho de lhe dar um conselho sobre o acabamento de superfície. Dê sempre ao tecelão o valor total que é pedido. Por cada *penny* poupado perde uma libra na venda. Permaneço

O seu Irmão que muito o estima,
Sml. Farrer Jnr.

Estimado Irmão,

Lisboa, 9 de Outubro de 1813

Desde a minha de 2 do corrente—que juntava uma encomenda de A. O. Machado—, recebi a sua de 20 do último & tomei

conhecimento do seu conteúdo. É com prazer que o informo da chegada em segurança do *Sevan*, do Comandante Jennings. Os fardos 415 & 420 têm um sortido muito mau, com muitos pretos de pouca qualidade. Já lhe escrevi várias vezes para nunca manufacturar desperdícios de lã em fazenda preta, pelo menos muito pouco dessa lã nessa cor. Ela fica melhor em verdes oliva, castanhos & uns quantos de cor preto corvo. Tenho agora suficiente fazenda preta para pôr todo o país de luto. Ninguém agora toca nas mesclas. Irei a Inglaterra em Abril próximo, & enviar-lhe-ei dinheiro quando V— o disser. Não penso que os fardos acima mencionados [estejam] tão bem acabados como os outros. Diga ao Sr. Gladdil que aquele tipo de artigos que ele me enviou são de qualidade demasiado fraca para este mercado. Se fossem seis pence mais baratos por jarda melhor corresponderiam ao que é procurado. Lamento não estar em condições de escrever ao Sr. Ellwand a tempo deste correio. Contudo, na próxima ele vai receber notícias minhas. Mande ao Pai os meus melhores cumprimentos. Permaneço

O seu Irmão que muito o estima,
Saml. Farrer Jnr.

PS Se as notícias do Norte, isto é, da Alemanha, continuarem a ser boas, não tenha pressa em vender lã. Enviarei alguma mais em breve, assim como amostras de fazenda para lhe dar uma ideia quanto ao ponto e às proporções de cores.

Estimado Irmão,

Farnley, 12 de Outubro de 1813

Desde que lhe escrevi em 4 do corrente, recebi as suas datadas de 18 & 25 do último e tomei conhecimento do seu conteúdo. V— diz que não devemos enviar mais mesclas nem pretos de baixa qualidade. O que é que devemos então fazer a todos os desperdícios de lã que nos enviou, já que não nos permitirão produzir nada mais a não ser artigos de baixa qualidade & mesclas? Mas agora vamos tentar fazer alguma outra cor, já que não consegue vender os pretos & as mesclas. Enviar-lhe-ei, tão cedo quanto possível, 6 libras de pólvora e a velha espingarda, assim como as camisas, e a esperança de que segure a espingarda a direito quando caçar com ela. A Nell nunca valerá coisa alguma. Ela é como os cães do Ellwand, e é por isso que eles nunca mais os tiveram. O velho Ellwand está fora de si por V— nunca mais

lhe ter dado notícias. V— não me diz se o Ellwand de Londres e V— são bons amigos ou não. Suponho que não o sejam, ao submeter as letras de câmbio ao Becket Blayds & C.^a. A encomenda do Sr. Ant.^o Olevera [sic] Machado está expedida a bordo do *Swan*, do Comandante Jennings. Receberá as amostras e as facturas pelo *Swan* relativas a todos os fardos nossos que estejam a bordo. V— não refere aquele pequeno fardo de pretos pertencentes ao Sr. Harrops. Penso que tenham sido expedidos pelo *Indefatigable*. Mandei-lhe dois presuntos e V— não me disse se os recebeu. Enviarei ao Sr. Conte & a si a nota de venda da lã assim que eu possa. O Sr. Topham e eu pensámos que a última encomenda que executei para o Ant.^o Olevera Machado estava melhor do que a primeira e tinha esperança de que fosse mais a seu contento. O comércio em Leeds nunca esteve melhor do que actualmente. Na próxima volta do correio enviar-lhe-ei factura & amostras de uns quantos fardos da nossa própria fazenda. Espero que, quando receber a presente, o *Swan* já tenha aportado em Lisboa. Tem de se certificar de que as mercadorias a bordo do *Swan* não estão danificadas. Tem de as vender em benefício dos seguradores marítimos, pois as que constam na factura estão todas seguradas com excepção do fardo que lhe referi anteriormente. V— tem um fardo expedido via *David*, do Comandante Cowell & 2 via *Ainsley*, do Comandante Brown, 3 pelo *Speedy*, do Comandante Wade.

Fardo n.^o 412, expedido pelo *David*, é de caxemiras de lã R[efina] & S[uperfina]:

422 expedido pelo *Ainsley*, são as nossas próprias fazendas

506 idem, fardo de tapetes de soleira

423 expedido pelo *Speedy*, Capt. Wade

424 idem

515 idem, pequeno fardo do Harrops que eu comprei

Muito recentemente o Sr. Ellwand passou pela nossa casa e diz que está muito surpreendido por não ter notícias suas e que V— lhe tinha prometido uma remessa de dinheiro há quatro meses atrás e ainda não recebeu nada. Contudo, disse que tinha uma grande quantidade de fazenda consigo e devia tê-las enviado para si, se lhe tivesse feito a remessa como prometera.

Dentro de uma ou duas voltas de correio espero receber factura sua do lote grande de lã boa e barata. Estamos todos bem cá em casa, graças a Deus, e espero que esta o encontre igualmente bem.

Permaneço o seu irmão que muito estima,
Ths. Farrer

Exmos. Srs. Farrer & Conte de Lisboa – A Sua Conta Corrente
 Junto de Ths. Farrer de Farnley
 1813

31 de Mar.	LL500 LL501	766 Jardas Carpets a 3/3 emb. tela 760idem... ...a 3/3.... idem... Despesas de expedição e transporte	£126.11.- £125.11.6 £20.11.11	29 de Mar.	por letra	£250.-.-
6 de Maio	LL502	60 Tapetes de soleira, tela Despesas de expedição e transporte	£61.-.- £5.7.-		Saldo devido a T. F.	£466.7.11
10 de Jun.	LL503	60 Tapetes de soleira, tela Despesas de expedição e transporte	£64.19.9 £5.7.-			
10 de Ago.	LL504	70 Tapetes de soleira, tela Despesas de expedição e transporte	£75.1.3 £6.6.10			
	LL505	751 Jardas Carpets a 3/3 emb. tela Despesas de expedição e transporte	£124.3.3 £10.5.-			
10 de Set.	LL506	70 Tapetes de soleira, tela Despesas de expedição e transporte Comissão sobre £652.8 a 1 ½ % Seguro sobre £700 a 2 porcento Apólice 1.15.; <i>Del Credere</i> ⁶ 3.10.	£75.1.3 £6.6.10 £716.7.11 £14.14.- £5.5.-			
						£716.7.11

⁶ Convenção *Del Credere* encontra-se presentemente regulamentada no Regime Jurídico do Contrato de Agência, onde no seu artigo 10.º se estipula que “o agente pode garantir, através de convenção reduzida a escrito, o cumprimento das obrigações de terceiro, desde que respeitantes a contrato por si negociado ou concluído”, sendo que a convenção só será válida se “se especificar o contrato ou se individualizem as pessoas garantidas.”

Factura de um fardo de fazenda de lã com a marca [em branco] na borda, encaminhado para Liverpool, ao Sr. Smith Massey, a ser expedido pelo primeiro barco pronto a zarpar para Lisboa consignado ao Sr. S. Farrer, Lisboa, embalado à dos Srs. Carrs, em Gig Mill, Farnley, 26 de Julho de 1813.

#FΔF#415

2264	Fazenda preta a 7/4	23.1		
5	idem	23.1		
6	idem	22.2		
7	idem	22.3		
8	idem	22.2		
9	idem	23.1		
2270	idem	23.2		
1	idem	24.1		
2	idem	21.		
3	idem	21.2		
4	idem	23.1		
5	idem	23.1		
6	Mescla	21.1		
7	idem	21.3	317.1 a 20/	317.5
8	Castanho	22.1		
9	idem	23.2		
2280	idem	22		
1	idem	22.1	90 a 22/	99.-
2	Azul	21.1		
3	idem	20.	41.1 a 25/	51.11.3
20	peças			467.16.3
	5% de desconto			23.7.9
				444.8.6
Encargos				
	Direito aduaneiro de exportação sobre £450			£9.-.-
	Telas &c.			£1.-.-
	Embalagem de 20 peças a 3/-			£3.-.-
	Frete			£4.-.-
	Seguros			£13.11.6
	Apólice			£1.5.-
	Convenção <i>Del Credere</i>			£2.5.-
				£34.1.6
				£444.8.6
				£478.10.-

Estimado Irmão,

Lisboa, 16 de Outubro de 1813

Serve a presente apenas para lhe entregar um conhecimento de carga de 6 sacas de lã expedidas a bordo do *North Star*, 4 de refina leonesa & 2 K [?] a 14 reais por libra de peso. São para manufacturar, & V— pode decidir em que tipo de tecido, a partir do que recebeu antes. O *North Star* zarpou ontem com o comboio. Enviar-lhe-ei o montante líquido na próxima posta de correio. O último comboio de Liverpool ainda não começou a descarregar. Escreverei ao Sr. B. North em breve, pois já vi os seus artigos, que também já chegaram. Estou a negociar um lote grande de lã. A minha próxima provavelmente trar-lhe-á mais notícias acerca disso. Com referência à minha última de 9 do corrente, venho agora confirmar o seu conteúdo. Mande ao Pai os meus melhores cumprimentos. Permaneço

O seu Irmão que muito o estima.

Saml. Farrer Jnr.

Estimado Irmão,

Lisboa, 23 de Outubro de 1813

Tive este prazer em 16 do corrente, não tendo entretanto recebido nenhum dos seus favores. Recebemos aqui a notícia de que o *David* se perdeu no Canal de São Jorge⁷. Foi um grande disparate seu não ter enviado à Ribeiro & Silva um conhecimento de carga das suas caxemiras, especialmente porque eles nunca fazem seguro em Inglaterra. V— tinha obrigação de saber, sem que lho dissessem, que era necessário ter o conhecimento de carga antes de exigir o pagamento. Se aquele navio se tiver realmente perdido, eles terão razão, ou pelo menos uma desculpa, para não pagarem a mercadoria. Todavia, se V— tiver algum registo da perda deles, não perca tempo em executar a encomenda novamente. Também lhe apenso uma encomenda de R&S de 40 peças exclusivamente de fazenda superfina. Assim

⁷ "Irish Chanel [sic]" no original.

que esteja parte da encomenda pronta, expeça-a. Seja tão exacto quanto puder no que toca às cores. Esta encomenda também lhe deve servir de referência para as cores daquelas fazendas enviadas por sua própria conta. Desejo que continue a produzir umas quantas caxemiras da melhor qualidade nas cores e proporções que se seguem: 4 pretas, 4 azuis, 4 mesclas de cores muito claras em diferentes tonalidades, 4 de verde claro, 1 branca & 1 escarlata. Comprei 40 sacas grandes de lã inferior barata. Enviarei a J. Stead parte delas & a si o resto. O Sr. O'Neil diz que ele lhe enviará a si 40 peças do mesmo tipo, à comissão. É provável que eu lhe possa enviar umas quantas centenas de sacas. Estou agora ocupado a preparar a conta corrente do velho Sr. Ellwand mas receio que, se este paquete ficar retido mais um dia ou dois, ele não a receberá senão até à próxima volta do correio. Permaneço

O seu Irmão que muito o estima,
Saml. Farrer Jnr.

PS O que quero dizer com pretos entre 20/- a 25/- é dois a 20/-, dois a 22/- & quatro a 25/-.

Estimado Irmão,

Lisboa, 6 de Nov. de 1813

Desde que lhe escrevi em 23 do último recebi as suas de 4 & 12 do último. Todos os nossos fardos chegaram via *Speedy, David, Ainsly &c.* Recebi as 6 peças de fazenda preta do Harrops. Estão mal acabadas para o comércio de cá. Também aquelas que V— comprou foram acondicionadas de uma maneira desleixada e não foram sequer lustradas em metade do que deviam. Os presuntos chegaram em segurança & estão já quase todos comidos. A razão pela qual lhe pedi que aconselhasse as letras de câmbio ao Becket em caso de necessidade deve-se a eu ter sacado todo o montante de uma consignação. Continuamos amigos como dantes. Fico contente por saber que o comércio está tão bom em Leeds. Para mau já basta cá. Não temos nenhum comboio previsto para Inglaterra. Assim que haja enviarei ao Jonas Stead de Wortley o conhecimento de carga de alguma lã que troquei por uma parte das fazendas dele. Ainda não fechei qualquer outro negócio para além das 40 grandes sacas & mais 40 que vêm à consignação, mas é mais do que provável que consiga mais. As mercadorias do Sr. North ainda não estão

em terra, e por isso não me posso pronunciar sobre como é que elas são. Quaisquer que sejam as mesclas que V— produza agora, elas não estarão cá antes do próximo Verão, & assim deve providenciar uma grande quantidade de cores claras. Se estiver com falta de lâ antes da chegada do próximo comboio, peça alguma ao Ellwand & daquela que ele tem tido mais dificuldade em vender. Nada mais tenho a acrescentar de momento. Mande ao Pai os melhores cumprimentos & permaneço

O seu Irmão que muito o estima,
Saml. Farrer

Estimado Irmão,

Lisboa, 22 de Nov. de 1813

Desde que lhe escrevi em 6 do corrente recebi as suas até 8 do corrente, que me traziam amostras de 5 fardos e conhecimentos de carga de 3. De futuro tem de produzir mesclas mais claras, já que muita gente deu instruções para que não se fabricassem mais mesclas. É provável que comecem a escassear por cá. Assim, pode continuar a manufacturá-las em diferentes tonalidades mas não tão escuras como as mais escuras enviadas naqueles últimos fardos. Quando muito, V— poderá enviar: uma peça em cada dois fardos de fazenda escura; também de preto corvo na mesma proporção das verdes oliva em cada fardo; duas ou três das castanhas em cada fardo, de diferentes tonalidades; uma ou duas das pretas no fardo; e o resto em azuis e verdes, digamos, umas 4 das primeiras e duas das últimas. Expeço-lhe hoje alguma lâ cuja factura e conhecimento de carga V— receberá no próximo correio. O comboio deve zarpar em 5 de Dezembro. Escreverei ao Stead, ao Gladdil & ao North no próximo correio. Diga ao North que nunca vi quaisquer artigos acabados e acondicionados de forma tão desleixada como os dele. Ele tem fazenda facturada a 20 p[ence] a jarda sem ser embalada, nem sequer em papel. Ofereci-as para venda no outro dia mas não consegui vender nada. Tentarei trocá-las por lâ. Não se esqueça a seguir à recepção da presente de enviar ao Sr. Conte & e a mim conta da lâ vendida pela nossa conta conjunta.

Farei tudo em meu poder para lhe enviar a si um pouco do essencial quando lhe fizer falta, mas, caso eu lhe faça a si uma grande consignação de lâ, tem de fazer com que a B. B. & C.^a procedam ao fecho de caixa, pois eu não consigo enviar a si lâ e dinheiro ao mesmo tempo. Quando é que tenciona casar-se?

O que é que tem feito nas caçadas? Pelo seu silêncio eu deveria supor que V— não tem sido lá muito bem-sucedido, que é o meu caso, mas, como a verdadeira época só agora está a começar, espero dar-lhe melhores notícias em breve. Na Primavera passada fui exímio na caça. Lamento que a última lã não prove ser tão boa. Sei que não estava bem limpa [texto em falta] lã em condições excelentes vende-se cá a 6/- a libra de todos os tipos e nunca esteve mais baixa do que isto. Tenho a certeza de que [a que lhe envie] dará uma boa fazenda. Diga ao Papá que deve deixar de pensar em comprar mais propriedades até que eu aí chegue. Fico muito contente por saber que aí todos se encontram bem, & é com satisfação que digo que eu também estou bem & espero que Deus assim nos mantenha. Permaneço

O seu Irmão que muito o estima
Saml. Farrer Jnr.

PS Diga ao Sr. Harrops que não chego aos 15 por cento do que é cobrado pelos seus pretos. De futuro marque o comprimento exacto na etiqueta já que de nada serve andar a registar um número inferior, & não me envie mais cobrejões. Envolve os fardos com revestimentos ou mantas.

Estimado Irmão,

Lisboa, 4 de Dez. de 1813

Desde que tive este prazer no dia 22 do último não recebi nenhum dos seus favores e tenho agora o prazer de apensar a factura de 251 sacas de lã que eu hoje deveria ter expedido e cujo conhecimento de carga [deveria ter] enviado a si, mas o tempo não o permitiu. Farei a remessa na segunda-feira, depois de amanhã, e o comboio certamente irá zarpar na sexta, a 10 do corrente. Assim, V— não se deve esquecer de fazer um seguro assim que receber a presente, para cobrir a factura que é o verdadeiro preço de custo. Embarcarei 100 sacas no *David*, do Comandante Wm. Cowell, tudo Refina, desde a N.º 1 à 100. Acho melhor que V— calcule a 6/9 ou 7/- por libra de peso e faça o seguro por esse montante, já que é uma lã muito melhor que a do Conte. Toda a Refina deve valer esse preço. O resto será embarcado a bordo do *Lund*, do Comandante John Bell — uma remessa que você também deve segurar, & penso que não o deverá fazer por menos de 7000 £. Em caso de perda há

um regime de draubaque⁸. Farei também embarcar 83 grandes sacas de lã inferior a bordo do *David*, que é de uma conta conjunta com o Sr. O'Neil. V— pode segurar a nossa quota-parte por 1500 £. O Sr. O'Neil segurará a sua parte. Na próxima volta do correio V— receberá a factura e o conhecimento de carga, mas cuide de fazer um seguro, antes de receber as minhas próximas cartas, por 8500 £ no mínimo sobre lã expedida pelo *David* & pelo *Lund*. Espero ter explicado tudo o suficiente para ser bem compreendido. Neste correio saquei sobre si 400 £ à ordem do velho Sr. Ellwand, que peço que aceite, pagável no Leeds Bank. Estou certo de que eles não terão quaisquer reservas em fazer um adiantamento quando V— lhes mostrar o conhecimento de carga de uma remessa tão grande. Espero que [a carga] esteja em breve em Liverpool e nessa altura V—, tenho a certeza, conseguirá convertê-la em dinheiro, já que é uma lã de boa qualidade, normal e muito limpa. Estou certo de que V— irá ganhar umas quantas centenas com ela, & isso será melhor do que eu lhe fazer remessa das letras. Aconselho-o a vender tanto quanto possa desta lã, & como é lã de Segóvia, se V— lhe mesclar um pouco de lã saxónica, isso muito melhoraria a qualidade da fazenda. Não perca tempo em despachar as encomendas que tem em mãos e em enviar sem demora tudo o que puder despachar, já que tenciono enviar-lhe mais lã no próximo comboio. Já quase terminei a conta do Sr. J. Stead de Wortley & e enviá-la-ei na próxima posta de correio &, como os espanhóis compraram parte dos artigos que lhe pertenciam, nomeadamente 251 sacas, deixar-lhe-ei a ele a decisão sobre se quer parte da lã ao preço da factura ou dinheiro. Com os melhores cumprimentos ao pai, permaneço

O seu irmão que muito o estima,
Saml. Farrer Jnr.

Estimado Irmão,

Lisboa, 13 de Dezembro de 1813

⁸ Draubaque é um termo de origem inglesa (“drawback”) aplicado no domínio fiscal que se refere à restituição dos direitos aduaneiros aplicados sobre matérias-primas que, tendo sido importadas, são alvo de reexportação, após sujeitas ao processo de fabrico de um produto. Atualmente, essa regra encontra-se proibida dentro de zonas de comércio livre, por forma a evitar vantagens competitivas a certos produtores quando exportam para outros mercados.

Tive este prazer, remetendo-lhe factura de 251 sacas de lâ, e desde então recebi o seu favor de 22 do último, que me trouxe a factura e amostras de um fardo à ordem de A. O. Machado. Li o que me disse de a Rawdens ser o maior importador de lâ espanhola. Tenho conhecimento seguro de que eles não importaram uma única libra. Tudo o que compraram foi uma lâ portuguesa muito inferior, que [normalmente] compram em bruto & depois lavam, a 20 milhas de Lisboa, & [a lâ] acaba por nem ficar lavada nem nada, & só me pergunto como é que conseguem vender uma coisa tão maltratada.

& quanto à observação seguinte que faz acerca de o Butterworth enviar melhor lâ do que eu, é igualmente errônea. Ele não enviou um único lote capaz nestes últimos 3 anos a não ser um, que consistiu nas 180 sacas que comprou no Natal passado, & por falta de dinheiro acabou por vender metade disso com uma perda de 20 por cento em Leeds. Todas as outras lâs dele têm sido tão más que quase fizeram com que ele perdesse o seu negócio nesta cidade. A lâ de que V— se queixa é oriunda do mesmo país, só que [é] pior preparada [e] custa 13 reais, & e a dele custa 20. Tenho agora o prazer de lhe enviar os conhecimentos de carga das 251 sacas e também a factura & conhecimento de carga de 83 sacas por conta conjunta entre mim & a Torlades & C.^a. V— tem de ser muito cuidadoso ao enviar-me a nota de venda correcta desta encomenda, pois as pessoas que se associaram a mim são muito ricas e muito picuinhas. Se este negócio der certo, eles são capazes de enviar para a nossa casa 3000 sacas por ano, pois têm uma extensa correspondência quer com Espanha, quer com Portugal. Sempre informei a Ribeiro & Silva acerca das sacas de lâ deles, uma vez que V— não disse em que altura as vendeu. Eu disse-lhes que foi a crédito a 6 meses. Portanto, trate de a pôr a esse crédito a partir da data em que a vendeu de modo a que bata certo com a nossa conta. O comboio com toda a nossa lâ levantou ferro no dia 10 do corrente & com vento favorável, de modo que a pode esperar em Liverpool na altura em que receber a presente. Enviei ao J. Stead [de] Wortley a sua nota de venda nesta posta de correio & deixei ao critério dele receber o seu saldo em lâ ou dinheiro, como ele achar mais adequado. Se for em dinheiro não lhe vou cobrar comissão por motivo de ele ser um velho amigo meu. Se ele aceitar em lâ, há-de certamente querer ficar com partes iguais de todas as qualidades. Se for em dinheiro, o seu saldo é £473.6.5, mas se em lâ então é apenas de £464.10.5. Assim, V— saberá como acertar as contas com ele sem ter de receber mais instruções. Estou determinado a pôr cobro às fazendas do Harrops. No próximo correio enviar-lhe-ei conta d[texto em falta] Jonas Stead. Com os

melhores cumprimentos ao Pai, permaneço
O seu irmão que muito o estima
Saml. Farrer Jnr.

NB Reencaminhei pelo barco conhecimentos de carga ao Ormond Heyworth & C.^a, uma vez que o comboio zarpuo antes de ser indicado qualquer paquete.

Estimado Irmão,

Lisboa, 24 de Dezembro de 1813

Tive este prazer em 13 do corrente, remetendo-lhe conhecimentos de carga de 334 sacas de lã, por conta das quais sou obrigado hoje a sacar sobre Becket, Blayds & C.^a a quantia de £1070, [uma letra de câmbio] que será devidamente honrada quando V— lhes mostrar os conhecimentos de carga, factura &c. de aproximadamente 10,000 £ em lã assim que a presente lhe tenha chegado, & espero que não se demore a depositar a dita quantia. Não deve recear o que a Rawdens de Hallifax anda a importar, pois a deles é pouco melhor do que a lã usada nas listras. O comércio de fazenda fina tem andado muito parado. Aconselhá-lo-ia a vender tudo o que puder em Leeds, se houver oportunidade. Nada mais tenho a dizer excepto desejar-lhe um Feliz Natal. Estou de perfeita saúde & espero que o Papá & V— possais gozar a V. ceia amanhã.

Do seu irmão que muito o estima
Saml. Farrer

PS Conto escrever ao Gladdil com a sua conta no próximo correio. Isto talvez se o correio ficar retido. Escrevi ao Stead de Wortley na última posta de correio. Quando é que o casamento tem lugar? Se me tivesse dito o dia, eu teria bebido à V. felicidade um copo de Porto velho, cheio até à borda.

Sr. Ths. Farrer de Farnley perto de Hall E[ilegível]

Estimado Irmão,

Lisboa, 10 de Janeiro de 1814

Desde que tive este prazer em 24 do último a comunicar-lhe ter sacado sobre si a quantia de 1070 £ em nota de rodapé, li a sua de 7 do último informando-me de que na segunda-feira seguinte V— iria casar-se. Desde a sua, tive o prazer de o ver confirmado, em estilo, num jornal londrino, & fico muito feliz por vos desejar, a si e à Sr.^a T. Farrer, toda a felicidade que a condição de casados vos possa propiciar, & uma das primeiras regras para garantir essa felicidade, de ambos os lados, é o asseio, frequentes mudanças de roupa e frequentes lavagens da cabeça aos pés. Sem isto a pessoa mais doce do mundo irá adquirir um cheiro desagradável, & por via da prática o asseio logo se torna habitual. Se puder vender a lã em troca de dinheiro, poderá comprar a terra do Bates, se assim quiser. Recordar-se-á de que a lã está facturada ao preço que custou ao Conte, & a minha lã não deixa um lucro tão bom quanto devia. V— vendeu-a demasiado barata. Vi a nota de venda de lã portuguesa muito má vendida em Brestall [sic] a 5/- a Refina, 3/8 a Fina & 2/11 a Superfina. Verá que a Fina que lhe enviei da última vez é muito boa. Espero que faça qualquer coisa jeitosa com ela. Não enviarei um duplicado a Becket, Blayds & C.^a. Assim, se o pacote com o correio de 24 do último não tiver chegado, tem de os avisar das seguintes letras de câmbio sacadas no último correio. Permaneço, com os melhores cumprimentos ao Pai,

O seu irmão que muito o estima,
Saml. Farrer Jnr.

£350.- - à ordem dos Irmão Dyson
320.- - idem Thas. Hadley & C.^a
400.- - idem Bernardo Jose Per.a Basto

Estimado Irmão,

Lisboa, 22 de Janeiro de 1814

Desde que tive este prazer em 10 do último não recebi nenhum dos seus favores. Nunca mais recebi uma carta sua desde que se casou. O comboio de Cork chegou & [com ele] todos os nossos fardos de que V— me deu conta até ao N.º 42[9], mas ainda não estão em terra. Nada mais tenho a dizer-lhe. O comércio continua parado para fazendas finas de qualquer género, mas espero que reanime dentro de um mês ou dois. A lã é bastante mais cara aqui do que quando comprei a última, cerca de 3 [xelins] por libra de peso. Espero que consiga fazer

qualquer coisa jeitosa com a última que lhe enviei. Com os melhores cumprimentos ao Pai, permaneço

O seu irmão que muito o estima
Saml. Farrer Jnr.

Estimado Irmão,

Lisboa, 31 de Janeiro de 1814

Desde que tive este prazer em 22 do último, recebi a sua estimada carta de 27 do último, que me apensava uma factura & amostras de 4 fardos. Eu escrevi-lhe na minha última que todos os nossos fardos tinham chegado até ao 429. Este último é uma encomenda do A. O. Machado, & ao abrirem-no na Alfândega, deram com uma peça em falta, que foi sem dúvida furtada em Leeds, pois várias pessoas viram o fardo antes de ser aberto, & elas jurarão que o fardo não foi roubado, pois estava no melhor estado possível em todos os aspectos &, como não há dúvida que a peça foi furtada no embalador, ele vai ter de a pagar. Estou em crer que a última peça que desaparecera seguiu o mesmo caminho & não fora furtada a bordo, como suspeitámos. O Sr. Conte disse-me que o Gertts mandou deportar um dos seus embaladores por conta de andar a subtrair artigos quando os embalavam. Também os Brookes apanharam um dos seus homens a furtar nas mesmas circunstâncias, já que os artigos foram muito provavelmente embalados na Mathewsman. Vou querer que o seu T. Mathewsman escreva ao Sr. Topham sobre este assunto. A peça em falta é a N.º 2555, azul, & espero que o Sr. T. tenha cuidado de futuro, de modo a evitar que isso volte a acontecer. Não tenho novidades a dar-lhe. Deverá tomar providências para que todas as mesclas que fizer sejam muito claras & no geral esbranquiçadas, porque qualquer coisa que V— faça ou exporte só cá chegará pelo Verão. Castanhos muito claros são boas cores, assim como também são os verdes oliva claros, &c.

De facto, a encomenda do Silva servirá perfeitamente para o orientar a si. Estou satisfeito pelo facto de a nossa lâ ter chegado em curto espaço de tempo. Espero que dê uma boa venda. Tendo poupado no seguro, ao menos deveria deixar um lucro de £1500. Com os melhores cumprimentos a si & à sua mulher & ao Pai, permaneço

O seu irmão que muito o estima,
Saml. Farrer Jnr.

PS Eles parecem gostar de fazenda azul, tal como a outra peça que foi roubada.

Estimado Irmão,

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1814

Só lhe escrevo a presente por escrever, já que na realidade nada tenho realmente para dizer que valha a pena pôr no papel. Tivemos um paquete há 6 dias com dois correios, mas não obtivemos nenhuma carta sua. Suponho que o frio deste mau tempo que temos tido tenha congelado a tinta. Espero que antes de receber a presente tenha tido a oportunidade de se dar ao trabalho [de escrever], uma vez que Ellwand me fez um relato chocante do mau tempo aí. Suspeito que tenha parado todas as fábricas, assim como os transportes de & para Liverpool. Os Srs. Ribeiro & Silva estão muito impacientes por receberem as suas notas de venda da lã. Surpreende-me que não lhes tenha ainda dado fim. Tenciono ir aí em Abril próximo, mas, como há sempre a possibilidade de uma coisa ou outra nos deter até depois desse período, deixarei totalmente a si o que fazer no que diz respeito a arrendar ou manter a fábrica nas suas próprias mão. Nunca fiz tenção de me fixar em Inglaterra. V— deve actuar como achar o mais adequado em relação à mesma, & tomei agora a decisão não interferir com o negócio nem encontrar defeitos com o que quer que V— faça em relação à fábrica. Na minha última mencionei-lhe que me doía a garganta, que está agora muito melhor. O comércio continua muito parado em Lisboa. Não chegou mais nenhuma da sua mercadoria desde o fardo 429, de onde fora furtada uma peça, como relatei na minha última. Os meus melhores cumprimentos à Sra. T. Farrer & ao Papá & a todos os amigos que têm perguntado por mim, & permaneço

O seu irmão que muito o estima,
Saml. Farrer Jnr.

PS a minha última foi a de 31 do último. Depois de ter terminado a minha carta recebi a encomenda do [ilegível] que tem de se pôr em contacto com alguns comerciantes de têxteis para os exércitos &c. & compre da melhor qualidade.

Estimado Irmão,

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1814

Desde a minha última de 12 do corrente, recebi uma encomenda do A. O. Machado para fazendas & artigos têxteis, para a qual chamo a sua especial atenção. Que os têxteis sejam da melhor qualidade, bem lustrados, & também as fazendas têm de ser de primeira categoria. Li os seus favores de 14 do último & de 1 do corrente. De futuro enviar-lhe-ei lã sem ninguém que reclame a sua quota-parte. Quanto à fábrica, remeto-o para a minha de 12 do corrente onde eu lhe disse que, como não tenciono jamais fixar-me em Inglaterra, deixo inteiramente a si a responsabilidade de fazer como achar mais apropriado no que à fábrica diz respeito, & agora volto a insistir no mesmo. A lã de que o Sr. Gladdil lhe dissera que estava a embarcar era para o Ellwand, Londres, 460 sacas. Não comprei mais nenhuma desde então. Subiu pelo menos 4 [xelins] por libra desde a minha última remessa para si, em virtude das negociações entre a América & Inglaterra.⁹ Espero que tenha o mesmo efeito no mercado inglês. Lamento informar que não está no meu poder enviar-lhe qualquer dinheiro neste momento. Assim, o Becket deve prestar-lhe assistência. Ultimamente, enviei-lhe a si grandes consignações, que poderá constatar se se reportar ao tempo em que eu e o Conte lhe enviámos as nossas, [que são] muitas mais do que aquelas que V— me tem enviado, mesmo ao preço da factura da fazenda, que é no mínimo 15 por cento a mais do que aquilo que rendem as Superfinas. Muito me surpreende eu ainda não ter recebido as minhas camisas & arma. Não tenho uma única camisa de jeito em todas as minhas provisões, & o que é ainda mais surpreendente é que V— me disse há já muito tempo que estavam prontas. Também estou muito espantado por não ter dito durante estes 2 meses uma única palavra sobre a lã da Ribeiro & Silva. Pode ter a certeza de que eles nunca mais lhe enviam nada à consignação. É perfeitamente natural que as pessoas queiram pelo menos ter notícias de como é que as coisas correm. Com os melhores cumprimentos à sua mulher & ao meu Pai,

O seu irmão que muito o estima,
Saml. Farrer

⁹ V. António Lopes. Comércio em Tempo de Guerra: Seis meses na correspondência de Samuel Farrer (Março-Setembro de 1812). *REAP*. No. 20, 2011, p. 233n.

Estimado Irmão,

Lisboa, 8 de Março de 1814

Desde as minhas de 26 do último recebi a sua de 14 do último, que trazia apensa factura e amostras de 4 fardos. Também tenho a informá-lo da chegada em segurança do *Lady Warren*, que é o único navio de Liverpool com mercadoria nossa. Há 2 navios em trânsito vindos de lá, um russo e outro prussiano. Se bem que eu tenha frequentemente pedido para expedir as nossas mercadorias naquelas embarcações com preferência sobre todas as outras, ainda assim não consegui que V— me expedissem o que quer que fosse a bordo delas, & quando V— não faz seguro, elas são as mais seguras, pois os americanos não as capturam & há mais navios perdidos que andam de lugar em lugar à procura de um comboio do que os que são capturados¹⁰. Fui informado no último correio de Londres de que o tipo de lâ que lhe enviei da última vez, refiro-me à Fina, subiu quase 1/- a libra naquela cidade, muito por conta da compra especulativa. Sei que teria passado pela cabeça de qualquer um—excepto a sua—enviar amostras nossas para Londres, & se bem que o Ellwand lhe tivesse adiantado o que quer que V— quisesse, conquanto o enviasse a Londres, tenho a certeza de que V— preferiria vendê-la a menos 1/- a libra em Leeds ou Huddersfield [*sic*]. Descobri que a minha arma e as 6 libras de pólvora se encontram a bordo do *Lady Warren*, mas nada de camisas. Nem me atrevo a ir à Ribeiro & Silva por causa do seu atraso em enviar a sua encomenda & nota de venda da lâ deles. O comércio de tecidos finos ainda permanece excessivamente parado, se bem que todo o género de lâs finas tenha subido 15 por cento desde que comprei as que lhe enviei a si. Permaneço

O seu irmão que muito o estima,
Sa. Farrer Jnr.

PS Mande os meus melhores cumprimentos à Sra. T. Farrer & ao Pai. É escusado enviar-me papel de Leeds, pois também o vejo por aqui. Ouvi dizer agora que uma casa cá comprou 700

¹⁰ Relativamente ao impacto da Guerra de 1812 entre os Estados Unidos da América e a Grã-Bretanha sobre o sector dos lanifícios em Leeds, v. Richard George Wilson. *Gentlemen Merchants: The Merchant Community in Leeds, 1700-1830*. Manchester: Manchester University Press, 1971, pp. 112-113.

sacas de lã a 15 reais. Aquela pela qual ofereci 11 era 1/- por libra mais caro do que a Fina que lhe envie.

Estimado Irmão,

Lisboa, 18 de Março de 1814

Desde que tive este prazer no dia 8 do corrente recebi o seu favor de 1 do corrente. Apraz-me ver que tem a oportunidade de um lucro tão bom com a lã fina. Também lamento que não seja esse o caso da lã portuguesa, pois isso não está inteiramente nas nossas mãos. Espero que não a tente vender sem lucro. Esperávamos ganhar consideravelmente com ela. A lã grosseira atingiu preços inauditos. Sei que é uma lã difícil de tratar, mas também está a um preço demasiado baixo. Contudo, na recepção da presente deve enviar amostras para a casa dos Srs. Vizer, Barroso & C.^a Bristol, & também ao Ellwand de Londres. Caso tenha vendido parte, deve guardar o resto até que tenha notícias dos preços que a lã pode atingir nas cidades acima mencionadas. Peça a ambas as casas que me digam o que pensam quanto ao que ela vale. Lamento ver que V— está tão inclinado a manufacturar tanto, já depois de eu ter escrito repetidas vezes que a fazenda fina está invendível por cá, & V— me dizer que a não consegue vender em Leeds. Na sua última diz-me que consegue vender a lã fina por um preço bastante razoável. Não consigo explicar a sua conduta nesta matéria. Tem em sua posse um artigo comercializável para venda, mas está decidido a convertê-lo num artigo não comercializável antes de o pôr à venda. Agradeço-lhe que me informe na sua próxima onde é que está a racionalidade nesta sua conduta. Não consigo vender fazenda fina presentemente. Por isso, não posso nem fazer remessas nem comprar mais lã, a menos que venda os meus artigos com uma perda de 30 por cento & como a lã tem subido acima dos 20 por cento, penso que será melhor guardar as nossas fazendas até que venham melhores tempos & manufacturar o mínimo possível. Aquele maldito¹¹ Hogg tem cá mais fazenda fina do que a que é suficiente para abastecer toda a cidade de Lisboa. V— não deve embalar as nossas fazendas naqueles cobrejões, pois só criam traça. A mercadoria pelo *Lady Warren*

¹¹ "D---d" no original.

não parece danificada. Ainda não chegaram fardos nossos desde aqueles que vieram por este navio. Escrevi para o Porto para que lhe enviassem a si uma pipa de vinho. Com os melhores cumprimentos a todos aí em casa, permaneço

O seu irmão que muito o estima,
Saml. Farrer Jnr.

Estimado Irmão,

Lisboa, 16 de Abril de 1814

Desde que tive este prazer a [espaço em branco] do último, recebi entretanto as suas até 28 do último. Não tendo nada de importante a comunicar, não lhe escrevi na última volta de correio, e já se passaram três semanas desde que enviámos correspondência para Inglaterra. Entreguei à Ribeiro & Silva a nota de venda deles. Eles dizem que nunca foi hábito permitir o que quer que fosse por garantia quando a nota de venda tenha sido prestada depois de o dinheiro ter sido recuperado. Também gostariam que V— explicasse o montante de £43.10.- cobrado pelo seguro, uma vez que só ordenaram que se fizesse seguro sobre 1500£ & o G. Turner os informou de que o prémio era 3 por cento com estorno de prémio por comboio, o que daria £36.7.6 com a apólice & comissão & depois de deduzir o estorno por comboio. Eu agradecia que, para satisfação deles, respondesse na sua próxima a estas questões. Também lhe escreverei na próxima semana sobre o que fiz relativamente à garantia. Gostaria que dissesse ao Sr. North que lhe endereçarei uma carta no próximo correio & lhe enviarei [a ele e ao] Joseph Lyne conta de todas as fazendas que tinha dele, pois esse cavalheiro tinha a seu cargo a embalagem & a expedição das fazendas, & passou uma factura com um adiantamento de 10 ou 20 por cento nos primeiros sortimentos. Os preços que paguei pelas fazendas ficaram com ele ou com o embalador, & eu só fiquei um duplicado imperfeito. Expedirei ao North alguma lâ no próximo comboio, que deve zarpar dentro de 10 dias. Já está tudo muito adiantado. A lâ como aquela que lhe enviei a si da última vez vale agora 20 reais a libra. Fiz um acordo com as casas Torlades, O'Neil & C.^a para ir a Espanha & comprar lâ por conta conjunta. V— terá parte nas nossas consignações & a conta seguirá para Londres. Tencionamos partir dentro de 14 dias—o mais tardar, não mais do que três semanas. Estou certo de que aprovará a minha conduta quando eu lhe disser que esta é uma das

casas mais respeitáveis cá, & que têm uma vasta correspondência com Espanha, & que me serão de grande utilidade por esse motivo—& o mesmo serei eu para eles como avaliador de lãs. Na minha próxima dir-lhe-ei para onde dirigir a sua correspondência, & todas as cartas comerciais para Lisboa terão de ser dirigidas ao Ambrose Pollet, Jnr. Esq., até que V— tenha novamente notícias da minha chegada a esta cidade. Se em Espanha não der com as oportunidades de negócio que tenho em mente, atravessarei o país em direcção a Bilbao & daí para Inglaterra & nesse caso vê-lo-ei a si lá para Junho ou Julho, mas se eu comprar muito não visitarei Inglaterra senão no próximo ano. Tenho todas as notas de venda da minha fazenda já emitidas, & enviar-lhas-ei antes de eu partir. Examinei-as todas, & será trabalho bem empregado se V— as analisar de novo, & ao fazê-lo devidamente terá uma ideia do nosso negócio. Enviarei ao J. Stead a sua conta no próximo correio. Tenho de terminar tudo antes de partir. Deve fazer duplicado de todas as suas cartas comerciais junto de um escriturário, seja ele quem for, & se não tiver um escriturário tem de o arranjar, pois a sua ortografia é mesmo muito má. Faça como eu faço sempre que escrevo a alguém excepto a si ou ao Ellwand. Escrevo as minhas ideias em rascunho ou no borrador & então deixo que o escriturário¹² passe isso a limpo, com a liberdade para fazer qualquer melhoria que ele possa na linguagem sem alterar o sentido da carta. Não se ofenda com isto, mas faça como eu desejo, se quiser que a nossa casa seja respeitada [por] todos. Os comerciantes que escrevem mal deixam a escrita das cartas aos escriturários. O negócio das fazendas finas continua parado mas deve melhorar a breve trecho se as coisas continuarem bem em França. Por isso, V— pode continuar a manufacturar o mesmo que anteriormente. Os castanhos claro cor-de-rape têm muita procura de momento & continuarão assim durante o Verão. Lamento constatar que V— não fez mais caxemiras, já que são um bom artigo em Espanha e presentemente com procura cá. Estou em crer que os Srs. Ribeiro & Silva se esqueceram da garantia quando calcularam o seguro. Incluso segue uma encomenda deles. V— tem de enviar sem delongas a cor das amostras. Seja muito cuidadoso. Se ainda não tiverem sido feitas, faça-as um pouco mais claras do que mais escuras.

Se olhar novamente, V— verá que a encomenda que lhe enviei sem dizer para quem era foi assinada por eles, ou pelo

¹² “Clark” no original.

menos deveria ter sido. Com os melhores cumprimentos à Sra. T. Farrer, ao meu Pai & amigos, permaneço

O seu irmão que muito o estima,
Saml. Farrer Junr.

Estimado Irmão,

Lisboa, 29 de Abril de 1814

Desde a minha de 16 recebi o seu favor de 4 do corrente, em resposta à qual tenho a dizer que V— poderia ter vendido melhor a lâ do que a consegue vender agora. Contudo, não tenho dúvida de que terá bastante procura novamente. V— nunca deveria pensar em guardar consigo um estoque¹³ tão grande para manufactura. Devia saber que isso representa uma grande soma de dinheiro desperdiçada. Essa pilha é o suficiente para o Galt a guardar consigo de uma só vez, ele que utiliza dez vezes aquilo que nós utilizamos. Deixo ao seu critério a quantidade de fazenda que queira fabricar. Continua invendível nesta cidade, mas se melhorar dar-lhe-ei notícia. De acordo com a conta que li de Bristol, V— vendeu os desperdícios de lâ muito bem. Tenho andado tão ocupado esta semana que ainda não expedi a lâ do North, mas se possível, tê-la-ei a bordo antes de o paquete levantar ferros. Nesse caso, escrever-lhe-ei; se não, ele terá de esperar até à próxima posta de correio & o J. Stead também. Com os melhores cumprimentos à Sra. T. Farrer & ao velho Papá, permaneço

O seu irmão que muito o estima,
S. Farrer Jnr.

Volte se faz favor

Inclusa segue encomenda de Ant.º Ol.ª Machado de fazenda a 7/- a 8/6. Ele deseja de preços diferentes entre 7/- & 8/6 & diz que caso não consiga cumprir com os azuis a estes preços relativamente à fazenda cuja lâ tenha sido previamente tingida, V— pode expedir as fazendas tingidas *a posteriori*, mas nesse caso as listras devem ser vermelhas & amarelas. Pode mandar fazer tais riscas se falar com qualquer fabricante no momento

¹³ Anglicismo atualmente utilizado para se referir a mercadoria acumulada em depósito.

em que estiverem a montar o tear. Depois, que lhes seja dado o mesmo tratamento que às [fazendas de] listras brancas, a fim de serem expedidas sem seguro com toda a celeridade, excepto se V— esperar que esse tipo de fazenda [texto ilegível] Pode contar com umas quantas semanas. Envie o conhecimento de carga para ele por correio assim que receber [essa fazenda]. Enviar-lhe-ei mais alguma lâ dentro em breve, ou de cá ou de Espanha.

Estimado Irmão,

Lisboa, 14 de Maio de 1814

Desde que tive este prazer no dia 29 do último não tivemos navios a chegarem de Inglaterra, nem sequer um pacote. Já passou mais de um mês desde que recebi notícias de Inglaterra. A última veio de Londres, datada de 4 do último. Não esperava escrever-lhe novamente de Lisboa, mas devido à situação conturbada em Espanha achámos melhor adiar a nossa viagem por uma semana ou duas. Nada mais tenho a adiantar, excepto que o negócio continua muito parado nesta cidade & não podemos esperar muitas melhorias até Setembro ou Outubro próximos. Não conseguirei fazer-lhe nenhuma remessa antes que faça algumas vendas. Talvez consiga enviar-lhe mais alguma lâ caso encontre alguma à consignação. Inclusa segue para si a nota de venda do primo Jonas Stead de tudo o que tenho dele & também do Sr. Harrops. V— terá a bondade de acertar as contas com eles dando-lhes lâ ou dinheiro, conforme o que mais lhe aprouver a si. Não perca tempo em expedir todos aqueles artigos por encomenda juntamente com o conhecimento de carga, & assim conseguirei receber o dinheiro. Espero que quando receber a presente tenha sido capaz de converter a maior parte da nossa lâ em dinheiro. Comprei 200 sacas desta última vez, algumas quase tão baratas como as que lhe enviei. Fui obrigado a enviar tudo para Londres, tendo-as comprado contra dinheiro. Consequentemente, tive de sacar por quantia. Dê os meus respeitos à Sra. T. Farrer, ao Pai & a todos os amigos & permaneço

O seu irmão que muito o estima,
Saml. Farrer Jnr.

PS Também remeto inclusa a factura de toda a fazenda que tinha dos Srs. Pollard, Faber, North & C.^a. Eles irão agora ver o que eu tinha. A factura veio de Joseph Lyne & C.^a, que tinha a seu cargo toda a mercadoria supra-referida e a expediu. Como

há muita perda com o fardo do Harrops, V— pode tirar a minha comissão & dar-lhe uma saca de lã barata. Temos 2 paquetes que já lançaram ferros mas as cartas ainda não foram entregues.

Se não tiver vendido toda a lã, faça tudo em seu poder para vender tanta quanta puder & compre ao Ellwand para manufacturar. Se V— vender à consignação, não se preocupe com isso; venda de qualquer modo, pois penso que pelos últimos relatos de Londres a lã irá baixar de preço.

Estimado Irmão,

Lisboa, 25 de Maio de 1814

Desde que tive este prazer no dia 14 do corrente recebi o seu favor de 19 do corrente & vejo que vendeu quase toda a lã. Estou muito satisfeito por isso. A lã baixou por cá novamente, tal como aquelas, que V— vendeu a 7/-. Eu poderia comprá-las ao mesmo preço da anterior & elas custar-me-iam menos, pois a taxa de câmbio está agora a 72, ou seja, a 10 por cento menos do que quando a comprei da última vez. Tivemos dois correios desde a sua de 19, mas não obtive nenhuma carta sua. V— nunca deveria perder duas postas de correio para me informar por que preços poderia vender os diferentes tipos de lãs. Não me diga se está mais barato ou mais caro, mas diga-me por quanto V— poderia vender a melhor lã espanhola e também a de Portugal. Não vou comprar mais de momento, pois estou à espera que ela baixe. Na eventualidade de as suas próximas cartas me dispuserem a isso, poderei nesse caso enviar-lhe umas quantas centenas de sacas. O Butterworth enviou toda a sua lã para casa antes que a geada se instalasse, & ela chegou a Liverpool no mesmo comboio da nossa. O comércio de fazenda está muito mau cá & não irá melhorar neste Verão. Já desisti da ideia de ir a Espanha presentemente por causa das más notícias de Inglaterra. Ainda não me decidi sobre o que fazer ou onde ir; talvez no próximo correio tenha já conseguido definir alguma coisa. Talvez possa ainda ir a Inglaterra. O *Catherine*, o *Rutland* & o *Nell* aportaram todos cá. No caso de se acabar a lã antes de eu lhe enviar mais, escreva ao Ellwand para que lhe forneça alguma da que restou daquelas pilhas que foram quase todas vendidas. Com os melhores cumprimentos à Sra. T. Farrer & ao meu pai, permaneço

O seu irmão que muito o estima,
Sam.l Farrer Jnr.

PS Os fardos do Topham estão mal embalados. O outro está demasiado pressionado.

Assim, com esta carta de 25 de Maio de 1814, se dá por concluída a terceira parte da tradução das cartas de Samuel Farrer, prevendo-se a publicação do final desta correspondência no próximo número da *REAP*.

Este estudo foi realizado no quadro do Projecto Estratégico PEst-OE/ELT/UI4097/2011, domiciliado no CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) e financiado pela FCT- Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

A SOCIETY OF ANTIQUARIES OF LONDON, PORTUGAL
E A PROTECÇÃO DO PATRIMÓNIO¹

Paulo Oliveira Ramos
Universidade Aberta
Instituto de História da Arte, FCSH-UNL

Terá sido na Bear Tavern, na Strand, em Londres, que em 5 de dezembro de 1707 nasceu a *Society of Antiquaries of London*. Passaram, há pouco, 300 anos sobre tal data². Três séculos feitos de pequenos e grandes combates pelo património inglês – e não só de Londres, como a sua designação poderia sugerir –, como aquele que teve lugar em inícios de 1896, aquando dos rumores de que a Catedral de Peterborough se encontrava ameaçada por uma profunda intervenção arquitectónica na sua fachada oeste. Nas discussões então havidas no âmbito da *Society*, para além de se recordar a legislação patrimonial existente em França e na Suíça, foi ainda proposto que a *Society* recolhesse através de inquéritos informação análoga noutros países da Europa.

Ao tomarmos conhecimento de que Portugal foi um dos estados contactados – de par com França, Alemanha, Prússia, Baviera, Saxónia, Áustria, Bélgica, Holanda, Itália, Roma, Suécia e Noruega, Dinamarca e ainda os Estados Unidos e Rússia – procurámos encontrar documentação que nos permitisse reconstituir como se desenrolou esse episódio, tendo recorrido, entre outros, ao Arquivo Histórico das Obras Públicas³, ao Arquivo

¹ Este texto faz parte de um artigo mais vasto sobre o assunto a editar em breve.

² Um historial da *Society of Antiquaries of London* encontra-se em Susan Pearce (ed.), *Visions of Antiquity: The Society of Antiquaries of London 1707-2007*, Archaeology 111, Society of Antiquaries of London, 2007 e em Rosemary Sweet, *Antiquaries: the Discovery of the Past in Eighteenth-Century Britain*, London, Hambledon and London, 2004, pp. 81-110.

³ Hoje na dependência do Ministério da Economia.

Histórico-Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros e ao Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. De entre os documentos que recenseámos na nossa pesquisa, o mais antigo foi uma missiva dirigida ao então ministro português dos Negócios Estrangeiros, “Monsieur de Soveral”⁴, pelo ao tempo embaixador britânico em Lisboa, Hugh G. MacDonell⁵:

Lisbon,
18 May 1896.

Monsieur le Ministre

The Society of Antiquaries of London have appointed a Committee to ascertain what steps can be taken to prevent the destruction – either by demolition or restoration – of historical buildings in England.

In France, Austria and Switzerland, there exist legal enactments with this object; and the Society are anxious to know what statutable provisions exist in Portugal in regard to this matter and how they work.

I should be much obliged if your Excellency would be so good as to inform me whether provisions of this nature exist in Portugal, or how the many historical buildings in this country are saved from the destruction.

I avail myself of this opportunity Monsieur le Ministre, to renew to your Excellency the assurance of my highest consideration.

H. G. MacDonell ⁶

Na sequência deste pedido foi endereçado em 21 de Maio de 1896 pela Direcção Geral dos Negócios Comerciais e Consulares do Ministério dos Negócios Estrangeiros um primeiro officio dirigido ao director dos Serviços das Obras Públicas do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria. Em 11 de Junho, o mesmo departamento do Ministério dos Negócios Estrangeiros, “em additamento ao officio d’esta Direcção Geral de 21 de Maio ultimo em que se solicitou d’esse Ministério esclarecimentos sobre o serviço e legislação em vigor com relação á Conservação dos Monumentos e edificios antigos para assim satisfazer o

⁴ Luís Maria Pinto de Soveral, primeiro e único marquês do Soveral (1851-1922).

⁵ Rt. Hon. Sir Hugh Guion MacDonell, (1832-1904), embaixador britânico em Portugal de 1893 a 1902.

⁶ AH-D 373/21-5-96.

pedido da Sociedade dos Archeologos [sic] de Londres”⁷, precisou as áreas de interesse para recolha de informação, traduzindo o original redigido em papel timbrado da Legação britânica que a seguir se transcreve.

“Questions which the British Committee on ancient Monuments would wish answered.

1. What statutable provisions exist in Portugal for the protection of ancient monuments, buildings; or otherwise in regard to demolition, restoration or addition?

2. What is the composition of the Authority charged with the supervision of ancient buildings in Portugal?

3. What is the number and nature of monuments, prehistoric, religious civil or military, subject to protection in Portugal?

4. What is the cost and by whom defrayed.

5. How do the provisions work in practice?

The Society would be glad to have copies of any printed documents hearing on the sujet”.⁸

Seis meses passados, na continuada falta de uma resposta de Portugal, o embaixador britânico redige nova missiva:

Sir Hugh G. MacDonell presents his compliments to Sñr Soveral, and would feel greatly obliged if His Excellency would be so good, – with reference to his Letter of 21. of May of this year – to furnish him with a reply to the Note of the 18.th of May, 1896.

In this Note, information was applied for as to whether there are any Statutable Provisions in Portugal for the preservation of ancient buildings, or how historical edificies in this Country are saved from destruction.

British Legation
Lisbon
November 17.th 1896⁹

⁷ AHMOP.

⁸ AH-D 372/11-6-96.

⁹ AH-D 373/17-11-96.

Em Março de 1897, a volumosa informação entretanto chegada a Londres permitiu pensar na edição de um *Blue Book*, como se lê nos *Proceedings* da *Society*. Seleccionada a documentação – manuscrita e impressa – remetida pelos diversos embaixadores britânicos, traduzidas as partes que deveriam ser futuramente impressas *in extenso*, o redactor dos *Proceedings* propôs-se entretanto facultar aos membros da *Society* um resumo dos dados até ao momento recolhidos. E foi deste modo que, em 23 de Abril de 1897, os referidos *Proceedings* incluiriam dez páginas com os resumos da situação em cada estado consultado pela *Society* na sua busca por informação e legislação de cariz patrimonial. Transcrevem-se de seguida algumas passagens.

Sobre França, é dito que é um “shocking example of the evil results of putting ancient monuments under state protection” (p. 371), enquanto a Alemanha “for the present purpose ... is still merely a geographical expression” (p. 372). A Prússia, por sua vez, é lembrada devido à existência do cargo de “Provincial Conservator” e a Baviera pela “stringent and admirable legislation has existed for many years” (p. 372) havendo, desde 1887, “a State ‘Inventory of Historic Monuments’” (p. 373). A Saxónia possui “since 1894, a State Commission for the preservation of monuments” composta por oito membros (p. 373) e a Áustria “has, since a decree of 21st July, 1863, enjoyed the advantages of an ‘Imperial and Royal Commission for the discovery and preservation of artistic and historical monuments’” (p. 374). A Bélgica, por seu lado, tem “preservative legislation [that] dates back almost to the beginning of the century” (p. 375), ao contrário da Holanda, que “has no statutory provisions for protecting historical monuments” (p. 376). Por sua vez é dito que a Itália “like Germany, is still, in respect of Imperial legislation on our subject, only a geographical expression” (p. 376), mas, de seguida, é referido que em Roma existe uma “Commission of Fine Arts for the acquisition of monuments of art and antiquity, for the adornments of the Papal Museums” (p. 376) e na Toscana “a decree of 1860 instituted a similar Commission” (p. 377). Na Espanha “the chief legislative provision now is the ‘Regulation of Provincial Commissions of Historical monuments’, of 24th November, 1865” (p. 378), enquanto na Grécia “the greatest possible care is devoted to the preservation of the great monuments of classical antiquity” (p. 379). Na Suécia e Noruega a legislação “like our own, [has] been directed rather to what we call ‘prehistoric monuments’ than to historical monuments” (p. 379), e na Dinamarca “the Danish Law on this subject ... strongly resembles the Swiss Law” (p. 379). Sobre os Estados Unidos é dito que “there being no historical monuments there is

no legislation provision for their protection” (p. 380) e da Rússia veio a informação que “there is no legislation on the subject” (p. 380). E de Portugal que informações terão chegado à Burlington House, sede da *Society of Antiquaries of London*¹⁰? Escreveu o redactor dos *Proceedings*: “Portugal – No answer has yet been received from the Ministry there; but a reminder has been sent by the Foreign Office” (p. 378).

Em Maio a legação britânica voltava a contactar o ministro luso dos Negócios Estrangeiros.

British Legation
Lisbon
May 4 – 1897

Monsieur le Ministre,

By His Excellency’s Note of May 21-1896, Monsieur de Soveral was good enough to inform me that the request transmitted through his Legation for information as to the provisions in force for the preservation of Ancient monuments in Portugal, has been transferred to the proper Department of the King’s Government, and that the reply of that Department would be forwarded to me in due course.

Nothing further having reached me on this subject from the Ministry of Foreign Affairs, I take the liberty of calling your Excellency’s kind attention to the abovementioned correspondence, in the hope that I may be enabled at an early date to reply to the query of the Society of Antiquaries.

I avail myself of this opportunity, Monsieur le Ministre, to renew to your Excellency the assurance of my highest consideration.

H G MacDonell¹¹

Nos arquivos da *Society*, em Londres, nada se encontra a respeito de uma eventual resposta das autoridades portuguesas aos questionários chegados de Inglaterra. Mas terá sido assim? Viemos a constatar na nossa investigação que a resposta lusa existiu, tendo sido redigida logo em 15 de Julho de 1896, por José Leite de Vasconcelos (1858-1941). Nela, o director do

¹⁰ A Society of Antiquaries of London partilha ainda hoje a Burlington House com a Royal Academy of Arts e quatro outras “learned societies” de carácter nacional – a Royal Society of Chemistry, a Geological Society of London, a Royal Astronomical Society e a Linnean Society of London.

¹¹ AH-D 373/96/6-5-97.

Museu Ethnographico Português, lembrando o *Relatorio e Mappas ácerca dos edificios que devem ser classificados Monumentos Nacionaes...*¹², organizados em 1881 pela *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, lembrava que os “monumentos nacionais” se encontravam agrupados em seis classes (monumentos históricos e artísticos grandiosos, monumentos históricos e artísticos mas não grandiosos, monumentos de arte militar antiga, memórias, padrões e monumentos pré-históricos) acrescentando, de seguida, algumas referências da sua lavra sobretudo a propósito de “monumentos prehistoricos”.

Da resposta portuguesa poder-se-á dizer que foi de curta dimensão em relação às de outros estados, e, também, muito pouco pormenorizada face ao solicitado pela parte inglesa. E a José Leite de Vasconcelos bastaria ter juntado à sua prosa o texto completo do por si citado *Relatorio e Mappas ácerca dos edificios que devem ser classificados Monumentos Nacionaes...*, onde um interessante prómio da autoria de Inácio de Vilhena Barbosa responderia com vantagem a vários dos quesitos apresentados pela *Society*. Resta ainda saber se pela data da resposta leitiana este não teria já lido a 1.^a edição de *O Culto da Arte em Portugal*, de Ramalho Ortigão, obra dedicada pelo autor à Comissão de Monumentos Nacionais, e que é um momento excepcional da história dos estudos patrimoniais entre nós, tanto pelos exemplos de vandalismo recolhidos, como pelo panorama do que até então se havia feito para protecção do nosso património. E era isto, afinal, o que a *Society of Antiquaries of London* procurava saber.

¹² *Relatorio e Mappas ácerca dos edificios que devem ser classificados Monumentos Nacionaes apresentados ao Governo pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes em conformidade com a portaria do Ministerio das Obras Publicas de 24 de Outubro de 1880*, Lisboa, Lallement Frères, Typ., 1881.

ROY CAMPBELL (1901-1957): THE LIFE, TIMES
AND OPINIONS OF A SOUTH AFRICAN 'COWBOER'¹

Maria do Rosário Lupi Bello
Universidade Aberta
CETAPS

Miguel Alarcão
Universidade Nova de Lisboa
CETAPS

PART I (Miguel Alarcão)

Six years ago, I published an article on Roy Campbell entitled “O Hispanista Escocês da África Austral” (Alarcão 135-157). My purpose at the time, when choosing that title, was to present him as someone who was always “on the road”, moving from place to place (South Africa, Britain, France, Spain, NE Africa, and ultimately Portugal). There is indeed a distinctly modern ring in Campbell’s very active and eventful life, embodying (and perhaps engendering) a plural, fragmented or ‘decentered’ sense of cultural identity and belonging. Although this ‘Wandering Zulu’ never settled back in Africa on a permanent basis,² he would always retain, however, a love for big, wild and natural spaces and for physical life in the open air, as well as a great sensitivity

¹ The authors hereby wish to acknowledge and thank the help generously provided in editing the original powerpoint by Daniela Cabral Morbey.

² During his 1924-6 stay, Roy Campbell launched and edited the first three issues of *Voorslag*, a literary, cultural and political review in which he criticized racial segregation (apartheid). Roy would later return to Africa during the Second World War (1943-4), doing military service as a volunteer in the Home Guard.

towards colours, sounds and smells which may account for the intensely sensorial flavour of his lyrical poetry. He also loved animals (particularly horses) and bullfights;³ thus my title today, aware as I am he did not come from Wyoming or Texas...

As one of our former English language assistants used to say, "There are three things one should never discuss or talk about, least of all in public: sex, religion and politics." But then she always added, significantly: "What's left?" and this seems indeed to be an unavoidable trilogy when one comes to study Campbell and his life, times and opinions. I will start with the early 1920s, when he moved to London, falling in love with Mary Garman (1891-1979), whom he would marry in 1922, and gaining access, later in that decade, to the social and literary *milieu* of the Bloomsbury Group, associated, among many others, with Leonard (1880-1969) and Virginia Woolf (1882-1941).⁴ Vita Sackville-West's love affair with Mary Campbell, infuriated Virginia, who felt 'dumped', whereas C. S. Lewis (1868-1963) is reputed to have said to Roy himself: "Fancy being cuckolded by a woman!" (*Apud* Simkin n.p.) Therefore, for those readers with an interest in Gender Studies and/or the morals and *mores* of the artistic upper-classes in the first decades of the twentieth century, particularly the period between both world wars (1918-39), there is ample scope for research into the context of Campbell's early married life and literary career.

Roy Campbell's first publication (*The Flaming Terrapin*, a poem published in Britain and the USA in 1924 and often compared with *The Waste Land*, 1922, by American-born T. S. Eliot, 1888-1965), was praised by Eliot himself; this and later poems would also be favourably reviewed by Edith Sitwell (1887-1964) and Dylan Thomas (1914-1953).⁵ Campbell's reputation, however, has never seemed to match the great expectations these responses would seem to warrant, for reasons which have been scrutinized by some of his most renowned commentators, critics

³ "Criador e amestrador de cavalos em Toledo, ... entrava com frequência na arena para tourear. Morreu com o título de 'picador honorário'." (Neto n.p.) In a sweet recollection, reminiscent of one's own childhood memories, Francesca Cavero tenderly evokes thus his maternal grandfather: "Lembro-me de que me desenhava a vida selvagem africana toda, para eu colorir." (*Ibidem*)

⁴ Vanessa (1879-1961) and Clive Bell (1881-1964), E. M. Forster (1879-1970), Lytton Strachey (1880-1932), John Maynard Keynes (1883-1946), Victoria (Vita) Sackville-West (1892-1962), Aldous Huxley (1894-1963), Laurens Van der Post (1906-1996), etc.

⁵ Campbell's friends also included Percy Wyndham Lewis (1884-1957), J. R. R. Tolkien (1892-1973), Laurie Lee (1914-1997), etc.

and biographers, notably Peter Alexander and Joseph Pearce.⁶ The explanations for this silence and/or '(con)damnation' surrounding Campbell's literary status usually dwell on his estrangement from the influential Bloomsbury circle,⁷ but also on his political and ideological views, stances and statements. Indeed, Campbell is still often remembered as nothing (or very little) more than a deeply conservative, right-wing individual, with strong beliefs and opinions on politics and religion and a forceful (and often provocative) way of conveying them.⁸ Among the labels and accusations recurrently held against him can be numbered those of being a violent man: and in fact, besides a few quarrels with fellow poets like Louis MacNeice (1907-1963) and Stephen Spender (1909-1995), Roy Campbell, in an episode narrated in his autobiography *Light on a Dark Horse* (1951), allegedly hung his wife out of a window one day, in order to teach her, as he put it, "wifely obedience" (but I wonder whether it did work, as she seems to have enjoyed the experience...).⁹ On top of that, Campbell is also often evoked as a heavy drinker, an intolerant man (towards Jews, communists and homosexuals, for instance)¹⁰ and, last but not least, a Fascist.¹¹

⁶ "Why ... is he not as well-known today as many lesser poets? The answer lies in his robust defense of unfashionable causes, both religious and political, but also ... in his unfortunate predilection for making powerful enemies. Seldom has a life been more fiery, more controversial, and more full of friendship and enmity than that of this most mercurial of men." (Pearce n.p.)

⁷ See *The Georgiad. A Satirical Fantasy in Verse* (1931), a poem whose title and tone recall Alexander Pope's (1688-1744), *The Dunciad* (1728-1743, 4 vols.).

⁸ "... o facto é que a sua propensão para a criação de inimigos o levou, em vida, a uma permanente deriva - e, após a morte, a uma memória no mínimo desprovida de consensos." (Neto n.p.)

⁹ "Though we were very happy, my wife and I had some quarrels since my ideas of marriage are old-fashioned about wifely obedience and ... she regarded me as a ... child because of being hardly out of my teens. But any marriage in which a woman wears the pants is an unseemly farce. To shake up her illusions I hung her out of the fourth-floor window of our room so that she could get some respect for me. This worked wonders for she gazed, head-downwards, up at the stars till the police from their HQ on the opposite side ... started yelling at me to pull her back. She had not uttered a single word and when I shouted out ... across the street: 'We are only practicing our act, aren't we, Kid?' she replied 'Yes', as calmly and happily as if we did every ten minutes. The police then left us alone, saying: 'Well, don't practise it so high over other people's heads, please.' My wife was very proud of me ... and boasted of it to her girl friends." (*Apud* Simkin n.p.)

¹⁰ "O problema foi sempre aquela sua ligação ao franquismo - e tudo o que essa inclinação conservadora implicava. Tradutor apaixonado de Frederico [sic] Garcia Lorca, homossexual e comunista, Roy Campbell foi no entanto um feroz opositor tanto da homossexualidade como do comunismo." (Neto n.p.)

¹¹ In a letter to his brother, dated Dec. 1938, Campbell wrote: "I believe in family life and religion and tolerance: and I find more tolerance to Britain in Italy than I find tolerance of Fascism in England." (*Apud* Simkin n.p.) To Francesca Cavero, "Roy Campbell

As we move out from the roaring 20s into the depressed, tense and bellicose 30s, two facts seem to stand out in Roy Campbell's life: firstly, the Spanish Civil War (1936-9), in which, although not engaged in actual fighting, he sided with Franco's Nationalists against the 'Reds', as he termed them. In spite (or because) of ideological differences, this, of course, might invite a comparison with Ernest Hemingway (1898-1961) and/or George Orwell (1903-1950), who was actually himself related to Roy Campbell. During his time in Spain (Barcelona, Valencia, Altea and Toledo), one should also stress the Campbells' conversion to Catholicism (1935), a religious allegiance strengthened by the murder of bishops, priests, monks and nuns by the Republicans;¹² the couple seem to have been particularly close to the Carmelites of Toledo and harboured several clerics in their own house. Campbell's mystical vein at the time can best be traced and illustrated through the sonnets included in *Mithraic Emblems* (1936), attesting to what I would call, borrowing a hint from William Wordsworth (1770-1850)'s *The Prelude* (1850), the birth and growth of a religious mind.

Like many foreign travellers coming from (or going to) Spain, Roy Campbell would occasionally visit Portugal. In one of those trips, he had an accident with an ox, like the ones that can still be found ambling our country roads. The narration of this episode deserves to be quoted here:

Once while driving a car in the Alentejo we experienced the most determined and vicious charge from a domesticated bell-ox, or *cabestro* [sic], of this breed. It was in 1937, at night, before the road to Lagos from Setúbal was metalled: and we were going along slowly in the thick dust which we raised, which a following wind carried before us, and which seemed a wall of fog, scarcely penetrable by the headlight. We heard cattle-bells, and Dr. Pinto, the Municipal Health Officer of Lagoa, ... stopped the car, since, from the sound, a big herd was crossing ahead of us Suddenly we heard the clanging of one of the bells quite near us, and out of

era um conservador, mas dava-se bem com toda a gente, ricos e pobres. A ... minha avó, Mary Margaret, fez em Espanha obras incríveis de beneficência. Em Portugal, angariava fundos para comprar medicamentos para pessoas carenciadas e recolhia das ruas mulheres vítimas de maus tratos. ... Naturalmente o facto de Roy Campbell ser de extrema-direita prejudica ainda hoje a sua memória. Mas ele nunca foi um fascista Apenas gostava de disciplina." (*Apud* Neto n.p.)

¹² According to Joseph Pearce, "By its end [The Civil War's], 12 bishops, 4,184 priests, 2,365 monks, and about 300 nuns had been murdered by the anti-Catholic Republican forces." (n.p.)

the fog broke a huge horned head followed by a great black body. There was a terrific crash and clang, as he hit the radiator. He withdrew a yard or two, paused, and charged again. This time he must have hurt himself, for he withdrew, shaking his head from side to side, as if stunned momentarily, but otherwise unhurt. He had turned one of the headlights completely upwards so that it shot a vertical beam to what seemed an extraordinary height, illuminating the clouds ... over the high plateau. With our combined strength the cowboy (who rode up on hearing the crash), the doctor, and myself ... could not bend the twisted iron one millimetre back towards its original position. This was during the Spanish War, when I was back with my family at Lagoa, on leave from the Madrid front; there had been unofficial air-raid alarms, because the Red Radios were threatening the Portuguese for aiding the Spaniards, as they did in the Peninsular War

When we drove through the gas-lit villages, with me in a Spanish uniform, and what seemed a searchlight pointing to the sky, we caused quite a lot of excitement, especially when we had to pass through Lagos ... on our way to Lagoa. The police kept stopping us to ask if an air-raid was expected. So that poor old bell-ox created a tremendous sensation (Campbell 106-107, *passim*)

After World War II (1939-45), in which Campbell took part as a volunteer against Nazi Germany, joining the King's African Rifles and working for the Home Guard in Nairobi, Kenya (1943-4), he returned to London. He found a job at the BBC as a literary journalist, becoming, as Joel Neto has put it, "... uma espécie de enclave militante do catolicismo num país sobretudo protestante." (n.p.)

In 1952, Roy, Mary and their two daughters (Teresa - or Tess -, b.1924, and Anna, b.1926) settled in Portugal, a country which Salazar (1889-1970), our Prime Minister for almost forty years (1932-68), had managed to keep outside the conflict and which may have appeared - if not appealed - to the Campbell clan as a "glorious Eden" of peace and tranquility. Appropriately enough, they chose the Sintra area (*Quinta dos Bochechos*, in Galamares), later moving to Linhó.

Finally, 1957, besides Queen Elizabeth II's state visit to Portugal, would witness both the publication of *Portugal* and Roy Campbell's untimely and tragic death, in a car accident near Setúbal, as he and his wife were returning from the Holy Week celebrations in Seville. By that time, Roy had already developed an evident empathy with our country and its people, customs and traditions, besides attaining a considerable grasp of Portuguese language and literature, which enabled him to

translate Camões (c.1524-1580), Bocage (1765-1805), Eça de Queirós (1845-1900) and fellow countryman Fernando Pessoa (1888-1935), as well as some French and Spanish-speaking poets.¹³ Roy Campbell's translations of Eça have been rightly criticized by Alison Aiken for their frequent editorial liberties and unfaithfulness, an accusation to which, true perhaps to his often trenchant temper and provocative manner, he is said to have answered: "Translations (like wives) are seldom faithful if they are in the least attractive." (*Apud* Dent n.p.) Anyway, this is something which should be further explored, considering Campbell's traditionally unfavourable, unfashionable and marginal(ized) image and reception, for reasons which, as I have tried to suggest, often seem to leave literature itself out of the literary equations and evaluations of his remarkable output.¹⁴

PART II (Maria do Rosário Lupi Bello)

It was Roy Campbell's vivid imagination, backed by the depth of his literary knowledge, which led to his profound feelings for Portuguese literature, history and culture. Although Portugal's "Estado Novo" was not Fascist, his coming to live here after the War added to Campbell's already bad reputation among the British *intelligentsia*, who saw him as a dangerous right-wing intellectual. But the regime of António de Oliveira Salazar was indeed far more to Campbell's tastes than was Franco's. The first pages of his 1957 book *Portugal* comprise open and enthusiastic praise of the country where he saw the survival of the "human element", a nation almost untouched by the stereotyped dehumanization he believed was growing in the rest of Europe (with the exception of Spain), induced either by radical North American capitalism or by Soviet state capitalism, "both of which subordinate the human soul and body to abstract, academic considerations of economics, technology, and science" (Campbell viii). Campbell's non-conformist and rebellious nature led him to express very politically incorrect ideas. In his

¹³ St. John of the Cross (1542-1591), Francisco de Quevedo (1580-1645), Baudelaire (1821-1867), Arthur Rimbaud (1854-1891), Ruben Dario (1867-1916), Manuel Bandeira (1886-1968), Federico Garcia Lorca (1898-1936), etc.

¹⁴ Joel Neto considers Roy Campbell "... talvez o maior poeta de língua inglesa do periodo Entre [sic] [as] Duas Guerras [sic] – e seguramente um dos mais importantes escritores e tradutores da Commonwealth no século XX." (n.p.)

opinion, Portugal survived bankruptcy and a serious socio-political crisis because of “the genius of a statesman of peasant stock” – Salazar – and because of Portuguese religious faith, particularly the devotion to Our Lady of Fátima. (Campbell viii).

It is of course true that some of his opinions might today be considered excessive or at least controversial, but it is also fair to point out that Roy Campbell displays an incredible amount of detailed information on a very wide range of subjects. These range from the early Roman, Celtic and Celtiberian origins of the Iberian Peninsula to the kind of agriculture in use there, with special emphasis on the “fresh super-orange of Vidigueira” (he actually says he “adheres to the ancient tradition that oranges are indigenous to this Peninsula” (Campbell 25), the importance and quality of the wine (particularly Port wine, of course), of cork and olive oil (“Portugal is the biggest producer of cork in the world, and the fifth largest producer of olive oil ... most of [it] used [in] the tinned fish industry” (Campbell 35), the submarine fishing practised in the Berlengas islands, Portuguese traditional bull fighting [*tourada*] and horsemanship, the melancholic beauty of the Portuguese national song Fado, together with other specific subjects of his own preference (as for instance his interest in natural medicine). All of these subjects are dealt with deep interest, accuracy, and minute intelligence. These qualities are not easy to find in the average traveller, who is usually more superficial, or, worse, more interested in confirming his already established prejudices and general ideas than in looking at what he sees with a fresh, sympathetic attitude – essential to a real, adequate knowledge of the “other”, of course.

Campbell got to know a large part of mainland Portuguese territory, and although based in Sintra, he comments on Lisbon’s architecture, on archaeology in Évora, Coimbra, Lagos and Tavira, on the beauty of a number of beaches (Estoril, Algarve), on the Ribatejo region (Vila Franca de Xira and Golegã) – the area inhabited by wild livestock – and, of course, on the Sintra landscape.

It is perhaps amusing to note that despite his wide knowledge he was struck by the height and beauty of the “bridge” at Alcântara, the Aqueduto das Águas Livres, which he thought was Roman (although it was in fact built much later, during the kingdom of D. João V, in the 18th century):

Some people consider the Alcântara bridge the finest Roman monument in the whole Peninsula, next to that half-mile or so of uncemented stone aqueduct at Segovia This Roman bridge of Alcântara is about ten yards wide, two hundred yards long, and

fifty high. It spans a low, rugged canyon with six beautiful arches. In the middle, surmounting the whole bridge, is a high lateral arch over the roadway, which may have served as a toll-gate. (Campbell 12-13)

Campbell's words on his beloved romantic Sintra (famous for Byron's and Beckford's remarks) are almost always connected with the beauty of the green and flowery landscape and with the specificities of its soil:

The whole of the rainy side of Sintra range is covered with masses of periwinkle, which flowers for most of the spring and summer and has a second flowering in the late autumn. It is a plant that loves water, and is very hard to find on the rainless side of the serra where I am building my house. But there happened to be a big clump of periwinkle (the only one for miles around), which saved me the expense of a water diviner. "Sink your well there", said Tio Domingos, a bewhiskered and gnarly neighbor of mine with a big black stocking cap sticking two feet upright on his brows. He pointed to the clump of periwinkles. I had not blasted three and a half metres deep when the water rushed in and flooded the whole – divined for me by a peasant and a periwinkle! (Campbell 32)

The above mentioned property he and his wife bought in Galamares, near Sintra, called the Quinta dos Bochechos, is still known today for its beauty and self-sustainability in water:

On my Quinta dos Bochechos, near Sintra, where we had an inexhaustible water-supply and could irrigate the whole farm in fifteen minutes, my wife and I had the delight of growing our own bread on ten acres of virgin soil which we cleared of scrub, so that the finest corn in the whole district, according to the Government threshers at Varzea, was grown by us. The name of our farm ... means "gurgle" or "gargle" farm; some say it is called that from the four gurgling naiads of silvery water that laughingly streak down to Beckford's beloved river, which runs through the farm, and is called the River of the Apples, because of all the fruit that is shed upon it by the overhanging fruit trees. (Campbell 39)

Campbell's remarks on each topic are often made with his proverbial irony and humour, sometimes accompanied by a pertinent cultural judgement. At one point he decides to discourse on the variety of fish and other sea animals existing in the coastal waters of the Berlengas Islands. This leads him to a

long historical comment on the symbolical meaning of morays, which during the Roman empire were considered an awesome trophy:

How much the Romans appreciated them not only as food, but as pets, can be seen by the frequency with which the human surname of Murena (always a rich man) crops up in Roman history and literature. ... A whole book could be written on the subject of the moray eel and its role in the decline of the Roman empire. ... Cassius the traitor had a huge one. (Campbell 60-61)

After narrating terrible stories about slaves who have been thrown into tanks with morays, he says: "Whenever an empire is on the wane, its decline is symptomized by an exaggerated love of animals", and concludes, with the uncontrolled and mixed feeling of the rebel son of the British empire he definitely was: "If a parachute army wanted to conquer modern Britain they would only have to land with poodles and pekes in their arms: and no one would fire a shot!" (Campbell 62).

Apart from fish and sailing, Roy Campbell was also a devoted admirer of everything related to horses, dedicating a whole chapter of *Portugal* (chapter V) to "Portuguese Horsemen and Horses", a subject on which his knowledge is really impressive. He explains how the technique of "Alta Escola" – "Haute École" was taken from Portugal to Spain and then to all Europe, as can be fully attested by the quantity of words of Portuguese and Spanish origin proving "the priority of Portugal and Spain in all things relating to equestrianism". As examples of this phenomenon he cites the Boer word "kraal" (meaning stable, corral) and coming from the Portuguese word "corral", adding other cases connected with the names of different instruments, types of music and other activities from Canada to Australia which have an Iberian etymological origin: "rodeo, lasso, buckaroo, stirrup, martingale, caracole, roan, bay, colorado, pinto, palomino, etc." (Campbell 76). His book displays a photo of the *campinos* leading the cows and bulls among the typical Portuguese cork trees of Alentejo.

But it is when speaking about the Portuguese Discoveries and about Portugal's Literature that the South African poet shows most enthusiasm and greater knowledge, sometimes with a capacity for judgement that goes beyond that of many reputed scholars and historians.

On the first subject, the Portuguese Discoveries, he underlines the ever unexplained disproportion between Portugal's meagre resources and its great accomplishments during the

XIVth, XVth and XVIth centuries: “As to Portuguese naval valour, the vast empire conquered by a country which numbered less than a million and a half inhabitants at the time, is a testimony in itself” (Monteiro 126). This he attributes to the fact that not only commercial and political reasons but also religious ones led the Portuguese to make such long and risky voyages, at the same time being able to maintain those territories for longer than other richer and more powerful nations: “The Portuguese empire has survived the British and the French empires because it was founded on a spiritual not a commercial basis” (Monteiro 124).

On the other hand, he was, as we have seen, a man with a deep sense of adventure, travel and taste for beauty, qualities he shared with the great Portuguese poet of *Quinhentos*, Luís Vaz de Camões, the author of the famous epic poem on the Portuguese discoveries, *Os Lusíadas* (*The Lusíads*). This natural identification of character and taste led to Campbell’s knowledge and admiration of Camões’s art, to such an extent that Jorge de Sena, one of Portugal’s writers of the XXth century, stated that [*“poucas vezes se terá sintetizado, com tamanho brilho e profundidade, a essência do espírito camoniano”* (Gomes 68)] – “very seldom has there been such a brilliant and profound synthesis of the essence of Camonian spirit”. In fact, Camões remained a central figure in Campbell’s personal canon throughout his lifetime, along with other poets such as Gil Vicente and Fernando Pessoa. Underlining the essentially lyrical quality of Portuguese literature – the only country in the world that chose a poet’s birthday for its national day – he argues:

Portugal differed from the other races of Europe in that the first poetry to appear in her own tongue was not a primitive epic like the *Poem of the Cid*, *Beowulf*, the *Chanson de Roland*, the *Nibelungenlied*, or the sagas with which the literatures of the Spaniards, the English, the Germans, and the Scandinavians began. Most of these literatures started with an epic river-spate of song: and many of them, to judge by much modern verse, are threatening to peter out in inert, stagnant puddles of obscurity and ambiguity. Portuguese poetry, on the contrary, began like the noble rivers on whose banks it was written, the Mondego, the Douro, the Tagus and the Minho, as a pure and crystalline source of refreshing, shining and musical lyricism – as unliterary and seemingly effortless as the song of birds or cicadas. Like the Tagus, it has continued to grow deeper and wider, and after forming one big lake in Camões and Gil Vicente, in the golden age, as the Tagus does at Vila Franca, continues to flow with strength and

abundance in the modern verse of Pessoa, Teixeira de Pascoaes, José Régio, and the rest of the modern pleiad. (Campbell 121)

And when concluding his book on Portugal he says:

I have not tried to write a travel-book, or a guide-book, or a text-book about Portugal. This is a personal book, about a country which I love and admire and about a people among whom I can number countless friends in all walks of life. ... It is an intensely poetic country, and it is the country of *saudade*, that mysterious melancholy which sighs at the back of every joy, delight, and pleasure like the wind in the pines. (Campbell ix-x)

Unfortunately, Roy Campbell suddenly died shortly after writing these lines, in a car crash in Setúbal, in 1957, in this country he considered his own. Apart from political considerations or aesthetic comments about his work as poet, translator and passionate lover of Lusitanian history and culture, he was undoubtedly a man of energy, creativity and taste for life, treasuring his own personal freedom above all and always eager to know and love everything and everyone he met. Of him we could say more or less the same as what he said to sum up his love for Portugal:

Portugal's [or Campbell's] great and special gift to the world is an intense, heroic and enduring humanity. It is this survival of the human element, quite as much as any attractions of climate, scenery, and architecture, that brings so many foreign residents and tourists to Portugal (Campbell ix).

We hope and believe these characteristics can still be found here, and that those visiting Portugal can meet them during their stay.

WORKS CITED

- Aiken, Alison. "Eça in English Translation: Some Treasures and Some Travesties". *Portuguese Studies*. London: King's College, 14, 1998: 92-103.
- Alarcão, Miguel. "Roy Campbell (1901-1957): o hispanista escocês da África Austral". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Dir. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisbon: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, 16, 2007: 135-157.

- Bello, Maria do Rosário Lupi. "O Portugal de Roy Campbell." Unpublished paper presented to the International Conference "Do Brasil a Macau: Narrativas de Viagens e Espaços de Diáspora" (10th-14th Sept. 2008), jointly organized by the *Centro de Estudos Anglisticos* of the University of Lisbon and the Nottingham Trent Centre for Travel Writing Studies, Nottingham Trent University.
- Bolton, Kerry. "Roy Campbell". <<http://www.counter-currents.com/2011/10/roy-campbell-2/>>. 2 Oct. 2011. Access 30.06.2012.
- Campbell, Roy. *Portugal*. London: Max Rheinhardt, 1957.
- Connolly, Cressida. *The Rare and the Beautiful: The Art, Loves, and Lives of the Garman Sisters*. New York: ECCO, 2004.
- Coullie, Judith Lütge. ed. *Remembering Roy Campbell: The Memories of His Daughters Anna and Tess*. N.p.: Winged Lion Press, 2011.
- Dent, R. J. "Violence and exquisite beauty – the aesthetics of Roy Campbell". <<http://www.rjdent.com/roycampbell.htm>>. 2006. Access 24.06.2012.
- Gomes, António Caldeira. "Roy Campbell: a demanda de um Highlander". *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* série 110.^a – N.ºs 1-12, Janeiro-Dezembro 1992: 83-91.
- Green, Kensall. "Ignatius Royston Dunnachie Campbell: A Commemoration". <<http://www.counter-currents.com/2011/10/ignatius-royston-dunnachie-campbell>>. N.d. Access 30.06.2012.
- Johnson, Greg. "Remembering Roy Campbell: October 2, 1901-April 22, 1957". <<http://www.counter-currents.com/2011/10/remembering-roy-campbell>>. N.d. Access 30.06.2012.
- . "Roy Campbell, born October 2, 1901". <<http://www.counter-currents.com/2010/10/roy-campbell-born-october-2-1901>>. N.d. Access 30.06.2012.
- Lisboa, Eugénio. "Roy Campbell, a Tartaruga Flamejante". *De Rerum Natura*. <<http://dererummundi.blogspot.pt/2012/03/roy-campbell-tartaruga-flamejante.html>>. 12 Mar. 2012. Access 24.06.2012.
- Masty, Stephen. "Roy Campbell: Knight-Errant of The Permanent Things". <<http://www.imaginativeconservative.org/2011/11/roy-campbell-knight-errant-of-permanent.html>>. 14.11.2011. Winston Elliott III and Bradley J. Birzer. Access 30.06.2012.
- Monteiro, George. "Old School Loyalties. Roy Campbell". *The Presence of Pessoa. English, American, and South African Literary Responses*. Lexington, Kentucky: The University Press of Kentucky, 1998. 19-27.
- Neto, Joel. "Sou neta de Roy Campbell". <<http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/nacional/actualidade/sou-neta-de-roy-campbell>>. 27 Ago. 2006. Access 24.06.2012.
- Pearce, Joseph. "Roy Campbell: Bombast and Fire". <http://www.catholicauthors.com/roy_campbell.html>. N.d. Catholic Authors Press, 2002-2005. Access 24.06.2012.

- . *Literary Giants, Literary Catholics*. San Francisco: Ignatius Press, 2005.
- . *Unafraid of Virginia Woolf. The Friends and Enemies of Roy Campbell*. Wilmington, Delaware: ISI Books, 2004 (*Bloomsbury and Beyond: The Friends and Enemies of Roy Campbell*. London and New York: Harper Collins Publishers, 2001).
- Simkin, John. “Roy Campbell”. <<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/SPcampbell.htm>>. N.d. Spartacus Educational Publishers Ltd. Site developed by Peter McMillan. Access 24.06.2012.
- Turner, Martin. “On Roy Campbell” <<http://mvlturner.wordpress.com/2009/12/19/on-roy-campbell/>>. 19 Dec. 2009. Access 30.06.2012.

This study was carried out in the framework of project PEst-OE/ELT/UI4097/2011, hosted by CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) and funded by FCT- Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Portugal.

OLHARES 'CINEMATOGRAFICOS' SOBRE NOVA IORQUE:
A 'BIG APPLE' DE RODRIGUES MIGUÉIS

Dora Nunes Gago
Universidade de Macau
CETAPS

Tendo partido de Lisboa em 1935, José Rodrigues Miguéis viveu a maior parte da sua vida nos Estados Unidos, sobretudo na cidade de Nova Iorque, onde faleceu em 27 de Outubro de 1980. Durante esse período, ausentou-se apenas algumas vezes, por exemplo, entre 1949-1950, viveu no Brasil, e regressou a Portugal em 1949-1950, 1963-1964, 1966 e 1967.

Embora nunca tenha deixado de sentir a nostalgia da pátria, procurou integrar-se na vida americana e Nova Iorque assumiu-se como o seu refúgio ideal. Tal como refere Mário Neves:

Desde cedo encontrou na metrópole nova-iorquina poiso seguro e acolhedor susceptível de o amparar na grande mudança que se lhe deparava, estranhando o dinamismo trepidante da cidade que contrastava singularmente com a pacatez provinciana daquela que lhe servira de berço. (153)

Nova Iorque é o cenário de diversos contos de Miguéis e também do romance autobiográfico *Um homem sorri à morte com meia cara*. De um modo geral, a zona privilegiada pelo autor é Manhattan, parte mais velha da cidade, datada de meados do séc. XIX, zona onde residiu muitos anos.

No presente trabalho, com o intuito de analisarmos a representação “cinematográfica” de Nova Iorque, filtrada e configurada pelo olhar miguesiano, centrar-nos-emos sobretudo nas descrições da cidade presentes em três contos, seguindo uma ordem cronológica: “Beleza Orgulhosa (1939)” que integra a colectânea

intitulada *Onde a noite se Acaba*, “Bowery 64” e “a história feliz de Natal que não escrevi” (1966), pertencentes a *Espelho Poliédrico*. Nesta sequência, para além da representação da cidade e seu significado na tessitura das narrativas, tentaremos igualmente compreender em que medida se poderá ou não verificar uma evolução dessa imagem, ao longo do tempo e da vivência nela.

A ‘câmara’ do narrador miguesiano sobre Nova Iorque

Atendendo à já referida ordem cronológica, principiaremos por abordar o conto “Beleza orgulhosa”, inspirado num acontecimento trágico: no meio de uma noite de temporal, em que se abate um tufão sobre Nova Iorque, a filha do porteiro ucraniano do prédio onde vive o narrador é assassinada pelo ex-marido. A rapariga de 22 anos era bela e com uma carreira promissora como bailarina nos cabarés. Os pais levaram uma vida miserável para lhe proporcionarem sempre o melhor.

Nesta sequência, a cidade de Nova Iorque transforma-se completamente sob a acção de um tufão (inspirado naquele que terá assolado Nova Iorque em 1938). Então, o texto inicia-se com uma descrição cinematográfica, evocando um cenário verdadeiramente apocalíptico:

Por essa costa acima vai um temporal desfeito. Lívido e furioso, o Atlântico varre as praias desertas, engole frotas inteiras de barcos pesqueiros, ergue navios desarvorados para os lançar terra adentro. O tornado arranca pela raiz árvores que viram desembarcar os Peregrinos, leva as casas e os bangalôs rolando na sua frente como caixinhas de papel, destrói vidas sem conto. As pontes de aço vibram, zunem, vergam, partem-se como brinquedos: os combóios descarrilam e os carris arrancados ficam retorcidos como cobras de aço tetanizadas. Os fios telegráficos vergastam o ar, assobiam, emaranhados como cabeleiras de cobre no vento... Erguidos sem peso das estradas, os automóveis jazem estranhamente como espantalhos entre as culturas devastadas, ou tombados, inânimes, nos fossos. Torvos e coléricos, os rios industriais galgam as margens, arrastam gado morto, casas, barcos sem governo, berços de meninos, gritos de aflição... (211)

Deste modo, a presença da violenta tempestade, cenário de morte e destruição, é transmitido filmicamente através dos denominados “efeitos especiais” que, neste caso são representados sobretudo pela adjectivação expressiva (“lívido, furioso”), pelo animismo (por exemplo, as árvores viram desembarcar os

Peregrinos, o que lhes acentua a ancestralidade e a força demoníaca do temporal); as metáforas e comparações (“os automóveis jazem como espantalhos entre culturas devastadas”) – como se a Natureza se tivesse querido apoderar, destruindo-o, daquilo que a Civilização e o ser humano conquistaram. A rápida e variada sequência de acções violentas evidencia-se na abundância de verbos (“varre, engole, destrói, arranca”), na sua maioria no presente do indicativo, que confere maior realismo e autenticidade às cenas representadas.

Nesta senda, não é só o visualismo que é convocado, mas também a audição (assobiar, vergastar, partir), o que confere maior verosimilhança e realismo ao retrato construído. A evocação destas sensações possibilita-nos uma relação mais próxima e intensa com o espaço exterior, visto que, como afirma Yi-Fu Tuan: “The sound of rain pelting against leaves, the roll of thunder, the whistling of wind in tall grass, and the anguished cry excite us to a degree that visual imagery can seldom match.” (8) Seguidamente, a “câmara” do narrador começa a focar-se em determinados aspectos da cidade abalada pelo temporal:

É a América, é o monstro dos contrastes, lutando. A rádio não se cala, ansiosa e fanhosa, multiplicando ao infinito a ansiedade da gente. Seis horas, noite fechada.

Os bares cheios, a luz velada, a música langue. Seis horas e um vendaval como não há memória. (211)

Notamos nesta passagem uma perspectiva omnisciente do narrador, enquadrada num plano geral que parece abarcar toda a realidade de Nova Iorque. Seguidamente, regista-se uma radical mudança de óptica, através de um mecanismo de aproximação, instaurado através do deíctico “aqui”:

Aqui mesmo, como suspensa do arranha-céus, puxada pelo vento, aos estalos e aos silvos, a imensa cortina da chuva cerrada dá volta à esquina do hospital e desfaz-se no pavimento, em baixo, com uma fumarada raivosa que o tufão leva e dissipa. O asfalto da rua parece um rio negro e oleoso. Nem viva alma. Temporal assim. Os arranha-céus zumbem no vento musical. E as janelas batem por aí como queixadas, de terror. (211)

Constatamos ao longo deste excerto a intersecção de diversos planos, partindo do geral, para se deter num ‘primeiro plano’ que revela o pormenor das janelas, que, personificadas, “batem como queixadas”. Neste caso, o grande plano das janelas representa o horror que invade a cidade alucinada.

Notamos que o narrador principia a narração numa perspectiva omnisciente que depois abandona para se assumir como homodiegético. Aliás, esta predileção do autor pela primeira pessoa narrativa foi sublinhada por Ronald W. Sousa:

Miguéis has a clear tendency to cultivate first person narrative mechanisms, and when what is technically third person is used, it is seldom the stock third-omniscient arrangement person in which the narrative voice relates a circumscribed fictional world. (67)

Neste caso, como veremos, o narrador assumirá a posição de testemunha, muito próxima da do realizador de cinema que observa e filma as diversas cenas, construindo, através das montagens o seu filme.

Seguidamente o narrador revela ouvir gritos de aflição e instaura na narrativa um *suspense* que só será atenuado progressivamente, à semelhança do que sucede frequentemente nos filmes policiais. Então, telefona ao porteiro para saber o que se passa e fica a saber que foi na casa do mesmo que aconteceu a desgraça. Posteriormente, as sirenes da polícia ecoam, da janela o narrador vê cinco detectives de pistola em punho, que saltam da limusina preta e correm para a porta. O narrador desce, modificando o plano, ainda sem saber o que se passa e no meio do magote de gente que espreita pela janela da cave, enquanto a ambulância espera, consegue vislumbrar “um corpo, um corpo de mulher estendido no tapete, as pernas a descoberto, brilhando na luz intensa”. (212)

A seguir é o corpo de um homem que surge e é levado para a ambulância ainda vivo: “Um tipo novo, pálido e magro, a cabeça toda em sangue.... Ficam voltados para fora os sapatos escangalhados.” Esta imagem é-nos fornecida através de um primeiro plano da personagem, seguido de um plano detalhado dos sapatos.

O narrador continua a querer saber o que se passou, mas sem êxito, pois ninguém lhe explica nada. Vai pois tentando interpretar as pistas, os indícios a partir do cenário presenciado, como se se tratasse de um detective de um filme policial. “Ninguém explica nada. A chuva desaba. Baixaram agora o estore, só se enxergam os pés da mulher.” (212)

A omnipresença da chuva é evidente, atravessando toda a narrativa. A chuva é universalmente considerada, segundo referem Chevalier e Gheerbrant no *Dicionário dos Símbolos*, como o símbolo das influências celestes recebidas pela terra. Além disso, como elemento fecundador pode ser considerada como esperma ou semente, mas também como sangue, daí a origem

dos sacrifícios humanos, ritos de fecundação peculiares das civilizações agrárias (193). Neste caso, ela contribui também para a atmosfera de angústia e drama que se vive na narrativa.

Seguidamente assistimos a uma mudança de 'voz'. Por outras palavras, após ouvirmos a primeira pessoa que reforça o carácter testemunhal do narrador ("Entro e vejo isto"), passamos para a polifonia, com a emergência de múltiplas vozes que vão assumindo uma função explicativa, à semelhança, por vezes, da 'voz off' dos filmes. Além disso, a irrealidade daquele cenário recorda ao narrador o ensaio de um filme num estúdio:

A casa invadida de gente. Cheia de luz. Parece um estúdio, parece irreal, um ensaio de cinema. E um silêncio! Este homem calvo e calado, em mangas de camisa, circulando devagar... Ah, é o pai? Sim, é o janitor do prédio, então não sabia? Mas como foi, o que se passou? E logo numa tarde assim. Um vendaval como não há memória.

A educação que eles deram àquela filha! (213)

Mais uma vez a descrição da personagem assassinada lembra uma cena filmica: "...Era bela e orgulhosa, e agora, ali estendida na tapete, tem uma moeda de sangue em plena testa. Belas, unidas, profissionais, as suas pernas têm um brilho estranho na luz crua dos projectores, como num show." (213)

A seguir, através do *flash back* e dos comentários, ficamos a conhecer o passado da rapariga e os diversos factores que desencadearam a tragédia, através das vozes polifónicas da gente que assiste à desgraça como se dum filme se tratasse e que são transpostas através do discurso indirecto livre, que dá maior vivacidade e autenticidade ao acontecimento:

...Ah ela estava então separada do marido? Há seis meses. Um pobre diabo. A família não fazia caso nenhum dele. Gente rica, sabe? O pai banqueiro. E ele tão pobre? Parecia um mendigo, os sapatos escangalhados...Não queria trabalhar, um doente. ... Queria que a mulher voltasse para o pé dele. Mas aqueles ciúmes?... Não a deixava trabalhar, e ela tinha que o sustentar! A paixão dela foi sempre a dança. Desde pequenina. Fizeram tudo para lhe dar uma educação. ... Então, ele vinha vê-la, suplicar. Não, eu preciso de governar a minha vida, tenho a minha carreira, o meu futuro... Coitada, vinte e dois anos. (214)

Resumidamente, ficamos a saber que ela tinha uma carreira muito promissora e que naquela mesma noite tinha recusado o convite para jantar, no Uptown, com um rico empresário judeu

(Mister Goldstein) e cujos pais são da Ucrânia. O marido foi visitá-la, tomaram uma última refeição juntos e após ela ter recusado voltar para ele, assassinou-a e suicidou-se em seguida.

Além disso, é revelada a informação de que o caso foi premeditado, pois o assassino deixara um bilhete para a irmã e outro para a polícia. E a “cena” termina com um *close up* focado na personagem assassinada: “Beleza orgulhosa, beleza loira, cem vestidos, o futuro, uma carreira. Estendida no tapete onde dançava silenciosamente, de sandálias doiradas. (216)

Note-se a insistência na cor amarela, a mais expansiva, quente e ardente das cores, presente no loiro e nas sandálias doiradas. Com efeito, esta é a cor mais próxima da luz, impregnada de pureza, alegria, serenidade, dotada de relevante importância na obra de múltiplos escritores e pintores, desde Gogol a Whitman, ou de Picasso a Van Gogh, entre muitos outros. Tal como refere Eisenstein:

In this state, applied to dress, hangings, carpeting, &Ca it is agreeable. Gold in its perfectly unmixed state, especially when the effect of polish in superadded, gives us a new and high idea of this colour; in like manner, a strong yellow, as it appears on satin has a magnificent and noble effect... (109)

Além disso, o amarelo doirado encontra-se conotado com o poder, sendo a cor da eternidade, tal como o ouro é o metal eterno (Chevalier/Gheerbrant, 59). Em contrapartida, o amarelo também está associado ao adultério e à traição. No fundo, podemos considerar que este doirado simboliza o esplendor dos sonhos e do futuro que poderia esperar esta “Beleza loira”: “A América, uma carreira, retratos nos jornais, as pernas incomparáveis, uma educação como eles lhe deram” (Miguéis, 1985: 216).

No fim, comenta-se que “A chuva cai como no cinema. Uma chuva mesmo americana” (Miguéis, 1985: 216). Finalmente, dá-se o aparente retorno à normalidade, semelhante ao despertar de um sonho, ou à saída do cinema, quando o filme acaba, visto que o porteiro vai ao seu serviço, trabalhar a recolher o lixo, e “a morta fica morta.”. No fundo, “a noite parece cansada do temporal. A chuva amainou. O ar está morno”. (216)

E terminado este alucinante filme da vida real, o narrador recebe um convite para ir ao cinema, que termina precisamente a narrativa: “Gee, a gente esta noite vai mas é ao cinema, distrair-se um migalho. A casa ficou cheia do crime!” (217)

Com efeito, este texto escrito em 1938 ou 39, assumiu-se, segundo o autor, como uma reportagem de um drama autêntico.

É que, tal como referiu Yuri Lotman: “O mundo do cinema está extremamente próximo da vida. A ilusão de realidade é, como vimos, uma sua propriedade inalienável”. (45)

Em suma, tal como referiu Vitorino Nemésio a propósito deste conto, que considerou como a obra-prima do livro *Onde a noite se Acaba*:

O processo narrativo rápido, sincopado, feito de pedaços de interlocução transiente e coral dos basbaques e mirones diante das pernas nuas da pobre bailarina morta, é um prodígio da técnica, verdadeiro estilo flagrante, visão cinematográfica de uma inumana e actualíssima brutalidade nova-yorquina. (5)

Assim, a cidade é representada como o espaço, o cenário, onde a tragédia acontece. No fundo, a tempestade extravasa do exterior para o interior da acção, sendo conotada com a violência do crime. A ‘câmara’, ou por outras palavras, o foco narrativo é centrado nas personagens e em toda a sua dinâmica actancial.

Por seu turno, “Bowery 64” foi publicado primeiramente na revista *Seara Nova* em 1966, integrando depois a obra *Espelho Polidrico*. Inicia-se com o ‘grande plano’ através do qual é apresentado um homem estendido no chão, ferido, enquanto aguarda que o socorram. A acção passa-se num sábado às 11 da manhã, e o narrador homodiegético assume o papel de testemunha dos acontecimentos que vai narrando:

Paro a olhar também. De vez em quando, o sinistrado soergue a cabeça, leva a mão ao cabelo louro e crespo, empapado de sangue, examina-a com atenção, talvez orgulho, e torna a pousá-la cautelosamente no peito. O sangue tingeu-lhe o rosto e a camisa e escorre na valeta. (Se indago do que foi, ninguém me responde). (207)

Deste modo, encontramos algumas ténues semelhanças entre esta cena e a descrita anteriormente em “Beleza orgulhosa”: a personagem, embora se trate de um homem, tem um comum o facto de sangrar e o cabelo loiro, embora a situação seja menos trágica. Por outro lado, o narrador tenta, tal como da outra vez saber o que se passa, mas em vão.

Seguidamente, retrata as duas mulheres que cantam um hino religioso – este também serve de objecto de reflexão ao narrador que vai descrevendo, as pessoas que vê, desde o polícia aos médicos da ambulância e a homem que jaz no chão. Nesta sequência, é resumida a opulência daquela rua num passado áureo que contrasta com a decadência do presente. São feitas

referências históricas e políticas, para além de se salientar a evolução da cidade, desde o momento em que o autor terá vindo habitá-la:

Tudo o que resta de outrora são as fachadas, que, contra o seu costume, o tempo tornou horripilantes de falsa pompa. Mas há nelas um carácter... Também já não é a Bowery que eu conheci, a de Roosevelt e do New Deal. Em 1937, com uns sete milhões de desempregados, eram ainda às centenas e aos milhares os párias que aqui vinham esconder o seu fracasso ... (208)

É evocado o “El” (Third Avenue Elevated Railway), linha de caminho de ferro elevatória, desmantelada em 1955, cuja sombra “era propícia aos deserdados da fortuna”. Novamente é notória a simpatia do narrador pelos mais desfavorecidos da sorte. Aliás, a crítica às condições exteriores que influenciam a vida humana encontra-se bem patente na sua obra, que funde numa forma original o neo-realismo com o presenciamento¹. Assim, embora se verifique uma notória preocupação com a questão social, sempre em defesa dos mais desfavorecidos, o indivíduo não deixa de ser responsabilizado, como parte do tecido social.

Então aquela rua mostrava o espírito dos mais pobres, espelhando no fundo a face negra da crise que assolava o país:

A Bowery oferecia a face impudica da Crise aos repórteres do mundo inteiro, ansiosos de ver o argueiro no olho do vizinho, e de ignorar a tranca no próprio.

O crime nunca vingou no bairro: os gangsters não querem nada com estes humilhados e impotentes, que escolheram a vida da renúncia, e a polícia está quase sempre ausente. ... Com a aproximação da Segunda Guerra Mundial, a crise aliviou, e a Bowery perdeu muitos hóspedes. A estrutura do “El” foi demolida – milhares de toneladas de aço que os japoneses compraram por tuta-e-meia, para construir a frota de guerra ... (209)

Após apresentar uma reflexão acerca da problemática social daqueles bairros e dos contrastes económicos e sociais, o narrador termina afirmando a sua ambição ‘cinematográfica’:

¹ No posfácio da segunda edição de *Páscoa Feliz*, Rodrigues Miguéis refere a sua ligação ao Neo-Realismo, definindo-se, contudo, como escritor “poliédrico”, aberto a várias tendências: “Se o meu neo-realismo, onde existe, não é dos que se metem pelos olhos dentro, dos que satisfazem à vista desarmada os catalogadores e agrimensores da literatura e da vida ... (177)

...Desço a rua devagar e, a ouvir as regras do Evangelho, julgo avistar querubins de pela escura voando sobre a geena.

Porque não trouxe eu comigo um cameraman que filmasse estes contrastes? (212)

Contudo, verificamos que a presença do “cameraman” é desnecessária, pois a narrador consegue transmitir fielmente, através das palavras, a sequência das cenas presenciadas.

Por seu turno, “O conto feliz de natal que não escrevi” integra a colectânea *Espelho Poliédrico* e foi publicado inicialmente no *Diário de Lisboa* a 24/12/1966 e posteriormente em *Comércio com o Inimigo* (1973).

Na quadra natalícia, o narrador viaja pela Sexta Avenida, esperando que a inspiração lhe “caia do céu ou das cornijas, ou suba do pavimento” (313) e lhe permita escrever um conto com final feliz. Revelando a sua preocupação com o detalhe com a produção do “efeito do real”, o narrador miguesiano indica o tempo e o local da narrativa, utilizando referências dos arredores, do vestuário e discursos das personagens, aludindo a nomes e a números de ruas, retratando-nos a Nova Iorque dos anos 60 do século XX, bem diferente da actual. Então, descreve pormenorizadamente, como se ‘filmasse’, o seu percurso pela Sexta Avenida. Retrata, num ‘grande plano’ a rapariga talvez inglesa que vê e o homem que a acompanha, lançando diversas hipóteses acerca do casal, até que ela se aproxima e lhe diz que ele é muito parecido com o Faulkner, o que deixa o narrador muito surpreendido.

Seguidamente, sai na rua quarenta e dois e principia a sua deambulação:

Vagueei algum tempo no Times Square e na Quarenta e Dois, toda pornografia e celulóide e dou comigo na Quinta Avenida. Não se pode romper. Esta multidão voraz dos dias de festa! Montras incandescentes, luminárias em cascata, plantas artificiais, fachadas engalanadas que despejam em cima de nós a música celestial dos seus órgãos eléctricos ou dos “tape-recorders”, e exibem pré-sépios glamorizados, de primeira classe ... (315)

A este ambiente festivo, contrapõe-se o estado de espírito de “humor azedo” do narrador, que tenta acalmar-se perante o pensamento de ter uma história para escrever. Retrata os efeitos visuais, mas também olfactivos e sonoras numa poética sinestesia, recurso anteriormente também utilizado na descrição da tempestade: “No Rockefeller Center, as torres banhadas pelos projectores parecem vitrificadas. O ar trepida e sufoca de luz, aromas e rumores mistos”. (315)

A seguir descreve um grupo de marinheiros franceses que se divertem a tirar fotos e a filmar. Todo este show, aliado a toda a outra 'espectacularidade' que envolve os festejos natalícios irritam e aborrecem o narrador, revoltado contra o materialismo oco da quadra.

Regressado à Quinta Avenida, descreve uma nova personagem: um homem parado, encostado a um prédio, com quem se identifica a ponto de o considerar como seu 'alter ego', visto que também ele parece reprovar o hipócrita show de comercialização do Natal:

O homem está parado, de costas contra o prédio, a ver escorrer os mirones. Meia idade, vestido com decência, moreno e grave, podia ser grego, siciliano ou português Sinto-me menos só, como se no seu ar de segregado em plena festa eu visse projectado o Outro-Eu, à procura do mundo perdido ou imaginário que deixou de existir no espaço-tempo. (316)

Perante o ambiente que o rodeia, o narrador revela sentir-se confuso, completamente desintegrado, indeciso, enfim "paralisado", o que o impossibilita de escrever o tão desejado conto de Natal, pois, como confessa, "O sentimento súbito e alarmante desta impotência paralisa-me até para o esforço de tentar. Tenho a noção, apenas, e essa mesmo vaga, de que sou e existo, isto é, permaneço e devenho, sou estabilidade e movimento, unidade e pluralidade." (317)

Seguidamente é evocado o passado, o Natal da infância, e todas as contradições que germinam no sujeito de enunciação ao pretender fundir, em vão, todos os tempos e lugares, os mortos e os vivos, os amigos e inimigos. Perante tal impossibilidade, a sensação de desintegração intensifica-se, definindo-se a si próprio como "exilado ou foragido perpétuo e em toda a parte, "vivo entre os vivos, mas invisível e só". Por fim depois de uma longa reflexão, pensa em convidar o outro homem para uma bebida, numa tentativa de mitigar a sua solidão. No entanto, constata que ele desapareceu, ou talvez tenha sido apenas mero fruto da sua imaginação, "ou o diabo, ou quem sabe se o Cristo disfarçado." (319-320)

Por fim, decide afastar-se, indiferente, pois como afirma: "O meu Natal é outro, é outra a minha Cruz. Vou sempre em sentido contrário, incoincidente." (320)

E no final, refere:

Desço a Quinta Avenida, a gente vai rareando, a luz e o rumor decrescem, como as decorações. Até que mergulho de novo nos

bairros obscuros, calados e desertos.

Afinal não me ocorreu a ideia! Paciência, talvez para o ano que vem.

Ainda não é hoje que escrevo Conto Alegre de Natal. (320)

Assim, este percurso deambulatório pelas ruas de Nova Iorque através do qual o narrador se busca na cidade, em demanda da tão almejada inspiração, assume-se como o elemento produtor do 'filme', cujo cerne é o materialismo e as atrações comerciais que sufocam qualquer espírito natalício.

Neste caso, Nova Iorque continua a ser o cenário, o palco da acção da teia social apreendida pelo narrador. Contudo, notamos um mais profundo conhecimento da sua dinâmica espacial e social. Assim, enquanto o primeiro narrador era um observador distante, que filtrava a realidade através do seu reduto microcosmos, tanto este como o de "Bowery 64" interagem com a cidade, que percorrem e apropriam-se do espaço circundante – embora mais uma vez a preocupação social seja dominante, neste caso adoptando uma atitude crítica face ao comercialismo e consumismo de uma época festiva, que deveria ser conotada com a espiritualidade.

Em suma, os narradores miguesianos, conotados com o autor empírico, assemelhando-se em muito aos realizadores de cinema, tecem uma representação 'mimética' da realidade presenciada, enraizada na cidade de Nova Iorque. Por conseguinte, produzem o 'efeito de real', através de unidades narrativas (localização, caracterização espacial e de personagens) que instauram a verosimilhança e ancoram a ficção no real, evocando o mundo empírico experienciado. Tal como refere Roland Barthes: "il se produit en effet de réel, fondement de ce vraisemblable inavoué qui forme l'esthétique de toutes les oeuvres courantes de la modernité" (89). Neste contexto, importa ainda referir que o autor tinha como público-alvo privilegiado os leitores portugueses, que poderiam, deste modo conhecer detalhadamente a realidade física e social nova-iorquina por ele sentida e vivida, já que como afirmou o autor no texto intitulado "Com escala na Bermuda", publicado no n.º 748 de 13/12/1941, da revista *Seara Nova*: "O livro só vale na medida em que é fruto, parte e súpula da experiência e da acção". (181)

Assim, constatamos que o visualismo patente na escrita de José Rodrigues Miguéis a irmana com o cinema. Esta comunhão interartes revela a sua preocupação social em revelar da realidade experienciada e, sobretudo, o seu profundo humanismo, veiculador também da construção da imagem do 'outro', através da instauração de um processo de alteridade. Nesta sequência,

delineada como ‘palco’ central do encontro com o ‘outro’, a ‘Big Apple’, cidade multicultural, cais de múltiplos encontros, surge essencialmente como um espaço habitado, visto que a dimensão humana é sempre enfatizada.

OBRAS CITADAS:

- Barthes, Roland. “L’effet de réel”. *Littérature et Réalité*. Paris: Ed. du Seuil, 1982, 81-90.
- Chevalier, Jean et A. Gheerbrant. *Dicionário dos Símbolos*. Trad. Cristina Rodrigues e Artur Guerra, Lisboa: Ed. Teorema, 1994.
- Eisenstein, Sergei. *The film sense*. Trans. Jay Leyda, London-Boston: Faber and Faber, 1986.
- Lotman, Yuri. *Estética e Semiótica do cinema*. Trad. Alberto Carneiro, Lisboa: Ed. Universitária, 1978.
- Miguéis, José Rodrigues. “Com escala na Bermuda. Um livro sobre o Assunto América”, *Seara Nova*, n.º 748, 13.12. 1941: 179-182.
- . “Beleza Orgulhosa”, *Onde a noite se acaba*, Lisboa: Editorial Estampa, 1985. 209-218.
- . “Bowery 64”. *O Espelho Poliédrico*, Lisboa: Editorial Estampa, 1989, 207-212.
- . “O Conto Feliz de Natal que não escrevi”. *O Espelho Poliédrico*, Lisboa: Editorial Estampa, 1989, 313-320.
- . *Páscoa Feliz*. Lisboa: Estúdios Cor, 1958.
- Neves, Mário. *José Rodrigues Miguéis, vida e obra*, Lisboa: Ed. Caminho, 1990.
- Sousa, Ronald W. “On an archangel’s wings: ideological implications of Miguéis’ narrative stance”, *José Rodrigues Miguéis: Lisbon in Manhattan*, Ed. Onésimo T. Almeida, Providence: Gávea-Brown 1984, 67-76.
- Tuan, Yi-Fu. *Topophilia, A Study of environmental Perception and values*. New York: Columbia University Press, 1990.

Este estudo foi realizado no quadro do Projecto Estratégico PESt-OE/ELT/UI4097/2011, domiciliado no CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) e financiado pela FCT- Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

PARA A IMAGEM DE LODGE EM PORTUGAL:
O CONTRIBUTO DAS TRADUÇÕES¹

Maria Manuela Rocher Vieira Dias
Escola EB 2/3 Marquesa de Alorna

1. Introdução: Da Imagologia aos Estudos de Tradução

Qualquer estudo de cariz comparativista que se pretenda efectuar sobre obras oriundas de dois (ou mais) sistemas culturais – quer sob a perspectiva da análise da imagem que um autor tenta projectar de uma cultura diferente da sua, quer da imagem transmitida ao leitor através de uma obra traduzida – terá necessariamente de reflectir sobre a influência que qualquer cultura “Outra” exerce sobre o público de chegada. Como Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux postulam, em *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, “a imagem é a representação de uma realidade cultural estrangeira através da qual o indivíduo ou grupo que a elaboram revelam e traduzem o espaço ideológico no qual se situam.” (2001:51).

Assim, a abordagem imagológica (ou a imagologia), mediante a investigação em torno das representações do estrangeiro num determinado texto ou cultura, pretende reflectir, entre outros aspectos, sobre o grau de aceitação de um determinado texto na cultura de chegada e, conseqüentemente, ponderar sobre a possível proximidade ou estranheza que aquele possa causar. Todavia, quando um “Eu” escreve sobre uma realidade diferente daquela em que se situa, pode cair na tentação de

¹ O presente artigo resulta, em parte, da nossa Dissertação de Mestrado em Tradução (Especialização em Inglês), realizada sob a orientação da Prof.^a Doutora Gabriela Gândara Terenas e defendida em provas públicas em 4 de Julho de 2012.

utilizar estereótipos, reflectindo, deste modo, um conhecimento parcial (embora partilhado) de uma cultura ou de um povo considerados “Outros”.

Segundo Stuart Hall, o conceito de representação (da imagem) do “Outro” constitui um importante factor quando se estuda uma determinada cultura, ligando-a a um significado e a uma linguagem. Com efeito, a representação torna-se parte essencial do processo através do qual o significado é produzido e partilhado pelos membros de uma cultura, pois aquela resulta da produção do significado de conceitos através da linguagem. Sem este sistema de representação não saberíamos interpretar a realidade em redor, ou seja, seríamos incapazes de associar um objecto a uma imagem mental ou de o distinguir de um outro. No entanto, também conseguimos formular conceitos, através de princípios de similaridade ou diferença, de forma a podermos estabelecer relações entre eles ou de os distinguir-mos de outros, ainda que nos sejam desconhecidos. Esta forma de relacionarmos os conceitos e as ideias permite-nos formular pensamentos e associá-los a palavras escritas, sons e imagens visuais: os signos, constituintes do mapa conceptual de uma determinada cultura. A capacidade de relacionamento de “coisas”, conceitos e signos reside no âmago da produção de significado numa língua. Ao processo de interligação entre esses elementos chamamos representação. (Hall:17-19)

Ao longo de séculos, os indivíduos oriundos de uma determinada nação e cultura desenvolveram um sentimento de pertença a um grupo cujos elementos partilham determinadas características sociais comuns, construindo, desta forma, um conjunto de correspondências entre o mapa conceptual e a sua linguagem. Segundo Stuart Hall, “the meaning is constructed by the system of representation. It is constructed and fixed by the code, which sets up the correlation between our conceptual system and our language system” (2010:21). Desta forma, a cultura de um povo poderá ser definida como a partilha do mesmo mapa conceptual, do mesmo sistema linguístico e dos códigos que os traduzem, por parte dos indivíduos, criando uma identidade própria.

Este conceito é igualmente partilhado por Joep Leerssen, quando defende que os diferentes padrões de comportamento em que as “nações” se articulam individualmente constituem a resposta às condições de vida de cada uma e às diferentes experiências colectivas, que, por seu turno, conduzem à definição da identidade individual de cada nação (Beller:18).

Deste modo, se considerarmos a evidência desta identidade cultural como reflexo de uma posição etnocêntrica, uma

determinada nação/cultura quando em contacto com outras culturas, tende a desenvolver um sentimento de estranheza face ao que lhe é diferente, ao “Outro”, e conseqüentemente à formulação de estereótipos, “national illusions, of fixed ideas which nations have of each other” (Zacharasiewicz:21). Segundo este autor, na sequência da formação das diferentes nações europeias que se concretizaram durante os séculos XVI e XVII, essa consciência da diferença cultural e de uma identidade nacional tem conduzido a uma tentativa de sistematização dos diversos heteroestereótipos nacionais existentes, nomeadamente através da formulação da *theory of climate*, ainda no século XVI, um modelo muito utilizado na Europa do início da centúria de setecentos, e do *Tableau of Nationalities* de Styrian Völkertafel. Enquanto de acordo com a “teoria das zonas climáticas” se qualificavam e opunham os povos das regiões setentrionais e meridionais europeias, no *Tableau*, Völkertafel exibia uma tabela mais extensiva das dez nações europeias mais importantes à época. Em ambos os documentos descreviam-se os modos, a personalidade, o intelecto, o temperamento e, posteriormente, a religião, as doenças e os vícios característicos dessas nações. Esses estereótipos foram sucessivamente actualizados numa tentativa de estabelecer um contraste exaustivo entre os povos mais proeminentes da Europa nas diferentes esferas (2010:67-68, 83). Como exemplos de autores que partilharam as ideias veiculadas em *Tableau* podemos salientar os nomes de Christoph Besold e de Richard Blackmore. O primeiro, professor de direito da Universidade de Tübingen, numa obra publicada em 1632, reitera a sua confiança na *theory of climate*, defendendo que o talento de cada nação depende do seu meio ambiente físico. O segundo, no poema *The Nature of Man* (1711), demonstra a relação directa existente entre o clima de uma região e o potencial intelectual (o génio poético) das nações. Blackmore defende ainda que os países de localização intermédia, como a França, usufruem de uma situação privilegiada, enquanto a Espanha (e poderíamos acrescentar Portugal), sofre os efeitos nefastos de um país mais exposto ao calor do Sul (2010:72-75).

Desta forma, tendo em conta que cada nação/cultura apresenta diferentes percepções fixadas pelo seu código cultural/nacional individual, quando se pretende transpor uma obra escrita para um código pertencente a um grupo conceptual diferente, existe uma necessidade premente de o adaptar ao código da língua/cultura de chegada, recorrendo a correspondências e adaptações, sejam elas de cariz linguístico ou de representação de signos. Assim, o acto tradutório envolve não só uma transposição linguística e cultural, mas também uma adaptação conceptual.

Se considerarmos a cultura como uma partilha de significados e/ou de mapas conceituais, e a linguagem um sistema de representação e construção de significados, então a tradução poderá ser vista como um processo linguístico de transposição e adaptação conceptual de palavras, sons ou imagens noutro código linguístico. Nesse sentido, o tradutor transforma-se num mediador intercultural, responsável quer pela transferência de um conhecimento cultural entre um primeiro e um segundo contexto quer pela diluição de conflitos interculturais que possam existir, ou ainda como um sujeito capaz de negociar e transformar espaços interculturais, através de um processo literário criativo que ultrapassa a mera comparação cultural (Beller:357).

Em períodos de tempo variáveis num determinado sistema cultural, editam-se livros em maior ou menor quantidade. Logo, será importante reflectir sobre as razões pelas quais se (re)editam alguns livros de determinados autores estrangeiros (porventura em detrimento de outros), sobre as relações entre os sistemas em causa e (particularmente no caso em apreço) sobre o papel desempenhado pela tradução nessas (re)edições. Recorde-se, a propósito, que, ao longo dos tempos, Portugal foi sempre permeável à influência linguística e cultural e de países europeus considerados mais centrais, como a França, a Alemanha e a Itália, até sensivelmente ao pós Segunda Guerra Mundial e, depois, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos da América. Neste contexto revela-se pertinente evocar a o problema colocado por Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux, ao tentarem encontrar uma resposta para uma questão que nos ocupará mais adiante: “Qual o papel desempenhado pelas traduções nas relações culturais entre dois ou mais países num período determinado?” (2001:21), reporta-se à influência que esses países exerceram, e eventualmente ainda exercem, na imagem que os leitores portugueses possam formar dessas culturas.

Machado e Pageaux concebem “a imagem literária ... como um conjunto de ideias sobre o estrangeiro incluídas num processo de literalização e também de socialização”, ou seja, “como elemento cultural que remete à sociedade”. (2001:50) Trata-se de uma perspectiva que engloba não só a obra em si, mas também as condições de produção da mesma, bem como a sua difusão. Deste modo, a imagem do estrangeiro faz parte de um vasto e complexo conjunto designado por “imaginário social”, sobretudo no respeitante à representação do “Outro”. Neste contexto, o leitor, ao confrontar-se com uma “outra” realidade, toma consciência de uma determinada imagem do “estrangeiro” através da forma como o autor da obra de partida apresenta

os elementos da sua cultura. Uma imagem é, assim, uma “representação de uma realidade cultural estrangeira” (2001: 51), através da qual o autor transmite o espaço ideológico em que se insere.

Recordando as teorias dos Estudos de Tradução, em particular a de Itamar Even-Zohar (193), a literatura traduzida constitui um sistema que interage, de algum modo, com o polissistema onde é produzida, independentemente do facto de o texto de partida ser oriundo de um polissistema central ou periférico. A tradução deverá ser, assim, entendida como uma forma de leitura, ou seja, como “um processo de interpretação duma realidade estrangeira” (Machado/Pageaux:24). Graças à tradução de uma obra, o elemento estrangeiro pode ser ou facilmente compreendido, aceite e difundido no seio da cultura receptora ou, pelo contrário, rejeitado ou criticado.

Segundo André Lefevere (75-77), na senda de Even-Zohar, o tradutor, ao transpor um texto proveniente de um polissistema central, como o britânico, para a língua de um polissistema periférico, como o português, por exemplo, deve ter em conta a articulação das grelhas conceptual e textual, entendida como o resultado de um processo de socialização em que os “marcadores”, que têm como principal objectivo estabelecer a ligação entre as culturas de partida e de chegada, induzem o leitor a determinadas reacções face ao texto e asseguram uma (re)interpretação das imagens presentes no sistema de partida. O tradutor, ao lidar necessariamente com estas duas grelhas, deve encontrar uma solução de compromisso que assegure uma eficaz transposição e adaptação da mensagem inicial.

Se recordarmos, ainda, as estratégias e os procedimentos enunciados por Vladimir Ivir (36-38), nomeadamente no respeitante ao facto de a tarefa de um tradutor não se circunscrever a uma mera transferência linguística, mas incluir também a tradução das culturas envolvidas no processo, então poderemos afirmar que a tradução constitui uma actividade intercultural por excelência. O tradutor terá, assim, de assumir o seu estatuto de mediador, reescrevendo o texto de chegada de forma a reproduzir a mensagem do texto de partida, tentando manter um certo “grau de ‘fidelidade’” (Machado/Pageaux, 2001:52) face à imagem da realidade cultural estrangeira vigente no sistema de chegada. Mediante a utilização de uma série de recursos ao seu alcance (o empréstimo, a substituição, a criação lexical, a explicitação ou a omissão), o tradutor deverá, segundo Ivir (1998, 36:48), tentar colmatar qualquer lacuna cultural (*gap*), que possa comprometer o processo de transmissão textual e cultural.

Tendo igualmente em consideração o conceito de “equivalência dinâmica” introduzido por Eugene Nida, o tradutor deverá ser responsável pela mediação intercultural, ainda que, para tal, seja necessário o recurso à inserção de notas de rodapé, em particular quando estão envolvidas culturas conceptualmente mais distantes (Kenny:77-80). Deste modo, assumindo o seu estatuto de mediador, o tradutor deverá interpretar e reconstruir o texto de partida de forma a proporcionar ao público uma leitura fluente (e culturalmente adaptada) do texto de chegada.

Neste encontro entre a Imagologia e os Estudos de Tradução pretendemos, contudo, sublinhar, acima de tudo, as complexas formas de relacionamento entre um sistema periférico (como Portugal) e um sistema central (como a Grã-Bretanha) via tradução, com vista à análise da recepção da obra de David Lodge em Portugal.

2. O Caso da Recepção de Lodge em Portugal

Para além da sua carreira académica na Universidade de Birmingham, David Lodge é autor de uma vastíssima obra composta de vários romances, ensaios críticos (estes últimos essencialmente sobre romance inglês e norte-americano), crítica literária e, ainda, de uma peça de teatro. Lodge reavivou a tradição do romance académico, um subgénero literário denominado, em inglês, *campus novel*, *university novel* ou *academic novel*. Da perspectiva do autor, *campus novel* é, contudo, o termo mais indicativo da unidade de lugar que caracteriza o subgénero em causa (Lodge, *Cycnos* [s.p]), uma vez que a acção se desenrola na universidade e no *campus*. Lodge publicou uma trilogia constituída pelos seguintes romances académicos, todos traduzidos para português: *Changing Places*, em 1975 (*A Troca*, 1995), *Small World*, em 1984 (*O Mundo é Pequeno*, 1993) e *Nice Work*, em 1988 (*Um Almoço nunca é de Graça*, 1990). Recentemente, em 2008, publicou ainda *Deaf Sentence* (*A Vida em Surdina*, 2009), que pode ser considerado um romance académico de um professor universitário na reforma, visto conter algumas características autobiográficas, que, aliás, David Lodge assume nas entrevistas: “*Deaf Sentence* could be called a retirement campus novel, since the main character is retired, but misses the academic environment and the status he enjoyed in it, still hangs around his old university campus...” (Thwaite 2009: [s.p.]).

Antes de nos debruçarmos especificamente sobre a recepção da obra de David Lodge em Portugal, parece-nos oportuno tecer algumas considerações, embora breves, acerca do

romance acadêmico no contexto da produção literária portuguesa. Podemos, assim, verificar que existem alguns casos, embora dispersos, de publicações deste teor, desde logo no meio universitário do início do século XX. Em 1902, José Francisco Trindade Coelho (1861-1908), por exemplo, publicou *In Illo Tempore*, uma obra que reúne as memórias do seu tempo de estudante de Direito em Coimbra, cujo “tom é de inteira consonância com o estilo de livro de memórias que também permeou as narrativas sobre a vida universitária em Oxford, Cambridge ou Harvard” (Reis, [s.d.] [s.p.]) Todavia, exceptuando alguns escritores, de que são exemplo José Régio com *Jogo da Cabra Cega* (1934), em que a “relação com o meio universitário não é explícita” (Reis, [s.d.] [s.p.]), mas onde o autor apresenta uma reflexão em torno de preocupações de cariz académico da sua época, e Fernando Namora com *Fogo na Noite Escura* (1943), cuja acção decorre no ambiente universitário de Coimbra em plena Segunda Guerra Mundial, tendo como personagens estudantes de Medicina, não existe grande tradição deste subgénero literário em Portugal.

Nos Estados Unidos da América e na Grã-Bretanha, este tipo de narrativa começa por ter como narrador um professor universitário (*scholar*), definindo, assim, as características necessárias à sua fixação enquanto subgénero literário. Em Portugal, Luís S. Campos, Professor de Agronomia, representa, com *O Jardim das Plantas* (1994), o único exemplo de romance académico do século XX existente entre nós.

Se nos inquirirmos sobre a razão do não acompanhamento das orientações anglo-americanas deste subgénero em ascensão, podemos considerar que essa tradição não se terá desenvolvido no nosso país devido não só à inexistência de *campus* universitários, mas também à conjectura política vivida em Portugal, até à revolução de Abril de 1974, marcada pela atitude política do regime autoritário vigente, com uma forte influência da censura institucionalizada, que impedia a penetração de uma tendência crítica face à instituição académica.

Já no início do século XXI, Frederico Lourenço publica *Pode um Desejo Imenso* (2002), título de uma trilogia em que se inclui *O Curso das Estrelas*, onde se relata a vida de uma personagem do meio académico, primeiro como estudante de doutoramento e, posteriormente, como Professor universitário. Em 2004, Carlos Ceia, Professor universitário, publica *O Professor Sentado, um Romance Académico*. A acção desenrola-se no meio universitário português de hoje, na Faculdade de Artes e Letras da Universidade Imperial de Lisboa, local fictício, mas onde já se pode verificar “uma paródia ao mundo académico português,

à crítica literária e a todo o universo cultural ligado à literatura” (Bettencourt 2005: [s.p.]).

Desta forma, dados os esparsos contributos de autores portugueses face à produção de obras identificáveis, de algum modo, com o romance académico (de tradição anglo-americana) no universo da produção literária em Portugal, poderemos concluir que, à excepção dos dois últimos exemplos, aquele subgénero não se encontra enraizado na cultura portuguesa. Não deixa, portanto, de ser curioso constatar que, apesar da fraca tradição do romance académico em Portugal, este subgénero literário obteve forte aceitação por parte do público português, factor que poderá dever-se, por um lado, à comparação susceptível de ser estabelecida entre a imagem algo modelar dos sistemas académicos anglófonos, enquanto manifestação do “Outro”, e a auto-imagem de uma certa inferioridade do sistema académico português. Por outro lado, o factor cómico transmitido através da subtilidade desconcertante do humor britânico, bem conhecido em Portugal, nomeadamente através dos *media*, também poderá ter contribuído para a boa aceitação da obra de Lodge.

Curiosamente, o próprio David Lodge tenta encontrar uma explicação para o facto de o romance académico ser quase exclusivamente um subgénero anglo-americano, considerando que se trata de uma questão “territorial” (*Cygnos* [s.p.]). Com efeito, as universidades europeias eram concebidas, de um modo geral e até muito recentemente, com base em diversas Faculdades, distribuídas em vários locais das cidades a que pertenciam, não constituindo, portanto, uma estrutura única. Os professores que aí trabalhavam e os estudantes que nelas estudavam residiam um pouco por toda a cidade e muitos deles viviam mesmo em zonas limítrofes, deslocando-se diariamente. As suas vidas não se encontravam, assim, confinadas ao espaço universitário. Todavia, as universidades inglesas e norte-americanas foram, desde cedo, definidas territorialmente, pelo que o modelo residencial anglo-americano se tornou mais fechado e, por vezes, até isolado, dando origem à formação de ambientes muito diferenciados. Deste modo, o factor espacial e organizacional definidor das instituições universitárias britânicas e americanas (vistas como modelares) pode constituir não só um motivo de curiosidade e interesse, por parte dos leitores, face a uma realidade tão dispar, mas também uma das causas fundamentais da aceitação do romance académico em países com sistemas universitários diferentes.

Tal como pode ser observado no Anexo I (Mapa de Publicações), que incide fundamentalmente no calendário das publicações das obras de Lodge, via tradução, em Portugal,

o primeiro romance a ser traduzido para português foi *Nice Work/Um Almoço Nunca é de Graça*, em 1990, seguido de *Paradise News/Notícias do Paraíso*, em 1992, ambos pela editora Gradiva. Seguiu-se *Small World /O Mundo é Pequeno*, em 1992, pelo Círculo de Leitores e, em 1993, pela ASA.² Verifica-se, assim, que a indústria livreira se interessou inicialmente pela tradução e comercialização das obras que constituem a trilogia do *campus* e só bastante mais tarde editou os primeiros romances de Lodge, como por exemplo *Ginger you're Barmy*, de 1962, publicado pela primeira vez em Portugal, sob o título *Soldados à Força*, apenas em 2001. Deve ainda notar-se que após a publicação da tradução de *Nice Work*, em 1990, todas as obras posteriores do autor passaram a ser traduzidas e editadas no ano subsequente ao da publicação do texto original. *A Troca (Changing Places)* teve cinco edições entre 1995 e 2001, e no caso de *Terapia (Therapy)* as cinco traduções foram editadas entre 1995 e 2006, sendo a segunda edição reimpressa em 1997, seguida de terceira e quarta edições, em 1998 e 1999 respectivamente, o que sugere uma grande procura por parte do público. Assim, podemos talvez concluir que *Nice Work* e *Small World*, respectivamente a segunda e a terceira obras da trilogia iniciada com o romance académico *Changing Places*, de 1975, poderão estar na origem da boa aceitação, por parte do público português, de David Lodge, tendo porventura levado a uma maior procura de romances anteriores, a que as editoras começaram a dar resposta, não só publicando traduções, mas também recorrendo a outro tipo de suportes, de forma a suprir as exigências de um público mais alargado.³

As obras de Lodge que constituem a trilogia do *campus novel*, à qual adicionamos *Deaf Sentence (A Vida em Surdina)*, traduzida por Tânia Ganho, apesar de terem sido escritas com intervalos de vários anos, devido ao carácter mais ou menos autobiográfico de cada romance, acabam por reflectir as várias

² Através de uma entrevista realizada a uma representante da ASA, conseguimos apurar que esta editora só começou a dedicar-se a publicações de cariz literário a partir de 1990, pois, até essa data, privilegiava as de carácter escolar. Não deixa, no entanto, de ser peculiar o facto de a ASA iniciar a publicação das obras traduzidas deste autor precisamente com o primeiro volume da trilogia (*A Troca*, em 1995), quando as outras duas obras (*O Mundo é Pequeno* e *Um Almoço Nunca é de Graça*) já tinham sido anteriormente editadas pelo Círculo de Leitores e pela editora Gradiva, o que aparentemente se deveu a opções do autor e/ou do agente literário.

³ É curioso salientar que algumas das obras foram editadas em registo sonoro, com suporte em cassetes áudio: *A Troca* (segunda edição, 1997), *Notícias do Paraíso* (segunda edição, 1998), *Histórias de Verão, Contos de Inverno* (segunda edição, 1998) e *Um Almoço Nunca é de Graça* (segunda edição, 1996), que também foi editada em Braille.

alterações que o ensino universitário britânico sofreu ao longo do tempo, levando os elementos do corpo docente a adaptarem-se a uma realidade cada vez mais global. Os romances de Lodge incidem sobre a alteração da situação económica do Professor ou *Scholar*, tecem várias críticas ao sistema educativo das Universidades e à imoralidade crescente que se instalou no seio da profissão docente.

Enquanto reflexo tanto da democratização do ensino universitário como das profundas alterações de comportamentos verificadas nos Estados Unidos a partir de 1969, como o movimento *flower power*, temáticas como a liberdade sexual e a luta pela emancipação da mulher encontram-se presentes em todos os *campus novels* de Lodge, onde “as vidas sexuais e académicas dos seus personagens são caricaturas bem conseguidas” (Murcho [s.d.] [s.p]). Tal se verifica em *Deaf Sentence*, quer através da estranha relação estabelecida entre a personagem principal, Desmond Bates, e a aluna universitária americana, Alex Loom, quer do próprio relacionamento sexual de Bates com a sua segunda mulher, Fred (diminutivo de Winfred), quer ainda mediante as experiências sexuais temáticas da sócia de Fred, Jackki, com o marido. Elementos e situações similares podem ser de igual modo verificáveis nos outros romances que compõem a trilogia.

Em *Changing Places* (1975), podemos nos aperceber do confronto de atitudes e da nova imagem das universidades democratizadas, tendo em conta que estas alterações vieram a ter uma repercussão inevitável no *modus vivendi* dos elementos que nelas se movem como, por exemplo, a itinerância dos docentes, uma vez que a personagem Philip Swallow, Professor na Universidade de Rummidge (Birmingham) entra num programa de intercâmbio universitário de professores com Morris Zapp, Professor do Departamento de Inglês da Universidade de Euphoria (Berkeley). Esta narrativa sugere uma ligação ao problema da comunicação intercultural, a um conjunto de estereótipos ligados aos elementos estrangeiros, onde se reflecte a auto-imagem do elemento britânico face à imagem que Lodge tem dos seus pares do outro lado do Atlântico. Com efeito, enquanto Swallow, de apenas quarenta anos, é uma personagem de fraca auto-estima e grande insegurança, quer no plano profissional, quer a nível pessoal e se encontra ligado a um casamento que se tornou entediante, Zapp, da mesma idade, revela-se possuidor de grande autoconfiança e ambição profissional, muito embora a sua segunda relação matrimonial se encontre ameaçada.

Existem ainda outros contrastes evidentes neste romance que confirmam uma imagem estereotipada da cultura

britânica por parte dos americanos e vice-versa, verificável, por exemplo, através da percepção que Swallow tem da cuidadosa organização do Departamento de Língua Inglesa de Euphoria (Berkeley) e da jovialidade da sua equipa de acolhimento nos Estados Unidos. Zapp, por seu turno, surpreende-se com a manifesta falta de organização do Departamento de Inglês em que foi integrado na Universidade de Rummidge (Birmingham) e a abordagem negligente dos seus colaboradores no Reino Unido.

Em *Small World*, (1984), à excepção da personagem principal, um poeta romântico, os restantes e frívolos académicos “dedicam-se, basicamente, a ir para a cama uns com os outros e a lutar desalmadamente por distinções” (Murcho [s.d],[s.p.]) Neste romance, para além dos protagonistas já conhecidos no primeiro volume da trilogia do *campus novel* (Swallow e Zapp), surgem novas personagens que se movem pelo Mundo, de conferência em conferência, num circuito internacional, como se da busca do Santo Graal se tratasse, remetendo o leitor para o imaginário arturiano.⁴

Em *Nice Work* (1988), assiste-se a um relacionamento entre as personagens contrastantes de Vic Willcox, o abastado Director Geral de Recrutamento e Engenharia Geral da Companhia Pringle & Sons, que tenta controlar a vida de toda a gente em seu redor, e a Dr.^a Robyn Penrose, uma assistente temporária de disciplina de Literatura, especialista em Romance Industrial Vitoriano, e de fortes convicções esquerdistas e feministas, que se vêem envolvidos numa medida do Governo de Margaret Thatcher que visa promover ligações entre as universidades e a indústria. Este romance incide nas profundas alterações sofridas pelas universidades, na progressiva necessidade de adaptação da academia ao mercado de trabalho e no problema da integração profissional dos alunos, reflectindo, assim, a interacção entre as comunidades universitária e industrial de Rummidge. As visões do mundo e as esferas sociais em que ambas as personagens se inserem são tão díspares que entram inevitavelmente em conflito numa narrativa repleta de ritmo, de humor e de sátira social.

⁴ Com efeito, os nomes de algumas personagens reflectem essa analogia sugerindo as da lenda arturiana: Persse (*Sir Percival*, o Cavaleiro em busca do Santo Graal), percorre o mundo, de conferência em conferência, em busca do alvo da sua paixão; Angélica Pabst; a atitude da italiana Fulvia Morgana, recorda-nos a da Fada Morgana; Arthur Kingfisher, um importante teórico literário lembra-nos o Rei Artur; e até Sybil Maiden, uma Professora de Cambridge na reforma, comporta-se pontualmente como uma Sibila.

A estrutura narrativa de *Deaf Sentence/A Vida em Surdina* é construída por camadas (*layers*), onde várias histórias, episódios e considerações se vão sobrepondo, conduzindo o leitor através de uma série de situações que permitem enquadrar o carácter da personagem principal num contexto de vida que ultrapassa o enredo central. Através delas, quer na primeira, quer na terceira pessoa, Lodge descreve com mestria acontecimentos relevantes na sua vida: a situação fatídica da doença e morte da sua primeira mulher (Maisie), vítima de cancro, e o modo como lhe sobreviveu juntamente com os filhos, Anne e Richard; a forma como conheceu uma aluna, adulta e divorciada (Winfred Holt) com quem se casou de novo, e as cirurgias plásticas a que esta se submeteu; o seu relacionamento com o pai, viúvo e igualmente padecente de surdez, por cujo bem-estar se sente responsável visto ser filho único, e com quem se encontra em Brickley, nos arredores de Londres, de quatro em quatro semanas; a sua deslocação à Polónia para apresentar várias palestras sobre “Análise do Discurso”, em Cracóvia, e o desvio para visitar Auschwitz; e, ainda, o seu relacionamento com Colin Butterworth, colega do Departamento de Inglês e orientador da aluna de Doutoramento Alex Loom cujo tema de tese é “Uma análise estilística de bilhetes de suicídio” (Ganho:103).

Para além de Lodge se referir à vida académica, com a qual, apesar de reformado, continua a ter relações e afinidades, existem outras ocasiões na obra em que se reconhece a presença, a voz do autor. Este envolvimento é igualmente referido nas entrevistas, onde Lodge admite o seguinte: “the portrayal of the central character’s deafness is closely based on my own experience, and it is exceedingly unlike that I would have thought of writing a novel on this condition if it I hadn’t suffered from it myself” (Thwaite: [s.p]). Através do protagonista, Desmond Bates, Lodge descreve ainda situações de inteira dependência da *hearing aid* e o seu malfadado relacionamento com as pilhas, que ficam descarregadas nas ocasiões mais inconvenientes, mas também deixa adivinhar que se pode dar ao luxo de pura e simplesmente desligar o aparelho quando a situação não lhe é favorável, e fá-lo com tanta ironia e humor (e uma certa amargura, também), que não podemos deixar de rir da sua desgraça. Ele próprio se expõe e caricatura a sua condição: “embarrassment, anxiety and frustration – these are the dominant psychological effects of deafness. Our non-comprehension makes us feel insecure. Our mistakes make us feel foolish” (Lodge, *The Sunday Times* [s.p.]).

Concretamente neste romance, o humor transmite-se não só através de palavras e signos, mas também (e sobretudo) por sons. Dada a especificidade da obra, em que o protagonista é

“hard of hearing”, grande parte do humor veiculado no texto baseia-se na incompreensão dos sons e no efeito que a sua deturpação causa, quer na personagem principal, quer no seu relacionamento com os outros elementos do enredo. Com efeito, o humor desta obra resulta essencialmente da incompreensão do que é dito, ou seja, aquilo que é percebido pelo protagonista encontra-se completamente fora do contexto social e linguístico em que foi emitido. A frase proferida pelo interlocutor não faz qualquer sentido para o portador da deficiência auditiva, conduzindo a diálogos que se baseiam no *nonsense*. De forma a colmatar a dificuldade de comunicação, o protagonista pede, estrategicamente, ao/à seu/sua interlocutor/a que repita a frase, através de um mecanismo aceite pelo próprio autor empírico, o qual passa, depois, a prestar mais atenção ao que é efectivamente dito.

Deste modo, em tradução alguma a equivalência gráfica dos vocábulos faria qualquer sentido, pois o texto de chegada requer uma equivalência sonora. Em muitos passos deste romance, o significado das palavras não interessa, pois o que é verdadeiramente importante é a sua sonoridade quando pronunciadas e o efeito que esta produz. De notar que em inglês certas palavras, embora não tenham uma grafia semelhante, podem compor um par de trocadilhos, através da sonoridade e da expressão oral das mesmas. Desta forma, em várias ocasiões, ao longo do processo de tradução da obra, a tradutora, Tânia Ganho, teve de, em primeiro lugar, transferir o efeito sonoro do passo corrigido para a língua de chegada, procurando encontrar “equivalentes dinâmicos” para o discurso e, ao mesmo tempo, manter o tom e a intencionalidade do diálogo. Só depois dessa tarefa pôde “distorcer” o excerto traduzido de forma a produzir o efeito humorístico desejado.

Atente-se num exemplo paradigmático, extraído das obras *Deaf Sentence* (Lodge: 2009) e *A Vida em Surdina* (Ganho: 2009). O passo em apreço⁵ reporta-se a um diálogo ocorrido entre o protagonista, Desmond Bates e Sylvia Cooper, convidada do beberete que tem lugar na sala dos Professores de Rummidge. No quadro abaixo, sistematizámos as etapas realizadas pela tradutora durante o processo de mediação interlinguística e intercultural:

⁵ Ambas as versões foram incluídas no Anexo II.

Texto de Partida		Texto de Chegada	
Texto corrigido	Texto “distorcido”	Texto corrigido	Texto “distorcido”
<u>went to France</u>	<i>of the dance</i>	<u>fui a França</u>	fodi a franga
<u>were near Carcassonne</u>	<i>seared our arses on</i>	<u>Carcassonne</u>	Cacafone
<u>pretty place</u>	<i>Bits of plate</i>	<u>terra bonita</u>	hermafrodita
<u>spoiled by tourism</u>	<i>soiled my cubism</i>	<u>Turismo deu cabo dela</u>	Purismo eu cabidela
<u>Braque e Picasso</u>	<i>Crap and Sargaso</i>	<u>Braque e Picasso</u>	Traque e ricaço
	<i>little mum of modern tart</i>		O mas eu de tarte moderna

Com estas estratégias e procedimentos, a tradutora conseguiu assegurar o carácter humorístico dos excertos e a manutenção tanto do efeito sonoro como do assunto do discurso do texto de partida. Tânia Ganho teve o cuidado de procurar palavras e expressões chave no texto de partida “corrigido” e de tentar introduzi-las no texto de chegada, conseguindo, assim, uma equivalência discursiva, adaptada à língua e ao sistema de chegada.

Recordando Stuart Hall (28-29), se a linguagem consiste numa sequência de signos organizados e relacionados de forma a produzirem um determinado significado, só possuindo os códigos necessários à tradução dos conceitos através da linguagem esses signos terão qualquer significado. Assim, nos excertos observados a não compreensão dos códigos, em consequência da adulteração dos sons, subverte o entendimento do significado e conduz, inevitavelmente, à situação cômica e caricata do diálogo.

Podemos, assim, concluir, que a recepção favorável de Lodge em Portugal assentou basicamente em quatro vectores fundamentais: em primeiro lugar, na consciência por parte do público-alvo de fazer parte de um sistema periférico e, portanto, da atenção conferida aos novos autores consagrados em sistemas centrais; em segundo lugar, no facto de o comportamento do protagonista (e de algumas das personagens secundárias) corresponderem a imagens estereotipadas dos britânicos, em particular o tipo humor que os caracteriza; em terceiro, na circunstância de

os procedimentos e estratégias adoptadas pelos tradutores (mediadores interculturais), nomeadamente em situações cómicas, terem conseguido manter o humor; e, finalmente, no facto de o subgénero em causa – o romance académico – vir preencher um certo “vazio literário”.

3. Conclusão: Para a Imagem de Lodge em Portugal

Conforme foi referido anteriormente, *Nice Work*, o terceiro romance da trilogia *campus novel* de Lodge, publicada no Reino Unido em 1988, foi a primeira obra do autor a ser publicada em Portugal via tradução pela editora Gradiva, em 1990. Com o intuito de tentar explicar a décalage temporal que medeia a publicação das obras de Lodge no Reino Unido e a das respectivas traduções em Portugal, propomo-nos agora estabelecer um enquadramento histórico-cultural que possa, de certa forma, contribuir para a compreensão da imagem de Lodge no nosso país.

Parece-nos importante recordar que, após a Revolução de 25 de Abril de 1974, se registou, em Portugal, um interesse renovado face ao estrangeiro, ao “Outro”. No rescaldo de uma ditadura, de um isolamento cultural e de um ostracismo ferozes de quarenta e dois anos, o país, até então privado de liberdade de expressão e de conhecimento, terá desenvolvido uma enorme ânsia de abertura ao exterior que se reflectiu tanto no plano dos costumes como no cultural e intelectual. Liberta da censura e de um regime persecutório, fechado e castrador, a população portuguesa, por fim em plena posse da liberdade de expressão e de informação, ficou sedenta de novidades relativamente à actualidade estrangeira e receptiva face a produções culturais que, até então, lhe tinham sido vedadas. Assim, podemos constatar que, nesse período, se criara o que Even-Zohar denomina de “turning points, crises ou literary vaccums in a literature” (193-194), levando o público português a procurar obras de autores nunca antes traduzidos.

Inicialmente ter-se-á verificado uma grande curiosidade face às produções intelectuais: teatro e filmes proibidos como os de Bergman, eróticos como *Emmanuelle*, “malditos” como *O Couraçado de Potemkin* ou de Arrabal; músicas de cantores franceses carismáticos como George Brassens, Léo Ferré ou Jacques Brel; livros de autores russos censurados, por motivos óbvios, como Karl Marx ou Trotsky; escritores franceses como Sartre, Beauvoir ou Barthes e todos os autores portugueses com obras que haviam sido censuradas pelo regime totalitário, ditatorial e “provinciano” de Salazar. A produção cultural que

os restantes países europeus tinham vindo a produzir desde há décadas passou a ser avidamente procurada e absorvida sobretudo por um número bastante significativo de elementos da classe média escolarizada portuguesa.

No entanto, esse período de libertação intelectual e cultural durou cerca de uma dúzia de anos, após o qual se terá porventura verificado um certo cansaço e saturação dos estilos existentes e conotados com uma política de esquerda radical subsequente à Revolução. Acresce ainda o facto de se verificar, à época, para além do aumento da idade da escolaridade obrigatória, uma maior abertura das Universidades portuguesas a ambos os sexos e a todas as classes sociais. Assim, na sequência da adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia, concretizada em 1986, estes factores, parecem ter sido determinantes, na medida em que levaram os portugueses, muito em especial a geração mais jovem, a alargar os seus horizontes e interesses culturais. Tal impulsionou-os na busca de obras de teor diferente, em relação àquelas que haviam sido alvo da sua atenção, que constituíssem efectivamente uma forma de inovação e reflectissem a alteridade, ou seja, o *modus vivendi* de outros povos representativos de registos culturais diferentes.

Se considerarmos as localizações geográficas estabelecidas na *Theory of Climate* e no *Tableau of Nationalities*, anteriormente referidos, e a sistematização defendida por Even-Zohar quanto à tipificação dos diferentes polissistemas literários, Portugal incluiu-se claramente no grupo de países do Sul ou Meridionais e num polissistema periférico. Na opinião de Leerssen, estas divisões não se devem unicamente a uma relação espacial, mas sim de poder e prestígio: “centre-periphery relations take places at different levels: within a country, society or language area or at a global, worldwide level” (Beller:279). Com efeito, por razões de periferia geográfica, Portugal tendeu a manter uma maior proximidade física e cultural com os países de expressão latina do Sul da Europa. Na opinião de Joep Leerssen, o estudo das imagens nacionais refere-se mais às “cross-national relations” do que às identidades nacionais, não sendo certas oposições morais e caracterológicas imaginadas especificamente nacionais. Podem, no entanto, ser verificadas nos casos contrastantes das relações “northern-cerebral *vis-à-vis* southern-sensuous, peripheral-timeless *vis-à-vis* modern-central” (Beller 2007:29), ou seja, a imagem que construímos do “Outro” terá que ser confirmada através de diferentes suportes culturais, entre os quais se inclui a literatura.

Assistiu-se, assim, ao despertar de uma curiosidade crescente, nomeadamente por parte do público leitor português, face a produções que lhe permitissem perceber vivências de

outros povos e sociedades, em particular do Centro e Norte da Europa que não haviam estado condicionados ou limitados por regimes autoritários e censórios. Se considerarmos a literatura como uma forma de representação de uma cultura, estabelecida através da relação entre significado e linguagem, podemos inferir que a leitura de obras provenientes de países até então menos conhecidos poderá porventura ter conduzido à formulação de estereótipos representativos dessas culturas. Neste contexto, deve recordar-se que os portugueses, sobretudo os mais jovens, passaram a direccionar muito do seu crescente interesse pelo “Outro” para a Grã-Bretanha, país que, na Europa, sobretudo desde os anos sessenta, representava a modernidade e a inovação cultural.

Com efeito, segundo Stuart Hall, os signos são elementos representativos de conceitos e das relações entre eles estabelecidas, organizados numa linguagem que fundamentalmente consiste num sistema de representação susceptível de traduzir os nossos pensamentos em (conceitos) palavras ou imagens. Assim, podemos inferir que aqueles constituem a base da expressão de significados e da comunicação dos nossos pensamentos aos outros. (18) Por outro lado, Joep Leerssen defende que o facto de a imagologia trabalhar essencialmente sobre as representações literárias, comprova-nos que os estereótipos nacionais são efectivamente formulados, perpetuados e disseminados no campo da literatura e do imaginário. Deste modo, pode concluir-se que não só o objectivo final dos estudos de imagem será a teoria dos estereótipos culturais e nacionais, mas também que a imagem deverá ser entendida como uma representação mental ou discursiva de uma pessoa, grupo, etnia ou nação (Beller:26-27, 343).

Desta forma, a imagem que os portugueses passaram a construir das culturas anglófonas, traduziu-se num crescente envolvimento na procura de expressões culturais e intelectuais inglesas, factor que conduziu inevitavelmente à descoberta de obras e autores até então pouco conhecidos no seu país. Em consequência, verificou-se um aumento substancial do número de traduções de obras de autores estrangeiros escritas originalmente em inglês, acompanhado de uma disponibilização por parte das editoras para publicar obras traduzidas de autores de (sub)géneros literários mais “ligeiros”, despertando uma franca adesão a escritores praticamente desconhecidos, entre os quais podemos referir Tom Sharpe e David Lodge, entre muitos outros.

As obras destes autores representam um (re)conhecimento do “Outro”, em que as personagens, de certa forma, oferecem ao público português a percepção de uma realidade até então

desconhecida, retratando vivências de grupos sociais britânicos específicos, nos quais se inclui a classe acadêmica. Assim, a partir de 1990, data da publicação da tradução de *Nice Work*, passou a verificar-se uma forte aceitação da obra de David Lodge, que subsequentemente suscitou por parte dos leitores um interesse quer pelas suas obras pretéritas quer por aquelas que se seguiram.

A forte adesão a produções literárias representativas de uma realidade tão diferente da portuguesa, como é o caso do romance acadêmico, parece-nos constituir uma resposta ao imaginário que os leitores portugueses passaram a deter face a uma cultura considerada central, superior e modelar, se bem que estereotipada, como a britânica. A distância evidente, à época, entre dois sistemas universitários – o inglês identificável com uma imagem de excelência, prestígio, modernidade e reconhecimento internacional, e o português claramente inferior – poderá porventura estar no cerne do interesse demonstrado pelo público do sistema de chegada nos romances de David Lodge. Por seu turno, as diversas fases de transformação sofridas pelo sistema universitário na procura de uma adaptação do ensino ao mercado de trabalho parecem constituir um elo em comum entre os dois países, estabelecendo relações, embora contrastantes, entre a auto-imagem das universidades portuguesas e a hetero-imagem das britânicas.

A imagem do “Eu” e do “Outro” marca a distância cultural que separa as duas realidades em foco nas diversas obras, sejam elas as culturas britânica e norte-americana, os mundos acadêmico e industrial ou o feminino e o masculino. Ao longo das diversas narrativas de Lodge são delineadas duas perspectivas contemporâneas, duas visões dos espaços culturais em que cada um dos protagonistas se insere. Quando se aborda esta alteridade e se constroem estereótipos, ou mesmo caricaturas, como um reflexo do conhecimento parcial do coletivo, valoriza-se uma das realidades em detrimento da outra, diferencia-se o “Eu” do “Outro”. Deste modo, pode considerar-se que se trata de uma representação imagológica cultural, em que Lodge, recorrendo a narrativas repletas de um humor subtil e por vezes desconcertante – uma das representações estereotipadas do povo britânico – aflora diferenças culturais como resposta ao imaginário que os leitores têm da realidade simbólica de uma outra cultura. De acordo com Joep Leerssen, as imagens respeitantes à personalidade e à identidade poderão não constituir representações mentais imaginadas “pelas nações sobre outras nações”, mas traduzirem, antes, padrões de identificação nacional. (Beller:23)

A imagem de Lodge veiculada através de *Deaf Sentence* manteve-se em *A Vida em Surdina*, tradução que se transformou no romance de David Lodge com maior sucesso em Portugal. Segundo a informação de Carmen Serrano, editora da ASA, o “êxito editorial” obtido no nosso país ter-se-á devido sobretudo ao reconhecimento “da pertinência dos temas tratados” e do indiscutível “talento do autor” no contexto da literatura inglesa.

Por seu turno, no romance *A Troca*, uma vez que retrata duas realidades culturais diferentes e contrastantes, podemos constatar que a imagem que chega ao leitor do texto traduzido é de dois tipos: a primeira relaciona-se directamente com a cultura britânica e a segunda refere-se à cultura norte-americana, a qual nos chega através de um “filtro”, já que se trata de uma imagem percebida em primeira mão pelo próprio Lodge, que a transmite por intermédio da sua narrativa. Desta forma, no texto traduzido, esta segunda imagem poderá representar mais um reflexo do imaginário britânico face à cultura norte-americana.

As várias edições dos muitos romances de David Lodge traduzidos em Portugal são um factor determinante para podermos confirmar que a imagem dos britânicos veiculada pelo autor, ele próprio oriundo de um sistema considerado central e modelar, veio ao encontro das expectativas do público de um país periférico como o português. Com efeito, ao longo das três obras que constituem a trilogia do romance académico, às quais se junta *A Vida em Surdina*, essa imagem, via tradução, é transmitida, através da recriação de um espaço físico inexistente em Portugal e da construção de personagens identificáveis com os estereótipos britânicos, que, sendo tão díspares da realidade portuguesa, produzem junto dos leitores um sentimento de curiosidade, atracção e fascínio. Acresce ainda o facto de uma boa parte dos romances de Lodge, muito em especial o *campus novel*, terem um certo cunho autobiográfico, uma vez que reflectem, de certa forma, o seu próprio percurso académico e, mais tarde, a sua vivência de professor reformado. Através dessa exposição humana ao público, assegurada pelo acto tradutório, estabelece-se uma forte relação entre os dois países e as duas culturas envolvidas.

Deste modo, se tivermos em consideração que “a avaliação da dimensão estrangeira de toda e qualquer tradução permite compreender que o problema essencial da tradução é o da sua passagem e da sua aceitação pela cultura que o recebe” e que “o texto estrangeiro, mesmo em tradução, conserva o seu carácter estrangeiro” (Machado/Pageaux:26), podemos concluir que a aceitação da obra de Lodge no nosso país se deve, em grande

parte, às traduções portuguesas, que garantiram, com sucesso, a transmissão da imagem do povo britânico no “imaginário social” português.

OBRAS CITADAS

- Alison. “Grumpy Old Deafies, David Lodge: *Deaf Sentence* (forthcoming book)” [s.d.] [s.p.] www.grumpyoldeafies.com/2008/04/david_lodge_deaf_sentence_fort.html Acedido em 3 de Junho de 2013.
- Bettencourt, António. “A Cadeira do Professor”. *Jornal de Letras*. Janeiro 2005. www.fcsh.unl.pt/~cceia/images/stories/DOCS/Prof_Sentado.doc Acedido em 27 de Agosto de 2011.
- Beller, Manfred and Joep Leerssen, *Imagology – The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters – a Critical Survey*. Amsterdam/New York: Rodopi, 2007.
- Even-Zohar, Itamar. “The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem”. *The Translator Studies Reader*. Ed. Lawrence Venuti. London/New York: Routledge, 2004.
- Dias, Maria Manuela Rocher Vieira. *A Problemática da Tradução do Humor e da Sonoridade das Palavras em A Vida em Surdina/Deaf Sentence*. Dissertação de Mestrado em Tradução, Especialização em Inglês. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa: 2012
- Ganho, Tânia (tradução de). *A Vida em Surdina*. Lisboa: ASA, 2009.
- Hall, Stuart. *Representation, Cultural Representations and Signifying Practices*. London: The Open University, 2010.
- Ivir, Vladimir. “Procedures and Strategies for the Translation of Culture”. *Translation Across Cultures*. Ed. Gideon Toury. New Delhi: Bahri Publications, 1998. 36-48.
- Kenny, Dorothy. “Equivalence”. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Ed. Mona Baker. New York: Routledge, 2008. 75-80
- Lefevere, André. “Composing the Other”. *Post-Colonial Translation*. Ed. Susan Bassnett and Harish Trivedi. London/New York: Routledge, 2000. 75-94.
- Lodge, David. *Deaf Sentence*. London: Penguin Books, 2009.
- . “My Profile: Living under a Deaf Sentence”. *The Sunday Times*. 20 April 2008. Times Newspapers Ltd 2010. [s.d.] [s.p.] http://entertainment.timesonline.co.uk/tol/arts_and_entertainment/books/article3778988.ece . Acedido em 29 Agosto 2011.
- . “Nabokov and the Campus Novel”. *Cycnos*. Mars 2008: vol. 24, 20. <http://revel.unice.fr/cycnos/index.html?id=1081> Acedido em 3 de Junho de 2013.
- Machado, Álvaro Manuel e Daniel-Henri Pageaux. *Da Literatura Comparada*

- à *Teoria da Literatura*. Lisboa: Editorial Presença, 2001.
- Murcho, Desidério. "Que fazer com a vida?". *Crítica. Revista de Filosofia*. [s.d.] [s.p.] <http://criticanarede.com/lodge3.html> Acedido em 4 Outubro de 2011.
- Nida, Eugene. "Principles of Correspondence". *The Translation Studies Reader*. Ed. Lawrence Venuti: London/New York: Routledge, 2003 (1964). 126-140.
- Reis, Maria Filipa Palma dos. "O Romance Académico: Dois Mitos em Confronto". *Europa e América: Mitos e Confrontos uma Iniciativa Oportuna*, Centro de Estudos Anglo-Americanos da Universidade Aberta [s.d.] [s.p.] <http://www.univ-ab.pt/investigacao/ceaa/actas/reis.htm>
Acedido em 30 de Maio de 2013
- Thwaite, Mark. "Entrevista a David Lodge". *The Book Depository Blog*. Friday, 19 June 2009. www.bookdepository.co.uk/interview/with/author/david-lodge Acedido em 29 de 2011.
- Zacharasiewicz, Waldemar. *Imagology Revisited*. Amsterdam/New York: Rodopi, 2010.

ANEXO I

LEVANTAMENTO DAS PUBLICAÇÕES DOS ORIGINAIS E COMPARAÇÃO COM AS RESPECTIVAS TRADUÇÕES E POSTERIORES EDIÇÕES DAS OBRAS DE DAVID LODGE EM PORTUGAL¹

ROMANCES	Pub	Edit	1990	1992	1993	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2009	2011
Soldados à Força <i>Ginger you're barmy</i>	1962	ASA										1 ^a 2 ^a				3 ^a		4 ^a		
O museu britânico ainda vem <i>The British museum is falling</i>	1965	ASA								1 ^a 2 ^a			3 ^a							
Longe do abrigo <i>Out of the shelter</i>	1970	ASA												1 ^a 2 ^a						
A troca <i>Changing places</i>	1975	ASA				1 ^a		2 ^a a)	3 ^a	4 ^a		5 ^a								
Alé onde se pode ir? <i>How far you can go?</i>	1980	GRA						1 ^a									1 ^a ASA			
O Mundo é pequeno <i>Small World</i>	1984	ASA			1 ^a C. L.		1 ^a 2 ^a	3 ^a 4 ^a				5 ^a								
Um almoço nunca é de graça <i>Nice Work</i>	1988	GRA	1 ^a				2 ^a b)					3 ^a				4 ^a				
Notícias do paraíso <i>Paradise news</i>	1991	GRA		1 ^a					2 ^a a)		3 ^a					4 ^a				
Terapia <i>Therapy</i>	1995	GRA				1 ^a		2 ^a	2 ^a Reimp.						4 ^a		5 ^a			
Histórias de Verão, Contos de Inverno <i>Surprised by summer</i>	1996	ASA							1 ^a 2 ^a -a)		3 ^a		4 ^a							
Duras verdades <i>Home truths</i>	1999	ASA									1 ^a 2 ^a		3 ^a							
Pensamentos secretos <i>Thinks...</i>	2001	ASA											1 ^a 2 ^a							
Autor autor <i>Author, author</i>	2004	ASA														1 ^a 2 ^a				
A vida em Surdina <i>Deaf Sentence</i>	2008	ASA																	1 ^a 2 ^a 3 ^a	4 ^a

a) Edição com suporte sonoro.

b) Edição também em Braille.

¹ Quadro elaborado através de pesquisa na PORBASE.

ANEXO II – Diálogo no Beberete dos Professores

<p>The reception in the senior Common Room afterwards was the usual ordeal by Lombard Reflex.'</p> <p><u>'The past time of the dance went to pot'</u> Sylvia Cooper seemed to say 'so we spent most of the time <u>in our shit, the cows' in-laws finding they stuttered'</u></p> <p>What?' I said</p> <p><u>'I said, the last time we went to France it was so hot we spent most of the time in our gîte, cowering indoors behind the shutters.'</u></p> <p>'Oh, hot, was it?' I said. 'That must have been the summer of 2003'.</p> <p>'Yes, <u>we seared our arses on bits of plate, but soiled my cubism. I'm afraid'</u>.</p> <p>I'm sorry?</p> <p><u>'We were near Carcassonne. A pretty place, but spoiled by tourism. I'm afraid'</u></p> <p>'Ah, yes, it's the same everywhere these days,' I said sagely.</p> <p><u>'But I do mend sherry. Crap and Sargasso pained there, you know. There's a lovely little mum of modern tart'.</u></p> <p>'Sherry?' I said hesitantly</p> <p>'Céret. It's a little town in the foothills of the Pyrenees", said Mrs. Cooper with a certain impatience. <u>'Braque and Picasso painted there. I recommend it.'</u></p> <p>'Oh yes, I've been there," I said hastily. "It has a rather nice art gallery.'</p> <p><u>'The mum of modern tart.'</u></p>	<p>"O beberete que se seguiu na sala dos professores foi a tortura de sempre, à conta do Efeito de Lombard."</p> <p>– <u>A última vez que fodi a franga</u> tive tanto calor, disse aparentemente a Sylvia Cooper, que passámos a maior parte do tempo <u>em brasa nas águas-furtadas</u>.</p> <p>– Como? – disse eu.</p> <p>– Eu disse que <u>a última vez que fui a França</u> estive tanto calor, que passámos a maior parte do tempo <u>em casa, escondidos atrás das portadas</u>.</p> <p>– Ah, estive calor, foi? – disse eu – Deve ter sido no Verão de 2003.</p> <p>– Pois foi, <u>estávamos perto cacafone. Hermafrodita</u>, mas infelizmente <u>o purismo eu cabidela</u>.</p> <p>– Diga lá outra vez?</p> <p>– <u>Estávamos perto de Carcassone. Uma terra bonita</u> mas infelizmente <u>o turismo deu cabo dela</u>.</p> <p>– Ah sim, é o que acontece em todo o lado, hoje em dia – respondi sabiamente.</p> <p>– <u>Mas comendo vivamente serei uma pila no pé dos ilhéus. Traque e ricaço fintaram nessa região, sabia? Alá um penico mas eu tarte moderna</u>.</p> <p>– Em que região? – perguntei eu a medo.</p> <p>– Céret, <u>uma vila ao pé dos Pirinéus</u> – disse Mrs. Cooper com uma certa impaciência – <u>Braque e Picasso pintaram por lá</u>. Recomendo-a vivamente.</p> <p>– Ah, sim, já lá estive – apressei-me eu a dizer – Tem uma bela galeria de arte.</p> <p>– <u>O mas eu de tarte moderna</u>.</p>
--	---

RECENSÃO CRÍTICA

ISABEL STILWELL, *D. MARIA II. TUDO POR UM REINO.*
LISBOA: A ESFERA DOS LIVROS, 3.^a ED. 2012

Mariana Gonçalves
CETAPS

Isabel Stilwell, cujos romances históricos anteriores já haviam ilustrado as vidas de D. Filipa de Lencaste, D. Catarina de Bragança e D. Amélia, debruça-se agora sobre o percurso de D. Maria II, filha primogénita de D. Pedro IV de Portugal, I do Brasil, e de D. Leopoldina da Áustria. A estrutura deste romance mantém-se muito semelhante à dos anteriores, com cada episódio da vida da rainha a ser sempre situado no dia e no espaço físico em que a escritora os projecta, mas introduz agora um formato de algum modo dialéctico: a narração romanceada da vida de D. Maria II é entrelaçada com uma voz epistolar, que, ao longo da obra, assume três identidades distintas. Na primeira parte do romance, quando o leitor é apresentado a uma Maria de 7 anos correndo pelo Paço de São Cristóvão, no Brasil, essa voz que vai pontuando a trama com apontamentos diarísticos pertence a Maria Francisca de Portugal e Castro, marquesa de Aguiar e dama da corte portuguesa. Na segunda parte, quando D. Maria II embarca para a Europa com 9 anos, é D. Leonor da Câmara, sua nova tutora, que encarna essa segunda voz, através de cartas que dirige a seu primo, Dom Francisco de Almeida Portugal, Conde do Lavradio, e em que dá conta das suas preocupações e desejos no que diz respeito ao futuro da rainha. Finalmente, na terceira e última parte, quando D. Pedro IV morre e D. Maria II se torna efectivamente uma rainha em funções, é Vitória de Inglaterra, também ela futura rainha, que surge na trama através de escritos que mantém no seu diário sobre a prima portuguesa.

Isabel Stilwell realça precisamente numa nota que surge nas primeiras páginas do livro que pretendeu homenagear as cartas, que eram no tempo histórico retratado o género por excelência da comunicação humana e único meio de veicular planos e estratégias, angústias e afectos. Declara a autora que teve como grande auxílio na elaboração desta obra precisamente as cartas trocadas na realidade entre os protagonistas da mesma, D. Pedro IV e D. Leopoldina, D. Leonor da Câmara, e particularmente D. Maria II e a Rainha Vitória de Inglaterra. É, aliás, essa longeva relação de amizade entre as duas soberanas europeias que merece a maior atenção no que diz respeito aos estudos anglo-portugueses para os quais contribuí esta obra. As duas rainhas são retratadas nos aspectos que as aproximam, nomeadamente um matrimónio feliz, pródigo em filhos, mas também naquilo que as distingue, a educação, o temperamento e a forma como encaram a vida.

D. Maria II é apresentada como sendo uma criança muito vivaz e inteligente, marcada no início do romance pela angústia e inquietação relativamente ao comportamento muitas vezes violento e negligente que o pai, D. Pedro IV, demonstra face à sua esposa, D. Leopoldina. A vida desregrada do primeiro imperador do Brasil, no que diz respeito às diversas e bem conhecidas amantes que mantinha, bem como aos vários filhos ilegítimos que nasciam dessas relações, é descrita no romance como sendo causadora de uma profunda infelicidade na sua esposa e, conseqüentemente, na sua filha, que se vê dividida entre a imagem de um pai herói, divertido e carinhoso, e a de um pai cruel, que maltrata e humilha a esposa, não hesitando em exibir e promover na corte as suas amantes e respectivos filhos. D. Pedro IV é, deste modo, uma personagem muito ambígua neste romance, uma vez que são bastante sublinhadas as suas mudanças abruptas de humor e personalidade, característica que muito perturba D. Maria II.

A infância no Brasil, rodeada pela paisagem e exuberância tropicais, é, todavia, um período feliz da vida da futura rainha, em que o convívio com a mãe adorada e os irmãos, bem como a maior descontração e liberdade associadas a um modo brasileiro de se viver, concorrem para transformar a soberana portuguesa numa criança extrovertida, perspicaz, forte e, por vezes, ousada nos seus comentários. Essa é uma das diferenças notórias assinaladas entre D. Maria II e a Rainha Vitória, criada pela mãe entre as paredes do palácio de Kensington, num ambiente de grande reclusão e rigidez. As duas soberanas conhecem-se com 9 anos, quando D. Maria II é enviada para a Europa, de modo a reafirmar a sua legitimidade ao trono de

Portugal, entretanto tomado pelo seu tio D. Miguel. O irmão de D. Pedro IV, à sua chegada a Portugal, havia jurado fidelidade à Carta Constitucional de 1826 e à Rainha D. Maria II, com quem tinha casado por procuração em 29 de Outubro desse ano. Todavia, não demorou para que D. Miguel desse como desfeito esse matrimônio, demitisse os ministérios e dissolvesse a Câmara dos Deputados, sendo proclamado Rei de Portugal no dia 23 de Junho de 1828.

A viagem para a Europa, que inicialmente teria como destino Viena e a casa do avô materno, o Imperador Francisco II da Áustria, acaba por levar D. Maria II a Londres, onde experimenta um bom acolhimento por parte da população inglesa. A certo momento do romance, é referido que, durante a sua estada em Londres e ao passear nas ruas, a rainha portuguesa era brindada com frases gentis como “God bless you, my little queen” (184). Ao chegar à capital britânica, Maria fica de imediato sob a protecção de D. Pedro de Sousa Holstein, marquês de Palmela, Embaixador de Portugal na nação britânica e grande defensor do direito da filha de D. Pedro IV ao trono de Portugal. A relação entre a rainha e a família Holstein é descrita, numa primeira fase, como sendo de extrema proximidade e afecto, sendo sugerido até um enamoramento entre D. Maria II e um dos filhos de Palmela, Alexandre, que acabaria por morrer ainda muito jovem.

Em Inglaterra, D. Maria II é apresentada à corte do rei Jorge IV no dia 22 de Dezembro de 1828 no Castelo de Windsor, e recebe o apoio do monarca britânico para a sua causa, sendo acentuado, contudo, o espírito crítico e provocador de D. Maria II, que se atreve a replicar, perante o Duque de Wellington, que, apesar de o rei lhe demonstrar o apoio, o seu governo parecia não ser da mesma opinião. O militar inglês tem ele próprio um momento de ousadia perante o soberano britânico, ressaltando uma das diferenças fundamentais entre as monarquias portuguesa e inglesa: “Como Vossa Majestade sabe, neste país o povo não deseja colocar todo o poder nas mãos de um rei. Com boas razões...” (211).

O encontro entre Maria e Vitória acontecerá oito dias depois, e, passada a rispidez inicial devida ao confronto de personalidades, sendo a menina portuguesa mais descontraída e informal e a inglesa ativa e pouco habituada a familiaridades no tratamento, as duas acabam por se aproximar e tornam-se boas amigas. Vitória é conquistada pelo jeito prático, determinado e livre de Maria, e esta encontra em Drina, nome carinhoso pelo qual Vitória era tratada pelos mais próximos, o exemplo de uma jovem aplicada e muito rigorosa nos estudos, com o profundo

desejo de estar o mais bem preparada possível para o seu futuro desempenho enquanto Rainha. Mesmo em circunstâncias diferentes, ambas viriam a ter a mesma responsabilidade enquanto herdeiras do cargo máximo de governação dos dois países europeus aliados. Maria era já designada como Rainha de Portugal, mas vira ser-lhe usurpado o trono; Vitória aguardava na sombra a possibilidade de liderar a nação: “uma rainha de nome, mas sem trono, e pelo que sabia com poucas possibilidades de o recuperar, a outra sem o nome, mas a ser preparada para herdar um Império” (214).

O enredo narrativo prossegue na terceira parte do romance com a descrição da vida matrimonial e governativa da soberana portuguesa, a primeira pautada pela tranquilidade, harmonia e afecto que lhe eram dados pelo marido, D. Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha, a segunda perturbada por várias insurreições civis, consequência do descontentamento popular face ao carácter pouco democrático da Carta Constitucional de 1826, que seria suspensa após a Revolução de Setembro de 1836. D. Maria II é apresentada como uma soberana impulsiva, teimosa e, de certo modo, pouco prudente, característica visível na promoção determinada e imparável que faz de António Bernardo Costa Cabral, que viria a repor a Carta e a formar governo em 1842 sob a protecção indefectível da rainha. Mesmo com o crescente desagrado popular em torno da figura de Costa Cabral, o seu enriquecimento vertiginoso e o crescente défice nas contas públicas, a rainha manifesta-lhe sempre o seu apoio sem reservas, agraciando-o com honras como o título de conde de Tomar. Mesmo sendo obrigada a demiti-lo em 1846, a passagem que dá conta da despedida dos dois, antes do exílio de Cabral, mostra uma rainha profundamente emocionada, assegurando-lhe que um dia o vingaria (496).

Durante toda a narração deste turbilhão governativo, o leitor tem acesso à visão da Rainha Vitória sobre as atitudes da congénere portuguesa, bem como a comentários sobre a situação política de Portugal, através de passagens do seu diário. Embora mantenha sempre o apoio a Maria, a monarca britânica mostra-se crítica da sua obstinação relativamente a Cabral e da sua insensatez em defender um homem tão odiado, contra tudo e todos. Como afirma ter aprendido às suas custas, “uma rainha não pode ter favoritos, por muito sozinha que se sinta” (494). Estes escritos diarísticos revelam também a postura das duas rainhas perante assuntos de foro pessoal. A prole de ambas é vasta, mas, ao passo que Maria é descrita como uma mulher ansiosa por descendência e encantada com a maternidade, Vitória assume-se algo contrariada com as suas sucessivas

gravidezes, declarando abertamente que para si a experiência do parto é um tormento e que a recuperação do mesmo é longa e difícil, ao contrário da prima portuguesa, que dias depois já está a pé comandando a casa e o reino.

A morte de D. Maria II, aos 34 anos, acaba por ser precipitada precisamente pelas gravidezes consecutivas que insistia em não evitar, ignorando os recorrentes conselhos médicos nesse sentido. A rainha expira vítima do parto do seu décimo primeiro filho, que também não sobrevive. Das onze crianças que dá à luz, quatro soçobram no nascimento. Também a sua mãe, D. Leopoldina, morrera muito jovem, aos 29 anos, grávida do oitavo filho, tendo já sofrido a morte de dois bebês. A Rainha Vitória de Inglaterra viu todos os seus nove filhos crescerem até à idade adulta e governou durante quase 64 anos, vindo a falecer com 81 anos. *D. Maria II. Tudo por Reino* é uma boa ilustração dos laços que podem prender dois temperamentos tão distintos mas tão cúmplices no desejo de cumprir a grande tarefa que lhes fora destinada.

Este estudo foi realizado no quadro do Projecto Estratégico PEst-OE/ELT/UI4097/2011, domiciliado no CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) e financiado pela FCT- Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

ANTÓNIO ALVES CAETANO, OS SOCORROS
PECUNIÁRIOS BRITÂNICOS DESTINADOS AO EXÉRCITO
PORTUGUÊS 1809-1814. LISBOA: LUSITÂNIA, 2013

Maria Leonor Machado de Sousa
Universidade Nova de Lisboa
CETAPS

Passados mais de duzentos anos da Guerra Peninsular, descobre-se de vez em quando que há aspectos ainda por esclarecer, mal explicados ou mesmo desconhecidos. É este o caso do mais recente trabalho de António Alves Caetano, que nas suas constantes pesquisas nos arquivos oficiais – neste caso sobretudo fundos do Arquivo Histórico do Tribunal de Contas e do Arquivo Nacional da Torre do Tombo – encontrou um capítulo das relações anglo-portuguesas até agora ignorado e que vem alterar a visão da “pérfida Albion” que muitas vezes prevalece contra o modo como se tem processado a história política, diplomática e económica daquilo que tem sido essencialmente a intervenção britânica em fases críticas da vida portuguesa.

Mesmo para quem acentua aspectos negativos da acção desenvolvida durante as invasões francesas em Portugal, não é possível negar que elas foram a época em que essa intervenção foi mais positiva. Embora pressupondo que a queda do Império napoleónico era inevitável, não é possível negar que aos nossos aliados se deveu em Portugal a manutenção da independência, que até a Espanha perdeu temporariamente. Seguindo o rumo do que aí acontecera, Junot entrou com as suas tropas em Portugal com o objectivo de conquistar Lisboa e substituir o rei português. Conta a tradição que ele ainda conseguiu ver os navios portugueses que navegavam já para lá da barra do Tejo, em direcção ao Rio de Janeiro, onde D. João VI iria estabelecer a sua corte. Esta medida, que um dos mais esclarecidos

diplomatas portugueses da primeira metade do século XVIII, D. Luís da Cunha, advogara já¹, e não apenas para o caso de uma invasão estrangeira – que por certo não imaginava que viesse de França – fora conseguida sobretudo pela diplomacia anglo-portuguesa, em prol de uma causa que, de modo diferente, defendia os interesses de ambos os países. No caso de Portugal, mantinha-se a soberania em território nacional, contrariamente ao que acontecera em Espanha, onde o rei fora substituído por um irmão do Imperador francês e exilado. Quanto ao Reino Unido, tratava-se da anulação do Bloqueio Continental, ultrapassando o fecho dos portos portugueses, essenciais para as rotas comerciais britânicas, e, a partir de 1807, a abertura dos portos brasileiros, que um tratado de 1810 viria ratificar. A diplomacia inglesa, sobretudo por acção de Percy Smythe, 6.º Visconde Strangford, Encarregado de Negócios em Lisboa em 1806-07 e, após se recompor de uma doença que o fizera regressar a Inglaterra, Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário no Rio de Janeiro, cargo que voltou a exercer entre 1810 e 1815, conseguiu ultrapassar as indecisões de D. João VI e levar para o Brasil a Corte portuguesa, numa frota escoltada por quatro naus inglesas sob o comando do comandante Graham Moore. A contrapartida desta segurança naval era a abertura dos portos brasileiros ao comércio inglês, altamente favorável aos nossos aliados mas muito lesiva ao comércio brasileiro com a Europa.

Praticamente em simultâneo com a partida da Corte para o Brasil, chegou à costa portuguesa a frota inglesa comandada por Sir Sidney Smith, que apoiou a acção desenvolvida por Sir Arthur Wellesley na zona de Lourinhã, mais precisamente nas batalhas da Roliça e do Vimeiro. Chamado a Londres na sequência dos ataques dirigidos à desastrosa Convenção de Sintra, Wellington saiu de Portugal, mas a situação não ficou resolvida, e, no incerto futuro que se adivinhava perante o que se passava em Espanha, os governadores do Reino nomeados pelo Rei quando da sua partida pediram instantemente à Grã-Bretanha que enviasse a Portugal um general nomeado para organizar o exército português. O Governo Britânico terá pensado, como é certo que os portugueses tinham essa ideia,

¹ Esta ideia fora já apresentada pelo P.º António Vieira, de modo a impedir a concretização política de uma conquista de Portugal pela Espanha na Guerra da Restauração. Mais tarde, a proposta de D. Luís da Cunha (1662-1749) ia mais longe: para ele, o rei português devia aproveitar a grandeza do território brasileiro para se proclamar “Imperador do Ocidente”.

em escolher Wellesley, que sugeriu antes o general seu amigo William Carr Beresford, que, não tendo nunca sido bem aceite em Portugal, desempenhou bem a missão que lhe cabia, já como marechal-general nomeado pela Coroa portuguesa, de acordo com o posto que competia ao Comandante supremo do exército.

Entretanto, as tropas francesas, comandadas por Soult, desencadearam uma segunda invasão, entrando em Portugal por Trás-os-Montes e tomando o Porto, que recusou render-se (28 de Março de 1809). De novo interveio o Reino Unido, desembarcando as suas tropas em Lisboa, no dia 21 de Abril, mais uma vez sob as ordens de *Sir* Arthur Wellesley, que em breve se assumiu como comandante do exército anglo-luso, conseguindo tomar o Porto no dia 12 de Maio. Decidido a expulsar definitivamente os franceses da Península Ibérica, Wellesley superintendeu a construção das Linhas de Torres, que marcaram a retirada do exército da terceira invasão comandada por Massena, em 15 de Outubro de 1810. A batalha final foi ganha em Vitória, em Espanha, o que lhe valeu o título de 1º Duque de Wellington. Não esquecendo o contexto histórico, António Alves Caetano esclarece bem a situação revelada pelas suas investigações.

Se é verdade que Beresford fizera um bom trabalho na organização do exército português, ia muito mais longe a tarefa em causa. Reconhecendo as dificuldades existentes, o Ministro Plenipotenciário britânico em Lisboa, John Villiers, 3º Conde de Clarendon, que substituiu Strangford, desde que chegara a Lisboa nos finais de 1808, insistia com o Conselho de Governadores a quem D. João VI entregara o país para que aceitasse “socorros pecuniários destinados ao pagamento de algumas tropas portuguesas”, segundo a documentação agora reunida. Como seria de esperar, esta proposta não era desinteressada. Desde que Napoleão decretara o Bloqueio Continental, em 22 de Novembro de 1806, que Portugal resistia à sua aplicação, mas ela seria automática se a França conquistasse Portugal, o que significaria o isolamento da Inglaterra, que deixaria de ter quaisquer portos de apoio à navegação na Europa, situação fatal para o seu comércio com o Oriente. Nunca como agora eram vitais as boas relações entre as duas nações aliadas.

Numa carta datada de 24 de Dezembro, diz Villiers que “está autorizado por Sua Majestade Britânica a tratar do ajuste do pagamento para dez mil homens do exército português, havendo-se já providenciado em Inglaterra o respectivo pagamento”. Uma carta do Ministro dos Negócios Estrangeiros George Canning, que viria a ser Embaixador Extraordinário em Lisboa em 1814, na sequência dos acontecimentos agora

narrados, reafirmava a declaração do rei inglês em tomar as medidas necessárias “para a completa defesa de Portugal e para disponibilizar os meios [da Grã-Bretanha] na causa comum”.

A resistência inicial à “generosa” oferta britânica fora a exigência do princípio “que essas tropas serão sujeitas a servir não só em Espanha, mas ainda onde quer que o interesse patente da causa comum poderá exigir o seu serviço”. Todavia, prevaleceu a declaração portuguesa de que as tropas portuguesas tinham que permanecer no seu território, invadido pelas tropas napoleónicas. Explica o autor:

Porém, em 27 de Julho [1809], expulso o exército do marechal Soult em Maio anterior, parte das tropas portuguesa financiadas pela Grã-Bretanha já pode infiltrar-se em Espanha, integrada na força anglo-lusa de perseguição do exército imperial. (39)

Também em 1812 foi muito significativa a actuação do exército anglo-português em território espanhol. Perto do fim do ano, o Príncipe Regente, que um ano antes conferira a Beresford o título de Marquês de Campo Maior e a Wellesley, além dos anteriores Marquês do Vimeiro, Marquês de Torres Vedras e Grã-Cruz da Real Ordem da Torre e Espada, deu a este o título de Duque da Vitória. Foi precisamente o triunfo dois anos depois, na cidade espanhola de Vitória, que lhe valeu o título de 1º Duque de Wellington.

No dia 5 de Março de 1809, na iminência da segunda invasão, Villiers pede com urgência a informação “pormenorizada do pagamento de 10 000 homens, com a despesa da etapa fornecida, o pagamento dos oficiais, pagamento actual, incluindo o aumento necessário de que haja ideia”. Pouco depois, quando se preparava a campanha que expulsaria Soult do Norte de Portugal, o diplomata britânico informou que a sua Corte se dispunha a pagar e fardar mais cinco mil homens.

Os documentos recolhidos pelo autor deste trabalho são extremamente interessantes e publicados agora pela primeira vez. Dão conta do reconhecimento dos governadores, que mantinham o Rei informado, mas falam-nos também das dificuldades dos oficiais ingleses em conseguir organizar os serviços do exército de acordo com as normas a que estavam habituados.

O primeiro pagamento, no valor de 17 000 libras esterlinas, foi registado no dia 2 de Maio de 1809. A organização de todo este processo foi coordenada por Cipriano Ribeiro Freire, que fora nosso Encarregado de Negócios em Londres entre 1783 e 1785 e novamente de 1783 a 1792, e determinava que do cofre do Real Erário só podia sair daquele dinheiro o necessário para

pagar “prês, soldos, pão, etapa, cavalgadas de oficiais e de regimentos, bestas de bagagem, luzes, lenha, feitiços de fardamentos, condução e mais vencimentos que se pagam em dinheiro a cada soldado”, com especificação dos regimentos já escolhidos e “outros que de futuro hão-de crescer”.

O Arquivo Histórico do Tribunal de Contas é extremamente minucioso no modo como todo este processo está registado. A princípio tudo correu bem, tendo inclusivamente o auxílio britânico sido alargado de 9 para 15 regimentos. Inclusivamente em 23 de Janeiro de 1809 Villiers comunicou aos governadores “as benignas intenções de SMB” de subsidiar mais 10 000 soldados, o que significava um total anual de 980 mil libras esterlinas. Uma das novas medidas foi o aumento dos soldos dos oficiais portugueses, proposta por Wellesley ao seu Ministro da Guerra, em Novembro de 1809, com o argumento de que isso aumentaria “o seu zelo”, um país onde tudo era mais caro que em Inglaterra. Todavia, logo a partir de Março de 1810 há queixas quanto a atrasos de pagamento por parte das autoridades britânicas, como está amplamente documentado na correspondência do arquivo. Vai-se também tornando cada vez mais difícil a conferência de contas, em parte pela irregularidade da chegada do dinheiro. Finalmente, devido por certo, pelo menos em parte, às enormes despesas que a continuada actuação militar em França representava para a Inglaterra, os governadores foram notificados de que os subsídios deixariam de ser pagos, embora nos dois anos seguintes houvesse ainda lugar a algumas somas em atraso.

Além do minucioso estudo que António Alves Caetano fez do Arquivo do Erário Régio, não é menos importante o panorama político europeu que conseguiu dos Fundos do Ministério do Reino e do Ministério dos Negócios Estrangeiros, hoje na Torre do Tombo. Trata-se de um trabalho notável e muito informado da diplomacia anglo-portuguesa, com particular destaque para a acção de figuras como *Sir* Charles Stuart e George Canning.

Este estudo foi realizado no quadro do Projecto Estratégico PEst-OE/ELT/UI4097/2011, domiciliado no CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) e financiado pela FCT- Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

ABSTRACTS

1. Alarcão, Miguel, “‘Essa palavra saudade’: para uma poética anglo-portuguesa”

In the course of the 2nd edition of the international literary programme “Disquiet Lisbon” (1st-13th July 2012), jointly organized by the American publishing house Dzanc Books and the Portuguese *Centro Nacional de Cultura*, we took part in the discussion pannel “Anglophone Travel Writing on Lisbon, 18th-20th centuries”, held at the Faculty of Social and Human Sciences, New University of Lisbon. During the following debate, an unexpected interest of our audience in the definition or characterization of *saudade* became patent to us all; hence the idea to explore the alleged exclusiveness and untranslatability of Portuguese *saudade* as an immaterial galaxy of feelings and emotions, through comparing two sonnets: Luís de Camões’s “Alma minha gentil, que te partiste” and Christina Rossetti’s “Remember”.

2. Puga, Rogério Miguel, “Subverter o Outro Católico: Estratégias de Representação e o ‘Efeito do Real’ no Panfleto Anti-Católico *The Anatomy of the English Nunnery at Lisbon in Portugal* (1622), de Thomas Robinson”

In early modern England, Catholic conspirators and villains were central figures and stock characters in narratives and ideological fantasies as obstacles to and underminers of the country’s progress and peace. Therefore negative representations and fears of the Catholic menace are part of English culture whether or not they are accurate. Thomas Robinson’s anti-Catholic pamphlet *The Anatomy of the English Nunnery at Lisbon in Portugal: Dissected and Laid Open by one that Was Sometime a Younger Brother of the Convent* (1622) fictionalises the

Brigidine community that fled from England during the Reformation and established in Lisbon in 1594. This study analyses the rhetoric and literary devices – such as metaphors, comparisons, descriptions, the ‘reality effect’, and enumeration – the stereotypes and *topoi* used to subvert the convent as a Catholic institution and fictionalise its male and female residents as immoral and highly sexualised.

3. Castel-Branco, Maria da Conceição Emiliano, “As Comemorações, a Poesia e as Artes do Espectáculo por Ocasião do 350º Aniversário da Entrada em Londres da Rainha D. Catarina de Bragança pelo Rio Tamisa”

The study of two different issues concerning the presence of the Portuguese Princess Catherine of Braganza as Queen of England got intertwined, thus contributing to a deeper knowledge of a period in which the cultural ties between Portugal and England were straightened. The first point is directly connected to the recent celebration of the 350º anniversary of the arrival in London of Queen Catherine, consort of Charles II, and her first introduction to the people of London, a moment recorded as *Aqua Triumphalis*, a royal river pageant which took upon the river Thames 10,000 vessels in 1662. The arts and the poetry performed that day brought to mind a second point, such as the existing literary texts in English referring to the Queen of England, which I had the opportunity to gather some years ago in an Anthology – *Antologia de Poemas Ingleses sobre D. Catarina de Bragança* – an annexed volume to my PhD thesis in 2005. This was the beginning of an investigation which is still in progress. In fact, contrarily to what some investigators have affirmed and written there are reasons to emphasize the literary tradition connected to the passage of Queen Catherine of Braganza through the English Court, in the light of the eyes of poets and authors of the nation that received her as Queen. The Anthology is intended to be a pioneering contribution in the field of Anglo-Portuguese Studies, bringing together for the first time 17th century poems in English in which the dominant idea is the literary image of Queen Catherine of Braganza. Thus, a body of poetic texts which were dispersed – many of them unpublished in Portugal or

known in England only in their first 17th century edition – are easily accessible.

4. Major, Daniela, “A Intervenção do Marechal Beresford em Portugal – 1815-1820”

William Beresford became Marshal of Portugal following the Napoleonic invasion of the Iberian Peninsula. He fought alongside the Duke of Wellington and was responsible for the organization and leadership of the Portuguese Army, participating in battles such as Albuera, Buçaco and Salamanca. This article attempts to explore his role in Portuguese politics between the years of 1815 and 1820 and aims to offer a new interpretation on this character by trying to reassess his importance in the context of 19th century Anglo-Portuguese relations.

5. Pereira, Teresa, “The Peninsular War Revisited in the Portuguese Press: Images of Britain from the *Ultimatum* to the Republic”

Adopting an Anglo-Portuguese perspective, this paper will deal with the revisitations of the Peninsular War published throughout the year of 1890 and during the first centenary of the Napoleonic Invasions, in one of the most widely-read periodicals of the time, *O Ocidente*. This analysis of the image of Britain as portrayed in the Portuguese periodical press between 1890 and 1910 is based on a critical examination of two distinct groups of articles on the Peninsular War. Due to the temporal gap between them and of the political, social and economic context in which they were written and published, the texts offer contrasting images of Britain, revealing that they are, first and foremost, cultural artefacts which possess a propagandistic dimension.

6. Monteiro, George, “A Tale of Two Classics: Nineteenth-Century American Translations of Eça de Queirós and Júlio Dinis”

Two major Portuguese novels of the nineteenth-century were published in the United States in English-language

translations: Eça de Queirós's *O Primo Basílio* and Júlio Dinis's *Os Fidalgos da Casa Mourisca*. Published in 1889 in Boston by the famed publisher Ticknor and Fields, Eça's novel was re-titled *Dragon's Teeth* but without the author's name on the title-page (the preface attributes the novel to Eça). The translation is by Mary J. Serrano. Dinis's novel was also published in Boston but by a different publisher. *The Fidalgos of the Casa Mourisca*, translated by Roxana L. Dabney, appeared in 1891. It was issued by the publisher D. Lothrop.

Both novels were widely promoted and, in the main, fairly well-received, though the failure of the D. Lothrop firm almost immediately upon the publication of *Fidalgos* cut short its promotion and availability. *Dragon's Teeth*, which was also brought out in London, managed a second edition. Oswald Crawford's review of the British imprint in *The Academy* on July 13, 1889 is reproduced in an appendix.

7. Ramos, Paulo Oliveira, "A Society of Antiquaries of London, Portugal e a Protecção do Património"

In April 1896 the Society of Antiquaries of London decided to inquire, through British Ambassadors and Ministers accredited to the various courts of Europe, on the legislation about protection of ancient monuments, on the composition of the authorities charged with the supervision of ancient buildings, and on the number of monuments subject to protection in those countries. A year later, the *Proceedings* of the Society published a short summary of the state of affairs in each country, Portugal being the only exception, as no answer had been received. Throughout this research, we have been able to trace that there was indeed a Portuguese reply, which had been written down on 15 July 1896 by José Leite de Vasconcelos. Unfortunately, it was never sent to London, where they awaited it.

8. Bello, Maria do Rosário Lupi e Miguel Alarcão, "Roy Campbell (1901-1957): The Life, Times and Opinions of a South African 'Cowboer'"

1957, besides Queen Elizabeth II's state visit to Por-

tugal, would witness both the publication of *Portugal* and Roy Campbell's untimely and tragic death, in a car accident near Setúbal. By that time, Roy had already developed an evident empathy with our country and its people, customs and traditions, besides attaining a considerable grasp of Portuguese language and literature, which enabled him to translate Camões (c.1524-1580), Bocage (1765-1805), Eça de Queirós (1845-1900) and fellow countryman Fernando Pessoa (1888-1935).

It was Roy Campbell's vivid imagination, backed by the depth of his literary knowledge, which led to his profound feelings for Portuguese literature, history and culture. It is of course true that some of his opinions might today be considered excessive or at least controversial, but it is also fair to point out that Roy Campbell displays an incredible amount of detailed information on a very wide range of subjects. Apart from political considerations or aesthetic comments about his work as poet, translator and passionate lover of Lusitanian history and culture, he was undoubtedly a man of energy, creativity and taste for life, treasuring his own personal freedom above all and always eager to know and love everything and everyone he met.

9. Gago, Dora, "Olhares 'cinematográficos' sobre Nova Iorque: a 'Big Apple' de Rodrigues Miguéis"

In this article we will discuss how the New York City is represented in the work of José Rodrigues Miguéis, particularly in the short story "Beleza Orgulhosa" (presented in the book *Onde a noite se Acaba*), "Bowery 64" and "O conto feliz de Natal que não escrevi".

Thus, we will analyze the importance and the construction of cinematographic descriptions, configured with images and metaphors, as well as the establishment of diegetic and semantic relationships that enable the capture of several actions, similar to film sequences.

In short, we will try to understand how the visual elements, present in the words of this writer to describe New York City, show his deep humanism and, at the same time, are a vehicle to the image of the "other", through the placement of a process of alterity.

10. Dias, Maria Manuela Rocher Vieira, "Para a imagem de Lodge em Portugal: o contributo das traduções"

Taking as its point of departure the analysis of both the image a given author wishes to project and the one conveyed to the reader through a translated work, this article attempts to understand and analyse the reasons behind the image of David Lodge held by Portuguese readers. Focusing on the influence that the "other" culture (British) exerts over the target reader (Portuguese), the article will take into account not only the translated edition of his campus novel *Deaf Sentence*, but also Lodge's earlier and later novels.

